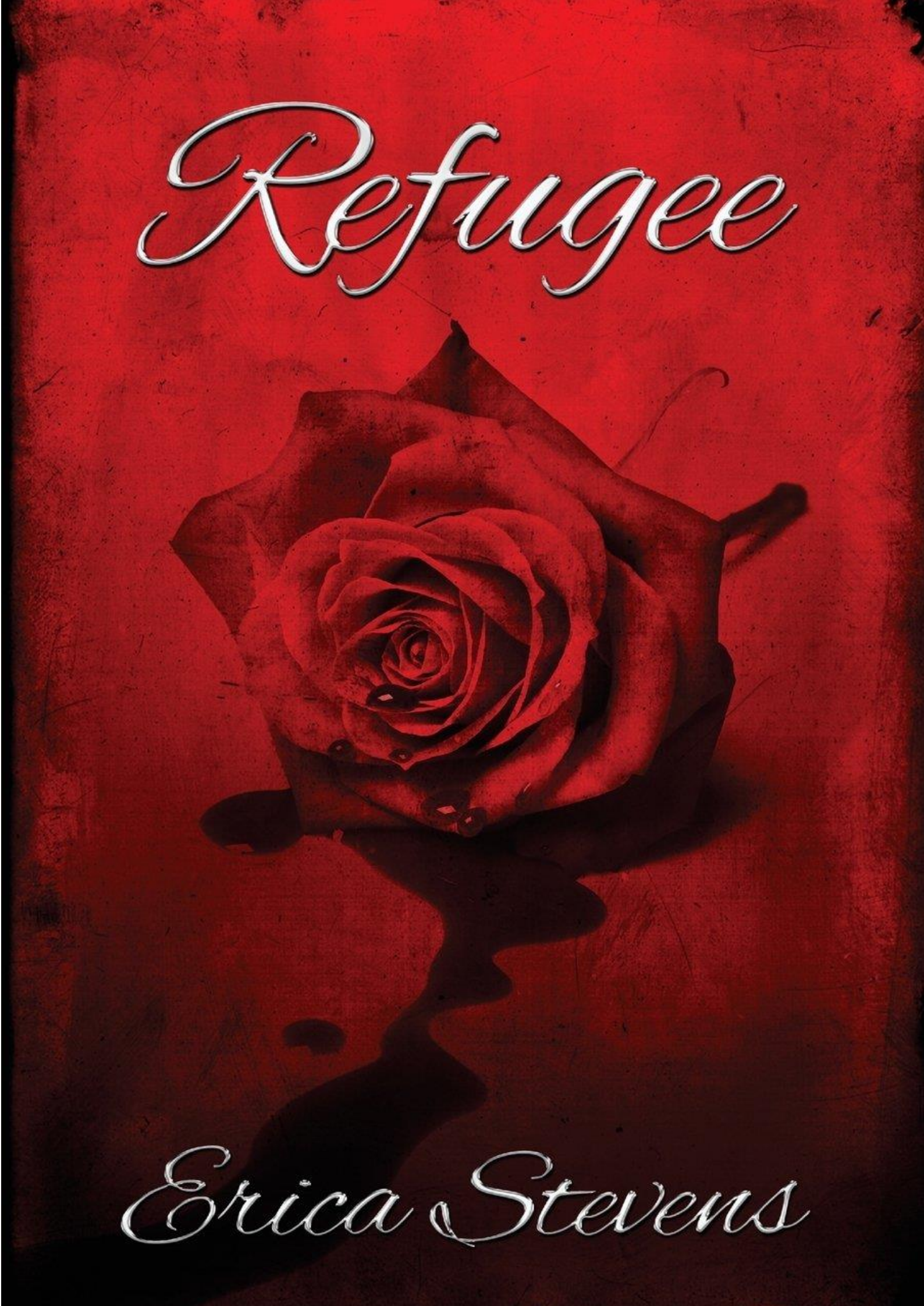
Refugee



Erica Stevens



Aviso 1

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Aviso 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!





Envio: Kaka

Tradução Mecânica: Bella

Tradução e Adaptação:
Louvaen Duenda

Revisão Inicial: Louvaen D. Crow
e Anna K.

Revisão Final: Anna K.

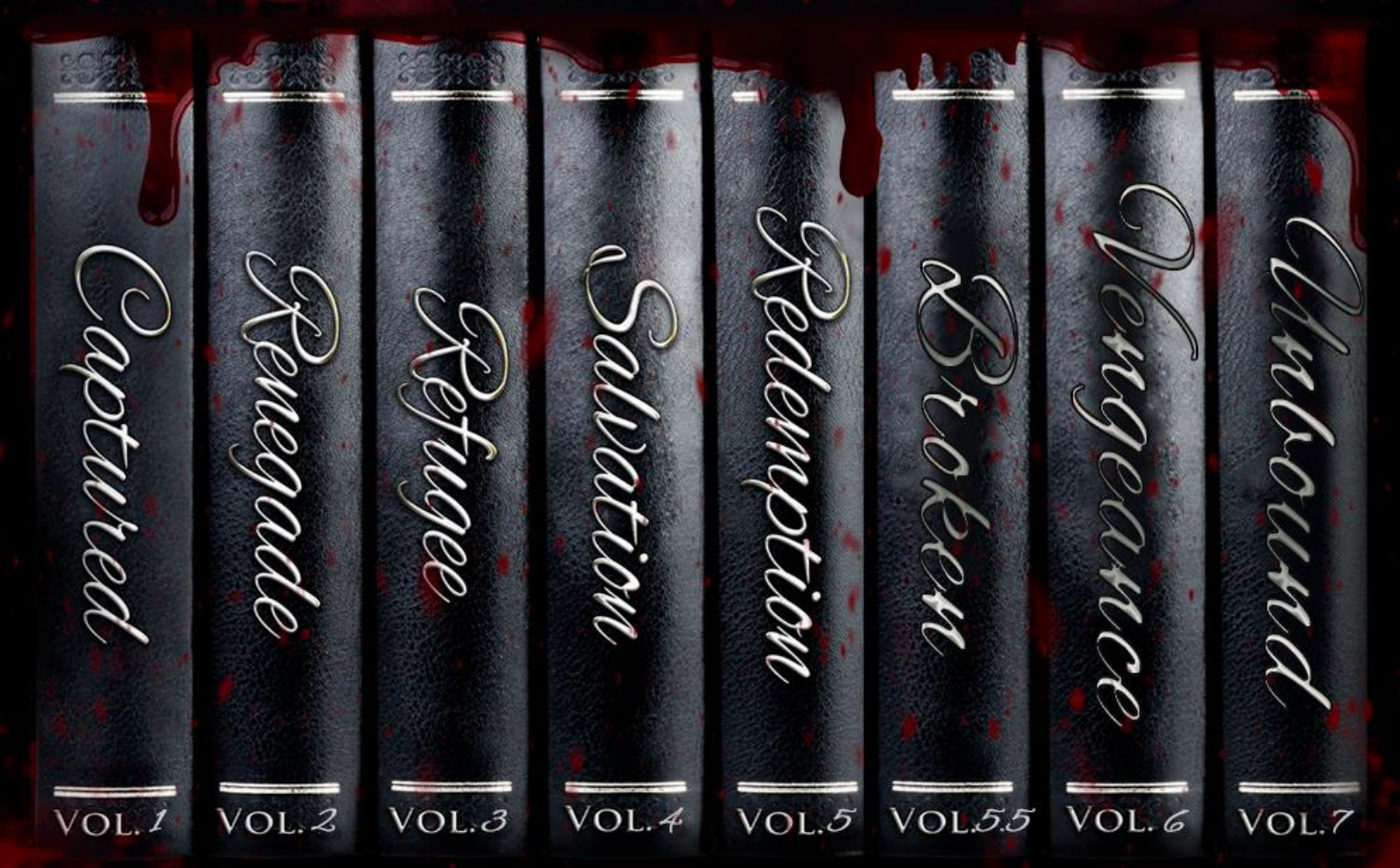
Leitura Final: Mika Hanazuki

Formatação: Bec D. Crow

Shifter's Apresenta

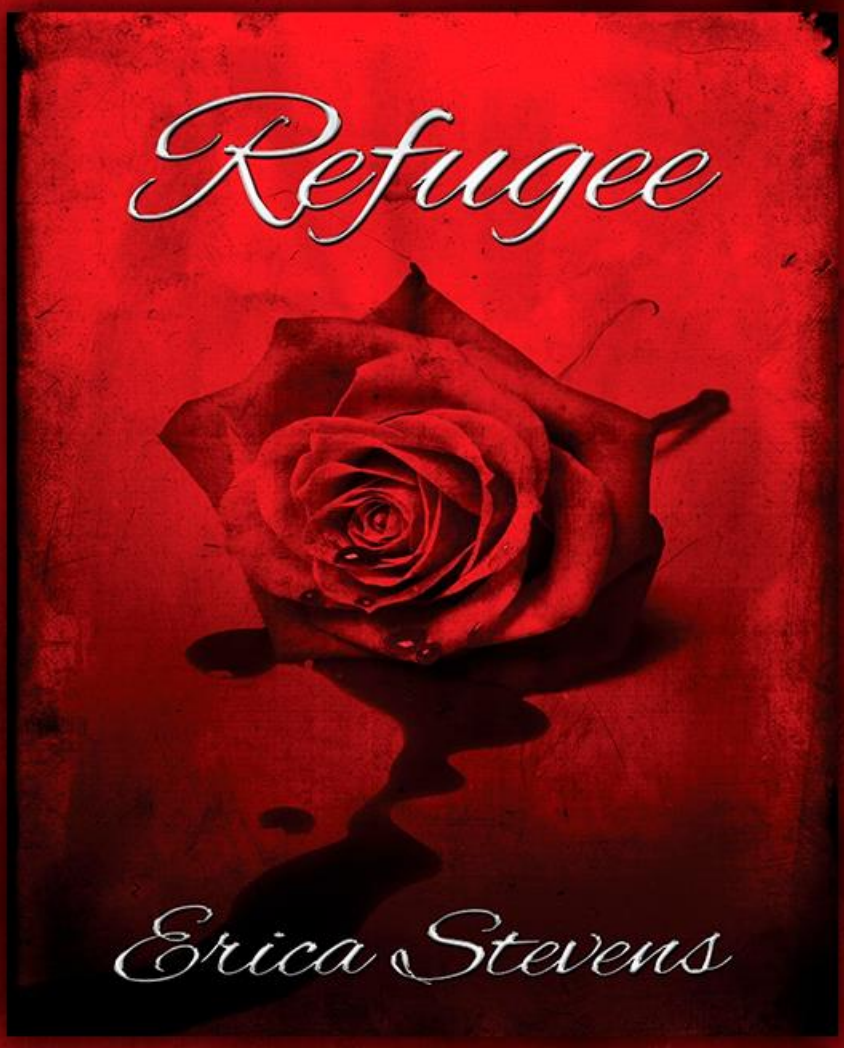
Série

A Cativa



Erica Stevens

Lançamento!



Livro 03

Sumário

Sinopse 8
Dedicatória 9
Prólogo 10
Capítulo Um 14
Capítulo Dois 38
Capítulo Três 59
Capítulo Quatro 77
Capítulo Cinco 106
Capítulo Seis 147
Capítulo Sete 166
Capítulo Oito 191
Capítulo Nove 216
Capítulo Dez 231
Capítulo Onze 248
Capítulo Doze 258
Capítulo Treze 278
Capítulo Quatorze 299
Capítulo Quinze 314
Capítulo Dezesseis 336
Capítulo Dezessete 356
Capítulo Dezoito 384
Capítulo Dezenove 393
Fim... 411



Sinopse



Sussurros, rumores e histórias de horror abundam sobre os Vales e as estranhas criaturas que se escondem neles. Determinado a encontrar o restante dos vampiros que ficaram contra seu pai na guerra, Braith sabe que é perigoso entrar na terra inóspita, mas somente assim eles podem ter uma chance de ganhar aliados para ajudar a derrubar o rei. Embora já tenha conhecido os poderosos vampiros que dizem residir nos Vales, ele não tem certeza do que esperar destes se conseguir encontrá-los. Braith fará o que for necessário para garantir um futuro para si e para Aria.

Aria está com medo de entrar na terra da qual ela não ouviu nada além de histórias perigosas, mas permanece firme em sua determinação em ajudar Braith a localizar os vampiros que podem ajudá-los com sua causa. Ela fica fascinada e maravilhada com o mundo que descobrem, algo diferente de tudo que já tenha visto. No entanto, quanto mais imersos ficam em um mundo que ela ainda não entende inteiramente, mais percebe que não será a guerra, ou mesmo o rei que acabará destruindo a Braith, ou o mundo que conhece.

Será apenas ela mesma.

Erica Stevens Copyright Heather Cox 2012

Dedicatória



Um agradecimento especial ao meu marido por sempre acreditar em mim,

aos meus pais por sempre estarem lá por mim e à Leslie do G2 Freelance

Editing por ajudar a tornar este livro ainda melhor.

Prólogo



A figura entrou silenciosamente no quarto. O manto cinza profundo que usava cobria a maior parte do corpo e o capuz protegia suas feições enquanto ela movia-se em um silêncio desumano. Mas Gideon logo foi lembrado de que não existia nada de desumano ali pela batida sólida de seu coração e o perfume sedutor que aguçava o seu apetite. Infelizmente essa humana, especialmente esta, estava completamente fora dos limites se quisesse manter sua vida. Embora não pudesse ver os traços, sabia ser do sexo feminino e sabia quem era pelo doce aroma que ela emitia.

Não, não importava o quão faminto ele estivesse no momento, ele não tocaria nessa. Gideon valorizava muito a sua vida para fazer uma coisa dessas. Preferiria comer os ratos antes disso.

Ela parou diante de sua mesa e manteve a cabeça baixa enquanto respirava com certa dificuldade. Lentamente, ela levantou a cabeça e puxou o capuz para trás. Seu cabelo ruivo escuro era da cor de sangue à luz das velas que tremulavam sobre ele. Suas feições, embora

bonitas, não eram impressionantes, especialmente sob a palidez que agora marcava seu tom normalmente saudável. Sua mão tremia, mas havia uma determinação de aço sobre ela que Gideon não pôde deixar de admirar.

— Falei com Jack e com Ashby.

Gideon congelou por um momento, sua mão apertou a caneta que ele estava segurando. — Entendo.

Sua boca estava apertada, os olhos firmes apesar do medo e da angústia tumultuada que ele sentiu abaixo de seu exterior aparentemente calmo. — Eu entendo o que precisa ser feito.

Gideon soltou a caneta antes que a partisse ao meio. Ele não se importava com o instrumento, mas era meticuloso demais para ter tinta derramada sobre ele. — Você irá fazer?

Por um breve momento, as lágrimas brilharam em seus olhos antes de contê-las, elevar o queixo e assentir com firmeza. — Eu farei.

— Ele não pode saber sobre isso.

— Ele não irá saber.

Gideon ficou em silêncio por um longo momento. — O vínculo

não pode ser concluído.

Ela estremeceu quando um lampejo de dor a atingiu como um raio. Por um momento, a compostura pareceu desmoronar. — Não será. — Ela sussurrou.

Gideon não sabia o que dizer e nem o que esperar dela, ou como ela reagiria ao que Jack e Ashby tiveram que lhe falar, e somente agora percebeu deveria ter uma noção e saber que esse era o caminho que ela tomaria, que nunca se esquivaria disso. Ela se afastou, mas seu passo não estava tão seguro, ou tão silencioso, quando se dirigiu para a porta.

— Você sabe o que isso pode significar para você? — Ele perguntou antes que ela pudesse ir embora.

Ela parou na porta, a cabeça voltada para ele enquanto o estudava por cima do ombro. Engolindo em seco, conseguiu dar outro aceno duro. — Se não conseguirmos diluir o sangue dele em mim, minha morte pode ser a única solução para nos separar para sempre.

Ele ficou imóvel, impressionado com o fato de que essa jovem era capaz de ver o que os outros se recusavam. — E você aceita isso?

— Foi por isso que eu vim até você. — Ela sussurrou.

Esta resposta também não o surpreendeu, ele era o único a quem ela poderia recorrer para garantir que tal coisa fosse realizada. — Ninguém mais pode saber sobre isso.

— Eles não irão. — Ela jurou.

E somente então ele percebeu que tinha acabado de fazer um acordo com o diabo, enquanto ela deslizava o capuz sobre a cabeça e saía do quarto.

Capítulo Um



Os Vales.

O lugar onde as histórias de terror nasceram, onde as histórias de perigos eram contadas, assustando todas as pessoas apenas com o simples pensamento de entrar neles. Eram desolados e de alguma forma frios, mesmo com o sol martelando implacavelmente a terra ao redor deles. Havia poucas pessoas que entraram nos Vales e voltaram. As que conseguiram, muitas vezes contavam que lá existiam estranhas criaturas, monstros que caçavam por dentro da areia e que apareciam do nada, sendo ainda mais cruéis que os vampiros. Poucos acreditavam na extensão das histórias, mas menos ainda apareciam nos Vales depois de ouvi-las.

E agora estavam aqui, preparando-se para pular de cabeça, direto para o inferno, depois de viajarem por centenas de quilômetros através de sua floresta, para esta terra de sol e areia esquecida por deus. O suposto novo lar dos vampiros que no passado foram alguns dos aristocratas mais mimados deste mundo. Estes eram os

aristocratas que ficaram contra o rei durante a guerra, e fugiram do palácio quando ficou claro que eles não iriam ganhar e suas vidas seriam eliminadas.

Aristocratas que Braith agora procurava para obter apoio para a guerra que se aproximava. Isto se eles pudessem encontrar esses misteriosos vampiros entre a vastidão vazia que se desenrolava além desta última cidade fronteiriça; uma cidade que já era assustadora o suficiente, mas as terras além dela eram esmagadoras. Aria não estava acostumada a esse vazio, não depois de estar cercada por árvores e cavernas durante a maior parte de sua vida.

Ansiedade se contorcia em seu interior. O suor escorria por suas costas, enquanto ela mantinha a cabeça baixa e o capuz puxado para baixo sobre a testa. Ela podia sentir os olhares curiosos queimando através do manto cinzento destinado aos servos que a estava cobrindo. Braith estava rígido ao seu lado, os ombros contraídos enquanto seu corpo emanava tensão. Ela não sabia o que fazer com as mãos enquanto caminhavam silenciosamente pela rua. Todo o seu corpo doía com a necessidade de alcançá-lo e tocá-lo, de alguma forma se conectar com ele, mas era um movimento que sabia que não poderia fazer.

Ela teve que lutar contra o desejo de levantar seu olhar, se coçava de curiosidade para ver a cidade em que haviam entrado e observar os detalhes, mas lhe disseram várias vezes para não fazer contato visual. Não importa o quanto desejasse olhar, ela não iria colocar em perigo os homens que a rodeavam, desobedecendo a uma ordem tão simples.

Aria parou quando Braith de repente agarrou seu braço, colocando-o entre suas mãos fortes. Imediatamente sua pele se aqueceu ao seu toque, e embora eles estivessem neste lugar horrível, um suspiro de prazer escapou dela, seu coração pulou no peito e desejo se espalhou por seu corpo, enquanto seus dedos se enrolavam dentro dos sapatos esfarrapados que calçava.

— Mantenha a cabeça abaixada. — Braith parecia ter sentido seu desejo de olhar em volta.

Seus ombros caíram e seu olhar focou-se na estrada poeirenta e esburacada. Ao lado dela, podia sentir o crescente ressentimento de William por ter sido ordenado a manter um comportamento subserviente. Do canto do olho, via mais pessoas se movendo para o lado da estrada. Bem, pelo menos alguns deles eram *pessoas*. Os outros eram algo completamente diferente, e com certeza não eram

quem Braith e Ashby estavam procurando. Estes estavam mais para vampiros sem lei e, portanto, muito mais imprevisíveis do que aqueles que viviam dentro e ao redor do palácio, pois estes viviam sob as leis do governante daquele local.

Ela estava vendo muitas dessas cidades destruídas, com seus habitantes maltratados e famintos ultimamente. Às vezes temia que nunca encontrassem o que Braith e Ashby procuravam, e que talvez as lendas e rumores dos aristocratas sobreviventes fossem apenas isso, lendas e rumores. Embora parecessem estar caminhando por muito tempo, na verdade, haviam se passado apenas dois dias desde que soltaram os cavalos na beira dos Vales. Aria recusou-se a trazer os animais, pois não havia garantia de que eles poderiam alimentá-los e hidratá-los, então, depois de duas semanas de cavalgada, eles foram forçados a caminhar.

Se fosse honesta consigo mesma, duas semanas não era tanto tempo assim, ela já tinha passado muito mais tempo fora de casa do que isto, mas desta vez parecia horrível, pois não houvera um momento em que pudesse ficar a sós com Braith, nunca lhes foi permitido ficarem sozinhos. Ou William estava de pé, protetoramente perto dela, ou Ashby apressava-se a intervir entre eles.

Aria entendia seu irmão, irritava-a, mas ela entendia sua determinação em teimosamente tentar proteger sua virtude. Na verdade, era até divertido ver essa reação vindo de William, o homem que deixou vários corações partidos em todos os cantos da floresta. No entanto, a interferência de Ashby estava começando a irritá-la demais. E certamente Braith também ficou irritado e perdeu completamente a paciência com Ashby, quando ele os tinha seguido sem qualquer constrangimento, quando tentaram por um momento ficarem a sós. Foi apenas devido a interferência de Aria que impedira que Braith perdesse completamente o controle.

Braith nem teve chance de se alimentar dela desde que eles deixaram a casa da árvore de Ashby, e Aria ansiava pela renovação do vínculo, ansiava por estabelecer mais uma vez sua conexão com Braith. Ela esperava que, uma vez que chegassem ao destino, fossem finalmente recompensados com algum tempo sozinhos, mas até então, estava bem ciente de que seus dois cães de guarda, pois era como ela os via; não ficariam facilmente comovidos por suas necessidades...

E ainda existiam muitas coisas que ela queria que tivessem sido diferentes. Sentia falta do pai; mal teve tempo de falar com ele antes de se separarem novamente. Ele estava preocupado e um pouco incerto sobre o que estava acontecendo entre ela e Braith. Seu pai

parecia querer acreditar que ela realmente amava Braith, e que Braith de fato retornava esse amor. No entanto, ela se preocupava que uma parte dele ainda acreditasse que o vínculo que eles tinham forjado era apenas devido ao tempo que ela havia sido escrava de sangue de Braith.

Apesar de Aria ter quase dezoito anos, seu pai tinha sido muito cauteloso em deixá-la ir com Ashby e Braith e absolutamente se recusou a deixar isso acontecer, até que Braith finalmente cedesse e concordasse em deixar William ir junto, e mesmo assim, ainda ficou hesitante em deixá-los ir. No entanto, esta missão era necessária para tentar ganhar algum apoio vampírico, que seria extremamente necessário para enfrentarem a guerra contra o rei, e não havia absolutamente nenhuma maneira que Braith fosse partir sem ela.

A situação toda quase se transformou em um desastre que poderia ameaçar os planos provisórios formados para derrubar o pai de Braith. As cabeças mais frias finalmente prevaleceram, principalmente a de Jack e, surpreendentemente, a de William. Seu pai até queria que Jack fosse com eles nesta jornada, confiava nele, e muitos dos seguidores de seu pai na rebelião também confiavam. Se qualquer uma das pessoas da rebelião fosse acreditar que vampiros estivessem dispostos a se aliar com humanos, então seu pai precisaria

da ajuda de Jack para convencê-los. Jack também seria essencial para ajudar a convencer a aldeia da jovem vampira assim como outras aldeias, que possivelmente poderiam ajudá-los em sua batalha.

Seu irmão Daniel, como segundo no comando de seu pai, também era necessário para ajudar a reunir forças humanas. E Max, pobre Max, bem, ele não foi capaz de aceitar seu relacionamento com Braith.

Aria sentiu que as lágrimas escorriam por seu rosto. Max havia se sacrificado para tentar salvá-la quando ela foi capturada e mantida como escrava de sangue, e agora ele a odiava tanto, que ela estava apavorada com o pensamento de nunca ser perdoada, e temia que Max fosse desprezá-la pelo resto de sua vida.

Ela amava Max e toda essa situação partia seu coração. Ele tinha sido sua primeira paixão, seu primeiro beijo, seu melhor amigo e confidente. Ele ficou ao seu lado, enquanto ela se sentia despedaçada pela revelação do noivado de Braith com outra vampira. Max tinha entendido o que ela sofreu como escrava de sangue, mesmo que não fosse nem de longe, tão terrível quanto a tortura e o abuso pelos quais ele havia passado. E agora, ele não a entendia e nem tolerava sua existência. Ele via o amor dela por Braith como uma traição, algo que

ela quase tinha certeza, de que ele nunca perdoaria.

A irmã de Braith e bloodlink[1] de Ashby, Melinda, concordara relutantemente em retornar ao palácio para ser seus olhos e ouvidos no local. Aria entendeu a dor de Melinda, quando ela e Ashby se abraçaram, tocando-se e chorando abraçados um ao outro. Ela sabia como eles se sentiam, e não suportava a ideia de ficar longe de Braith por tanto tempo, mesmo que fosse por uma boa causa. Ashby concordou em acompanhá-los sabendo que, se conseguissem atingir seu objetivo, ele e Melinda nunca mais teriam que se separar novamente, ou arriscarem suas vidas para poderem se ver. Ashby estava quase tão determinado quanto Braith para derrubar o regime do atual rei.

Isso tudo se o plano deles tivesse sucesso. Se pudessem de alguma forma convencer esses possivelmente meio enlouquecidos e famintos vampiros aristocráticos, a ajudá-los em sua rebelião. Ela esperava que eles não estivessem realmente enlouquecidos e rezava para que os cem anos naquela terra de calor sufocante não tivesse fritado seus cérebros. Mais ainda, esperava que os quatro não estivessem indo direto para uma armadilha que os levassem a morte.

---

[1] Ligação de sangue

Mesmo não querendo fazer, mas sem pensar realmente, a cabeça dela subiu lentamente para olhar Braith. Ela precisava vê-lo, precisava da garantia de sua presença. Mesmo que seus olhos estivessem sombreados por seus óculos escuros, ela soube o momento em que eles se conectaram com os dela. Seu coração deu um pulo e ela mal pode respirar sob o peso daquele olhar. Ele era magnífico e, principalmente, era dela.

Aria sabia que ele queria dizer para ela desviar e abaixar seu olhar. Ela viu isso na pressão da sua boca e no músculo que se retesou em sua mandíbula, mas Braith permaneceu em silêncio, seus olhos fixos nos dela e por apenas um único e breve momento, só existiam apenas os dois. Sua mão acariciou seu braço quando ele a puxou um passo mais para perto.

— Estamos quase lá. — Ele murmurou tão baixo que ela mal o ouviu. — Por favor, Aria, olhe para baixo.

Ashby arqueou uma sobrancelha, mas se absteve de dizer qualquer coisa. Era estranho ouvir o príncipe dizer *por favor* a alguém, muito menos a ela, um ser humano, uma escrava de sangue, uma rebelde.

E ela ficou surpresa ao ouvi-lo chamá-la de Aria, já que ele sempre usava seu nome completo, mas estar perto de pessoas que não o usavam finalmente começou a mudá-lo.

Suspirando, relutantemente fez o que ele pediu. A tensão em seu corpo subiu um nível e ela sabia que ele estava lutando para não a agarrar e fugir desta cidade. Correr só atrairia mais atenção e, possivelmente, a emoção da caça. E eles combinaram de que não haveria mais fuga, nunca mais.

Aria se mexeu desconfortavelmente odiando a lã grossa e a cor opaca da capa que os servos usavam; desprezava ainda mais o que representava. Ela se ressentiu da corrente de ouro que prendia um escravo de sangue ao seu mestre, mas essa capa era pior. Pelo menos a corrente a marcava como lutadora, alguém em quem não se pode confiar, alguém que se rebelou e foi obrigado a pagar por essa rebelião. Até onde ela sabia, o manto significava um covarde e um traidor que se curvou para a raça dos vampiros.

Mais pernas se juntaram ao lado da estrada e sussurros começaram a se espalhar pela multidão. Esses vampiros não estavam acostumados com estranhos e estavam cautelosos e desconfiados deles. Embora não tivessem encontrado nenhum problema até agora,

Aria duvidava que tivessem essa sorte o tempo todo. Os vampiros que viviam aqui estavam com fome, assim como as pessoas. Eles aparentavam ser pobres, e estranhos lhes ofereciam uma nova oportunidade para sangue fresco, talvez até algum dinheiro. Se Braith não emanasse uma aura forte de poder e domínio, ela tinha certeza de que outros já teriam saltado sobre eles, mesmo antes de chegarem nesta cidade, e mesmo com Ashby junto deles.

Os sussurros ficavam mais altos, e irritaram sua pele tão duramente quanto o pano grosso cobrindo sua cabeça. A poeira flutuou ao redor deles, ficando presa no seu nariz e garganta. Era enjoativo, horrível. A cidade cheirava a sangue, odor corporal e morte. As florestas não eram assim, e embora tivessem o cheiro de decomposição, este provinha das folhas e da terra. Ela necessitava urgentemente de ar fresco, liberdade e..., de Braith.

De repente, Braith agarrou seu capuz e puxou-o para frente, cobrindo novamente seu rosto. Aria estava tão dispersa em seus pensamentos, que não percebeu que este havia escorregado, e assim revelando seus cabelos e algumas de suas feições. Não que alguém a fosse reconhecer, era Braith que estava muito mais propenso a ser reconhecido, mas ele continuava inflexível sobre ela ficar tão coberta quanto possível.

Ele considerava que seu sangue era muito tentador e atraente, mas Aria achava que isso só acontecia com ele. De qualquer forma, ela não discutiria se ele tinha ou não razão. Ela não tinha a menor vontade de virar lanche para um grupo de vampiros sedentos de sangue. Aliás, nenhum deles desejava isso.

Ela moveu-se para ajustar o capuz, mas ele segurou a mão exposta pelo movimento e puxou-a suavemente para o lado.

— Permaneça coberta, Aria.

Desta vez não foi o toque dele que fez seu coração pular e seu peito se contrair, mas o tom da sua voz. Ela estava assustada com o que poderia ser desencadeado se olhasse para cima. Um tremor passou por ela. Braith era forte e poderoso, mas as circunstâncias das últimas duas semanas o forçaram a se alimentar de animais em vez dela e embora os animais o sustentassem, o sangue humano era mais forte e nutritivo; e o sangue dela o fortalecia ainda mais, e tendo o estranho efeito de deixá-lo muito poderoso, de uma maneira que nenhum deles jamais imaginou ser possível.

Mas agora, quando ele mais precisava dessa força, estava sendo negada. E todos eles poderiam estar prestes a pagar por isso, se o crescente agrupamento de corpos ao redor deles fosse qualquer

indicação. — Você está disposto a vender um? — Perguntou uma voz alta.

Braith levantou o braço, detendo-a ao seu lado. Lutando contra todos os seus instintos, de alguma forma ela conseguiu manter a cabeça baixa e sua aparência recatada. William deu mais dois passos à frente antes que Ashby, de uma maneira muito menos graciosa que Braith, o puxasse pela gola de seu manto. Embora Ashby permanecesse inexpressivo, seus brilhantes olhos verdes brilharam de divertimento quando William grunhiu baixinho. Os dois tinham se dado bem o suficiente, mas tendiam a implicar um com o outro, às vezes, a ponto de Aria se exasperar com o prazer que havia nesta estranha implicância entre eles. William eriçou-se contra o tratamento reservado, mas felizmente seu gêmeo de temperamento quente conseguiu manter a calma.

Houve um momento de silêncio enquanto a cidade esperava a resposta de Braith. Ele não conhecia essas terras nem as pessoas ou a etiqueta que prevalecia aqui. Em seus territórios, os servos não eram vendidos; eram possuídos e comercializados como escravos de sangue. Esse poderia não ser o caso aqui.

— Eles não estão à venda. — Braith finalmente respondeu.

Um par de pernas se adiantou, separando-se da multidão. A roupa nessas pernas era de qualidade muito superior às que os cercavam. Mesmo com a areia girando em torno deles, os sapatos de alguma forma permaneciam pretos e brilhantes. — Você me parece com fome. — Afirmaram as pernas. — Eu vou lhe oferecer um ótimo negócio. Dois meus por um seu.

Aria estava com seu coração na garganta, arrepios fazendo cócegas em sua pele. — Por que você faria tal troca? — Braith perguntou.

Embora ela não pudesse ver, quase sentiu o encolher casual de ombros do homem. — Eu me cansei deles. Você sabe como é, tenho certeza que sabe.

Uma terrível dor a esfaqueou no peito, quando percebeu que Braith sabia exatamente o que o homem estava afirmando. Ela tentou não pensar em seu passado e nos escravos de sangue que ele pegou quando ela fugiu do palácio, mas de vez em quando, ela era esbofeteada no rosto com um lembrete duro do que aconteceu. Aria pode ter sido sua primeira escrava de sangue, mas não foi a última, e Braith não tratou os outros nem perto de como ele tão gentilmente a tinha tratado.

O braço de Braith pressionou mais perto do dela, tentando oferecer-lhe algum tipo de conforto, mas ela não encontrou nenhum e se manteve parada. Seu rosto estava em chamas e William estava tão imóvel quanto ela, sua respiração parecendo ter congelado no peito.

— Eu sei como é, mas ainda não fiquei entediado com o meu.

Aria respirou fundo e seu estômago apertou. Não importava quanto tempo ela passasse entre eles, nunca se acostumaria com a crueldade e a brutalidade aberta de alguns dentro da raça dos vampiros. Ela não era ingênua o suficiente para pensar que todos os seres humanos eram bons também, afinal de contas, o único abuso real que ela sofreu quando era uma escrava de sangue foi pelas mãos de um humano, mas nunca parecia tão evidente entre os humanos como era com os vampiros.

Ela não era uma propriedade, embora realmente nunca tinha sido, e irritava ser comparada como tal. Braith deve ter percebido algo em seu pulso ou uma mudança em seu comportamento, pois naquele exato momento ele a empurrou para trás mais um passo. O desafio surgiu através dela e precisou se esforçar muito para parecer exteriormente tranquila, enquanto seu interior fervia. Estava tentada

a puxar o arco escondido em suas costas, mas não tinha certeza de quem ela queria atirar..., se em Braith ou no homem tentando negociar por ela.

— Deixe-me pelo menos dar uma olhada nela. — O homem tentou mais uma vez negociar.

— Eu acho que não será possível.

Sua resposta foi acompanhada por uma inspiração coletiva da multidão. O aborrecimento de Aria desapareceu quando a apreensão aumentou. Eles estariam em perigo aqui se Braith não seguisse o caminho certo, e a julgar pela reação da multidão, ele tinha acabado de cometer um erro sério ao negar o pedido.

— Não? — Embora ele tentasse esconder, Aria detectou descrença na voz do homem.

— Não! — Braith afirmou categoricamente

Ela se encolheu. Braith não estava acostumado a receber ordens, nem estava acostumado que o interrogassem, exceto talvez por ela, e ele certamente não reagia bem a isso. Ele não era versado em diplomacia como o pai dela, Daniel, Jack ou Ashby. Braith estava acostumado a dar uma ordem e ter essa ordem obedecida. Como

príncipe, ele nunca teve que aprender nada diferente, e não estava disposto a tolerar a insolência agora.

Aria queria poder falar com ele, fazê-lo tentar raciocinar com inteligência, mas se ela abrisse a boca e expusesse qualquer tipo de observação, então, eles estariam ainda mais em perigo do que estavam agora, se isto fosse possível.

— Tenho certeza de que você entende que às vezes, quando seus brinquedos são brilhantes e novos, você costuma gostar de guardá-los para si mesmo. — Interrompeu Ashby com sutileza.

Aria não se ofendeu de ser chamada de um *brinquedo brilhante*. Ela sentiu mesmo foi alívio pelo tom pacificador de Ashby e, felizmente, pelo seu jeito descontraído.

— Ela é nova, então? — O vampiro perguntou.

— Oh, não exatamente nova. — Respondeu Ashby levianamente. — E ainda existe algum que seja? É difícil encontrar algo que não tenha sido espancado e deixado de lado agora. — Seus comentários foram recebidos com risinhos e acordos murmurados pela multidão. — Mas ela é nova para o meu amigo aqui, e tenho certeza que você está percebendo que ele não é muito inteligente, e

que realmente odeia compartilhar.

Braith endureceu, irritado com as palavras de Ashby. Aria prendeu a respiração, esperando que Braith mantivesse a compostura enquanto os músculos de seu braço ondulavam contra ela. O homem que pediu para comprá-la, ponderou as palavras de Ashby. — Realmente. Hoje em dia, não se encontra mais nenhum deles em perfeito estado e intocado. — Ele fez um som de concordância. — Que pena... E o seu?

Ashby puxou o capuz da cabeça de William. — É um menino e um muito ruivo para ser útil para algo.

O vampiro medonho riu. — Ah, nenhum desses atributos me atrai.

Aria prendeu a respiração, rezando para que William não explodisse e que segurasse a língua apesar de seu orgulho e arrogância. Ashby recolocou o capuz em William. — Não é minha preferência também, mas não preciso olhá-lo para poder apreciá-lo.

Houve alguns risos da plateia. A tensão no ar diminuiu. — Ah, bem, talvez se você passar por aqui de novo...

— Tenho certeza de que meu amigo estará muito mais disposto

a discutir um acordo.

Alguns da multidão começaram a dispersar-se quando se tornou evidente que nenhum sangue seria derramado hoje. Ashby e o homem trocaram mais algumas palavras antes de finalmente se despedirem. Braith estava tão rígido que Aria tinha medo de que ele pudesse quebrar os dentes se não afrouxasse o queixo. Os prédios sumiram de vista quando eles escaparam dos limites da cidade.

A paisagem sombria envolveu-os e eles foram abrangidos pelos Vales.

Aria mal teve tempo de respirar normalmente antes do braço de Braith envolver sua cintura. Ele puxou-a firmemente e a beijou com uma intensidade que a deixou mole e sem fôlego. Suas presas pressionaram contra seu lábio inferior, apertando-o o suficiente para tirar uma gota de sangue. Um pequeno gemido escapou quando ele mordiscou levemente antes de sua língua varrer para reivindicar a posse de sua boca. Puxando o capuz para trás, ele enfiou a mão no cabelo dela e carinhosamente embalou a sua cabeça. Aria estava envolvida pelo amor, inflamada pela necessidade enquanto se agarrava a ele em uma tentativa desesperada de permanecer firme, apesar do desejo crescente que ameaçava engoli-la. Ela esqueceu tudo

o que acabou de acontecer em seu desespero para chegar ainda mais perto dele e senti-lo por completo.

William começou a tossir tão alto que ambos não puderam ignorá-lo. Ele limpou a garganta antes de grunhir seu descontentamento. Braith foi o primeiro a se afastar, seus lábios ainda molhados, enquanto enterrava o rosto no seu pescoço e pressionava-o contra sua pele. Aria acariciou seu cabelo escuro, alisando-os para trás com os dedos, saboreando a suavidade deles, enquanto procurava aliviar a tensão que ameaçava explodir.

— Eu nunca deveria ter trazido você comigo. — O pânico rasgou através dela enquanto suas mãos pararam em seu cabelo. — Fui egoísta. — Ele balançou a cabeça, suas presas pressionadas brevemente contra sua pele sensível, aquecida.

— Não havia outras opções. — Ela assegurou quando ele se afastou.

Seu momento de fraqueza desapareceu e ela se viu diante do vampiro inflexível e experiente que conhecia muito bem. Um vampiro que ela podia sentir tentando se distanciar e formular um novo plano. O desafio de Aria surgiu na sua frente e ela se preparou para a batalha que sabia que estava prestes a acontecer.

— Eu deveria ter deixado você na casa da árvore. — Ela bufou e respondeu. — Como se eu fosse ficar lá.

— Arianna. — Foi um grunhido baixo de aviso, um que ela tinha certeza que teria feito muitos homens e vampiros fugir, mas só serviu para enfurecê-la ainda mais.

— Você não vai descobrir uma maneira de me manter fora desta, Braith. Eu tenho lutado minha vida inteira por esta guerra, pela chance de liberdade, e eu cheguei até aqui...

—Você tem dezessete anos! — Ele retrucou.

Seus olhos se estreitaram quando ela bateu os punhos nos quadris. — Você já me considerou *velha* o suficiente para você!

Ashby e William respiraram fundo e deram um grande passo para longe. Aria não os culpou, Braith estava tenso como uma corda prestes a arrebentar. Ele pairou sobre ela, curvando-se baixo, de modo que seu rosto estava a apenas alguns centímetros acima do dela. — Se eu decidir que você deve ficar em algum lugar seguro, então você vai ficar lá.

Aria queria gritar de frustração e dar um soco no estômago dele ou chutá-lo nas canelas. Em vez disso, simplesmente o encarou feio,

elevando o queixo desafiadoramente. — Nunca! Você apenas experimente Braith, e verá o que acontece.

— O que? O que você vai fazer?

— Se você tentar me abandonar em algum lugar, eu não ficarei lá. Eu vou encontrar outra maneira de ajudar nesta causa, algo maior para fazer. Eu não serei deixada de lado.

Seus narizes estavam quase se tocando agora. — Não me ameace, Aria...

— Não me ameace, Braith!

Ele amaldiçoou veementemente e se afastou dela. Aria deu um pulo de surpresa, estremecendo quando ele bateu com o punho na lateral de um prédio de tijolos abandonado. A parede tremeu, e por um momento ela ficou aterrorizada que aquilo fosse cair sobre ele enquanto poeira caía em cascata ao seu redor. Ele permaneceu com as mãos em punhos e os ombros arfando enquanto tentava recuperar o controle de si mesmo. Ashby e William a olhavam como se tivesse brotado duas cabeças nela, e Aria olhou insolentemente de volta para eles, recusando-se a recuar, não importando o quão enfurecido Braith se tornasse com ela. Ele não iria machucá-la, estava certa disso,

aqueles dois poderiam ser intimidados por ele e até ter algo a temer dele, mas ela não tinha.

Não a menos que ele realmente tentasse deixá-la em algum lugar.

— Não há lugar seguro para mim, Braith. Nunca houve, não para mim, nem para William. — Continuou ela, de maneira mais razoável. Ele estava com medo por ela, e isso o fazia volátil, entendia isso, mas não estava disposta a ficar de fora dessa luta. Ele virou-se lentamente de volta. A frustração a encheu e ela desejou poder ver seus olhos, odiava aqueles óculos. — Somos humanos Braith, nascemos na rebelião; esta é a nossa vida, sempre foi. Nós vamos ficar bem, eu vou ficar bem. Quando isso começou, sabíamos que não seria fácil. Braith...

Ele estava de volta na sua frente, e ela mal o viu se mover antes que ele aparecesse ali. Ela não achava que se acostumaria com o quão rápido e poderoso ele era. Era tão emocionante quanto assustador. Braith se inclinou sobre ela, mas desta vez, sem raiva, ele beijou-a novamente. Seus dedos dos pés se curvaram e seus lábios formigaram de antecipação.

— Nós devemos ir. — Ashby interveio em voz alta. Aria piscou,

assustada com o devaneio que a envolveu. As mãos de Braith ficaram tensas em seus ombros e ela podia sentir sua frustração e sua irritação quando ele se virou lentamente para Ashby.

Ashby engoliu em seco, mas forçou um sorriso. Não era nem de longe tão jovial quanto seria seu normal. — Você não acha?

Braith endireitou os ombros antes de voltar a colocar o seu capuz no lugar. Decepção a encheu. Ela nunca pensou que sentiria falta de seu cativeiro no palácio, mas se viu sentindo falta do tempo em que passavam horas juntos, ininterruptamente, enquanto ignoravam o resto do mundo. Não importava o que acontecesse, ela tinha certeza de que isso não terminaria bem para eles. Ela precisava de tanto tempo quanto pudesse para ficar com ele antes que a hora chegasse, mas isso não ia acontecer agora.

— Fique coberta. — Ele sussurrou.

Ela assentiu e deslizou a mão na dele

Capítulo Dois



— O que é um chev…ro…let?

— Desculpe? — Braith perguntou em resposta à pergunta de Aria.

Braith se afastou de Ashby e sua atenção voltou para os gêmeos enquanto eles estudavam algo que ele não podia ver. Era um pouco desconcertante como as carrancas eram semelhantes em seus rostos. Aria se virou para ele, seu olhar inquisitivo enquanto William simplesmente continuava a parecer irritado. Ela havia tirado o capuz de sua cabeça novamente, assim como William. Seu cabelo ruivo escuro, umedecido pelo suor, brilhava à luz dos terrenos baldios. Era um farol irritantemente brilhante nesta terra desbotada de pouca cor. A frustração encheu-o enquanto ele andava de volta para eles; já era ruim o suficiente que ela não o escutasse, mas pior ainda quando adicionava o maldito irmão dela.

— Isso. — Aria esticou a mão para apontar para algo escondido

por um prédio dilapidado. O que sobrou do telhado estava cedendo; as paredes inclinadas para o que quer que Aria estivesse apontando. Ele deu a volta na esquina do prédio, concentrando-se no pedaço de metal enferrujado alojado no que ele agora reconhecia como uma garagem. Anos de mau tempo e sol brilhante haviam desnudado o veículo de qualquer aparência de sua antiga glória, exceto pela parte de trás. O teto da garagem tinha se sustentado na extremidade da traseira e, embora estivesse enferrujado e caindo aos pedaços, não estava em condições tão ruins quanto o resto do carro.

— O que é isso?

— Um Chevrolet. — Informou Braith.

Ela piscou surpresa; seus olhos azuis estavam brilhantes, embora ofuscados pelo sol forte. — O que?

— Era um automóvel.

— Um quê? — Os gêmeos perguntaram simultaneamente.

Ashby parou de assobiar enquanto se aproximava deles sorrindo e se recostando nos calcanhares, cruzando os braços sobre o peito. Braith gostaria de dar um soco nele, não apenas por aquele olhar presunçoso, mas também por toda a interferência dele em

relação a Aria pelas últimas duas semanas. Ele tentou dizer a si mesmo que Ashby estava simplesmente sentindo falta de Melinda e por isso que continuava interferindo, mas Braith estava ficando cansado disso tudo.

— Um automóvel. — Explicou Braith. — Uma vez os humanos os usaram para se locomover.

Aria franziu o cenho para ele e parecia completamente confusa enquanto olhava para o enorme balde de ferrugem. — Por que eles simplesmente não andavam?

Em seu mundo, ele podia entender essa questão, mas há cem anos... Bem, simplesmente tinha sido diferente. —Eu não sei — Ele admitiu. — Embora fossem divertidos. Eu tinha um desses e um Mustang[2].

— Então, eu tive um Mustang[3] uma vez também. — Informou

[2] *Aqui Braith se refere ao carro Ford **Mustang** que é um automóvel desportivo produzido pela Ford Motor Company. O carro foi apresentado ao público em 17 de 1964 durante a New York World's Fair.
[3] *Aqui William se refere a raça de cavalos Mustang apesar da fama de serem americanos, na verdade não são 100% americanos. Na verdade, a descendência do cavalo Mustang é espanhola, já que os conquistadores espanhóis levaram os seus cavalos. Apesar do seu pequeno tamanho (medindo até 155 cm), ele é um cavalo bastante valente devido às suas origens selvagens. O seu pescoço é curto, a cabeça é pequena, mas nem isso lhe tira a coragem.
Ele tem uns olhos expressivos que mostram facilmente o que o cavalo está a pensar e sentir neste momento. Com membros sólidos e um traseiro relativamente baixo, estas características fazem do Mustang um cavalo muito belo.

William.

Ashby gargalhou alto e até Braith quase desatou a rir. Ele conseguiu se conter quando Aria e William atiraram em Ashby alguns olhares descontentes. — Um Mustang era um tipo diferente de automóvel.

A atenção de Aria voltou para o carro, com a cabeça inclinada para o lado enquanto o estudava inquisitivamente.

— Não parece que os levava muito longe, andando seria muito mais rápido.

Ashby se afastou e caminhou rapidamente até o canto do prédio. Aria e William não podiam mais vê-lo, mas Braith claramente podia. Os ombros de Ashby tremiam de tanto rir quando ele cobriu a boca para abafar o barulho. — Nem sempre pareceu assim. — Assegurou Braith.

— Como era? — Perguntou-se William.

— Era bonito e rápido. Muito rápido.

— Mais rápido que um verdadeiro Mustang? — William perguntou.

Ashby estava rindo mais agora e Braith queria estrangulá-lo. — Sim. — Respondeu Braith.

Ambos pareciam ainda mais confusos. Aria sacudiu a cabeça e seu cabelo caiu sobre os ombros e pelas costas. Por um momento ele ficou cativado pela cor vermelha escura que brilhava com fios de ouro brilhante ao sol. — Estranho. — Ela murmurou.

Ele não sabia como explicar que não era estranho na época. Que ele, de fato, realmente gostava de seus carros. — Por que eles pararam de fabricá-los? — William perguntou.

Ashby tinha parado de rir e se virou para eles, mas não havia alegria no rosto. — Não havia ninguém para fazê-los depois que a guerra terminou. Eles precisavam de manutenção e sem alguém para fazer isso...

Braith deu de ombros enquanto passava a mão pelo cabelo. — Depois de um tempo, eles se tornaram obsoletos. Vampiros não precisam deles para se locomover, então ninguém se importou quando eles sumiram.

Ashby havia se movido de volta para eles e foi corajoso o suficiente para se inclinar contra o prédio enquanto cruzava uma

perna sobre a outra.

— Os primeiros humanos, aqueles que sobreviveram imediatamente após a guerra, devem ter tido um período difícil. — Aria meditou.

Braith nunca tinha pensado sobre os humanos depois da guerra, nem em como eles se adaptaram às suas novas e muito mais brutais vidas. Mas ele também havia ficado cego na época (por culpa do idiota encostado na garagem que Braith esperava que amassasse sob seu peso) e tentando se ajustar às próprias dificuldades. Voltando seus pensamentos do passado, ele agarrou seu capuz e puxou de volta no lugar. Ela sorriu para ele e seus olhos brilhavam quando ele afastou seu cabelo e acariciou sua bochecha.

—Tenho certeza que tiveram. — Ele concordou.

— Era realmente tão diferente? — Ela perguntou.

— Era. — Ela o olhou enquanto suas mãos demoravam no capuz de sua capa.

William deu um passo mais perto e a curiosidade evidente em seus olhos que eram da mesma tonalidade brilhante de azul que a de sua irmã. — Por que isso mudou tanto? — William perguntou.

Braith encolheu os ombros. — A tecnologia nunca foi uma necessidade real para nós. Passei setecentos anos da minha vida sem isso. Não me entenda mal, eu gostava um pouco disso, mas não me importei de ver a maior parte desaparecer. Meu pai e muitos outros sentiam o mesmo. Eles não tentaram abertamente livrar-se da maioria das coisas, mas também não tentaram mantê-las.

— O que mais havia além de automóveis?

— Havia trens e aviões, computadores e televisões; havia a internet e estações de jogos, telefones celulares...

— Eu nunca gostei daquelas coisas. — Ashby murmurou.

Braith silenciosamente concordou, eram irritantes demais. — Havia tantas coisas novas se desenvolvendo a cada dia que às vezes se tornava impossível acompanhar. Nós não nos livramos de tudo. O encanamento interno permaneceu, assim como a eletricidade, mas isso existe principalmente em torno do palácio agora. As áreas externas não tinham, e ainda não possuem recursos para sustentar a manutenção.

— A corrente de ouro. — O nariz de Aria enrugou, o ressentimento queimava em seus olhos com a lembrança.

— Também faz parte dessa tecnologia. Ele reconhece impressões digitais e responde apenas às impressões daquele que o possui. É por isso que somente o dono pode removê-lo de seu escravo. Há também um dispositivo que permite que um escravo seja rastreado se ele escapar usando a corrente.

— Isto deveria ser eliminado. — Disse Aria ferozmente.

Ele não discutiu com ela, nunca pensou sobre isto da mesma maneira que ela, até que ele a conheceu. Inferno, ela era a única pessoa em quem ele tinha colocado a corrente, e ela ainda tinha as marcas desbotadas em seu pulso daquele desastre. Se eles tivessem sucesso, ele faria uma fogueira usando as correntes como combustível. — Será. — Ele prometeu. O jeito que ela sorriu o teria feito prometer a ela a lua também se ela pedisse. — Vai pelo caminho do automóvel e das armas.

— Armas? — William perguntou.

— Eles tinham armas. — Respondeu Ashby.

— E essas armas te matariam?

— Não necessariamente. Elas dispararam balas de metal, mas sabemos que vocês são criaturas engenhosas. — Ashby informou

William enquanto ele cutucava seu ombro. — Foi só uma questão de tempo até você projetar algum tipo de bala de madeira. O rei apreendeu todas as armas e mandou destruir todas as fábricas. Você é mortal com aqueles arcos e flechas, mas eles não são tão rápidos quanto uma bala.

— Elas soam interessantes. — Aria mordeu o lábio inferior enquanto suas sobrancelhas franziam.

— Eu acho que você poderia dizer isso. — Braith acalmou a linha tensa em sua testa, traçando-a com o dedo até que ela sorriu mais uma vez.

Mesmo que ele tenha começado a assobiar, os olhos de Ashby estavam semicerrados e cautelosos enquanto ele se afastava do prédio.

Atravessaram as ruas cobertas de areia que outrora eram faixas de asfalto que vagueavam pela cidade abandonada. Ele se lembrava de como era antes da guerra, mas ele nunca tinha visto os efeitos posteriores do que seu pai tinha feito até agora. Além dos acres e quilômetros de bosques e cidades, não havia mais nada da terra; nada habitável de qualquer maneira.

Ele ouviu os rumores dos efeitos posteriores da guerra, a conversa sussurrada das terras vazias, mas honestamente pensou que muito disso fosse apenas boato. Olhando agora, percebeu o quão errado ele estava. A extensão do dano que feito foi devastadora, e enquanto percorria os vastos Vales, percebeu que seu pai não havia desativado a tecnologia e os avanços porque não precisava, mas porque tomou e arruinou com tudo, inclusive com o mundo como antes era conhecido. O rei ficou aterrorizado com o fato dessa mesma tecnologia ser usada um dia contra ele.

Pela primeira vez ele se perguntou se os rumores dos aristocratas ainda estarem vivos eram reais ou se eles haviam perecido nessas terras abandonadas assim como seu pai pretendia.

— Era melhor? — William ponderou em voz alta.

— Depende a quem você perguntar. — Respondeu Ashby. — Alguns vampiros preferiam como as coisas eram, outros queriam mais. — Ashby preferia o jeito que as coisas eram, enquanto o pai de Braith queria mais, muito mais, e ele tinha feito grandes esforços para consegui-lo. — Não acho que existiriam muitos humanos que prefeririam o modo como as coisas se tornaram, mas nem tudo eram

rosas e doces naquela época também.

— Doces? — Aria perguntou.

Ashby sacudiu a cabeça e empurrou para trás fios de cabelo loiro escuro desgrenhado quando caiu sobre um de seus brilhantes olhos verdes. — Apenas algo que os humanos costumavam gostar de comer.

— Oh. Você gostava disso? — Braith olhou para Aria enquanto ela o olhava por baixo do capuz.

— Eu nunca me importei. — Na verdade, havia algumas coisas das quais ele realmente perdeu a oportunidade.

— Eu já ouvi histórias sobre isso. — William meditou. — Parecia maravilhosamente extravagante. Ouvi dizer que havia muita comida, casas em todos os lugares e que as pessoas tinham tudo o que precisavam.

— Depende de quem você era e onde morava. — Ashby informou. — Nem todo mundo teve tanta sorte, mas existiam muitas pessoas que tinham tais coisas e muitas que não tinham. Como eu disse, não eram só rosas e doces.

— Mas era melhor. — Pressionou Aria.

— Era. — Ashby finalmente concordou.

Braith parou abruptamente; puxando Aria ao lado dele, analisando a paisagem gritante. Edifícios dilapidados pontilhavam a área do deserto. Eles estavam vazios e eram uma sombra do que tinham sido uma vez, com janelas e portas escancaradas. A maioria caindo sob o peso do desuso e do abuso.

O vento uivava ao redor deles, soprando areia e cobrindo seus óculos com finas partículas de poeira. Agora já estavam profundamente nos Vales, longe das terras férteis que todos conheciam bem. Sobreviventes aqui eram imprevisíveis e impiedosos.

E havia algo lá fora agora.

— Ashby. — Disse ele tensamente.

Ashby já havia parado também, com a cabeça inclinada para o lado enquanto escutava. A mão de Braith apertou brevemente a de Aria quando ele a puxou de volta mais um passo, empurrando-a atrás dele. Isso não faria muito bem, ele sabia que ela não ficaria lá, mas ao menos por enquanto ele estava na frente dela. Ele ouviu o farfalhar

de seu manto quando ela soltou seu arco.

— Aria. — Ele rosnou em aviso.

Aria não disse nada, mas houve um tilintar baixo quando ela apoiou uma flecha contra o arco. A explosão de movimento parecia vir do nada e de todos os lugares ao mesmo tempo. Ele não teve tempo de alertar Ashby e William, já era tarde demais. Braith agarrou Aria, girando-a para fora do caminho quando o primeiro vampiro bateu em suas costas. Braith foi derrubado para frente sob o impacto do peso e se preparou quando a criatura o feriu ferozmente.

Aria grunhiu quando seus braços se contraíram momentaneamente, antes dele ser forçado a soltá-la. Braith agarrou a criatura que lhe arranhava as costas, derramando seu sangue. Dentes estalaram quando esta alcançou seu pescoço, o cheiro era fétido e ruim. Ele finalmente conseguiu agarrar a sua cabeça, puxando-a por cima do ombro e jogando-a para longe dele. A criatura guinchou, contorcendo-se na areia enquanto sua atenção era arrancada dele e se concentrava apenas em Aria.

Ela deu um passo assustado para trás. Sua mão tremeu no arco quando o vampiro se levantou e correu para ela. Todo o seu medo desapareceu enquanto endireitava os ombros e levantava o arco. Sua

mão estava firme quando ela soltou a flecha.

O vampiro caiu para trás sob o impacto do tiro limpo, suas mãos agarrando seu peito enquanto ele gorgolejava e gritava. Braith agarrou a criatura, determinado a derramar seu sangue quando a raiva o alcançou. Fúria inchou através dele, rasgando suas células e aumentando sua força. Por um momento ele balançou na beira da loucura e pareceu tão inacreditavelmente bom que quase se soltou completamente, quase cedeu e deixou o monstro assumir o controle.

E então o cheiro do sangue dela o atingiu. Ela pressionou nivelada contra as costas dele enquanto procurava protegê-lo. Um tremor balançou através dele quando ela o trouxe de volta da beira da loucura. E mesmo que estivesse morrendo, o vampiro se lançou de volta para ele.

Braith sentiu o cotovelo de Aria contra suas costas quando ela mirou novamente e ele foi profundamente lembrado de que havia mais criaturas lá fora, enquanto ela deixava outra flecha voar. Ele agarrou a criatura e, com rápida brutalidade, matou. Aria soltou um grito de surpresa. O terror disparou através dele quando se virou. Um deles a alcançou, mas não antes de sua flecha atingir o ombro.

Ela atingiu a criatura sob o queixo levantando o arco, mas já era

tarde demais. O monstro pálido e magro já estava sobre ela, suas mãos agarradas em seus braços. O capuz de sua capa havia caído; o cabelo da cor de sangue brilhava na luz. Aquele sinistro sinal aterrorizou Braith quando o doce aroma de seu sangue atingiu o ar.

A criatura, encantada com a perspectiva de comida fresca, lançou-se para frente. Braith passou o braço em volta do peito de Aria, puxando-a para trás enquanto agarrava a criatura pelo pescoço com a mão livre. O vampiro gritou balançando suas mãos no ar tentando agarrá-la novamente. Ele ia matá-lo, destruí-lo, mas primeiro teria que conseguir libertar Aria desse vil. Com o peito dela arfando contra o braço dele; Braith podia sentir o rápido pulsar de seu batimento cardíaco. Mesmo sobre os gritos vindos da monstruosidade que segurava, ele podia ouvir o jorro sutil de seu sangue batendo na areia.

Aria estava sangrando e essa criatura causou isso.

Fúria rasgou através dele. Sua mão em seu peito se apertou, puxando-a ainda mais para trás. Em um movimento violento, Braith agarrou o pescoço da criatura e jogou-o para trás. O vampiro ainda não estava morto, apenas desorientado pela dor no momento. Braith estava mais do que feliz em acabar com sua miséria.

E então ele ouviu, a falha nos batimentos cardíacos dela.

Sua cabeça girou, ela ainda estava apoiada em seus braços, mas seu rosto estava mortalmente pálido com lábios quase brancos. As mangas de seu manto haviam sido desfiadas; o pano estava em farrapos. Sangue deslizava pelos dois braços, juntando-se nas pontas dos dedos antes de pingar na areia. Seus braços estavam abertos em um rasgo ao longo do cotovelo até o pulso.

O pânico atravessou-o; ele agarrou-a, girando-a enquanto ela cambaleava um pouco. Seus olhos azuis, normalmente brilhantes e cristalinos, estavam opacos, quase sem vida.

Braith mordeu profundamente seu pulso e segurou-a quando seus joelhos se dobraram e com o corpo ainda tremendo, caíram no chão. Ele nem se importava com a criatura ainda cambaleando diante deles, nem olhou para cima para ver se havia outros vindo.

— Sangue, Aria! Beba! — Estas foram as únicas palavras que conseguiu pronunciar diante da constrição de seu peito e garganta.

Aria fechou os olhos por um momento antes de abri-los novamente e ela parecia ter dificuldade em se concentrar. — Estou bem Braith, os outros. Há mais dessas coisas.

— Eu não me importo.

Ele não esperou para ouvir mais de seus protestos; ela era teimosa o suficiente para continuar sendo altruísta. Empurrando o pulso em sua boca, desesperado, rezou para que isso fosse o suficiente para parar o fluxo de vida que ele sentia rapidamente esvair dela. Houve um momento de tensão e então ele sentiu os dentes beliscando sua pele. Apesar de suas circunstâncias, o êxtase atravessou-o nas sensações que o inundavam. As mãos apertaram o seu braço enquanto ela bebia profundamente.

Braith não conseguiu parar o gemido baixo de prazer que escapou e se inclinou sobre ela, abraçando-a contra ele. — Fique comigo. — Ele respirou em seu ouvido.

Ela assentiu enquanto seus olhos desorientados encontraram os dele. A criatura já estava se curando e cambaleando de volta para eles, seus olhos vermelhos vibrantes em seu rosto oco. Sua pele flácida tinha adquirido uma tonalidade amarelada e doentia. A falta de comida e a areia e o sol transformaram-no na versão mórbida de um vampiro anormal; um que aparentemente não tinha mais senso de autopreservação.

Ele a puxou contra seu peito, embalando-a com um braço enquanto tentava se colocar em uma melhor posição de combate. Não

era muito útil, pois não podia puxar o braço para longe dela. Se houvesse alguma chance para sua sobrevivência, exigiria o seu sangue.

A criatura estava a poucos metros deles quando Ashby bateu por trás, arremessando-a uns bons três metros pelo ar. Ashby não hesitou e correu atrás do vampiro. William estava de repente diante deles com o lábio superior cortado e sangrando. Um de seus olhos já havia começado a escurecer e a manga de sua capa estava rasgada, mas, por outro lado, ele parecia ileso.

Incapaz de suportar a ideia de alguém tocar Aria, Braith quase a arrancou de William. Ele conseguiu se conter de avançar no jovem, mas não conseguiu parar o grunhido baixo que escapou dele. William reclinou-se enquanto estudava Braith cautelosamente. Aria tentou puxar o pulso de sua boca enquanto se contorcia contra ele em uma tentativa de chegar ao seu irmão.

— Está tudo bem. — Braith rangeu com os dentes cerrados. — Eu não vou machucá-lo. Pare. Por favor, Aria, você precisa do meu sangue. Ele está seguro, eu juro.

Aria relaxou contra ele, mas havia uma persistente tensão em seu corpo. William continuou a observá-lo desconfiado enquanto se

inclinava lentamente para frente. Ele puxou os braços de Aria em direção a ele, finalmente desviando o olhar de Braith enquanto se concentrava nela. Braith não conseguia olhar para a carne machucada sem sentir raiva e o cheiro do sangue dela era atraente o suficiente. Nem ele nem Ashby estavam se alimentando bem e isso era perigoso. Braith estremeceu e suas presas alongaram instintivamente. Ele fechou os olhos enquanto lutava contra seus impulsos mais básicos.

— William, cubra os braços dela. — Ele conseguiu dizer roucamente.

Areia e poeira levantaram-se em torno de Ashby quando ele deslizou para parar diante deles. Seus olhos brilharam vermelhos quando o cheiro de seu sangue o atingiu, e algo sombrio cintilou em seu rosto.

— Afaste-se Ashby! — Braith rosnou. Ashby permaneceu onde estava com os ombros arfando e suas presas cortando seu lábio inferior. As mãos de William pararam no pano que ele tentava rasgar em pedaços. Aria estava imóvel contra ele, sua respiração congelada em seus pulmões. —Agora Ashby! Agora!

Seu cunhado sacudiu a cabeça; recuando suas presas quando

seus olhos cintilaram entre o vermelho e o verde. Ashby deu um pequeno aceno e deu um passo para trás e depois outro antes de finalmente se virar. Alívio filtrou-se por Braith; ele não queria ter que matar Ashby, mas faria de tudo para manter Aria segura. Ele estava tentando recuperar sua confiança em Ashby. Jack e Melinda confiavam nele, Aria e William pareciam que sim também, mas Ashby foi quem o cegou e Braith ainda estava muito incerto sobre ele.

William rasgou o resto das mangas arruinadas de Aria e começou a envolver lentamente seus braços brutalizados no material grosseiro. Ela se contorceu no colo dele e seus olhos se fecharam enquanto sua boca torcia. Braith se inclinou mais perto do cabelo dela, inalando seu perfume doce enquanto tentava se acalmar. Enquanto sua dor o inundava, ele continuou lembrando a si mesmo que William estava ajudando. Embora Braith tivesse dito isso a si mesmo, suas emoções estavam oscilando em um pêndulo precário entre fúria, pavor e fome. Ele estava instável e se transformaria em mortífero se tudo desencadeasse, e a única coisa que ajudava a acalmá-lo era ela. Ele saboreou seu cheiro, a sensação de seus dentes contra sua pele, o suave movimento de seu sangue penetrando lentamente em seu corpo. Seu sangue iria curá-la, seria o suficiente. Tinha que ser, não havia outras opções. Ela morreria se não fosse.

Aria empurrou contra ele. A cabeça de Braith se levantou e um grunhido involuntário escapou dele. William se encolheu, mas continuou a envolver o tecido nos braços. — Sinto muito. — Ele sussurrou olhando preocupado para Braith.

William amarrou o último nó e sentou-se nos calcanhares enquanto estudava sua irmã. Aria apertou brevemente o braço de William antes de se afastar inanimadamente. Braith levou um momento frenético para perceber que seu peito ainda estava subindo e descendo. Seu coração estava batendo, devagar e muito errático para o seu gosto, mas estava lá e ficando mais forte.

Braith estava dolorosamente ciente do fato de que Aria tinha conseguido ficar consciente por tempo suficiente para que seu irmão terminasse o que estava fazendo.

Capítulo Três



— Você está acordada?

Ela estava acordada? Aria avaliou seu corpo enquanto tentava descobrir exatamente o que havia acontecido. Ela piscou para o teto, um teto real. Não conseguia se lembrar da última vez que viu um teto sobre sua cabeça. Onde estava afinal? Virou a cabeça lentamente e os músculos latejaram; ela se sentia esgotada, cansada e um pouco enjoada. A imagem de um William turvo apareceu diante dela, havia dois dele no começo, mas quanto mais piscava, mais claro ele se tornava.

— Eu estou. — Ela confirmou.

Seus ombros caíram em alívio e sua mão pousou levemente em seu braço. — Você me preocupou.

Sua garganta estava seca, era difícil de engolir, mas ela finalmente conseguiu formar palavras. — Eu me sinto horrível. — Admitiu.

— Isso é porque você quase morreu, e você teria se... — A voz de William sumiu, seu olhar vagou para algum lugar atrás dela.

— William? — Ela estava preocupada com o olhar perplexo em seu rosto.

— Ele lhe deu um pouco do sangue dele. — Ele parecia tão igualmente enojado quanto aterrorizado.

Aria suspirou e queria ficar onde estava, deitada no chão frio para sempre, mas tinha a sensação de que ela estava desacordada por algum tempo. Era hora de se mexer. William cambaleou desajeitadamente para frente enquanto ela se apoiava em seus antebraços. A dor instantaneamente a atingiu e Aria quase caiu de volta ao chão, mas William agarrou-a e ajudou-a a sentar. Ela ficou sentada por um minuto, ofegando quando o gosto de cobre que precedia o vômito encheu sua boca. Ela estremeceu, engolindo em seco enquanto lutava para impedir que seu estômago se revoltasse.

Depois de alguns instantes de respirações profundas, finalmente conseguiu ganhar controle suficiente para perceber que não iria atirar o magro conteúdo de seu estômago por todo o chão. William parecia estar prestes a chorar, com a mão nas costas dela tremendo e um olhar de terror tão abjeto em seu rosto. Nem mesmo quando a mãe deles foi

morta, ele ficou com essa expressão. Mas então na época, eles não tiveram tempo de reagir ou ficarem chocados e horrorizados para mostrar qualquer emoção real. Diferente de agora, pois aparentemente William teve muito tempo para esperar e agonizar sobre o que tinha acontecido e o que poderia acontecer com ela.

— Eu estou bem, William, de verdade. — Ela apertou a mão dele, tentando tranquilizá-lo com sua força, que parecia fraca até para ela. — Só um pouco desorientada. Mas isso é melhor que a alternativa, não é?

Aria esperava provocar uma risada dele, mas William só a olhava com uma expressão petrificada. — O sangue…

— Ele já havia me dado antes de eu ser ferida. Não vai me machucar.

Seu olhar disparou atrás dela novamente e ele se aproximou. — Mas não vai, você sabe...

Aria franziu o cenho para ele. Ela começou a sacudir a cabeça, mas percebeu que o movimento só traria outra crise de náusea. Esforçou-se a permanecer imóvel enquanto engolia pesadamente. — Não. Eu não sei. Não tenho certeza de como isso

funciona.

— Você nunca discutiu isso?

Ela levantou a mão lentamente; tremendo enquanto afastava uma mecha de cabelo do rosto. — Não essa parte.

— Huh, eu tinha assumido que você tinha. — William sentou-se em seus calcanhares com os olhos inquisitivos enquanto a estudava.

— William? — Ela perguntou preocupada.

— Ele realmente ama você.

Aria ficou surpresa. — Você achou que ele não amava?

Ele encolheu os ombros e seus dedos batendo no chão alertaram Aria para o fato de que não era madeira sólida embaixo dela, mas tapete gasto. O carpete também estava embaixo dela, mas ela não podia sentir, pois seus dedos estavam um pouco dormentes no momento. Era um sentimento inquietante não ter a sensação completa de toque e esperava que a dormência fosse embora logo.

— Eu não sei o que pensar. — Admitiu William. — Eu gostaria de acreditar, mas é tudo muito estranho, Aria.

Ela não iria discutir com isso.

— Mas ao vê-lo hoje, do jeito que ele estava com você, eu não duvido mais. Tudo o que posso fazer é perguntar: por quê?

Aria o olhou e não conseguiu manter-se brava quando ele finalmente conseguiu dar um sorriso para ela. — Você me preocupou, garota.

— Você é uma hora mais velho que eu.

— Mas foi uma hora gloriosa de solidão. — Brincou ele.

— Idiota.

— Pirralha.

Ela desajeitadamente o abraçou com os braços feridos. — Onde está Braith?

William exalou ruidosamente e se afastou. — Eles tiveram que... — Seu olhar viajou para seus braços embrulhados. — Ir lá para fora.

Aria assentiu lentamente, tristeza e arrependimento torceram suas entranhas. — Isso é difícil para eles.

— É difícil para todos nós.

Ela inclinou a cabeça e seu coração acelerou quando seu corpo instintivamente começou a reagir. — Ajude-me.

— Aria...

— Ele está vindo, William, e eu não posso continuar sentada.

— Como você sabe disso?

— Eu apenas sei, por favor, William.

Ele estava prestes a discutir mais, mas decidiu contra isso e deslizou os braços sob ela gentilmente, levantando-a. Ele estava firmando-a quando Braith apareceu na porta. Um músculo se contraiu em sua bochecha e seus ombros estavam rígidos, mas aqueles óculos odiados estavam no lugar, então ela não conseguia ver seus olhos, incapaz de ler o que ele realmente estava pensando e o que pretendia.

— Tudo bem, William. — Ela disse, sentindo que seu irmão estava hesitante em deixá-los sozinhos, pois Braith parecia instável.

William permaneceu incerto antes de assentir lentamente e sair. Os ombros largos de Braith quase encheram todo o batente da porta enquanto ele a observava em silêncio. Aria engoliu em seco

nervosamente, mudando um pouco de posição, tentando reunir a pouca força que lhe restava.

— Você não está me mandando embora, Braith. — O silêncio estava a matando. Braith não era o tipo forte e silencioso. Quando ele estava com raiva, chateado ou frustrado, ele não escondia, especialmente dela. — Você não vai me esconder em algum lugar também. — Ela desabafou quando ele permaneceu frustrantemente mudo.

— Não, eu não vou. — Sua voz estava rouca, áspera.

—Mas você disse antes que deveria ter me deixado para trás.

— Eu estava errado. — Ela não sabia o que dizer. — Você quase morreu.

— Eu estou bem.

— Se eu não estivesse lá... — Ele se calou e balançou a cabeça. Seu coração doeu pela angústia que sentiu se retorcer através dele. — Eu não vou mandar você embora, Aria. Eu não vou te deixar em lugar algum em segurança porque não há nenhum lugar seguro para você. Não posso dar a chance de algo acontecer com você enquanto eu não estou lá para possivelmente te salvar. Isso nunca

deveria ter acontecido.

— Isso não é sua culpa.

— Não é? — Ela ficou assustada por suas palavras. — Você não deveria estar em perigo.

— Eu sempre estive em perigo.

— Mas eu quero mais pra você! — Ele explodiu. Aria ficou surpresa com a devastação por trás de suas palavras. Ele estava na frente dela em um instante, suas mãos agarrando seus braços enquanto ele suavemente os virava. Ela olhou para as ataduras improvisadas, perturbadas pela quantidade de sangue que cobria os trapos. O sangue dela. A vida dela. —Você não entende isso? Eu quero que você esteja em segurança, que conheça a paz pela primeira vez em sua vida. Não quero mais que você conheça o medo e a morte. E eu empurrei você ainda mais para o perigo. Eu trouxe isso para nós. Estas terras não são boas, Aria.

Ela engoliu em seco e suas mãos pousaram nas dele e ela agarrou-o. A sensação em seus dedos estava retornando lentamente. — Um dia Braith, quando tudo isso acabar, vamos conhecer a paz.

Sua cabeça estava curvada enquanto ele estudava suas mãos. Ela sabia que ele estava pensando o que ela não podia dizer em voz alta, o que ela nem queria considerar.

Se eles chegassem até o fim. Se eles ganhassem e se ainda estivessem juntos.

— Vamos tirar isso e ver como estão seus braços.

— Eu posso pedir a William para fazer isso.

Sua cabeça se levantou lentamente até que seus olhos encontram os dela e suas narinas se alargaram. — Eu posso cuidar de você, Aria.

O que aconteceu com ela o tinha agitado ainda mais do que imaginou. Ele estava desequilibrado, nervoso e incerto de uma forma que ela nunca tinha visto antes. — Eu sei disso, Braith. — E ela sabia, mas ele era imprevisível agora e seu sangue era um tormento que ela queria poupá-lo.

Sua mandíbula estava cerrada com tanta força que ela praticamente podia ouvir seus dentes rangendo enquanto seus dedos agitavam os nós que William havia amarrado. Os trapos desapareceram, deslizando de sua pele para deslizar silenciosamente para o chão. De início, Aria não pôde ver o que quase a matara, mas

a quietude e a leve tensão dos ombros dele lhe disseram que ela teria que fazê-lo.

Ela se preparou quando seu olhar deslizou lentamente para os braços que ele segurava tão delicadamente dentro de suas grandes mãos. Os cortes estavam vívidos contra sua pele pálida, mas não tão profundos como antes. Os que estavam em seu braço esquerdo corriam do cotovelo ao pulso, enquanto os do braço direito ficavam abaixo do cotovelo, mas eram igualmente maus. Ela ficou abalada ao vê-los, perdida ao perceber que quase morreu e que essas marcas representavam o que poderia ter sido seu fim.

Embora não estivesse sangrando mais, ainda havia um pouco de sangue seco em sua pele. Sua mão tremia quando tirou os óculos do rosto dele; ela precisava ver os seus olhos. As pequenas cicatrizes brancas ao redor dos olhos não eram tão visíveis; seu rosto empalidecera consideravelmente da contenção que ele estava exercendo sobre si mesmo. A princípio, Braith não a olhou, seu olhar permanecia concentrado em seus braços brutalizados. Então, muito lentamente, seus olhos deslizaram para os dela. Sua respiração congelou em seus pulmões, e seu coração se agitou como um pássaro preso enquanto batia contra sua caixa torácica.

Os belos olhos cinzentos com a faixa azul brilhante que ela tinha vindo a amar desapareceram. Estavam tão luminosos quanto rubis agora, brilhando para ela das profundezas de seu rosto marcante. Ele estava com fome e estava selvagem, e agora tudo o que ele ansiava era ela. Aria daria seu sangue de bom grado, mas Braith não aceitaria, ela sabia disso. Não agora, não depois de hoje. Mas era uma tortura desnecessária ele estar aqui quando William era perfeitamente capaz de remendar os braços dela.

— Braith...

E então ele estava sobre ela, quase dentro dela enquanto a boca dele a possuía com uma ternura inesperada, dado o humor dele naquele momento. Suas mãos estavam em seu rosto, acariciando suas bochechas enquanto sua língua cintilava contra seus lábios. Ela sentiu a pressão de suas presas alongadas quando abriu a boca para deixá-lo entrar. Um gemido baixo de prazer lhe escapou quando ele invadiu todos os seus sentidos. Tudo o que ela podia sentir era ele. Braith estava dentro de sua alma, uma parte muito grande dela. Ela mal podia respirar quando as mãos dele deslizaram para longe de seu rosto. Seus braços envolveram sua cintura quando ele a ergueu, pressionando-a contra a parede. Seu corpo estava duro contra o dela, ardoroso sob suas mãos.

Suas pernas instintivamente envolveram sua cintura, puxando-o para mais perto e ele gemeu baixo em sua garganta, beliscando seu lábio. Sua mente e corpo saíram do controle. Aria sabia que precisava ir com calma, mas descobriu que não se importava se entregando às emoções correndo descontroladamente através dela.

Ela se contorceu contra ele, dolorida e insatisfeita enquanto seu corpo ansiava por mais. Mesmo sem conseguir respirar, não se importou quando a língua dele deslizou em sua boca, tornando-se mais fervorosa e exigente enquanto a acariciava. Aria gemeu de prazer e seus dedos ainda entorpecidos se curvaram em suas costas. Ela queria chorar e ao mesmo tempo gritar de alegria; simplesmente desejava que este momento nunca acabasse, esquecendo o mundo ao seu redor para apenas estar um com o outro. Os botões se soltaram quando ele empurrou a camisa para o lado para pressionar a mão contra o seu peito. Prazer varreu através dela com a intensidade de um incêndio a consumindo. Ela não se importava onde eles estavam ou o que estava acontecendo ao redor, não mais.

— Braith. — No começo, ela estava tão perdida nele, tão envolvida nas necessidades de seu corpo que a voz de Ashby mal penetrou em sua mente. — Braith. — A perda, aguda e profunda, a encheu quando as mãos de Braith pararam nela e ele se afastou um

pouco. Ela o olhou sem fôlego. Alegria e amor a encheram quando ela viu o belo cinza de seus olhos mais uma vez. Ele a olhava com uma mistura de admiração e amor que fazia suas pernas tremerem ao redor dele. — Braith.

Seus olhos brilharam brevemente de novo e sua mão deslizou livre enquanto a movia para uma posição que a protegia do olhar de Ashby. Aria sentiu o calor no rosto ao pensar no que Ashby poderia ter visto quando rapidamente voltou a abotoar a blusa. — Que os deuses lhe ajudem, Ashby se você não nos deixar por cinco minutos...

— Tem alguém vindo.

Em uma fração de segundo, tudo nele mudou. Acabou-se a preguiça de sua postura junto com o pequeno meio sorriso que tinha curvado sua boca. Na sua frente agora estava o homem que um dia governaria o reino, se conseguissem atingir seus objetivos. Ele a abaixou devagar e se virou. — Quem é? — Perguntou enquanto recolocava os óculos.

Ashby balançou a cabeça parecendo desconcertado enquanto olhava entre os dois. — Eu não sei. Uma figura apareceu no horizonte. Não tenho certeza se há outras pessoas com ela.

Braith a olhou e por um momento Aria pensou que ele iria ordenar que ela ficasse, mas ele estendeu a mão para ela. O alívio encheu-a quando ela deslizou os dedos entre os dele e juntos foram do quarto. Aria foi capaz de dar uma boa olhada em seu entorno quando entraram no corredor. O quarto em que ela estava não tinha janelas, e parecia que nenhum dos outros quartos tinha.

Braith conduziu-a por um conjunto de escadas frágeis que pareciam cair de um buraco no chão. Ela parou no fundo, olhando para cima enquanto examinava a área escura acima dela. Levou um momento para perceber que era um sótão, não via um há anos.

Sua mão apertou a dela enquanto ele a conduzia por outro lance de escadas até o primeiro andar. Ao contrário do sótão, esta área estava coberta de poeira e areia que também revestiam o que restava da mobília. Todo o resto estava amontoado contra a parede dos fundos. William se virou da porta enquanto atravessavam a sala.

— Está sozinho tanto quanto eu posso dizer. — Informou William.

Braith apertou a mão de Aria antes de soltá-la. — Ela tem que ter os braços enfaixados.

William olhou para ele por um longo momento, as sobrancelhas franzidas interrogativamente antes de concordar para logo depois observar os braços dela, sacudindo a cabeça enquanto tirava os restos do manto arruinado da sacola no chão. — Isso é o que acontece quando se é quase morto por um vampiro e transa com outro. — Braith lançou um olhar letal e Aria sentiu seu rosto ficar vermelho novamente. Ela permaneceu em silêncio enquanto William rasgava pedaços de tecido com os dentes e as mãos. — Devemos encontrar algo para limpar as feridas.

— Não ficará infectado. — Assegurou-lhe Ashby, enquanto passava lentamente por eles.

— E como você sabe disso? — William exigiu.

— Infecções não sobrevivem em nós.

William e Aria o estudaram. — Você não fica doente? — Ashby balançou a cabeça em resposta a William. — Nunca?

— Não.

Aria ficou perplexa, perdida em pensamentos sobre a rebelião de que fazia parte desde o nascimento. — Nós nunca tivemos uma chance, não é? — Ela perguntou.

Braith finalmente se virou para ela, mas não respondeu. Ele não precisava, ela já sabia a resposta. William ficou parado, seus dedos estavam enrolados em torno dos pedaços de pano em suas mãos enquanto olhava lentamente entre os dois. — Mas Aria não é uma de vocês.

— Não, mas o sangue de Braith já acelerou o processo de cura e ele também irá impulsionar seu sistema imunológico. Os cortes não serão infectados.

Ela encontrou o olhar preocupado de seu irmão por um momento antes de ele finalmente voltar sua atenção para rasgar os pedaços de pano. William enfaixou seus braços com dedos que tremiam contra sua pele. Ela sabia como ele se sentia. Aria estava tão abalada com a percepção de que os vampiros não só eram mais rápidos, mais fortes, e possuíam sentidos aprimorados, mas aparentemente nunca tinham sequer um maldito fungar em suas longas vidas.

William amarrou o último nó, apertou a mão dela e depois se levantou. Aria foi atraída para a porta, curiosa sobre a nova chegada enquanto pegava seu arco e flechas. — É humano? — Ela perguntou.

— É. — Confirmou Braith.

A figura chegou perto o suficiente para Aria perceber que era uma mulher. Ela parecia ser cerca de cinco anos mais velha do que Aria, com longos cabelos castanhos que fluíam em volta dos ombros e usava um vestido que abraçava suas curvas e balançava em seus pés enquanto se movia. A mulher era linda e lançava um sorriso brilhante e desarmante. Braith estava rígido ao seu lado, com as mãos cerradas no batente da porta enquanto estudava a mulher com um toque de suas narinas que causou um nó de apreensão no estômago de Aria.

Aqui estava a fonte de comida que faltava pra eles.

Aria pensou que poderia ficar doente quando Ashby pisou ao lado dela, praticamente salivando. Aria permaneceu imóvel, lutando para respirar normalmente enquanto seu coração se arrastava. Eles não forçariam essa mulher a fornecer sangue, ou pelo menos Aria não acharia que iriam, mas ela não tinha certeza do quanto a privação de sangue poderia afetá-los.

Se essa mulher estivesse disposta, então ela saberia que eles teriam que usá-la como fonte de alimento. Ambos estavam com fome e, portanto, imprevisíveis e extremamente traiçoeiros.

— Gideon me enviou.

A necessidade de sangue de Braith pareceu desaparecer no momento em que ele ouviu o nome.

Capítulo Quatro



— Por que Gideon enviou você? — Braith disse entre os dentes cerrados.

O sorriso da mulher se alargou e ela provocativamente projetou o quadril enquanto sorria para eles. — O que você acha? — Ela provocou empurrando o cabelo para trás para revelar seu pescoço esbelto e sem marcas. — Fui instruída a fornecer-lhe tudo o que você poderia exigir, e depois levá-lo a ele.

Ela ignorou Aria com uma facilidade que foi surpreendente e irritante, enquanto seu olhar vagava luxuriosamente entre Braith e Ashby.

— Você pode nos levar para ele agora.

A mulher foi pega de surpresa e seus olhos finalmente focaram em Aria por um breve momento antes de balançar a cabeça, obviamente não encontrando nada notável nela. Aria estava meio tentada a bater nela.

— Braith. — Ashby assobiou.

— Se você quer se alimentar dela, vá em frente. — As palavras de Braith foram ásperas e duras. Seu corpo vibrava com tensão. Ashby o olhava como se tivesse perdido a cabeça. — Faça o que você precisa, mas faça isso rapidamente. Eu pretendo sair antes do anoitecer.

Braith se virou, deixando-os olhando interrogativamente para suas costas recuando enquanto se movia mais profundamente na habitação. Aria permaneceu imóvel, consternada com o que acabara de acontecer.

— Aria. — Ela não podia virar a cabeça para olhar para Ashby, não conseguia encontrar o olhar dele enquanto observava a porta pela qual Braith tinha desaparecido. — Aria, você tem que falar com ele.

Finalmente, ela conseguiu desviar o olhar o suficiente para encontrar o olhar febril de Ashby. — Ele precisa se alimentar, Aria. Ele está enfraquecendo e se tornando mais desequilibrado. Dar-lhe seu sangue drenou-o ainda mais. Ele precisa dessa mulher, Aria.

Ela conseguiu um pequeno aceno de cabeça enquanto lentamente fechava a boca. — Ele tem que entender que você não

pode ser seu único suprimento humano, não é possível. — Ele estava certo, ela sabia que ele estava certo, mas causou uma dor física em seu peito ao pensar em outra mulher nutrindo Braith. — Eu também não gosto de fazer isso, certamente não é algo que eu goste, mas devo, e assim também deve fazer Melinda. Talvez se houvesse mais animais por perto e você não tivesse sido ferida, seria diferente. Ele não vai poder lutar muito se estiver desnutrido, ele vai se machucar.

Foram essas últimas três palavras que a impulsionaram para frente. Ela tinha que ir depressa, ou não iria de jeito nenhum. Se parasse para pensar sobre isso... bem, não, ela não podia pensar sobre isso. Só tinha que se concentrar em fazê-lo se alimentar, deixando-o forte novamente e certificando-se de que ele não se machucasse.

Aria o encontrou do lado de fora, encostado na casa com os braços cruzados sobre o peito e as pernas cruzadas diante dele. — Braith. — Ela parou, incapaz de obter as palavras quando seu peito e garganta se contraíram. Precisou de algumas tentativas antes que ela finalmente pudesse falar. — Braith, você deve. — Ele manteve a cabeça baixa, recusando-se a olhar para ela. — Braith...

— E você aprovaria isso?

Ela engoliu em seco e seus olhos arderam. Ela tentou dizer a si

mesma que era por causa de toda a areia e poeira, mas sabia que era pelas lágrimas que lutava para não derramar. Não na frente dele de qualquer maneira; não se tivesse alguma esperança de convencê-lo a fazer isso.

— Eu não gosto disso. — Ela disse, incapaz de mentir para ele. — Mas você está enfraquecido e precisa de sangue. Se não pode ser o meu ...

— Então não será de ninguém.

— Você não pode negar a si mesmo. Você precisa disso para sobreviver.

— Eu preciso de você mais.

— Braith...

— Eu não vou discutir com você sobre isso, Arianna. Não fará bem de qualquer maneira.

Ela ficou surpresa. — Claro que vai.

Ele se levantou a cabeça e finalmente olhou para ela. — Não, Aria, não vai. O seu é o único sangue que anseio. Nenhum deles, nenhum desses escravos de sangue depois de você, me satisfez. — As

palavras foram quase sussurradas e fizeram o cabelo nos braços de Aria se levantar.

— Então pegue o meu.

Suas narinas se dilataram e, embora ela sentisse o interesse dele pela mulher, não era nada comparado à explosão de fome que vibrava dele agora. Sua boca ficou seca. Ela pensou que a autopreservação deveria prevalecer, que deveria correr gritando de volta para a casa e longe dele, em vez disso, se viu querendo correr para ele. Aria estava perdendo a cabeça e tudo por causa dele.

— Não.

Ela inalou profundamente, endireitou os ombros e esticou o queixo. — Se você for teimar em não se alimentar dos outros, então você não pode ser teimoso sobre isso. Você não precisa levar muito, apenas o suficiente...

— Nunca é o suficiente! — Ele retrucou. — Isso é o que você não entende. Nunca é o bastante. Toda vez que eu bebo de você, sempre penso que talvez a minha sede por você enfraqueça, que talvez alivie, e eu não desejarei tanto você. Mas o anseio só aumenta e eu me vejo insaciavelmente desejando mais e mais.

Ela ficou atordoada e sem palavras. Não, ela não entendia e nem conseguiria, não como humana de qualquer maneira. Mas tinha certeza de uma coisa, ele precisava de nutrição, era muito teimoso e ela estava aqui. Sem pensar, ela puxou os nós em seu braço enquanto andava em direção a ele. O pano se soltou, expondo os cortes quando ela esticou o braço para ele. Sim, Aria tinha perdido completamente a cabeça, tentando-o assim, mas havia algumas coisas que precisavam ser feitas, mesmo que ele não pudesse ver isso. Sua fraqueza poderia matá-los, poderia matá-lo. Sua vida era uma coisa pequena em comparação ao seu objetivo muito maior e à vida de tantos outros.

— Você ficando incapaz de lutar não nos fará bem algum. Eu não vou ficar parada te assistindo morrer de fome porque você acha que vai me machucar. Você não vai me machucar. Sou eu ou ela, Braith.

Embora sombreada por seus óculos, ela sabia que seus olhos estavam presos em seu braço e nas gotas de sangue que brilhavam em sua pele. — De qualquer maneira, eu quero você, Aria. — Ele disse.

— Eu estou oferecendo meu sangue, assim como aquela mulher. Você tem que escolher uma.

Ela tentou manter o rosto impassível, controlando a batida de seu coração enquanto olhava teimosamente para ele. Ela não podia

revelar o quanto a incomodaria se ele fosse para aquela outra mulher, é a única coisa que o pararia seria se ele soubesse disso, mas ele não poderia ser parado. Não dessa vez.

Braith apertou seu pulso e seus longos dedos foram gentis enquanto a envolviam. Ele poderia matá-la com um simples movimento daquela mão, poderia matá-la com muita facilidade, mas Aria sabia que ele se mataria antes mesmo de machucá-la. Ela esperou sem fôlego para ver o que ele faria e como sempre muito lentamente, ele inclinou a cabeça e lambeu o sangue de seu braço. Um arrepio correu por sua espinha e sua respiração congelou quando ele pressionou seus lábios contra o interior de seu cotovelo e subiu lentamente sobre ela.

Aria pensou que tinha ganhado, que ele estava admitindo a derrota quando tirou o cabelo do pescoço dela. Seus dedos demoraram-se em suas marcas ainda em sua pele, pressionando-se muito brevemente contra eles. Então sua mão entrelaçou seu cabelo enquanto descansava sua testa contra a dela. — Você realmente é imprudente. — Ele murmurou.

Ela conseguiu um sorriso pálido quando ele beijou a ponta do nariz. — E você é teimoso.

— Logo. — Ele disse ternamente. — Quando você estiver forte.

— Então a mulher.

— Quando você estiver mais forte. Esqueça, isso não vai acontecer.

Aria deu por encerrada a batalha em um suspiro. Ela se inclinou para ele, simplesmente apreciando a sensação enquanto eles estavam juntos em um momento roubado de silêncio pacífico.



Ele estava morrendo de fome, simplesmente em chamas com a necessidade de se alimentar. Suas veias pareciam tão áridas quanto o deserto que os cercava. Seu corpo estava dolorido, músculos que ele não sabia que tinha queimando do fogo lambendo através deles. Era somente a sua força de vontade que o impulsionava para frente agora. Ele deveria ter se alimentado, sabia disso, precisava tanto agora, mas sentiu a infelicidade de Aria e sua angústia sobre a ideia. Ela não negaria a ele a mulher, ela entenderia, mas ele não podia fazer isso com ela. Em vez disso, Braith estava andando em uma linha fina, beirando a completa perda de controle. E assim se tornava mais uma

ameaça para ela a cada momento que passava. Não ajudava que Ashby parecesse muito melhor do que antes. A cor estava de volta em seu rosto e a disposição estava de volta em seu passo. Ele assobiava alegremente, e irritantemente, enquanto seguiam a mulher através da paisagem desolada. A mulher estava um pouco mais pálida, mas aparentemente não se machucou. Ele podia sentir o cheiro do sangue fresco das mordidas em seu pulso interno, mas não era nem de perto tão doce e potente quanto o cheiro do sangue de Aria nos farrapos que cobriam seus braços.

Aria estava usando o manto de William agora, com o capuz puxado sobre sua cabeça inclinada sombreando suas feições e escondendo seu cabelo. Braith sentiu que simplesmente tocá-la poderia ajudar a aliviar o fogo dentro dele, mas não se atreveu a tocá-la na frente da mulher que obviamente tinha alguma lealdade a Gideon. Gideon pode muito bem ter sido um dos aristocratas mais fortes e mais amigos dos direitos humanos que Braith conhecera antes e durante a guerra. Ele lutou inflexivelmente contra a escravização dos humanos, mas Braith não tinha ideia do que cem anos de vida nesses Vales lhe haviam feito. Ele não estava inteiramente certo do que esperar de Gideon, mas Braith com certeza não iria alertar Gideon para o fato de que Aria era sua maior fraqueza. Não até que ele

soubesse se poderia confiar no outrora poderoso aristocrata.

Eles contornaram o topo de outra duna e, como uma linda miragem, uma cidade apareceu. Calor subia da areia em ondas que faziam tudo mudar e se confundir. Mas a cidade estava lá, verde e exuberante até onde os olhos podiam ver. — Como isso é possível? — Temor atava a voz de Aria enquanto ela olhava para a cidade.

— Todas as terras eram exuberantes e férteis. — Braith forçou as palavras para fora. — Foi a própria guerra que deixou tudo tão desolado. Gideon deve ter encontrado um suprimento de água aqui, provavelmente no fundo da terra.

— Incrível, simplesmente incrível. — Ela sussurrou para si mesma.

Ele a olhou por um momento antes de voltar sua atenção para a cidade diante deles. Já havia vampiros nas ruas, esperando por eles enquanto desciam a duna e entravam na rua principal.

Por um momento ele hesitou. Braith deveria ter se alimentado. Era cedo demais para Aria, e o pensamento de se alimentar da mulher era o suficiente para fazer seu estômago revirar, mas ele não estava em condições de lutar se era isso o que estava esperando-os. Aria ia

tocá-lo, mas sua mão caiu de volta ao seu lado. Ele quase segurou a mão dela para deixar bem claro que ela estava fora dos limites para todos nessa cidade. Ele não queria mais falar de alguém possivelmente comprando a ela ou seu irmão. No entanto, também tinha que mantê-la viva e não havia como saber no que estavam entrando.

Braith não deveria tê-la trazido para cá, mas no final não houve escolha. Eles precisariam de ajuda se quisessem derrubar o rei, e não havia ninguém que odiasse mais o rei do que os aristocratas que ficaram contra ele durante a guerra. Aristocratas que tinham poder e seguidores próprios, ou pelo menos costumavam ter, e a julgar pela crescente multidão, ainda o tinham. As pessoas e vampiros pareciam saudáveis, os prédios estavam em bom estado, e era óbvio que eles haviam estabelecido algum tipo de sistema imparcial aqui, enquanto humanos e vampiros estavam lado a lado. Houve espanto em alguns dos rostos que os cercavam, alguns dos quais ele reconheceu vagamente dos anos anteriores à guerra.

Estavam quase no fim da rua quando uma figura se separou da multidão. A crescente necessidade de sangue de Braith diminuiu sob o choque de ver um rosto que nunca pensara em ver de novo. O desconforto retorceu através de seu intestino. Teve de se esforçar para

não agarrar Aria e empurrá-la para trás, mas, embora não houvesse surpresa nas feições de Gideon, também não havia hostilidade.

— Braith. — Gideon cumprimentou tranquilamente.

Braith entrou na frente de Aria quando o olhar de Gideon deslizou sobre eles. Ele não perdeu o brilho nos olhos cor de avelã de Gideon enquanto sua atenção se concentrava momentaneamente em Aria e William antes de se afastar rapidamente. Seus olhos brilhavam com diversão quando pousaram em Ashby, e um sorriso incrédulo curvou seus lábios finos. Ele sacudiu os cabelos castanhos claros e os estudou por cima do nariz aquilino.

— Bem, me parece que tenho uma história interessante para ouvir. Venham comigo.

Eles seguiram silenciosamente atrás, enquanto Gideon os levava pelas ruas e para dentro de uma casa que, embora não fosse opulenta, era bem estruturada. Aria se aproximou de Braith, quando seu olhar horrorizado passava pelas cenas brutais de morte e violência descritas nas inúmeras telas expostas nas paredes. Foi a primeira vez que sentiu realmente um medo verdadeiro. Este era um mundo que ela não entendia e provavelmente nunca entenderia.

— São humanos? — Os olhos de William estavam estreitados enquanto olhava para uma prateleira exibindo frascos cheios de dentes.

— Alguns. — Gideon respondeu levianamente. — Outros são de vampiros.

William pareceu aterrorizado quando sua cabeça virou lentamente para Gideon. Os lábios de Aria se separaram, um pequeno suspiro escapou enquanto suas mãos pressionavam contra sua barriga. Apesar de ter usado um capuz durante a maior parte de sua jornada, o sol ardente deixou seu rosto e nariz avermelhados; no momento, ela estava mortalmente pálida sob sua pele beijada pelo sol.

— Por quê? — Ela sussurrou.

— Lembranças. — Gideon respondeu com um encolher de ombros negligente.

Aria deu um pequeno passo para trás. Ela parecia pronta para fugir enquanto seu olhar corria loucamente pela sala antes de pousar em seu irmão e nos potes. — Não olhe para eles. — Braith disse a ela.

Ela não conseguia parar de olhá-los, enquanto seus olhos se fixavam neles. — Lembranças de quê? — William exigiu saber, sua

raiva estava deixando-o mortificado.

— Tempos melhores...

— Gideon. — Braith rosnou.

Gideon encontrou seu olhar de frente. — Esta é a minha casa Braith, você veio aqui. Eu não vou fazer *média* para dois humanos que você trouxe como seu suprimento de comida.

Braith se eriçou, suas mãos em punho ao lado do corpo. Aria puxou a manga da camisa enquanto lhe lançava um olhar reprovador. Gideon descansou as pontas dos dedos em sua mesa enquanto prendia Ashby com seu olhar inflexível. — Alguns de nós não *curtiu* exatamente a guerra, ou o resultado, certo *Ash*?

Ashby balançou a cabeça, seu lábio enrolado em desgosto. Ele odiava ser chamado de Ash, sempre odiou e sempre odiaria. — Você tem razão, *Giddy*.

— Você gostou do meu presente? — Gideon perguntou, recusando-se a reconhecer o deboche de Ashby. — Ela era do seu agrado?

— Ela era boa. — Ashby respondeu distraidamente. — Como

você sabia onde estávamos?

Gideon sorriu e seus dedos saltaram levemente sobre a mesa enquanto ele se afastava dela. — Eu tenho olhos por todas estas terras; um homem na minha posição deve estar sempre alerta. Então, a que devo a honra da presença do aparente herdeiro e do cunhado caído na minha humilde cidade?

— Nós viemos para negociar e ganhar o seu apoio. — Informou Braith bruscamente, sabendo que Gideon não lidava bem com subterfúgios.

Gideon ficou pensativo, seus olhos estavam duvidosos e questionadores enquanto franzia a testa para Braith. Pela primeira vez ele não pareceu nem um pouco divertido ou presunçoso. Na verdade, parecia quase esperançoso. — Apoio para o quê?

— Derrubar o rei.

Gideon lançou uma maldição baixa; seus dedos pararam o movimento incessante quando se inclinou para frente. — Você está falando sério.

— Eu estou. — Afirmou firmemente Braith.

Gideon ficou sem palavras, boquiaberto por um momento. Então sua mandíbula se fechou, suas narinas se alargaram e suas sobrancelhas escuras franziram quando seu foco se fixou em Aria. Ele deu a volta na mesa, caminhando para ela rapidamente. Braith instintivamente entrou na frente dela, puxando-a para si quando Gideon a alcançou. — Não! — Braith o parou batendo a mão no peito de Gideon e repelindo-o para atrás.

Ashby agarrou o braço de Gideon, quando este tentou novamente chegar até Aria. — Você é idiota? — Ashby perguntou exasperado.

— Solte-me! — Gideon rosnou e empurrou as mãos de Ashby para longe.

Braith ampliou sua postura, preparando-se para atacar Gideon, enquanto o vampiro se voltava para eles. Ele estava preparado para matar o homem a quem vieram para procurar por ajuda. Os olhos de Gideon estavam febris enquanto varriam Braith da cabeça aos pés. A cabeça de Aria surgiu à sua frente, o capuz havia caído, revelando sua cascata de cabelos ruivos e a palidez de suas feições.

Braith teve medo de tirar seu foco de Gideon, nem que fosse apenas por um momento para repor o capuz de Aria no lugar. — Eu

não acredito! — Gideon disse com espanto. Braith permaneceu em silêncio, ele não ia responder e nem relaxar até que Gideon se afastasse deles. — E é por causa dela!

— Gideon. — Ashby advertiu.

— Você não se alimentou do presente que enviei.

— Não estamos aqui para discutir isso. — Informou Braith.

— Você perdeu a cabeça? — Gideon explodiu. — Ela é uma humana, Braith!

— Nós não estamos aqui para discutir isso! — Braith rugiu tentando controlar seu temperamento crescente quando Gideon se concentrou em Aria novamente. — Este tópico está fora dos limites, por enquanto. — Ele emendou, sabendo que teria que ser resolvido um dia, mas não hoje.

Gideon voltou para sua mesa. — Eu deveria ter matado todos vocês. — Ele murmurou. — Teria me poupado muita irritação.

Fúria ferveu em Braith ao simples pensamento de que Gideon poderia fazer algo para um deles, para ela. Ele teve que controlar-se ao máximo, para não pular por sobre a mesa e bater em Gideon, até

transformá-lo em uma massa sangrenta; porém, bater nele no momento ou simplesmente matá-lo, não faria nenhum bem a nenhum deles.

— Se você acha que conseguiria... — Braith provocou.

Gideon olhou para ele. — Você está no meu mundo agora Braith, eu governo aqui.

— E o que você governa? — Braith perguntou irônico. — Alguns bordéis e bares, fazendas, um anel comercial, um negócio de contrabando? Você não governa nada, Gideon. Esta é uma pobre substituta para a vida que você costumava ter e você sabe disso. Com a sua ajuda podemos conseguir aquela vida de volta para você. Mas não pense que eu não vou te destruir se você tentar prejudicar qualquer um de nós. Se você não pretende nos ajudar, é uma decisão sua; mas não nos ameace.

Gideon virou lentamente o olhar para Braith, mas não foi em Braith que ele se concentrou. O fascínio de Gideon por Aria estava empurrando Braith cada vez mais ao seu limite mortal.

— Do que é que você precisa? —Perguntou Gideon.

— Você ainda deve ter amigos. Provavelmente ficou em contato

com os outros que ficaram contra o meu pai.

Gideon grunhiu em desgosto e deslizou para a cadeira atrás de sua mesa. — Eu ainda posso ter contatos, mas qual é exatamente o seu plano aqui, Braith? O que você propõe?

— Assumir o controle das mãos do meu pai.

Surpresa brilhou brevemente sobre suas feições. — E você vai liderar? Você vai ser o homem que irá corrigir tudo o que foi feito? — O tom de Gideon era sarcástico, quase hostil quando seu olhar focou em Aria novamente.

Braith pressionou Aria contra a parede, mantendo-a ao seu lado. Seu descontentamento era óbvio quando ela tentou se afastar, mas ele não ia deixá-la sair. — Não tem que ser eu. —Respondeu.

Gideon fez sinal para alguém atrás deles. Aria inalou bruscamente quando uma criada passou apressada, quase sem roupas. Marcas de mordidas estampavam seu pescoço, mas ela não parecia estar em sofrimento, pois lançava sorrisos em direção a Braith e Ashby, enquanto se inclinava para encher um copo de licor para Gideon.

Gideon sorriu para ela e levantou o copo em saudação. — Obrigado,

Dara, meu amigo aqui poderá gostar de se encontrar com você mais tarde.

— Qualquer coisa que ele desejar. — Ela respondeu com um sorriso atrevido que se prolongou em direção a Braith. Aria lançou à garota um olhar sombrio que teria divertido Braith em qualquer outro momento. Agora, porém, ele estava com muita fome e muito tenso sobre toda esta situação, para achar qualquer coisa engraçada.

— Eu estou bem, Gideon. — Braith respondeu irritado.

— Oh, você não, Braith. Eu posso dizer com certeza, que você não irá abandonar a *sua refeição* tão cedo. Eu me dirigi a Ashby.

— Eu também estou bem. —Assegurou Ashby.

— Bem, então, talvez o jovem humano, ele parece bastante interessado.

William fechou a boca, enquanto abaixava a cabeça e corava tão vibrantemente quanto Aria teria feito. Seu desconforto era quase palpável, enquanto seus dedos se enrolavam em sua camisa.

Braith odiava tudo isto, odiava que Aria tivesse que estar nesse lugar horrível, exposta as piores formas de deboche que conhecia. Mas,

mesmo com todas as suas inúmeras falhas e todos os seus gostos pecaminosos, Gideon era um vampiro forte e um líder natural. Entre eles, no seu mundo, ele não era considerado um ser maligno. Não era fácil discernir isso à primeira vista, mas Braith conhecia Gideon por um longo período de tempo. Ele sabia o que residia dentro de Gideon, ou pelo menos, o que havia residido dentro dele no passado.

Se Gideon ainda fosse pelo menos perto do vampiro que tinha sido uma vez, a criada estava ali de bom grado e não fora de nenhuma forma abusada.

— Gideon... — Braith começou.

— Talvez eu até possa apresentá-lo a algumas das coisas que costumávamos desfrutar. — Gideon continuou como se Braith não tivesse falado. Ele girou a taça e observou Aria com atenção enquanto avaliava a reação dela às suas palavras. — Ou talvez você gostaria que eu a ensinasse. Isto é, claro, a menos que você ainda não tenha feito.

— Chega! — Braith disse quando Aria ficou completamente imóvel. — Se você pretende me punir pelos últimos cem anos, então que assim seja. Mas a menos que você queira ficar aqui por mais cem anos para poder superar isso, ou eu vou arrancar sua maldita língua para que você não possa dizer outra palavra!

Gideon ficou introspectivo, encarando Braith por pálpebras semicerradas.

— Estamos bastante protetores, não é? — Ele tornou a falar.

— Gideon... — Desta vez foi Ashby quem falou em um tom baixo e de advertência.

— Oh! Isto é tudo tão divertido. Dara, por que você não mostra aos nossos dois jovens humanos um quarto para que eles possam se limpar?

— Eles não vão a lugar algum sozinhos. — Informou Braith.

— Relaxe, Braith. Você está longe de ser tão divertido quanto costumava ser. Por que todos nós não fazemos uma pequena pausa e nos encontramos daqui a uma hora? Você pode se *reabastece*r. — As sobrancelhas de Gideon se curvaram quando seu olhar correu sobre Aria. — E limpar-se. O que você acha? — Realmente Braith estava precisando de todo seu controle para não dar um soco em Gideon, e a sua crescente necessidade de sangue não estava ajudando muito a situação. Ele não tinha paciência para lidar com as maneiras insultantes e *sinceras* de Gideon. Pelo menos não agora. — Mostre-lhes os quartos no andar de cima, por favor, Dara.

Braith segurou firmemente em Aria, enquanto seguiam a mulher seminua pelas escadas. Ele levou Aria para o quarto que a garota lhe apontou, ansioso para afastá-la dela e de Gideon, ansioso para ter apenas um momento a sós. Ele logo foi fechando a porta e se encostando nela.

— Podemos confiar nele? — Aria desabafou instantaneamente.

Braith fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. — Eu ainda acho que podemos, ele está muito mais amargo do que eu esperava, mas não acho que ele seja perigoso.

— Talvez devêssemos partir daqui Braith. Esse lugar...

Ela olhou ao redor para as paredes e alívio a encheu quando percebeu que elas estavam livres da "arte" que o andar de baixo possuía. — Este lugar é horrível e estranho. Nós iremos levar essas criaturas conosco para ajudar, e então dar a elas posições de poder? O que eles fariam com o resto de nós? — Interrogou Aria desconfiada.

— Houve uma época em que esses eram os vampiros que lutavam pela igualdade da raça humana. Não importa a raiva aparente de Gideon, eu acredito que ele ainda queira essa igualdade. As pessoas nesta cidade estão entre os vampiros Aria, e

vivendo com eles. Não será fácil, mas pode e será feito.

Ela olhou inquisitivamente para ele. — É disso que você gosta? Daquela garota...

— Eu nunca fui como Gideon, ou mesmo Ashby, e certamente nunca como Caleb. Eu nunca me rebaixei em estuprar, mesmo depois que você saiu do palácio e achei que tivesse te perdido. Embora, eu suponha que tomar o sangue de alguém pela força seja uma forma de estupro.

A cor sumiu do rosto dela, o lábio inferior tremeu um pouco quando ela deu um pequeno passo para trás. Qualquer lembrança de seu passado era angustiante para ela, especialmente aquela. Ele odiava fazer isso, mas ela precisava ouvir e entender algumas coisas. — Tanto quanto eu sei, nem Ashby, nem Gideon, também fizeram uma coisa dessas. — Se Gideon ainda for como ele costumava ser, essa garota está aqui de bom grado. Ele nunca abusou de um humano que não concordou com isso e nunca teria possuído um escravo de sangue. Seus gostos são mais lascivos do que a maioria, mas ele nunca foi alguém cruel.

— Aqueles dentes, as pinturas...

— Eu tenho certeza que há uma explicação, e talvez ele eventualmente nos dê, mas até lá, você precisa ser um pouco mais compreensiva e de mente aberta. Embora possa haver coisas em nosso passado das quais não nos orgulhamos, não somos todos monstros. Se você estiver disposta a olhar além dos meus defeitos e dos pecados do meu passado, você deve estar disposta a pelo menos dar a Gideon e aos outros uma chance. Eu não teria trazido você aqui se pensasse que Gideon era perigoso.

— Vampiros e pessoas mudam. — Ela sussurrou, seus olhos passando por ele.

Remorso o queimou por dentro, fazendo com que balançasse a cabeça e desviasse seu olhar para longe dela. — Eu não acho que ele mudou tanto quanto está tentando demonstrar. Aquela garota não está infeliz aqui, Aria.

Ela também balançou a cabeça quando se virou. Seus dedos tremiam enquanto ela tentava desamarrar o nó de sua capa. Embora não tivesse certeza se queria sua ajuda agora, ele a ajudou mesmo assim. O material deslizou para o chão e ela não se incomodou em pegá-lo. Ele a observou quando ela colocou seu arco e flechas ao lado da cama e ficou perturbado por quão magra ela se tornou novamente.

— Oh, um chuveiro!

Com aquelas palavras excitadas, ela se foi desaparecendo pela porta num piscar de olhos. Ele não pôde deixar de sorrir, quando o som de água corrente encheu o quarto. Admirava o prazer que Aria encontrava em coisas que ele tinha como sendo corriqueiras. Braith permaneceu junto à porta, enquanto ela se movia pelo banheiro, juntando sabonetes e xampus em seus braços com uma ansiedade que o fez sorrir suavemente.

Seu sorriso desapareceu em um instante, quando ela tirou as amarras de seus braços e as jogou no chão, e o cheiro do seu sangue o atingiu com força. Ela desapareceu de vista novamente e o fluxo de água desviou o cheiro de sangue, quando Aria entrou debaixo do chuveiro.

Braith estava sofrendo. Era uma dor física tão intensa que ele não conseguia se concentrar em mais nada. Aria estava cantarolando no chuveiro, um som melodioso que o atraiu para frente um passo, depois outro e outro. Ele estava tremendo e tentando parar de se mover, tentou ao máximo, até que seus músculos latejaram diante de tamanha contenção que ele mesmo se impunha. Ele falhou...

A água do chuveiro foi fechada. Aria estava enrolando uma

toalha em volta de si quando ele entrou no banheiro. Ele não sabia o que estava fazendo, nem sabia o que pretendia quando ela terminasse de colocar a toalha em volta de si. Ela estava de costas para ele, a cabeça baixa enquanto o cabelo escuro caía sobre os ombros em ondas úmidas e onduladas. Ele podia ouvir a batida de seu coração e sentir o cheiro de seu sangue, mesmo que mesclado no vapor enjoativo que enchia o ar.

Aria pegou uma escova de cabelo e limpou o espelho embaçado com a palma da mão. Seus olhos se arregalaram e ela pulou de surpresa quando o viu refletido no espelho. Houve um breve momento, em que sua surpresa se transformou em um pequeno sorriso, mas este desapareceu rapidamente. Suas mãos agarraram a toalha, enquanto ela se virava lentamente em direção a ele, seu batimento cardíaco acelerando junto com seus passos.

Braith sabia que deveria partir, mas ao invés disso, se viu atraído para ela como uma mariposa para a luz. Ele encontrou-se diante dela, enquanto sua intenção era de se afastar e sair do cômodo. Ele deveria ficar o mais longe possível dela, pelo menos até que estivesse bem alimentado e estável o suficiente, para confiar em si mesmo junto dela. Sua mão tremia enquanto ele afastava seus cabelos do seu delicado pescoço. A pulsação dela saltou descontroladamente, e um

suspiro sutil escapou-lhe, enquanto ele passava suavemente seus dedos contra as marcas anteriores que ele deixou sobre ela.

Suas presas saltaram para frente e sua visão ficou obscurecida pela fome que pulsava através dele.

— Sim. — Ela sussurrou.

— Muito cedo. — Estas foram as únicas duas palavras que ele foi capaz de soltar.

— Já tem quase um dia, estou bem. Seu sangue me fortaleceu. — Ela puxou a mão dele, inclinando o pescoço para que ele tivesse uma visão melhor de suas marcas nela.

Braith queria lutar e dizer-lhe não. Mas isso não importava, ele não estava mais no controle de si mesmo, nem forte o suficiente para dizer a ela e a si mesmo que não. Fora vencido, e já se encontrava inclinado e enfiando profundamente suas presas nela. Ele finalmente estava aliviando o fogo que quase o consumiu por completo. De alguma forma encontrou forças para não ceder por completo a aquele desejo; ele não poderia machucá-la. Aria estremeceu quando ele a puxou para si; entorpecida também pelo desejo, e com os olhos destemidos, enquanto seus braços se entrelaçavam ao redor de seu

pescoço.

Ela agarrou-se a ele, tão confiante e generosa, tão inconsciente da sede feroz que o consumia, enquanto oferecia sua veia. Ele estava apoiado contra seu corpo e lutava para encontrar forças para se afastar, para sair desse quarto e encontrar outra pessoa. Mas não havia mais ninguém, só havia *ela*.

O cheiro do sangue de Aria o envolveu e seu batimento cardíaco invadiu seu corpo e assumiu seus sentidos. Quando Braith a mordeu, seu doce sangue encheu sua boca, fluiu através do seu corpo e restaurou suas células desidratadas e famintas.

Aos poucos o clamor e a fome que o envolviam começaram a diminuir, e um gemido de puro êxtase escapou quando ele se viu perdido nela.

Capítulo Cinco



Algum tempo depois, Aria se mexeu. Ela estava sonolenta, seus músculos pareciam fracos, mas a estranha sensação de estar saciada se agarrava a sua mente. Seus dedos se curvaram e esperava encontrar-se no chão, mas em vez disso, sentiu os sólidos músculos do peito de Braith e a maciez de um colchão. Ela ficou momentaneamente confusa, mal se lembrava da última vez em que estivera em uma cama ou da última vez que acordou com Braith ainda ao seu lado.

Mas ele agora estava ali, e ela permitiu-se simplesmente derivar no prazer daquela realização e voltou a dormir. Braith ainda estava ali quando ela acordou novamente, se sentindo mais revigorada e mais animada. Ela levantou a cabeça devagar, e piscou para ele, quando o encontrou encarando-a. Os óculos, felizmente, não estavam no lugar.

Embora seus olhos estivessem cheios de preocupação, as linhas ao redor de seus lábios e olhos quase haviam desaparecido. A tensão que ele exibia anteriormente, assim como os movimentos quase

mecânicos, desapareceram ao olhar para ela. Seu sangue o revitalizou, seu corpo foi nutrido. Ela se esticou e se aproximou enquanto se sentia inundada com a percepção de que tinha sido ela quem lhe dera o que ele tão desesperadamente precisava.

— Como você está se sentindo? —Ele perguntou.

— Um pouco cansada. — Ela admitiu. — Quanto tempo eu estive fora?

— Um tempo...

Ela ficou inquieta. — Nós deveríamos descer em apenas uma hora, Braith.

— Está tudo bem.

— Mas Gideon está esperando por nós e ele não parece muito paciente. William...

— Eu cuidei dele, Aria, e William está com Ashby, você não precisa se preocupar.

Claro que ela tinha que se preocupar, seu irmão estava preso neste lugar e ela estava enrolada dormindo com Braith. — Nós devemos ir.

Ela foi sair da cama, mas ele agarrou-a, puxando-a para trás.

— Braith...

— Espere, Arianna. Apenas espere. — Sua mão esquerda estava entrelaçada em seu cabelo e ela ficou extremamente consciente do fato de que estava apenas enrolada em uma toalha, e esta já se encontrava um pouco caída. — Não deveria ter acontecido assim. Eu estava fora de controle.

— Você não pode continuar negando a si mesmo, e eu estou bem.

Seus dedos roçaram agilmente ao longo do topo da toalha. Seu coração acelerou quando a excitação pulsou através dela e sua boca ficou seca. Sua pele formigava e aquecia em todos os lugares que ele tocava. —Você está bem desta vez, mas da próxima vez...

— Da próxima vez eu estarei bem também porque você vai começar a se alimentar melhor. Se você insiste em não usar outros seres humanos, tudo bem. — Ele fora muito bom e gentil com ela, mas Aria não podia suportar vê-lo sofrendo mais. — Mas você irá ter que usá-los, principalmente quando não houver animais disponíveis.

Sua mandíbula enrijeceu e se afrouxou enquanto ele a estudava. — Como você está aceitando tudo isso de mim? Eu te

machuquei...

Ela inclinou a cabeça para estudá-lo. — Você não me machucou, Braith.

Ele se levantou e passou a andar pelo quarto. Ela o observava, sentindo algo mais sob a tensão que irradiava dele. — Não apenas hoje, Aria, mas na primeira vez que tomei seu sangue, ou na floresta, sabendo que estava noivo; ou os outros escravos de sangue que possui depois que você partiu...

Ela recuou com a lembrança de todas essas coisas. Ela sentiu as lágrimas escorrerem pelo seu rosto, mas de alguma forma conseguiu manter o queixo levantado enquanto olhava para ele. — E eu abandonei você naquele palácio, Braith. *Meu* orgulho nos feriu quando eu fugi com Jack, não acreditando em você e, por causa disso, levei-o a esses escravos. Eu te levei às suas profundezas mais baixas de depravação, e até quase te matei. Como você me perdoa por isso?

— Você não tentou me matar.

— Eu atirei uma flecha em você! — Ela disse ríspida.

Sua cabeça inclinou para o lado e seu cabelo escuro caiu sobre sua testa. — Isso dificilmente deve ser levado em conta.

Irritação surgiu e ela apertou a toalha enquanto se ajoelhava na cama para encará-lo. — Então me dê outra chance, e desta vez eu farei ser levado em conta. — Ele abriu um sorriso, fazendo Aria se enfurecer. Bufando um pouco, ela agarrou a toalha e saiu toda desengonçada para fora da cama.

Braith agarrou carinhosamente seu braço antes que ela desaparecesse no banheiro. Ele segurou-a enquanto ela olhava com raiva para ele.

— Aria...

— O amor não é sobre a perfeição Braith; é sobre compreensão e perdão, trata-se de dar e receber em igual medida. Eu dei meu sangue para você. Eu te perdoei por coisas que você está lutando para se perdoar, porque eu te amo. Sei que você fez algumas coisas terríveis e me magoou, assim como eu magoei você. Você desistiu de uma vida de opulência, poder, riqueza e um vasto suprimento de sangue, por uma vida de desertos, luta e fome. E tudo por mim. De bom grado eu te dei meu sangue porque eu faria qualquer coisa por você também. Isso é amor, Braith. Eu tenho apenas dezessete anos e até eu sei disso. Talvez você devesse aprender.

Aria puxou seu braço do aperto dele, e não olhou para trás

quando entrou no banheiro e bateu a porta. Ela ofegou quando se encostou à porta; todo o seu prazer de antes havia se evaporado. Ele às vezes sabia ser um idiota muito irritante.

Ela percebeu tarde demais que não havia roupas aqui para ela se vestir. Porcaria, pensou, enquanto suspirava exasperada. Ela tinha acabado de explodir com ele, e agora teria que voltar lá e pedir-lhe roupas. Era humilhante.

Ela permaneceu encostada na porta, relutante em encará-lo novamente. Uma batida leve na porta lembrou-a que era impossível se esconder. Ela abriu a porta para encontrar sua grande e imponente estrutura de pé diante dela segurando um vestido que parecia minúsculo em suas mãos.

— Eu pensei que você poderia precisar de algumas roupas.

Ela franziu o nariz enquanto assentia. — Eu realmente preciso.

— Gideon enviou-as enquanto você estava dormindo. — Ela olhou para o vestido com cautela quando ele entrou no banheiro. Ela não usava uma dessas roupas horríveis desde o tempo em que esteve no palácio, e esperava nunca mais ter que usar uma novamente. Aria pegou o vestido da mão dele, mal encontrando o seu olhar enquanto

o colocava sobre o braço. — Eu vou abotoar depois que você o vestir.

Braith se virou quando ela largou a toalha e colocou o vestido sobre a cabeça. Seus dedos foram gentis quando ele abotoou os fechos das costas com uma facilidade surpreendente. Puxando o cabelo dela sobre os ombros, ele cobriu as marcas aparentes em seu pescoço e a virou-a para encará-lo.

— Eu preciso que você saiba que eu não sou um completo monstro.

Ela ficou surpresa, então era disso que se tratava. — Eu sei, Braith, nunca pensei que você fosse. — Ela procurou dar-lhe conforto enquanto seus dedos se envolviam em torno de seus pulsos. — O passado não pode ser desfeito, mas não define você. São nossas ações futuras que mostrarão quem realmente somos, ou em quem nos tornaremos.

— Acredito que assim deva ser.

— Eu sei que serão... — Ela prometeu a ele. — Desculpe, eu gritei com você.

Ele sorriu envergonhado. — Eu mereci. — Ela não iria discutir sobre isso. Ele beijou sua testa suavemente. — Nunca tive ninguém

para me ensinar sobre o amor antes.

Suas mãos se apertaram em seus antebraços e lágrimas queimaram seus olhos. Ele era mais forte que ela, mais rápido e mais poderoso, sua vida tinha sido de prazer e luxo, a dela de luta e fome, mas ela percebeu agora, que apesar de tudo, teve uma vida melhor, pois ela sabia o que era ter pessoas que a amavam. Braith tinha seus irmãos, Melinda e Jack, que pareciam se importar com ele, mas não estavam nem perto do que ela tinha com William e Daniel. Sim, sua mãe foi morta, mas ela morreu por seus filhos, e seu pai nunca escondeu o fato de que ele amava seus filhos, mesmo que nunca tivesse sido excessivamente carinhoso com eles, ou até quando os assuntos da rebelião pareciam ser mais importantes. Toda a sua vida tinha sido baseada em amor, e a de Braith tinha sido sobre a crueldade. Era incrível que ele tivesse se transformado neste ser tão maravilhoso.

— Eu irei te ensinar. — Ela prometeu, sussurrando-lhe.

— Você já está ensinando. — Lágrimas escorreram pelo rosto dela, quando ele o levantou e beijou-a ternamente. Ela abraçou-o, relutante em ter este o momento interrompido, mesmo sabendo que deveria. Era hora de voltar à realidade. — Temos que descer. — Disse

ela.

— Eu sei.

Ele gentilmente acabou se secar as lágrimas de suas bochechas antes de segurar sua mão, e seguiram pelo caminho de onde vinha os sons de vozes de volta ao escritório de Gideon. Ashby ergueu os olhos de seu lugar junto à janela de onde esteve olhando para fora, com uma bebida na mão, enquanto falava baixinho com Gideon. Ele ficou em silêncio no minuto em que entraram na sala. Gideon estava sentado atrás da mesa, os pés apoiados em cima e as mãos cruzadas sobre o estômago.

— Onde está meu irmão? — Aria perguntou preocupada

— Relaxe Aria, ele está bem. — Assegurou Ashby.

— Onde está ele Ashby?

— Dara levou-o para uma excursão pela cidade.

Um frio percorreu sua espinha e ela quase cuspiu em descrença. — Você o deixou ir sozinho?

— Não há necessidade de temer nada aqui, seu irmão está seguro.

O tom presunçoso na voz de Gideon a irritou quando ela voltou seu olhar para ele. — Eu não temo nada. — Ela respondeu bruscamente.

Gideon arqueou uma sobrancelha quando Braith sacudiu a cabeça. — Ela é bem mal-humorada, né?

— Ah! Sim, ela é. — Ashby concordou. Embora Ashby estivesse sorrindo e Gideon parecesse um pouco divertido, ambos a estudavam com uma intensidade que era um pouco desconcertante. — Eu não o deixaria ir a lugar nenhum se achasse que ele estava em risco, prometo. Além disso, ele está com um humano.

Aria se absteve de dizer que isso não significa muito, especialmente não em um mundo governado por vampiros. Ela não achava que William devesse vagar sozinho; mas tentou controlar seu pânico ao simples pensamento disso. — Eu gostaria de encontrá-lo. —Ela disse suavemente.

— Claro. — Gideon ronronou. — Eu posso conseguir alguém para levá-la até ele. Temos algumas coisas para discutir de qualquer forma, não é Braith?

Braith sacudiu a cabeça. — Aria ficará aqui para essa

discussão. Mas vamos encontrar o irmão dela primeiro.

Gideon contemplou isso antes que baixasse os pés e se levantasse graciosamente. — Por que não? — Ele perguntou indiferente. — Eu gostaria de mostrar o local a você de qualquer maneira. Eu acho que há muito que você gostaria de ver aqui.

Um pequeno calafrio de apreensão percorreu sua espinha, ela não tinha certeza de que se importaria de ver muito do que a cidade tinha a oferecer, mas sua necessidade de encontrar William superava seu receio. Gideon entregou a Braith uma capa, da mesma cor azul-escuro do seu vestido. — Fica frio à noite por aqui. — Gideon explicou enquanto a estudava. — A cor não denota qualquer posição. Não nestas terras.

Aria assentiu com um leve balançar de cabeça, enquanto Braith colocava a capa em volta dos seus ombros. Ele amarrou-a e puxou o capuz para cima. Ela estava agradecida pela capa esconder as ataduras em seus braços, e ainda mais agradecida pelo calor que ela oferecia, quando saíram através da noite fria. Após o calor intenso da semana passada, o frio repentino foi um choque em cima de sua pele queimada. Arrepios instantaneamente eclodiram em seu corpo, e seus dentes batiam quando ela abraçou a si mesma na tentativa de

apaziguar o frio.

— A quantidade abundante de água nesta área, faz com que as noites sejam extremamente frias. — Explicou Gideon.

Braith deslizou o braço ao redor de sua cintura, puxando-a firmemente contra o seu lado, em uma tentativa de oferecer-lhe algum calor. Não adiantou muito quando o ar gelado a lambeu. — Mover-se vai ajudar. — Disse ele, aparentemente imperturbável pelo frio repentino.

Eles abriram caminho pelas ruas de paralelepípedos da cidade barulhenta e movimentada. Pessoas e vampiros enchiam as ruas lotadas. Eles passaram por bares e um teatro, e um bordel mal iluminado que fez Aria corar quando uma das mulheres os chamou.

Então saíram do que parecia ser a área de festas da cidade, e entraram em uma área de ruas baixas e casas pouco iluminadas. Embora as casas fossem pequenas, todas estavam em bom estado, e parecia que os proprietários se orgulhavam delas. Ela ficou nervosa com as partes mais miseráveis da cidade, mas estava surpreendentemente encantada e um pouco fascinada por essa área. Os humanos e os vampiros realmente moravam lado a lado nessas casas?

— Vamos descansar aqui um pouco.

Aria franziu a testa para o prédio que Gideon havia parado na frente. Grandes janelas na frente dele revelavam pessoas sentadas conversando, enquanto comiam em um ambiente aconchegante e à luz de velas, que ela propriamente achou intrigante. Gideon segurou a porta aberta, permitindo que o suave aroma de comida saísse enquanto esperava ansiosamente que eles o seguissem.

Braith gentilmente a conduziu para frente na entrada do prédio. As pessoas os olharam, momentaneamente fascinados quando Gideon os conduzia facilmente através da multidão de mesas. O estômago de Aria neste momento roncou muito mais alto do que ela gostaria. Gideon falou suavemente com uma mulher. Aria achou impossível decidir se a mulher era humana ou vampira quando ela lhe deu um sorriso e assentiu.

— Por aqui. —Disse ela. Eles seguiram a mulher através do lugar até uma área reservada, que estava escondida meio que nas sombras, logo na parte de trás.

— Nós devemos encontrar William primeiro. — Disse Aria, tentando ignorar o crescente estrondo que seu estômago emitia, enquanto encarrava o prato de bolachas que já estava na mesa.

— Relaxe, jovem humana. — Gideon repreendeu. — Eu posso ouvir seu estômago roncando a uma milha de distância. Além disso, se vamos lutar juntos em uma guerra, pelo menos algum nível de confiança deveria ser formado, não acha?

Tinha que haver confiança e sua fome a deixava tonta, mas estava preocupada com William.

— Vou encontrá-lo, Aria, sente-se e coma. — Assegurou Ashby.

Alívio e gratidão a encheram quando ela assentiu. — Obrigada, Ashby.

Ele sorriu para ela antes de desaparecer na multidão. Aria sentou-se e quase agarrou o prato de bolachas trazendo-o desesperada para junto dela, mas conseguiu se impedir de agir de maneira ridícula, ou como uma completa esfomeada ao comer sem modos algum.

— O que é este lugar? — Ela perguntou enquanto estudava as pessoas, ou vampiros, reunidos nas mesas ao redor deles. Alguns estavam comendo, outros bebendo vinho tranquilamente. Havia uma leve melodia tocando ao fundo, que a embalou e, para sua surpresa, ela se viu balançando distraidamente junto com a música.

— É um restaurante. — Gideon disse a ela.

Aria piscou em dúvida para fora de seu estranho devaneio. — É onde as pessoas se reúnem para comer. — Explicou Braith.

— Eles simplesmente te alimentam aqui? — Ela perguntou surpresa.

— Por um preço. — Explicou Gideon. Ela franziu o cenho ferozmente para ele. Ela podia imaginar o que esse preço poderia ser. Gideon levantou a mão, rindo enquanto balançava a cabeça. — O único preço aqui é a nossa forma de moeda.

— Eu compreendo... — O olhar de Aria desviou lentamente sobre o estranho lugar novamente. Era uma coisa muito estranha e ao mesmo tempo maravilhosa. Braith entregou-lhe um pedaço de papel, o estômago revirou ao ler a lista de comida.

— Escolha o que você quer.

Ela queria tudo. Tudo parecia tão maravilhoso. Uma jovem apareceu na mesa e Gideon falou com ela antes que todos voltassem sua atenção para Aria. Suas mãos tremiam, seu estômago roncava tão alto que a mortificação estava começando a tomar conta dela. Braith se inclinou sobre o ombro para estudar o papel em sua mão. Ele se

afastou, falou brevemente com a mulher, que assentiu e desapareceu.

— Deixe-me ver o menu. — Disse Braith.

— Menu? — Ela questionou. Sua cabeça estava girando, esta cidade e tudo nela era muito diferente do que qualquer coisa que já conhecera. Era tudo tão esmagador e tão fora de lugar, assim como os frascos de dentes e cenas de morte que viu no escritório de Gideon.

Braith apontou para o papel que ela segurava antes de tirá-lo suavemente de suas mãos. Um sentimento de incerteza tomou conta dela. Ainda havia muita coisa que ela não sabia. A mão de Braith pegou a dela e deu-lhe um aperto reconfortante enquanto empurrava o prato com bolachas em sua direção. Gideon estava estudando-a de uma maneira estranha que a deixava ainda mais nervosa. O instinto a fez querer afastar a mão de Braith, mas já era tarde demais para esconder o que havia entre eles de Gideon.

— Estes aqui são todos humanos? — Ela perguntou enquanto estudava o lugar envolto em sombras e luz de velas.

— Não, há vampiros aqui também. — Ela ficou surpresa quando seu foco voltou para Gideon. A mulher reapareceu, colocando duas taças diante de Braith e Gideon e um copo de água à sua frente. A

garganta de Aria estava seca, mas ela estava muito mais interessada no que Gideon tinha a dizer no momento. — Braith e eu podemos dizer a diferença.

Quando ela olhou ao redor da sala novamente, percebeu que poderia identificar alguns humanos também. Os que pareciam ter mais de trinta anos comendo, eram certamente humanos, mas o resto era mais difícil de discernir. Ela não perguntou como os dois poderiam saber; apenas assumiu que todos os vampiros poderiam saber diferenciar. — Eles se dão bem juntos? — Ela perguntou.

— Claro que sim, por que eles não ficariam bem, jovem humana?

Aria lançou lhe um olhar sombrio, não gostando nada do seu tom de sarcasmo, e o apelido de jovem humana estava começando a irritar lhe. — Você tem frascos de dentes humanos e vampiros em prateleiras em sua casa. — Ela replicou. — É por isso.

Gideon apenas sorriu irritantemente para ela enquanto reclinava em seu assento. Ele rodou o conteúdo de sua taça antes de tomar um pequeno gole. — Aqueles humanos eram tão culpados quanto os vampiros durante a guerra, querida.

— Cuidado, Gideon. — Braith rosnou.

O olhar semicerrado de Gideon cintilou brevemente para Braith; e ele parecia prestes a dizer algo mais, mas pareceu pensar melhor.

— O que você quer dizer? — Aria perguntou.

— Você acha que foram apenas vampiros que estavam lutando do lado do rei? Não, querida, também havia humanos envolvidos.

Surpresa a inundou e seu olhar voou para Braith, procurando por negação das palavras de Gideon, mas ele apenas apertou a mão dela. A angústia encheu Aria e seus ombros caíram quando ela esqueceu suas bolachas. — Por quê? — Ela questionou.

— Quem realmente sabe o motivo? — Respondeu Gideon. — Alguns queriam estar do lado vencedor, enquanto outros queriam estar nas boas graças do rei, se ele fosse o vencedor. Você conhece o ditado "para o vencedor, os espólios"? Talvez alguns deles tenham tido a chance de sobreviver à mudança. Não importa suas razões, infelizmente, eles escolheram corretamente e valeu a pena. Seus descendentes e os descendentes de seus filhos ainda estão entre os superiores da raça humana dentro do palácio.

— Oh. — Aria suspirou e sua mão pressionou contra seus lábios quando o horror a revelação a atingiu. Ela sabia que os humanos

dentro do palácio estavam mais do que dispostos a vendê-los agora e no passado. Mas não sabia toda a história durante a guerra e tampouco que eles realmente lutaram com os vampiros.

— Eu mantenho os dentes daqueles que matei, e seus irmãos vampiros como um lembrete.

— Por que você precisaria de tal lembrete?

— Para manter o meu fogo de vingança vivo. — Gideon se inclinou sobre a mesa e pela primeira vez seu ar irreverente desapareceu. Seus olhos castanhos queimaram com força enquanto ele a estudava. — Mantenho aquela sala inteira daquele jeito, para me lembrar todos os dias do meu ódio daquele lugar, da traição e da destruição. Eu sigo reacendendo meu *fogo* na esperança de que um dia, apenas um dia, eu tenha uma chance de vingança.

O ardor com o qual ele falou, o fogo em seus olhos acendeu uma faísca que respondeu a dele dentro dela. — Eu escapei daquele palácio e daquela guerra e fugi para a segurança. Porém, minha família não teve tanta sorte. Eles já haviam morrido, já massacrados quando eu fugi, mas prometi que um dia vingaria suas mortes e parece que finalmente chegou o dia.

Aria engoliu em seco e não sabia o que dizer sobre isso. Ela sabia como Gideon se sentia e entendia o desejo que o levava em frente. Ela odiava os vampiros desde que conseguia se lembrar e queria a morte deles mais do que tudo, até que conheceu Braith. E agora Aria percebeu que sua espécie era tão culpada pela queda de sua raça quanto as dos vampiros. Deveria ficar aliviada ao ver este lado de Gideon, para saber o que o aconteceu, e finalmente entender porque ele tinha aquele local horroroso; mas, no entanto, não gostou do jeito com que Gideon estava olhando para Braith.

Aria não gostou da rigidez que podia sentir tomando conta do corpo de Braith. A tensão era quase palpável na pequena área reservada que estavam. A mulher reapareceu, aparentemente inconsciente, enquanto colocava pratos de comida na frente de Aria. Ela colocou utensílios e talheres que Aria odiava, mas que se acostumara a usar no palácio. Seu estômago roncou ao ver a comida, mas ela não conseguiu se mover enquanto observava cautelosamente a guerra silenciosa de vontades acontecendo ao seu lado.

Braith desviou o olhar primeiro, não porque estivesse se acovardado em alguma coisa, mas porque percebeu que ela não estava comendo. Seus óculos estavam de volta no lugar, mas ela sabia que seus olhos se fixaram nos dela, sempre saberia. — Coma, Aria. —

Ela engoliu pesadamente, seu olhar correu nervosamente para Gideon. Braith agarrou o garfo e apertou-o na palma de sua mão. — Coma. — Ele pediu.

Ela hesitou antes de começar a comer avidamente os pratos de carne, batatas e legumes diante dela. Pensou que ele poderia ter pedido tudo no cardápio. Era tudo tão delicioso, e ela não conseguiu segurar o pequeno gemido de prazer que escapou enquanto devorava tudo rapidamente. Eles não falaram de novo, até que ela tivesse terminado toda comida que estava no prato.

— Você ainda está com fome? — Braith perguntou.

Aria queria mais, simplesmente porque estava tudo muito bom, mas ela estava completamente saciada. — Não, eu estou satisfeita. — Ele apertou o joelho dela gentilmente por debaixo da mesa, enquanto ela se concentrava em perguntas dirigidas a Gideon novamente. — Humanos e vampiros vivem juntos em paz aqui?

Gideon sinalizou para a mulher que reapareceu com uma garrafa de alguma coisa. Ela encheu as bebidas de Braith e Gideon, embora Braith exigisse muito menos do que Gideon. — Eles vivem. — Gideon confirmou quando a mulher foi embora. — Nós não temos escravos de sangue e não forçamos as pessoas a doar sangue.

O olhar de Gideon trancou em seu pescoço. Ela não tinha percebido que seu cabelo tinha caído, até que Braith tentou cobrir as marcas que ele tinha deixado sobre ela.

— A maioria dá de bom grado, seja permitindo que nos alimentemos deles ou doando seu sangue. Assim como a maioria dos vampiros não gosta da intimidade e vulnerabilidade que a troca de sangue pode produzir, alguns humanos também não.

Braith não moveu seu braço, mas sua mandíbula ficou firme, quando o olhar de Gideon caiu para as marcas de mordida em seu pulso. A pálpebra esquerda de Gideon tremeu. — Embora, a conexão entre um humano e um vampiro nunca é tão forte quanto é entre dois vampiros. Eu nunca permiti que outro se alimentasse de mim e nunca me alimentei de outro. Eu não conheço muitos vampiros que tenham.

— O que você quer dizer com doação? — Perguntou. Ela sabia o que "doar" significava em seu mundo. As pessoas que não eram compradas como escravas de sangue eram levadas para terem seus corpos drenados de todo seu sangue e depois eram descartados e jogados fora sem nenhum respeito.

— Todo sangue é doado ou dado de bom grado aqui. Se eles não desejam dar, não precisam. — Um pequeno sorriso brincou no canto

da boca de Gideon quando ele levantou a taça e girou o líquido e bebeu. Aria franziu a testa e se inclinou sobre o ombro de Braith para espiar o conteúdo de sua taça. Era da cor e da viscosidade de sangue que brilhava à luz das velas. Ela olhou para Braith, que assentiu brevemente, confirmando o que suspeitava. Ele não parecia estar gostando muito, já que só tomou alguns pequenos goles. — Há o suficiente para que todos possam caminhar por aí e vivermos em relativa paz.

Aria acomodou-se na cadeira. — Relativa?

Gideon franziu a testa quando assentiu com firmeza. — Há sempre aqueles que quebram as regras. Acho que você encontrou alguns deles a caminho daqui. — Ele olhou de relance para as ataduras nos braços dela, aparecendo na borda da capa que havia deslizado para trás. — Os humanos não devem ser feridos aqui, a menos que eles quebrem as regras, é claro.

— Então aqueles humanos naquela parte da cidade lá atrás, e aquela garota em sua casa, eles eram... ah...

— Eles estão de bom grado lá. Nós não forçamos os humanos a fazer algo que não queiram, alguns simplesmente têm necessidades mais complexas do que outros, e eles gostam de satisfazer essas

necessidades. Além disso, a maioria deles são vampiros, não humanos, e nós temos necessidades muito mais luxuriosas, não é Braith?

Aria lutou contra o rubor subindo pelo pescoço e pelas bochechas. Ela estava bem ciente das necessidades de Braith, mesmo que não tivesse satisfeito todas elas ainda. — Gideon... — Alertou Braith.

— Ela é uma menina grande, Braith, ela pode lidar com isso, pare de ser um urso protetor. — Braith cerrou a mandíbula, as mãos em punhos na mesa. Aria segurou o braço dele e seus bíceps se arqueavam sob sua mão enquanto ele lutava contra o desejo de socar Gideon. — Há uma política de intolerância contra quem machuca humanos que não estejam dispostos e ansiosos. Esses criminosos são tratados com rapidez. Nós não matamos a nossa própria espécie, mas também não permitimos que eles fiquem entre nós. Embora, a maioria deles provavelmente preferiria a morte ao banimento que recebem.

Aria olhou para os braços enfaixados. Gideon provavelmente estava certo, aquelas criaturas lamentáveis provavelmente teriam preferido a morte, em vez da vida de fome e luta que agora

suportavam. — E quais são as regras para os humanos?

— São as mesmas para as duas espécies. Não faça mal aos outros, não roube e não faça uma falsa acusação. Nosso sistema de justiça é rápido e decisivo. Os humanos também são banidos; a maioria deles acaba nas cidades fronteiriças, onde seus direitos são retirados pelos vampiros que lá residem. Alguns de nós não se importava com as novas regras do rei e lutou para manter as coisas como estavam. Outros gostaram da ideia de não mais se esconder e de deixar a crueldade deles reinar, mas não gostavam das regras e da tirania do palácio. Esses vampiros residem nas cidades fronteiriças. Você passou por uma dessas cidades antes de chegar aqui, foi assim que eu soube que estava vindo. Nós trocamos comida humana, roupas e outros bens com eles, que em troca nos alertam quando alguém vem nos procurar. Apesar de não entregarmos os humanos que são banidos daqui, para que eles lidem com a escravidão, a maioria acaba buscando abrigo e proteção nas cidades.

— Os vampiros dentro das cidades estão acostumados a lidar com os Renegados, é assim que chamamos os banidos, e geralmente somos capazes de evitá-los em nos alcançar, embora às vezes eles se percam. No entanto, se esperam continuar recebendo comida, não têm outra escolha senão nos ajudar. Precisamos saber quando alguém

está vindo, ou quando o rei envia uma de suas tropas para tentar nos encontrar. Os Renegados são perigosos, e nós temos tido problemas crescentes com eles ultimamente, mas eles vêm a calhar como uma defesa contra os soldados do rei e outros convidados indesejados.

Aria não tinha percebido o que aquela cidade tinha sido. Era um pouco enervante saber que eles estavam sendo espionados e monitorados o tempo todo. — Eles pediram para me comprar. — Ela desabafou.

— Não querida, era em Braith que eles estavam interessados. Já faz um tempo desde que eles viram o príncipe, e ficaram um pouco surpresos com sua aparência. No entanto, teriam levado você se Braith estivesse disposto. — Aria se recostou e ficou espantada com essa revelação. — Verdade seja dita, esperávamos que Braith viesse fazer alguma coisa sobre as políticas de seu pai. Nós desistimos dessa esperança, embora.

O olhar de Gideon estava irritado quando ele voltou seu foco para Braith.

— E por que você achou que eu viria? — A voz de Braith era rouca, irritada.

— Você nunca foi um bastardo malicioso como seu pai ou Caleb. Achei que você acabaria se cansando da brutalidade e da injustiça de tudo.

— Você poderia ter começado sua própria rebelião.

Gideon sacudiu a cabeça e embora tentasse parecer casual, a tensão zumbia por seus ombros. — Muitos de nós não escapou, Braith. Certamente não o suficiente para desafiar o rei novamente, não com o poder que ele exercia. O número de vampiros dizimados era tão alto quanto o número de humanos, especialmente vampiros que não concordavam com seu pai. Nós teríamos sido massacrados. Demorou muito para que pudéssemos estabelecer esta cidade. Os primeiros vinte anos ou mais após a guerra foram gastos constantemente tentando evitar as festas de caça que ele enviou atrás de nós, mas eventualmente ele se cansou de nos caçar e ficou mais preocupado com a rebelião se formando em seu próprio quintal. Continuamos nos movendo por mais alguns anos, mas não há mais nada lá fora. Nada, Braith.

Braith sacudiu a cabeça quase com tristeza e tomou outro gole de sangue.

— Finalmente, encontramos aqui um suprimento de água

subterrânea que conseguimos explorar. Foi preciso muito trabalho, mas estabelecemos um ambiente onde humanos e vampiros poderiam coexistir pacificamente.

— Nós nunca soubemos muito sobre os Vales, mas nenhum de nós suspeitava que algo existisse entre eles. — Aria murmurou.

— Nem nós desejávamos que vocês soubessem. — Gideon girou a taça com os dedos, o olhar pensativo enquanto olhava para o metal brilhante. — A última coisa que precisávamos era de um influxo de humanos deixando a floresta para vir para cá. Podemos não ter tudo o que já tivemos, não vivemos no luxo, mas olhe ao seu redor, essas pessoas são felizes.

Aria estudou os ocupantes do restaurante. Eles estavam sorrindo e estavam saudáveis. Não estavam sujos e nem eram muito magros ou doentes como alguns na floresta. Eles não estavam pálidos e drenados como os escravos de sangue. A coisa mais incrível, porém, era que eles não tinham medo. Eles não estavam se escondendo e gritando, não estavam lutando para sobreviver e estavam sentados lado a lado, cercados por vampiros, sem mostrarem medo. Era maravilhoso!

— Nós não iríamos espalhar a notícia até que estivéssemos

prontos.

— Pronto para que?

— Para uma revolução. — Informou Braith.

Gideon encolheu os ombros quando se inclinou para frente. — Talvez, mas ainda demoraria muito tempo. Nossos números não são tão fortes quanto gostaríamos, e avançar em uma pequena rebelião teria sido arriscado.

— Pequena rebelião? — Aria respondeu indignada.

— Mesmo você deve admitir que não realiza muito mais do que ser um espinho no sapato do rei.

A mandíbula de Aria enrijeceu e ela se inclinou sobre a mesa. — Pelo menos não estamos nos escondendo no meio do deserto. — Ela retrucou. — Estamos lá, estamos lutando agora e viemos até você para pedir que se junte a nós nesta luta.

Gideon arqueou uma sobrancelha para ela e se inclinou mais perto. Braith apoiou a mão na mesa, torcendo-se para que o ombro ficasse entre eles. Aria não sentiu nenhuma hostilidade vinda do homem em frente a ela, apenas uma necessidade desesperada de que

ela entendesse algumas coisas. — Você não tem ideia do que o rei é capaz, do que os humanos são capazes quando seus meios de subsistência são ameaçados. Apressar-se em alguma coisa e nos matar, não faria bem a ninguém. O rei tem um jeito de atrair todo mundo, de fazê-lo acreditar em coisas que normalmente não acreditariam. Foi assim que ele foi capaz de arrancar o controle dos humanos e dos vampiros dissidentes, e como foi capaz de infligir o dano que causou ao mundo. No momento em que qualquer um de nós percebeu o que ele tinha em mente e os meios pelos quais eventualmente usou para atingir o objetivo, já era tarde demais para impedi-lo. Nós estávamos em menor número e dominados, e nos matar de forma descuidada não nos ajudaria nem um pouco. É claro que nem todos concordavam com o rei a princípio, e é por isso que sua mãe foi morta, algo que agora você sabe como e porque aconteceu.

— Sim. Eu já sei, — Reconheceu Braith.

— Vampiros devoraram a porcaria que o rei estava falando, caíram totalmente na conversa dele. Mesmo então, o rei era o mais poderoso, mais velho, e embora não controlasse tudo, nós o procurávamos por liderança e orientação. Éramos tolos. Ele pegou tudo. E quando terminou com os humanos, se voltou contra os

governantes. Havia aqueles de nós que discordavam com o que ele estava fazendo o tempo todo, e aqueles que perceberam tarde o que ele pretendia. O mundo foi para o inferno, o sangue e a morte dominaram. Embora eu aprecie o meu quinhão de sangue, matar indiscriminadamente nunca foi o meu forte, ou qualquer coisa que eu gostasse.

— Essas pessoas e esses vampiros, — Ele gesticulou em torno do restaurante. — São os sobreviventes e seus descendentes. As facções que nos rodeiam são lideradas pelos outros aristocratas que escaparam e os humanos que fugiram das consequências da guerra. Alguns dos humanos são descendentes dos primeiros fugitivos do palácio.

— Meu bisavô escapou do palácio quando ele tinha treze anos. Ele começou a rebelião. — Aria murmurou.

— Então você sempre teve rebeldia em seu sangue? — Braith perguntou quando seu dedo brevemente esfregou as costas da mão dela.

Ela sorriu quando encolheu os ombros para ele. — Eu acho.

Gideon balançou a cabeça enquanto tomava um gole de sangue

e olhou pensativo para Braith. — Se não fosse pelo que Ashby fez, acho que você teria visto os horrores que seu pai fazia há muito mais tempo. Eu ainda não consigo acreditar que você sobreviveu a tudo aquilo. Você estava uma bagunça, seu braço mal estava preso, seu torso... Todos nós pensamos que você estaria melhor morto.

Aria não gostou da imagem que Gideon estava pintando. Ela não podia imaginar Braith tão vulnerável e quebrado. — Assim pensou meu pai também. — Respondeu Braith. — Eu acho que sobreviver, em primeiro lugar, mais do que dominar minha cegueira, foi o que o convenceu a me deixar viver.

— Sua cegueira? — Gideon perguntou, embora seu olhar estivesse focado em Aria.

— Não brinque comigo, Gideon. Eu não sou idiota. Ouvi você questionando Ashby sobre nós. — O corpo de Braith vibrou como um diapasão quando seu peito pressionou contra seu ombro. Sua mão caiu para sua cintura, puxando-a possessivamente para mais perto dele. — Eu acho que você descobriu os extremos que irei, e que não há nada que eu não faça, qualquer um que não vá destruir, para protegê-la.

As palavras, rosnadas e frias, fizeram o cabelo em seu pescoço

ficar em pé. Gideon arqueou uma sobrancelha e um pequeno sorriso de diversão cintilou sobre seus lábios cheios. — Certo, cão de guarda, não quero mal a nenhum de vocês. Como eu disse, esperávamos a sua chegada. Eu não vou estragar isso agora. Sim, eu já percebi que há algo acontecendo entre vocês dois. Eu não sei exatamente o que, mas estou supondo que é muito mais do que você está disposto a me dizer agora, e que tem algo a ver com o retorno de sua visão. No entanto, acho que será melhor que isso seja ocultado dos outros, pelo menos por enquanto.

Havia algo mais abaixo de suas palavras. Ela suspeitava que o "por enquanto" era apenas para apaziguar Braith, e que isso era realmente algo que Gideon pretendia manter em segredo para sempre. Uma parte dela sabia que ele estava certo, e essa parte a aterrorizava.

— E você realmente acha que as coisas serão tão diferentes se você voltar agora? — Aria perguntou, orgulhosa de sua voz permanecer forte.

— Eu sei que elas serão. — Respondeu Gideon. A maneira como olhou para Braith deixou claro porque ele acreditava que as coisas seriam diferentes.

— Por que você voltaria? — Aria gesticulou em torno do restaurante. — Todo mundo parece feliz aqui, você de alguma forma conseguiu encontrar um jeito de humanos e vampiros coexistirem em paz.

— Vamos ser claros aqui, antes da guerra todos nós vivíamos em relativa paz também. A maioria dos humanos estava alheia a nós, e nós gostávamos dessa maneira. Havia alguns que eram uma ameaça, alguns que nos caçavam. Na maior parte, outros humanos achavam que aqueles que nos caçavam eram loucos, e havia tão poucos deles que não eram tão ameaçadores para nós de qualquer maneira. Alguns humanos realmente gostavam do nosso mundo e de compartilhar seu sangue conosco. Na verdade, era uma época e um lugar agradáveis. O rei nos obrigou a entrar nas cidades fronteiriças e nos Vales. Ele arrancou nosso mundo de nós e matou nossas famílias. Eu quero vingança, quero minha vida de volta tanto quanto você quer liberdade e segurança.

Aria não tinha visto Gideon se mover até que sua mão estivesse descansando casualmente sobre a dela. Ela pulou um pouco, assim como todos ao seu redor, quando a mão de Braith bateu na de Gideon. — Eu só vou dizer uma vez, não toque nela.

Gideon estremeceu quando o aperto de Braith endureceu em seu pulso. — Braith. — Aria disse suavemente.

Ele levantou o braço de Gideon e jogou de volta para ele. Embora tentasse não o fazer, Gideon finalmente esfregou seu pulso brutalizado. Aria quase pediu desculpas a ele, mas permaneceu em silêncio quando Braith moveu a mão suavemente da mesa. — As pessoas aqui não estão acostumadas às explosões de ira. — Gideon murmurou.

As pessoas ao redor deles lentamente voltaram a comer. — Eu não estou dizendo que vai ser fácil. — Continuou Gideon. — Demorou um pouco para os humanos confiarem em nós, anos e algumas gerações para forjar a fácil coexistência que temos agora, mas funciona bem para nós. Provavelmente, levará ainda mais tempo com seu pessoal. Eles foram ainda mais oprimidos, muito mais espancados e quebrados do que os ancestrais das pessoas daqui. No entanto, seus filhos e gerações futuras nem saberão como é ser submetido.

Aria estava sem fôlego e sua mão apertou a de Braith enquanto a esperança a enchia. — Da mesma maneira que eu não sei o que é não ser oprimida. — Ela sussurrou.

Gideon ofereceu um sorriso simpático quando assentiu. — Exatamente. Se não fosse por nossa aversão a ter filhos, nossos números seriam ainda mais fortes, mas algumas coisas nunca mudam.

— Sua aversão? — Aria perguntou em surpresa.

— A maioria dos vampiros não gosta de ter filhos. — Explicou Braith.

— Não é que nós não gostamos deles. — Continuou Gideon. — Na verdade, eu os tolero bem o suficiente; mas simplesmente não tenho paciência ou tempo para cuidar deles. É muito trabalho e nem tão divertido. Nem queremos um vasto grupo de imortais correndo ao redor do planeta; seria apenas uma questão de tempo antes que superássemos os humanos. Isso seria um pesadelo para todos os envolvidos, então sempre mantivemos nossos números sob controle. O pai de Braith é um dos poucos que tiveram mais filhos do que a maioria.

— Para dar a impressão de que ele cuidava da minha mãe. — Disse Braith.

— Acho que ele também esperava ter uma unidade de proteção

poderosa e integrada. Embora ele tenha conseguido dois psicopatas juniores de vocês cinco. Felizmente o resto de vocês nasceu com uma consciência. — Continuou Gideon. — A maioria de nós aceita que os descendentes serão necessários em algum momento, mas também estamos cientes do fato de que, se tivermos sorte o suficiente para gerar um filho na primeira tentativa, podemos nos considerar bem-sucedidos.

Aria franziu o cenho para ele quando cruzou os braços sobre o peito. — Eu posso garantir-lhe que uma mulher é um sucesso também! — Ela retrucou.

Gideon sorriu para ela e levantou a taça em uma saudação. — Tenho certeza, mas elas nos fazem pouca coisa para continuar nossa linhagem.

— Você é um idiota.

Gideon encolheu os ombros, não ofendido por suas palavras. — Simplesmente a verdade, nossa herança e nossos modos têm sido assim há milhares de anos. Embora tenhamos nos adaptados e mudado muito ao longo desses anos, há algumas coisas que simplesmente não mudam. Talvez, se eu me importasse com a minha mulher, fosse diferente, mas sei que a bruxa com quem eu deveria

estar atrelado me desprezava tanto quanto a desprezava. Acredite em mim, um filho teria sido um milagre para nós dois. Eu não lamentei nem um pouco quando ela foi morta durante a guerra.

Aria fervilhava enquanto continuava a olhar para ele. Gritos irromperam na noite, afastando sua atenção de Gideon enquanto procurava pela fonte. Um arrepio percorreu a espinha de Aria enquanto mais gritos perfuravam o ar. Na rua, as pessoas começaram a correr; suas cabeças mal se viam através do vidro quando se aproximaram.

Tanto Braith quanto Gideon se levantaram. — Fique aqui. — Braith ordenou.

Aria ficou sentada por um momento desconcertada, desorientada pelo que estava acontecendo e confusa pela súbita erupção do caos nesse ambiente pacífico. Ela permaneceu imóvel por apenas um momento antes de se levantar e seguir rapidamente atrás dos dois vampiros. Eles tiveram que empurrar seu caminho através da multidão confusa e assustada que abarrotava o edifício. Sendo menor, ela era muito mais hábil em entrar e sair e ao redor das pessoas e das coisas.

Eles estavam pisando na rua quando ela chegou na porta. De pé

atrás do vidro, Aria viu as pessoas passarem, algumas sangrando, outras carregando seus filhos e outras ainda mais, estavam tropeçando desorientadas. Aria quase foi jogada ao chão quando duas pessoas bateram na porta, abrindo-a quando eles entraram ofegantes.

Ela agarrou o braço do homem e ajudou-o a ficar de pé. — O que está acontecendo? — Ela perguntou.

Seus olhos estavam selvagens, rolando em sua cabeça. Sangue escorria de sua testa e em um de seus olhos. — Os Renegados. — Ele se engasgou.

O pavor escorria pelas costas dela quando viu um passar correndo pelo prédio. Parecia mais semelhante a um homem, com sua pele quase translúcida, corpo sem pelo e feições indefinidas. Estava em condições muito piores do que os que encontraram no deserto. Era isso que acontecia com os vampiros depois de anos de banimento e fome? Um tremor percorreu-a e a náusea se contorceu em seu estômago ante o pensamento.

Mais das criaturas apareceram, suas cabeças girando lentamente para trás e para frente e suas narinas se alargaram enquanto aspiravam o cheiro de sangue no ar. Eles estavam torcidos e dementes

de um jeito que nem mesmo Caleb estivera. E estavam indo direto para Braith.

Ela soltou seu fôlego. Largou o jovem quando saltou sobre alguns pratos quebrados no chão e empurrou a porta. O ar frio a atingiu, mas não roubou mais sua respiração. Braith estava a quinze metros de distância com a cabeça virada para ela, e sua mandíbula enrijeceu quando ele voltou para ela.

— Volte para dentro, Aria! — Ele gritou.

— Você precisa da minha ajuda!

— Você nem tem o seu arco, volte para dentro! Nós ficaremos bem!

— Eu vou pegar!

— O que?

Erguendo a bainha do vestido, ela enfiou as pontas no cinto preso. Braith, parecendo sentir sua intenção, partiu para junto dela. Ela não teve muito tempo. Correndo, subiu uma escada ao lado do prédio, pulou no corrimão e pulou no topo da parede. Seus dedos se mexeram e quase perderam a marquise. Mas por pura sorte e

determinação, ela foi capaz de se segurar e se levantar. Ofegante, ela se ajoelhou no telhado e olhou sobre a lateral.

Braith estava parado na rua abaixo e a fúria irradiava dele enquanto a olhava com os punhos cerrados. Ela ia receber uma bronca mais tarde, mas não se importou. — Eu já volto! — Ela gritou para ele enquanto se levantava e corria pelo telhado do prédio. Ela pulou na parede e pulou no espaço entre os prédios. Eles não eram o mesmo que suas árvores, mas ela era capaz de trafegar com relativa facilidade enquanto corria de volta para a casa de Gideon.

Algumas das criaturas começaram a segui-la, mas as outras continuaram a percorrer as ruas à procura de presas.

Os gritos dos mutilados e assustados aumentavam à medida que ela se aprofundava no meio do turbilhão revolto.

Capítulo Seis



— Que diabos foi isso? — O sussurro espantado de Gideon estava perto de seu ouvido.

Braith estava fervendo, as mãos em punhos enquanto observava Aria pular de um prédio para outro. — Eu irei matá-la eu mesmo.

— Bem, vamos nos preocupar em chegar até ela primeiro, só assim você poderá matá-la. — Gideon murmurou em tom de zombaria.

A atenção de Braith retornou para a rua e para as criaturas se espalhando por ela. Ele teria que passar por eles para alcançar Aria e não teria o menor problema em fazer exatamente isto. Estes eram os vampiros mais doentios que já tinha visto, mas o desespero deles os tornava muito mais voláteis do que muitas coisas que já encontrou em toda sua vida.

As ruas ecoavam com gritos, e o cheiro de sangue pairava pesadamente no ar enquanto as criaturas percorriam pela cidade,

procurando por mais vítimas. A maioria das pessoas já havia fugido para a segurança, abrigando-se nos prédios. Alguns ainda se esforçavam para sair do caminho, e outros não tiveram a sorte de escapar.

Algumas das criaturas tentavam arrastar suas vítimas e levá-las consigo. Seus olhos eram de um vermelho brilhante, e Braith supôs que fosse uma condição permanente, causada pela necessidade desesperada de alimentação. Dois deles o atacaram, um deles se afastou guinchando enquanto corria direto para um beco qualquer. O outro era tão pálido que chegava a ser quase transparente. Essas criaturas pareciam não se mover mais durante o dia, permanecendo escondidas até ao anoitecer, quando saiam a procura de qualquer coisa que pudessem encontrar e se alimentar nestas terras desoladas.

O vampiro transparente lançou-se contra Braith soltando um grito angustiado. Suas unhas eram enormes e se pareciam com garras letais. Braith conseguiu agarrar seu braço e manobrá-la rapidamente para baixo, fazendo com que o Renegado ricocheteasse no concreto do asfalto, quebrando todos seus ossos. Braith não encontrou prazer no gemido de dor que a *coisa* soltou, na verdade, até hesitou em matá-la, sem saber o que este havia feito para merecer o banimento, mesmo estando ciente de que Gideon haveria afirmado que o vampiro

mereceu a punição; mas essa situação, essa *coisa*, era algo muito triste e lamentável..., e mortal.

Braith se ajoelhou, preparando para transpassar o punho pelo peito da criatura e dar-lhe o golpe final. As costelas da criatura cederam muito facilmente, e ele, até aquele momento, não sabia o sexo da criatura, até sentir a carne macia dos seus seios contra seu pulso. Repulsa se apegou a ele ao arrancar o coração dela.

Ele se levantou lentamente sobre os restos da infeliz criatura, mas não teve tempo para processar o fato de que isso era o que todos os vampiros poderiam se tornar. Mais e mais criaturas selvagens como esta estavam aparecendo. Os Renegados corriam pelas ruas em um frenesi selvagem, agarrando-se uns aos outros em sua ansiedade por mais sangue. Pânico atravessou-o enquanto ele ia abrindo caminho para chegar até onde ele havia visto Aria pela última vez.

Gideon ficou ao seu lado e juntos lutaram para controlar as pessoas a sua volta. Braith vislumbrou outros vampiros na multidão, os vampiros de Gideon, tentando controlar o caos, mas as criaturas continuavam chegando mais e mais. Era uma onda interminável de corpos pálidos, quase transparentes, com olhos vermelhos vívidos. Aria era rápida, engenhosa e uma lutadora em mais maneiras

do que a maioria dos humanos, mas ela também era apenas isso, humana. E havia muitas dessas coisas.

Se eles pusessem as mãos nela...

Braith estremeceu, evitando este pensamento. Não seria possível; ele não permitiria que isso acontecesse. Ele tirou de si toda a sua compaixão por essas criaturas, e se virou para lidar com elas com as próprias mãos. Braith ouviu Gideon grunhir alto e percebeu que eles tinham sido separados e que Gideon parecia ser o foco principal da atenção das criaturas, afinal ele foi quem os baniu, aquele que os abandonou, e agora eles exigiam vingança.

Gideon estava sendo empurrado para trás, esmagado pelo peso dos Renegados que se empilhavam em cima dele. Braith agarrou o ombro de um deles e o puxou de volta. Sons animalescos rasgaram de sua garganta enquanto lutava para salvar Gideon. Ele dirigiu o punho pelas costas de um e esmagou seu coração. Gideon estava lutando para sair de debaixo da pilha sobre ele, mas logo que um caía, outro rapidamente tomava o seu lugar.

Ele ouviu o assobio da flecha segundos antes dela passar, zunindo na distância de um fio de cabelo da sua orelha. Gideon soltou um grito de surpresa quando a seta atravessou o crânio da criatura

que acabara de se levantar para segurá-lo. A coisa gritou e sons horríveis de angústia saíram de sua garganta enquanto ela recuava. Capaz de obter um melhor tiro, a segunda flecha perfurou seu coração, efetivamente *livrando* a coisa de seu estado miserável.

Braith se virou devagar e um alívio encheu-o quando viu Aria. Ela estava de pé no telhado de um bar com seu arco levantado atirando outra flecha que passou pelo ombro de Braith com um assobio agudo e um baque surdo que indicava haver atingido seu alvo. Foi-lhe dado apenas um breve momento para saborear a visão, pois logo outra criatura o atacava e ele tinha que destruí-la.

Ashby estava empurrando e abrindo caminho entre eles, e embora nunca tenha sido um lutador, era bem óbvio que recentemente ele estava praticando muito mais do que gostava, o que se tornou óbvio pela posição severa de seus ombros e pela contração de sua mandíbula. As criaturas restantes começaram a se dispersar, sentindo uma mudança na maré à medida que mais vampiros de Gideon emergiam. Braith e Gideon conseguiram agarrar mais alguns, mas o resto estava fugindo, escapando para além da cidade. Gideon gesticulou para alguns de seus homens, apontando para a estrada enquanto ordenava que eles seguissem e trouxessem de volta quaisquer sobreviventes.

Outra flecha derrubou uma criatura desgarrada saltando em sua direção. Gideon tinha se livrado do grupo que o rodeava e mesmo com todo o sangue em seu corpo e suas roupas rasgadas, estava ileso. O assobio de outra flecha perfurou uma criatura que cambaleava desajeitadamente para Gideon. Gideon não recuou novamente ao som, mas sua cabeça caiu para trás quando olhou para onde Aria estava. Surpresa e espanto se filtraram em suas feições.

— Vamos esperar que ela nunca tenha essa intenção em você. — Gideon murmurou.

— Ela às vezes tem. — Admitiu Braith.

Os olhos de Gideon se arregalaram e então ele caiu na gargalhada. — Ah, é incrível o que a vida faz com a gente, não é?

Braith ponderou a verdade daquelas palavras. A vida tinha sido muito diferente apenas alguns meses atrás. Ele estava cego, sozinho e contente em simplesmente passar pelos acontecimentos, do que agora percebia ser uma vida vazia. Então ele a viu em pé naquele palco, imunda e orgulhosa, e forçando-o a enxergar o mundo de várias maneiras. — Verdade.

Braith observou a destruição que cobria a rua e a bagunça dos

corpos que os rodeavam. Nem todos eram das criaturas estranhas e nem todos eram humanos, alguns vampiros tinham caído aqui também.

Ele se preparou e olhou para Aria. Seu arco estava ao seu lado e ela tinha enfiado as pontas compridas do cabelo na gola do vestido. A bainha do vestido ainda estava presa no cinto, revelando dos tornozelos até os joelhos. Ela parecia selvagem, quase uma bárbara, mas por baixo disso tudo ele sentiu sua tristeza enquanto olhava para a carnificina das ruas.

Seu aborrecimento com ela desapareceu assim que seus olhos encontraram os dele. Braith disse uma vez que não iria persegui-la nas árvores que ela atravessava com a facilidade de um macaco, e ele assumiu que isso se estenderia aos telhados também. Agora percebia que estava errado.

Agarrando uma escada, ele puxou-a para baixo com um tinido metálico. Braith subiu até onde Aria estava de pé na beira do telhado. Ele a agarrou contra seu corpo enquanto procurava aliviar sua tristeza.



— Ela está dormindo?

— Finalmente. — Braith respondeu à pergunta de William.

William assentiu lentamente enquanto passava a mão pelo cabelo despenteado. — Ela passou por tantas coisas que eu às vezes esqueço que ela não é tão dura quanto tenta demonstrar. — Seus olhos eram muito parecidos com os da sua irmã, porém também eram mais severos. — Ela sempre odiou matar coisas. Ela fazia isso quando era necessário, mas odiava. Eu deveria estar lá.

Braith conteve a vontade de concordar, pois o que ele dizia era verdade, William estava certo, ele deveria estar lá. Inferno, ele podia sentir o cheiro do álcool e da mulher em cima dele, mas isso não tinha sido culpa de William. Nenhum deles esperava os acontecimentos desta noite.

— Quantas vezes isso já aconteceu? — Braith perguntou e aceitou um copo de uísque que Gideon lhe ofereceu.

Gideon balançou a cabeça. Ele ainda estava machucado e sangrando e seu lábio estava cortado, mas se curando rapidamente. As marcas desapareceriam dentro de uma hora. — Isso costumava acontecer uma vez a cada dois anos, mas esse é o terceiro ataque nos

últimos oito meses.

— O que causou tal aumento? — William perguntou.

Gideon ficou pensativo. — No começo não havia muitos deles, mas ao longo do tempo mais foram banidos. Eles se organizaram e se agruparam, e concentraram sua raiva em descontar naqueles que os colocou nessa situação. As outras facções estão experimentando os mesmos problemas com os Renegados.

— Existem quantos deles lá fora? — Perguntou Braith.

— Não sei com certeza, como eu disse, há outras cidades que trabalham sob as mesmas regras. Nós banimos seis daqui ao longo dos anos. Algumas cidades são mais rígidas em suas regras, outras são menos rigorosas, mas além daquelas destruídas hoje à noite, eu diria que existem aproximadamente 25 a 30 dessas criaturas restantes.

— Por que você não acabou de matá-los? — Perguntou Ashby.

— Ninguém aqui queria as regras do rei. Nós pensamos em dar a eles uma chance justa de sobrevivência.

Ashby arqueou uma sobrancelha e bebeu a bebida em um longo gole. — Eu prefiro estar morto.

— Se não fosse por Melinda, poderia muito bem ter sido você. — Braith lembrou.

— E como eu disse, preferiria estar morto. Essas coisas são uma monstruosidade, Braith. Elas são uma casca do que costumavam ser. — Ashby estremeceu. — Eu preferiria muito mais ser morto do que *viver* minha vida nesta miséria.

— É tarde demais para mudar a punição que lhes foi dada. Talvez tenha chegado a hora de cuidar deles. Se formos bem-sucedidos no esforço da guerra, eles não serão mais necessários como medida de segurança, e talvez a morte seja a maneira mais gentil de acabar com suas existências. Eu posso te apoiar, Braith. Há outros quatro aristocratas que sobreviveram e têm suas próprias aldeias, e a quinta aldeia é exclusivamente humana.

— Quem são os outros quatro sobreviventes? —

— Xavier, Saul, Calista e Barnaby.

— Barnaby. — Ashby gemeu. — Eu odeio essa bunda pretensiosa.

— Assim como todos nós. — Gideon concordou. — E embora eu desejasse, cem anos não o mudaram muito. Ele é um pouco mais

humilde por suas circunstâncias atuais, mas você realmente não saberia ao falar com ele. Porém, ele se dá bem com sua aldeia, e eu não ouvi nada de mal sobre seu governo, embora tenha tentado ficar longe dele o máximo possível.

— E quem não iria? — Braith murmurou enquanto engolia os restos de seu uísque. William ficou em silêncio, franzindo a testa enquanto tentava acompanhar a conversa. — Barnaby era um idiota, ele sempre foi um idiota, e eu duvido que haja muito que possa mudá-lo. Ele nem sequer escolheu um lado para lutar, ficando de braços cruzados para ver quem ganharia a guerra antes de escolher. Meu pai não estava alheio a esse fato e o expulsou do palácio assim que a guerra acabou. Eu não o vejo sendo de muito ajuda agora, Gideon.

— Ele tem seguidores que não são tão covardes quanto ele e você sabe tão bem quanto eu que essa não é a vida de luxo que Barnaby cobiça. Nós sempre estivemos confortáveis aqui, mas é muito menos luxo do que ele já teve. Ele não ficará de fora desta vez, Braith.

Braith não estava tão certo, nem tinha certeza se queria que Barnaby se envolvesse. Ele aceitaria Saul, Calista e Xavier, embora. Saul e Calista lutaram com Gideon, escolheram o lado perdedor e mal conseguiram escapar quando a guerra se mostrou perdida para eles...

Xavier ficou ao lado do rei, foi recompensado quando a guerra acabou e teve a oportunidade de permanecer no palácio. Ele discordou, no entanto, das políticas do rei em relação aos humanos e aos vampiros. Temendo por sua vida, fugiu dentro de um ano das novas regras do rei. Xavier sempre foi um homem honrado e Braith admirava o fato de ele ter enfrentado o rei, mesmo depois de ter sido recompensado. Xavier também foi o único guardião da história que Braith sabia, e isso poderia ser muito útil para eles.

— Podemos fazer isso sem Barnaby? — Ashby perguntou.

— Acho que precisamos da maior ajuda possível. — Comentou Gideon. — Mas a decisão final cabe à Braith.

— Nós iremos nos unir a ele, por agora. Mas ficaremos de olho. Confio nele tanto quanto naquelas coisas que vieram aqui esta noite.

— Isso pode ser feito. Eu já mandei dizer que gostaria de me encontrar com os outros líderes. Eu acho que o líder humano, Frank, é um homem bom e honesto, mas não sei qual será a resposta dele. Suas maiores preocupações agora são as criaturas que estão por aí.

— E também devemos cuidar de uma vez por todas dessas

criaturas. — Braith murmurou. Ele concordava com a maior parte do que Gideon tinha feito aqui, e entendia sua aversão em distribuir a sentença de morte, mas essas coisas não eram mais seres racionais e pensantes.

— Há algo mais que devemos discutir, Braith. — Ashby e Gideon trocaram um olhar que fez Braith endurecer. O que Gideon estava prestes a dizer, ele não ia gostar. — É sobre a menina.

— Ela não está aberta para discussão. — Afirmou Braith categoricamente.

William deu um passo à frente, quando ouviu que o tópico do assunto se voltava para sua irmã.

— Braith, você deve entender...

— O que eu entendo Gideon, é que você deve pensar melhor sobre o que vai dizer antes de continuar essa conversa.

Gideon engoliu em seco e seus olhos cor de avelã estavam turbulentos. Braith achou que ele finalmente havia reunido bom senso suficiente para permanecer em silêncio. Ele estava errado. — Eu entendo que você se importa com essa garota, e a ame mesmo, — Ele emendou rapidamente quando Ashby balançou a cabeça. — Mas

você deve entender que não importa o quão poderoso você seja, os vampiros não aceitarão um humano como sua rainha.

— Eles não precisam.

— Você planeja tentar transformá-la então?

William inalou bruscamente e seus olhos o questionavam enquanto seu olhar saltava entre eles. Braith balançou a cabeça severamente. Algo mudou e torceu dentro dele, enrolou-se em sua barriga e agarrou seu peito. Ele amaria nada mais do tudo passar a eternidade com Aria, dando-lhe a força que vinha com a imortalidade e, protegê-la de sua própria imprudência e aliviando a instabilidade que o pensamento de sua morte criava nele, mas Braith não podia. Ele não iria destruí-la.

— Não. Não vou arriscar a vida dela de tal maneira.

Gideon e Ashby se mexeram desconfortavelmente e os olhos de William estavam começando a parecer como os de uma coruja. — Ela é forte, é corajosa e conquistou meu respeito, mas você não pode governar com um humano ao seu lado, Braith. Os outros não se alinharão por um humano e não seguirão seus filhos.

— Isso é possível? — William soltou em surpresa.

Braith lançou lhe um olhar sombrio enquanto o menino olhava para ele em algo parecido com horror. — É. — Ele zombou.

— A criança será vampira ou humana. — Ashby explicou. — As crianças vampiras são frequentemente ignoradas, exiladas ou ridicularizadas. Os humanos não se saem melhor, mas alguns são colocados como servos dentro do palácio. Sempre foi assim, mesmo antes de o rei governar.

— Há algumas dessas crianças aqui; elas foram criadas aqui ou fugiram da perseguição que receberam enquanto estavam no palácio. Aqui, não importa o que elas sejam, são tratados como iguais, mas nós ainda não os aceitaríamos como um governante a menos que fossem vampiros completos. Eles são um pouco mais fortes que um humano, mas não tão fortes quanto um vampiro completo.

— Isso inclui você, Gideon? — Braith zombou.

Ele se mexeu nervosamente. — Você não pode usar um fato real e verdadeiro contra mim, Braith. Estamos apenas aqui conversando, dê-nos crédito por isso, mas não nos culpe por lhe dizer a verdade. A menos que ela sobreviva à mudança, Aria não será aceita, e nem seus filhos serão.

Braith se mexeu quando cruzou os braços sobre o peito. — Se Aria e eu tivermos filhos, posso garantir que eles não terão esse destino.

— A vida no palácio...

— Eles não serão criados no palácio.

Gideon ficou de boca aberta para ele. — O que você planeja fazer com eles, Braith? E com ela? Talvez você possa se casar com outra...

— Não.

— Braith, seja razoável. — Gideon pediu.

Ele estava sendo razoável; afinal não os estava atacando furiosamente como desejava. Ele considerou isso muito razoável diante da raiva crescente que ele sentia. — Peça a Ashby para se casar com outra.

Ashby empalideceu e balançou a cabeça ferozmente quando deu um passo para trás. — Não.

— Ashby não tem que se casar com outra! — Gideon disse rispidamente. — Seu casamento com Natasha acabou. Ninguém vai questioná-lo se ele levar Melinda. Ela é sua irmã e seu sangue é

puro. É uma boa combinação. Ela não é uma humana, Braith.

Braith se moveu tão rapidamente que Gideon não teve tempo de reagir antes de agarrar o pescoço dele. Ele bateu contra a parede com força suficiente para quebrar o reboco. Os olhos de Gideon se arregalaram, e o choque fez com que seu rosto se afrouxasse quando Braith apertou com força suficiente para tirar sangue. — Eu lhe disse para pensar no que você iria dizer, você foi avisado e este será o seu último. Este tópico não está em discussão. Não haverá outra mulher, não haverá conversas sobre transformá-la, e nossos filhos não conhecerão a vida que você descreveu. Eu vou lutar com você, vou até mesmo ajudar a liderar essa batalha, mas outra pessoa irá governar. Quando isso acabar, vou embora e sairemos daquele lugar. Eu prometi a ela uma vida de paz e darei isso a ela!

Ele bateu Gideon contra a parede novamente antes de empurrá-lo violentamente e finalmente liberá-lo. A mão de Gideon voou para sua garganta e ele se inclinou enquanto observava Braith cautelosamente.

— E quem você espera que possa liderar? — Ele exclamou

Braith encolheu os ombros. — Eu não me importo particularmente com isso. Você ou até mesmo Ashby, tanto faz. Você

mesmo disse que minha irmã é de linhagem pura. Talvez até Calista ou Xavier fossem uma boa escolha. Eu não me importo com quem você escolher, contanto que eu e ela fiquemos sozinhos e em paz.

— Ela ainda vai morrer.

— E eu vou estar ao lado dela encontrando um meio para irmos juntos.

Gideon ficou completamente espantado; sua boca abriu e fechou algumas vezes antes que ele finalmente pudesse falar novamente. — Você é o próximo na linha de sucessão Braith, aquele que todos, incluindo os humanos, esperavam tomar o trono. As disputas que tal abdicação causaria...

— Tenho certeza de que tudo vai dar certo. — Ashby entrou no meio do discursão rapidamente. Ele atirou em Gideon um olhar silencioso enquanto se adiantava para interromper o que certamente seria uma batalha se continuasse. — Precisamos vencer a guerra primeiro, não vamos começar uma aqui entre nós.

Braith esperou por Gideon dizer mais alguma coisa, mas ele finalmente apenas balançou a cabeça e deu um passo para trás. Gideon se virou, abriu a boca para dizer algo mais, mas Ashby

agarrou seu braço e o puxou de volta. William permaneceu em silêncio enquanto se inclinava contra a parede.

— Essa coisa de criança, um bebê...

— Eu não estou dormindo com sua irmã! — O temperamento de Braith tinha atingido seu ponto de ebulição, ele já estava no limite. A cor se esvaiu do rosto de William e logo depois mudou para vermelho. As bocas de Ashby e Gideon caíram. — Eu não quero ouvir uma palavra de qualquer um de vocês novamente esta noite. — Ele ordenou e saiu da sala.

Capítulo Sete



Aria ficou em silêncio no canto da sala. Felizmente eles não tinham se retirado para o escritório de Gideon e sim para uma grande sala de jantar nos fundos da casa. Braith sentou-se à cabeceira da mesa grande, as mãos cruzadas diante dele. Estava inclinado para frente, seu tom baixo e fervoroso enquanto falava com os vampiros reunidos em torno dele. Eles o ouviam com grande atenção, enlaçados por suas palavras e pela aura de poder que emitia. Um nó se formou em sua garganta quando orgulho floresceu nela. Era incrível vê-lo assim.

Ela sabia que ele não se considerava um líder, mas ele era. E eles o seguiriam, estava certa disso.

Seu olhar examinou o grupo reunido em torno dele. Eles eram muito ecléticos. Gideon e Ashby sentaram-se em cada lado de Braith, ao lado de Ashby estava Barnaby, um vampiro ainda mais magro que Ashby. Seu cabelo era quase branco e seus olhos eram de um azul aguado. Alto e magro, ele possuía um ar real que marcava cada centímetro do aristocrata que era. Xavier sentou-se ao lado de

Barnaby e estava inclinado para frente enquanto ouvia Braith. Sua cabeça era completamente careca e sua pele escura brilhava na luz que entrava pelas janelas. Tatuagens marcavam as costas de suas mãos e corriam até seus braços sólidos antes de desaparecer sob as mangas de sua camisa. Desenhos estranhos e chamas reapareciam do lado de seu pescoço, seguiam até a sua orelha direita e na parte inferior do seu queixo.

Xavier pode ser um dos homens de aparência mais intrigantes que ela já viu com suas tatuagens ecléticas, mas foi em Saul que ela encontrou seu olhar atraído repetidamente. Ao contrário dos outros, que pareciam ter menos de trinta anos, Saul tinha cabelos grisalhos que caíam em torno de seu rosto marcante. Seu nariz era altivo e os olhos de um tom mais escuro de cinza que o cabelo. Ela sabia que Frank era o líder humano, mas o que era Saul? Ele era o primeiro vampiro que Aria viu que parecia envelhecido, pelo menos cinquenta a julgar pelas linhas ao redor dos olhos e os cantos da boca. Ele tinha sido humano uma vez? Esse homem sobreviveu à mudança? Ela queria perguntar a Braith sobre isso, não podia esperar para tê-lo sozinho para descobrir os detalhes, mas demoraria um pouco antes disso acontecer.

Calista sentou-se majestosamente ao lado de Saul, com a cabeça

erguida no pescoço delgado. Sua pele não era tão escura quanto a de Xavier, mas uma tonalidade marrom que combinava com seus olhos. Seu cabelo era cortado perto de crânio, destacando os ângulos intrigantes e os planos de suas feições.

— Ele me lembra do pai. — Sussurrou William. — As pessoas ouvem e seguem os dois.

Além de estar um pouco perturbada pela associação que William acabara de fazer, Aria não pôde deixar de sorrir ao concordar com a cabeça.

— Eles vão segui-lo. — Aria se virou para William quando captou a sugestão de algo em seu tom. Ele parecia ter chegado a algum tipo de realização, uma que o entristecia. Ele sorriu, mas foi forçado, desajeitado e incerto.

— William, o que houve?

Ele balançou a cabeça, parecendo prestes a dizer algo, mas Braith o interrompeu. — Arianna, William. — Forçando o rosto a permanecer impassível, ela endireitou os ombros e pareceu indiferente em relação a Braith enquanto se movia lentamente em direção a ele. Ela estava bem ciente do fato de que estavam todos

observando a ela e a William interrogativamente.

— O pai deles é o líder da causa rebelde mais próxima do palácio. David está reunindo apoio para o que estamos prestes a sofrer. —Aria encontrou cada um de seus olhares enquanto Braith continuava. — Jericho, que agora atende pelo nome de Jack, trabalha com David há algum tempo e está ajudando nesse empreendimento. Melinda voltou ao palácio para ser nossos olhos e ouvidos dentro do palácio.

— Os humanos seguirão este David? — Xavier perguntou.

— As pessoas seguirão nosso pai. — Informou William. — Eles seguiram nossa família de uma forma ou de outra por quase noventa anos, e continuarão a fazê-lo. Especialmente se houver uma chance de acabar com o medo, a fome e a morte com a qual convivemos todos os dias.

— Eu conheci seu pai uma vez. — Disse Frank. Ele se levantou devagar enquanto passava a mão pelo cabelo escuro. — Foi há anos, mas ele era um homem bom e eu me lembro de ter ficado impressionado. Eu acho que sua mãe estava grávida de vocês dois na época. Ele está certo, David será capaz de reunir muitos para a luta.

— Você está disposto a lutar? — Gideon perguntou.

Frank estava fixado em um ponto atrás do ombro de Braith. Então lentamente olhou para William e finalmente para ela. — Eu não tenho certeza de quantos membros do meu pessoal estarão dispostos a entrar nessa briga. Nós não sabemos o que vocês sabem, nem nunca experimentamos a vida que vocês têm. No entanto, seria bom acabar com o medo constante de que o rei possa um dia nos descobrir.

— E você Frank, vai se juntar a nós? — Braith perguntou.

— Estou disposto a ajudar. Não posso dizer quantos virão comigo, mas meu segundo em comando, Marshall, pode administrar as coisas enquanto eu estiver fora. Gostaria de mover o resto do meu pessoal para as cidades de vampiros até que isso termine, e de mantê-los todos juntos, se possível.

— Haverá espaço para eles aqui. — Gideon ofereceu.

Frank assentiu. — Obrigado.

— Ainda há a questão do próprio rei. — Disse Saul. — Não será fácil remover seu pai, Braith. Ele é o mais forte de nós e não conseguiu se manter vivo e manter um governo tão forte sendo fraco. Não

conheço ninguém que possa tirá-lo...

— Braith pode. — Interrompeu Ashby.

A respiração de Aria congelou em seus pulmões e cada músculo de seu corpo ficou rígido. Não havia nenhum amor perdido entre Braith e seu pai, mas para um filho destruir o pai...

Era impensável. E ela não tinha certeza se Braith poderia fazer isso e sobreviver às consequências. Seus olhares de sondagem se apegaram a Braith. — Braith é poderoso, sim, mas o rei tem anos a mais de experiência e crueldade, e uma maldade que nenhum de nós possui. Tudo isso são motivadores que fazem do rei o mais mortífero de todos nós. — Continuou Saul.

— Eles são. — Confirmou Braith. — Mas nós só temos que ter certeza de que mais de um de nós irá atrás dele quando chegar a hora.

— Mesmo assim...

— Braith pode pegá-lo. — Ashby cortou Saul firmemente. Aria lançou lhe um olhar sombrio, irritada por ele continuar insistindo no assunto. Ela rangeu os dentes, apertando a mandíbula enquanto continha uma resposta aguda.

— É o pai dele. — Desabafou William.

— E que não hesitaria em derrubar e matar seu filho. — Ashby lembrou.

William pareceu enojado pelo pensamento.

— Primeiro temos que nos preocupar em entrar no palácio, e depois com o meu pai.

— Há também a questão dos Renegados. — Calista inseriu, seu olhar sombrio era perverso enquanto olhava para Braith. — Eles precisam ser detidos antes que possamos deixar nossas cidades. Não podemos deixar aqueles que permanecem para trás suscetíveis a eles.

— Sim. — Frank concordou enfaticamente.

— Vamos tentar agrupar essas criaturas e destruí-las. Precisa ser feito rapidamente antes que causem mais danos. — Braith pronunciou as palavras sem rodeios, mas seus músculos se flexionaram por baixo de sua camisa. A ansiedade passou por ela e mesmo não importando quantos caíssem, essas coisas eram instáveis e mortais. — Eu gostaria de fazer isso amanhã, se possível. Vamos sair assim que pudermos.

Aria manteve o rosto tão sem emoção quanto possível. Ela estava ciente do fato de que o rosto marrom profundo de Xavier tinha se fixado nela. Suas sobrancelhas escuras franziram-se pronunciadamente sobre o nariz largo. Algo deslizou por sua espinha, algo frio e entorpecedor enquanto seus olhos se moviam lentamente em direção a Braith.

— Por que agora? — Xavier perguntou um pouco alto demais. — Por que você deseja derrubar seu pai agora?

A frieza se espalhou para sua barriga e ela não conseguia respirar.

— Eu soube do que o meu pai fez contra a minha mãe.

— Como você chegou a saber disso?

— Melinda, temendo por sua vida após a deserção de Jack para a rebelião, veio até mim e me contou a verdade. Eu fui capaz de encontrar Jack depois, e finalmente fui levado para David e seus filhos. Posso não ter conhecido bem minha mãe, mas essa crueldade não pode ser ignorada. Tenho certeza de que todos vocês entendem como me sinto já que a maioria está aqui para vingar suas próprias famílias, embora nenhum de vocês jamais tenha sido próximo

deles. Esse é o princípio da questão. Justiça.

Todos concordaram ansiosamente com a versão muito abreviada e não totalmente verdadeira de Braith, mas Xavier permaneceu imóvel enquanto encarava Aria.



Aria estava começando a odiar os Vales com seu sol e areia sem fim. Os bosques eram agradáveis mesmo nos dias mais quentes e sombrios quando o sol estava mais brilhante. Sentia falta do cheiro deles, daquela mistura revigorante de terra, ar puro e solidão. Não havia nada parecido aqui.

O suor escorria pelas costas, pela testa e entre os seios. A camisa fina que usava estava aderida às costas e ombros. Ela tirou a camisa grudada da sua pele, abanando-se, enquanto empurrava a trança por cima do ombro. Protegendo os olhos, observou através do infinito marrom, procurando por qualquer sinal de vida, mas tudo o que descobriu foi uma sensação vertiginosa de irrealidade e uma ligeira dor de cabeça.

— Como vamos encontrá-los lá fora? — Perguntou ela.

— Nós não vamos. — Confirmou Braith. Ele puxou levemente a ponta de sua trança, sorrindo por um breve momento enquanto a envolvia em torno de seu dedo. — Eles vão nos encontrar.

Isso não soou como uma opção melhor. A cidade desolada era deprimente, mas preferia estar aqui do que abandonada, como muito temia que Braith pretendesse fazer. Em vez disso, ele tinha sido estranhamente razoável em trazê-la com ele, um fato que a surpreendeu até que percebeu que ele não sentia que a cidade de Gideon era mais segura do que aqui com ele.

Aria enxugou o suor da testa, franzindo o nariz em desgosto pelo cheiro que emanava dela. — Eu sinto falta da floresta.

Ela não quis dizer em voz alta, nem queria revelar sua melancolia, mas as palavras saíram antes que pudesse detê-las. A mão de Braith ficou imóvel em seu cabelo e seu corpo ficou duro como pedra. — Eu sei. Eu vou te levar de volta para eles.

Ela agarrou a mão dele e apertou enquanto forçava um sorriso.

— Eu sei.

Braith passou o dedo sobre a bochecha dela, arrastando-o por sua garganta, parando brevemente sobre as marcas em seu

pescoço. Ela sentiu sua sede crescente, mas ele rapidamente a enterrou. — Você nunca terá que deixá-los novamente quando isso acabar.

Ela franziu a testa enquanto apertava a mão dele com mais firmeza contra o rosto. — Mas você precisa estar no palácio para governar.

— Eu não planejo governar nada, Aria.

Choque brilhou através dela e seus dedos tremeram nos dele. Ela não entendeu o que foi dito. Claro que ele iria governar, quem mais faria isso? As pessoas o seguiriam, ele era o próximo da linhagem; era óbvio que tinha que ser ele. — Mas você tem que fazer isso.

Ele balançou a cabeça e abriu a boca para responder, mas um grito interrompeu suas palavras. Aria queria puxá-lo de volta e exigir que ele explicasse sua declaração, mas ele já a estava soltando, saindo do pequeno casebre onde estavam. Havia um grande grupo de homens do lado de fora, a maioria eles eram vampiros, mas boa parte deles também eram humanos armados com arcos e estacas. Infelizmente, essas estacas seriam os seus últimos recursos, pois se um vampiro estivesse tão próximo, era mais do que provável que o humano não sobreviveria ao encontro.

Havia algumas mulheres com eles, mas ela não achava que alguma delas fosse humana, e com toda a honestidade não estava inteiramente certa se estavam lá para lutar, para manter os homens entretidos, ou para tentar colocar suas garras em Braith. Ela estava ciente do fato de que elas observavam cada movimento dele com um forte interesse. Usavam maquiagem, penteados e sorriam sempre que ele estava por perto. Muitas delas acreditavam que Aria era apenas a refeição que o príncipe trouxera consigo para a viagem, mesmo que seu pai fosse o líder rebelde, ela era de pouca importância para eles. Vampiras ou não, elas estavam deixando-a louca o suficiente para qualquer hora, perder a compostura e atacá-las.

Ela se recusou a olhar para qualquer um enquanto seguia Braith até a porta da casa em que haviam se abrigado. Aria precisava ficar mais dura se tivesse que lidar com essas pessoas pelo resto de sua vida ou pela eternidade? Bom, de qualquer forma, demoraria muito tempo, porque não importava o que Braith pensasse, ela sabia que ele seria o único capaz de tirá-los dessa confusão. Ele seria o único a acabar com toda a brutalidade e opressão que eles viviam nos últimos cem anos.

Ele era o único que podia.

Era quase impossível discernir uma coisa da outra na areia movediça e no vento. Ela não viu o que causou o grito ou o que atraiu a atenção do grupo em torno dela. Conversa fiada e fofoca foram interrompidas e os risos desapareceram, o que aparentemente tinha sido algum tipo de evento social excitante para eles, finalmente se tornou algo sério.

Então, através da areia movediça e da luz ofuscante, ela viu um movimento. Braith saiu do prédio e o vento ondulou em seus cabelos, soprando-o em volta do rosto e fazendo-o ficar em pé. A areia escorria sobre ele, cobrindo suas roupas e ombros largos.

Ele parecia alheio às condições meteorológicas medonhas que o rodeavam enquanto estudava o horizonte. Figuras deslizaram pela areia, movendo-se tão rapidamente iguais a fantasmas através do ambiente hostil que eles conheciam tão bem. Braith fez o caminho de volta para a casa e não disse nada quando gentilmente agarrou o braço de Aria. Ele a puxou de volta para a pequena sala lateral, gesticulando para Ashby e William segui-los.

Empurrando a porta com o pé, ele se virou para ela. — Eu preciso que você fique aqui. — Ele ergueu a mão, impedindo seu protesto. — Eu não posso ter você lá fora, Aria. Há o suficiente para

me preocupar, sem ter que me preocupar com você também.

— Mas sua visão...

— Eu estarei perto o suficiente de você para que minha visão não seja afetada drasticamente. Ficarei bem, mas você tem que ficar aqui. —Suas sobrancelhas franziram e ela cruzou os braços firmemente sobre o peito. Era uma lutadora, seu lugar era lá fora, e com certeza absoluta não o queria lá sozinho. — Não brigue comigo sobre isso, por favor. —Implorou Braith.

Esse pedido foi sua ruína, derreteu a vontade de enfrentá-lo. A vulnerabilidade que irradiava dele naquele breve momento era muito mais do que ela podia suportar. Engolindo seu orgulho e sua necessidade de fazer parte da luta, ela concordou com um pequeno aceno de cabeça. Alívio o encheu e a mão dele envolveu a parte de trás do seu pescoço quando ele a puxou e beijou sua testa por um momento fervoroso. Ela o abraçou, saboreando o momento.

— Volte para mim. — Ela sussurrou.

— Sempre. — Ele a beijou novamente e relutantemente a soltou. — Fique com ela. — Ele ordenou a Ashby.

Ashby assentiu e William olhou entre eles, mas sua pergunta

oculta foi respondida quando Braith lhe entregou uma bolsa extra de flechas e gesticulou para que ele o seguisse. Aria lutou contra o desejo de ir atrás deles, correr pela porta e segui-los pelo deserto. Ela estava tremendo com o impulso, lutando para não sucumbir à vontade. Ela poderia ser de ajuda, sabia disso, mas também sabia que seria uma grande distração para Braith. Suas mãos se fecharam em frustração quando uma sensação de desamparo a inundou.

Ashby a observou com uma expressão cautelosa que a alertou para o fato de que ele estava bem ciente do que ela estava pensando. — Você sabe que ele vai me matar se eu acabar tendo que amarrá-la. — Ele avisou.

Aria não pôde deixar de lhe dar um sorriso débil enquanto sacudia a cabeça. — Ele não mataria você.

— Como o inferno que não. — Ashby retrucou.

Aria curvou uma sobrancelha para ele, mas se absteve de discutir. — Eu vou assistir.

— Eu já esperava por isso.

Embora Ashby dissesse as palavras, ele ainda parecia cauteloso quando Aria abriu a porta. Ela estava prestes a enfiar a cabeça para

fora quando Ashby agarrou seu ombro e a puxou de volta. — Ashby...

— Deixe-me ir primeiro.

Ela franziu a testa em desgosto, mas cedeu quando ele a puxou para longe da porta. A conversa bateu nela instantaneamente; ela podia praticamente sentir a excitação palpitante através da sala. Ashby segurou seu braço e a virou na direção oposta tentando sair pela porta.

Ashby a manteve atrás dele, usando seu corpo para protegê-la dos retardatários vagando pela casa. Ele deixou de lado um jovem questionador que olhava para Aria com interesse. Um grunhido baixo emanou do peito de Ashby e a cor sumiu do rosto do homem enquanto ele corria escada abaixo.

— Idiota. — Ashby murmurou baixinho.

Aria esticou o pescoço para observar o jovem. — Ele é humano, Ashby?

— Ele é.

— Então por que ele está tão interessado em nós?

— Porque ele é um idiota. — Aria se virou quando Ashby

colocou uma mão gentil na parte baixa de suas costas, instigando-a antes de retirar rapidamente seu toque. Aria esqueceu tudo sobre o jovem enquanto se apressava até os últimos degraus e quase correu para a janela quebrada no final do corredor. Ela colocou as mãos no peitoril, inclinando-se para observar o grupo se espalhando pela areia. Procurou freneticamente por Braith, mas ele não estava em nenhum lugar entre a multidão e as estruturas degradadas que os rodeavam.

O pânico se apoderou e suas mãos se curvaram ao redor da borda enquanto ela se inclinava mais para fora. Já era ruim o suficiente não poder estar com ele, mas não poder vê-lo era mil vezes pior. Ashby agarrou seu ombro, puxando-a para trás enquanto ele tirava as mãos dela do peitoril.

Ela ficou chocada ao ver sangue subindo em suas palmas e dedos. Havia vidro nas molduras, mas ela não sentiu a dor dos cortes sobre suas mãos.

— Como você conseguiu se manter viva por tanto tempo? — Perguntou Ashby enquanto rasgava as bordas da camisa e usava os trapos para envolver as mãos sangrando.

— Eu não senti isso.

— Eu sei.

Ela voltou o olhar ansioso para a janela enquanto ele soltava suas mãos. — Onde ele está?

O ombro de Ashby pressionou contra o dela e juntos olharam pela janela. — Lá.

Ela seguiu o dedo até um prédio a cerca de cento e cinquenta metros de distância. Ela mal conseguia distinguir a forma de alguém parado na porta de uma pequena cabana. Ele estava meio escondido entre a areia movediça e a luz ofuscante. Embora fosse difícil distinguir completamente a figura, ela soube instantaneamente que Ashby estava certo, era Braith.

Seus dedos se contraíram e ela puxou o arco de suas costas e o apoiou no chão diante dela. Seria complicado conseguir uma mira precisa com tantos seres abaixo, mas ela faria o melhor possível para eliminar o máximo possível. Braith pode não querer ela lá embaixo, mas ele não disse nada sobre ela tomar alguma atitude de sua posição aqui.

Aria observou mais figuras se aproximarem. Gideon havia dito que eles eram atraídos pela presença de qualquer um nas areias do

deserto, que não discriminavam e estando com fome não se importavam com quantos estavam esperando por eles ou quão poderosos eram. A promessa de sangue era um forte motivador para essas almas perdidas e vorazes.

— Você acha que podemos subir no telhado? — Ela perguntou.

— Você quer me ver desmembrado?

Aria riu e balançou a cabeça. — Eu não acho que ele seja tão volátil quanto você o faz soar.

— Não, Aria, ele é. A única coisa que poderia mantê-lo sensato se algo lhe acontecesse, é o fato de vocês ainda não terem completado o *Bloodlink*, mas não duvide por um minuto que ele é capaz de atos muito mais cruéis e brutais do que qualquer coisa que você já viu. Eu percebi que ele é capaz de qualquer coisa quando se trata de você, talvez até mesmo de bater ou matar seu próprio pai. Eu sei, porque faria a mesma coisa se Melinda estivesse ameaçada.

Aria engoliu em seco enquanto lutava contra o rubor tentando subir pelo pescoço e pelo rosto. Ela não estava confortável com o fato de ele conhecer tão detalhadamente a vida íntima deles. — Mas a sua ligação com Melinda está completa.

— Sim, está e isso faz muita diferença. Só não sei o quão diferente é ligação que une vocês. Acho que ninguém sabe...

Havia algo no tom de voz de Ashby, algo secreto e febril sobre seus brilhantes olhos verdes que causou um profundo sentimento de desconforto em seu estômago. Um grito de fora chamou sua atenção e sua mão se apertou ao redor da janela. Os cortes recentes nas mãos doíam, mas não eram profundos nem excessivamente dolorosos. Ela tirou uma flecha da sua aljava, batendo-a contra o arco sem um som.

As criaturas estavam mais próximas agora, misturando-se com o meio ambiente e se moviam tão rapidamente quanto as partículas de poeira dançando no ar. Seus olhos encontraram Braith, seu coração acelerou batendo fortemente contra suas costelas; ela estava certa de que todos podiam ouvir. William estava atrás dele, seu cabelo muito perceptível para o gosto dela.

O ataque foi mais rápido do que esperava. Aria não achava que as criaturas usavam muito a lógica, pelo menos não mais, mas ela não esperava essa investida suicida na cidade. Era como se não se importassem, como se achassem o pensamento de morrer tão importante quanto a promessa de sangue.

Braith tentou coordenar o ataque, mas ela não tinha certeza se

ele poderia coordenar qualquer coisa contra essas criaturas irracionais. Como ele poderia planejar contra algo que havia perdido a capacidade de raciocinar, algo sem senso de autopreservação? Mas de alguma forma Braith fez isso enquanto observava os vampiros, junto com alguns humanos, dividir e fluir em diferentes direções, efetivamente cercando e aprisionando as criaturas entre os prédios. Ela estava bem ciente de que Braith estava no centro do ataque, mesmo através das condições de mudança, podia ver o sangue que o cobria, a velocidade com que ele se movia e a precisão mortal com a qual ele executava a morte dessas coisas.

Ela sabia que ele não gostava do assassinato, ou pelo menos tentava dizer a si mesma porque, no momento, não estava tão certa. A facilidade com que foi feito e a brutalidade de tudo era entorpecente. Ela estava tão focada em Braith que demorou um pouco para perceber que, embora o grupo tivesse cercado as criaturas, Braith era o único que lutava.

— O que eles estão fazendo? — Ela se afastou da janela, determinada a chegar até ele. Ashby entrou rapidamente na frente dela. Naquele momento o vampiro bem-humorado que ela conhecia se foi e, em vez disso, ele era um enorme aborrecimento enquanto efetivamente bloqueava seu caminho. — Sai da minha frente!

— Não.

Por um momento Aria ficou sem palavras, depois fechou a boca e o olhou com raiva enquanto seus dedos se curvavam ao redor do arco. — Eles não estão ajudando-o!

— Eu sei.

— Eu tenho que ajudá-lo!

— Não.

As narinas de Aria se abriram e ela fumegava enquanto se empurrava contra ele. Ashby era como uma parede impenetrável e ele nem sequer teve a decência de fingir que seu empurrão o afetou. — Então me ajude, Ashby, se você não sair do meu caminho, vou atirar em você!

— Não. — Se ele dissesse não para ela mais uma vez, ela realmente iria atirar nele. — Braith suspeitou que isso fosse acontecer.

Sua raiva diminuiu instantaneamente. — O que?

— Eles têm que ver se ele é forte o suficiente para liderar. Este é um teste e ele precisa passar.

— Há muitos deles, ele precisa da minha ajuda!

Ashby sacudiu a cabeça. — Não, ele precisa se concentrar e você não será nada além de uma distração para ele agora. Ele pode fazer isso, Aria, você sabe disso e eu sei disso. Você precisa ficar aqui. Por que você acha que ele me deixou no comando aqui em vez de William? Ele sabia que seu irmão não seria capaz de impedi-la, por favor, não me faça forçá-la a ficar.

Ela não sabia qual sentimento era pior, a raiva ou o terror. Braith tinha suspeitado disso, ele armou todo o esquema e os três tinham conspirado contra ela, e a menos que ela realmente ferisse Ashby, não conseguiria passar por ele. Embora ela pudesse realmente o machucar se Braith precisasse de ajuda, e ainda havia uma possibilidade definitiva de ela atirar em seu irmão quando isso acabasse. William tinha vindo junto com ela e estava a atormentando o tempo todo. Ir lá para fora, sendo imprudente e não confiando em Braith, poderia colocá-los todos em um perigo ainda maior. Ela poderia matá-los.

— Droga! Dane-se ele! — Ela retrucou e girou de volta para a luta. — E maldiçoado seja você!

Ela pensou ter ouvido Ashby murmurar "tarde demais", mas estava tão focada na luta que não podia ter certeza de ter escutado

isso, e não estava com vontade de perguntar.

Seu estômago se contorceu quando o arco caiu frouxamente de volta para o lado dela. Não havia necessidade dele agora. Sua interferência não seria apreciada. Muito lentamente, ela o colocou em suas costas e guardou a flecha. Ela não suportava mais o espetáculo do banho de sangue, mas não poderia se afastar, não até que tudo terminasse e estivesse certa de que Braith estava a salvo.

Morte, essas criaturas receberam a morte. A constatação deixou Aria vazia e abalada. Estes não eram os soldados do rei; estas eram almas perdidas e famintas. Almas, ela lembrou a si mesma, que tinham feito algo para justificar tal destino. O lembrete disso fez pouquíssimo para melhorar o seu estado de espírito. Havia tanto sangue e raiva que ela ficou com medo de ficar doente.

Aria se inclinou para frente quando dois deles se lançavam em Braith. Sua respiração congelou em seu peito quando ele caiu para trás, lutando sob o peso de um deles. Ela mal teve tempo de piscar antes dele agarrar a parte de trás do pescoço e arrancar sua cabeça. Não importava mais o quanto ela ansiava por se afastar, cada grama dela estava focada em Braith.

A mão de Ashby de repente deslizou em torno de sua boca. Ela

pulou e um grito ficou sufocado, quando ele a puxou firmemente contra seu peito. Um dedo apareceu na frente de seu rosto, levantou-se diante dela quando ele a puxou de volta alguns passos e a manobrou para uma sala ao lado. Aria captou apenas um breve vislumbre de pés sujos e pálidos aparecendo no topo dos degraus antes que Ashby fechasse silenciosamente a porta atrás deles.

Capítulo Oito



Ashby a soltou enquanto caminhava rapidamente pelo quarto. Móveis quebrados estavam empilhados no canto, enterrados sob anos de poeira e areia. Desânimo a encheu quando seu olhar se desviou lentamente para o chão. Seus sapatos deixavam pegadas na areia e por mais silenciosos que fossem, não havia como se esconderem.

— Ashby. — Ele se virou para ela, colocando um dedo contra seus lábios enquanto seus olhos se estreitaram em um clarão. A impaciência a encheu quando ela apontou com raiva para os pés deles e depois para a trilha de impressões que haviam deixado para trás. Aparentemente ter sido banido para uma casa na árvore nos últimos cem anos havia entorpecido os sentidos de Ashby, pois levou alguns segundos para entender o que ela estava tentando transmitir. Sua boca caiu ao mesmo tempo em que a maçaneta começou a se abrir.

Aria se inclinou para frente, empurrando seu peso contra a porta

quando esta começou a se abrir. Ela bateu de volta trancando-a. Houve um pequeno momento de silêncio e então grunhidos e gritos excitados começaram a surgir do outro lado. Ashby foi imediatamente para o lado dela e o peso de seu corpo empurrou contra a porta, quando as criaturas começaram a empurrar e bater ansiosamente sobre ela. Entre os dois, Ashby poderia facilmente derrubar uma criatura sozinho, mas a julgar pelos sons e pela força com que eles empurravam contra a porta, havia pelo menos três lá fora.

Seus dedos coçaram para o arco quando uma rachadura apareceu no topo da porta que era velha e não aguentaria muito tempo contra a força dessas criaturas. O olhar de Aria caiu na pilha de móveis velhos e entulhos no canto, mas mesmo se eles o empilhassem contra a porta, não adiantaria nada. Então, ela viu a janela.

— Fique aqui.

— O que!? — Ele se engasgou, lutando para manter a porta fechada quando ela saiu de repente. — Aria! Arianna!

Ela não hesitou quando correu pela sala, agarrou o peitoril da janela e mergulhou no telhado da varanda. Ele rangeu sob o peso

dela, e por um momento ela hesitou, incerta se a madeira velha iria suportar seu peso. Não adiantaria a nenhum deles se a coisa desmoronasse embaixo dela. O telhado rangeu, mas se manteve firme sob seu peso. Usando os braços, conseguiu manter o equilíbrio no telhado íngreme e depois, correu para os fundos da casa.

Aria ouviu algo embaixo dela e olhou para baixo para encontrar mais duas criaturas seguindo seus movimentos, ansiosamente pulando para cima e para baixo enquanto esperavam que ela caísse.

Alcançando a parte de trás da casa, ela mergulhou em outra janela quebrada que dava para outro quarto que tinha um chuveiro quebrado. Ela pensou pouco em sua engenhoca favorita quando puxou o arco de suas costas. Batendo duas flechas contra ela, usou a ponta de uma para empurrar a porta aberta. Ela foi capaz de enfiar a cabeça para fora o suficiente para ver que havia quatro deles no corredor batendo na porta, empurrando, forçando e grunhindo avidamente enquanto pulavam um em cima do outro na tentativa de ser o primeiro a entrar. Eles conseguiriam se tivessem a chance.

Ela virou o arco para o lado, mas não viu nenhuma chance de um tiro certeiro em nenhum dos seus corações, e com duas flechas era improvável que atingisse o coração de qualquer maneira. Mas pelo

menos prejudicaria dois deles, e talvez o cheiro de sangue os ajudasse a se voltarem uns contra os outros. Aria usou o cotovelo para abrir a porta completamente. Quatro cabeças se voltaram quando ela entrou no corredor, mirou e atirou.

Um guincho irrompeu de uma das criaturas quando ela tropeçou para trás com uma flecha presa firmemente em sua garganta. Outra caiu de joelhos pela flecha na canela. Sangue jorrou, mas os outros dois não foram atrás de seus irmãos caídos como ela esperava. Em vez disso, eles se concentraram mais intensamente nela; seus olhos ansiosos eram como rubis reluzentes, com suas presas pendendo sobre os lábios inferiores. Um deles empurrou para o lado a criatura que ela tinha atirado no pescoço.

Aria rapidamente puxou mais duas flechas e as disparou rapidamente. Uma delas atingiu seu braço, mas não o atrasou nem um pouco, a outra flecha bateu inutilmente na parede. Ela estremeceu ali por um momento, uma constatação do seu erro fatal. Aria deu um passo para trás, precisando colocar mais distância entre eles, para tentar ter alguma nova chance. Eles correram para ela e Aria atirou. Desta vez, acertou os dois, sendo um deles um golpe mortal que fez a criatura recuar uivando de dor enquanto se debatia no chão. O outro foi atingido no ouvido, mas nem sequer recuou e se lançou para ela

com os dedos em forma de garras e soltando um grunhido feroz,

Ela mal teve tempo de jogar seu arco de lado e agarrar sua estaca antes que o vampiro caísse sobre ela. Ela caiu para trás, saltando pela areia do chão, enquanto deslizavam para junto de uma parede. A respiração foi arrancada dela e estrelas explodiram diante de seus olhos quando sua cabeça bateu contra a parede. Lutando para se manter consciente, ela conseguiu levantar as mãos entre eles quando a coisa avançou. O vampiro rugiu para ela a poucos centímetros de seu rosto. Era forte, muito mais forte do que ela, e ela já podia sentir o enfraquecimento em seus braços quando ele atacou novamente.

Seus dedos correram sobre a estaca e ela tentou torcer em um ângulo que seria benéfico para atingir a criatura, mas era quase impossível pois a coisa se debatia na ansiedade e excitação de sede de sangue. A adrenalina subiu e seu instinto de sobrevivência assumiu a situação dando-lhe uma força que lhe permitiu cravar totalmente à estaca na criatura impetuosa, mas agora cambaleante.

O grito perfurou seus tímpanos, soprando seu cabelo para trás, enquanto a criatura gemia em agonia. Ela se virou, e horror a encheu quando o vampiro começou a convulsionar antes de finalmente se afastar dela. Aria não podia se mover, pois suas costas estavam

pressionadas contra a parede enquanto seus dedos se curvavam na areia grossa do chão.

Enquanto ficava imóvel, por trás da repulsa e do terror, Aria sentiu uma estranha sensação de alegria. Ela acabou de espancar um vampiro e combateu com ele com as mãos livres. Tudo bem, era um vampiro irracional e enfraquecido, mas ela ainda o derrotou, e se manteve viva.

Encostou-se na parede, quando Ashby apareceu e puxou a flecha da garganta da outra criatura que havia acertado antes, e enfiou no peito da criatura. Ele empurrou a coisa e Aria foi capaz de ver que ele já tinha despachada a outra. O olhar de Ashby veio lentamente para ela. Seus olhos estavam vermelhos e sangue manchava sua face direita.

— Você está bem?

Aria conseguiu um pequeno aceno de cabeça. — Sim.

Ele limpou o sangue do rosto, balançando a cabeça enquanto examinava o dano ao seu redor. — Impressionante, mas não vamos contar a Braith sobre isso.

Uma risada baixa escapou-lhe e ela endireitou-se contra a

parede. Aria estava prestes a concordar quando um grunhido à sua esquerda congelou as palavras em sua garganta. — Muito tarde.

A cor sumiu do rosto de Ashby quando ele deu um passo para trás. O cabelo subiu na nuca enquanto ela se virava lentamente para as escadas. Ela podia praticamente sentir a fúria irradiando dele enquanto seus olhos se fixavam nos de Braith. Ele estava imponente e seus ombros largos ocupavam a maior parte da escada, coberto de sangue que manchava sua camisa e as calças, passando pelo cabelo e espalhando-se pelo rosto.

Aria ficou imóvel, aterrorizada com o que ela sentia emanar de dentro dele. Ela sabia que ele era selvagem e temperamental, mas agora Braith parecia totalmente primitivo. Seus óculos estavam no lugar, mas mesmo atrás das lentes escuras ela podia ver a tonalidade sombreada de seus olhos de cor carmesim. Xavier estava logo atrás dele olhando para ela maravilhado. Atrás de Xavier, Aria viu William e depois Gideon enquanto este lutava para passar por eles e ir até sua irmã.

Foi o alarme nas características faciais de Gideon, que a fez se levantar. Por um momento, ela esqueceu o golpe na cabeça e ficou um pouco tonta quando se levantou. Ela deu um passo cambaleante antes

de cair contra a parede. Ashby recuou ainda mais quando Braith saiu da escada. Ela não culpava Ashby, nunca tinha tido medo de Braith antes e estava certa de que ele nunca iria machucá-la, mas nesse momento até ela estava aterrorizada com sua fúria. Seu temperamento não era dirigido a ela, mas era volátil e estava procurando apenas por um estopim para explodir.

Aria se desencostou da parede, ficando em pé, quando Gideon alcançou Xavier. Os olhos de Gideon encontraram os dela enquanto ele descansava a mão no ombro de Xavier. Xavier não estava se movendo, ele estava muito focado nos eventos que se desenrolavam na frente dele.

— Estou bem, Braith. — A mandíbula dele cerrava e afrouxava, o vermelho de seus olhos se aprofundou. Aria engoliu em seco quando levantou as mãos diante dela. — Veja, eu estou bem.

— Você está sangrando. — As palavras foram chiadas atrás de seus dentes cerrados.

Ela se esqueceu do vidro quebrado. — É das janelas, Braith. Eu não percebi que ainda havia vidro quebrado nelas.

Nada do que ela disse, fez com que ele acreditasse e não o

impediu de virar lentamente cabeça em direção a Ashby. Ele era como um lobo perseguindo sua presa enquanto suas narinas se dilatavam. Ashby deu outro passo para trás, enquanto Braith caminhava lentamente pelo corredor em sua direção. Ele estava a apenas dois metros de distância dele agora, e Aria tinha que tentar alcançá-lo a tempo, antes de ele chegar até Ashby.

O que havia de errado com ele?

Ela não sabia a resposta para isso, mas parecia que ele estava dirigindo toda sua fúria à Ashby. — Você tinha um trabalho, apenas uma coisa a fazer. — Ashby deu outro passo para trás quando Braith se aproximou dele. Pânico a encheu quando ela percebeu que ele iria atacar Ashby. Não importava que ela estivesse bem, nem que eles tinham conseguido matar quatro deles. — Tudo o que você precisava fazer era garantir que ela ficasse segura. — Rugiu baixinho Braith.

Aria se afastou rapidamente da parede, ela tinha que tentar algo. Se Braith corresse em direção à Ashby, não haveria como impedi-lo. Xavier deu um passo para o corredor para ver o que estava prestes a acontecer. Gideon tentou passar por ele, mas Xavier esticou o braço, bloqueando sua aproximação. — Eu quero ver o que acontece. — Ele murmurou.

Aria ficou confusa com as palavras do vampiro. Gideon parecia que ia protestar, mas permaneceu em silêncio enquanto dava um passo para longe. William estava pálido e tentou passar por eles, mas Xavier e Gideon bloquearam sua tentativa. Eles não iam ajudá-la? Pelo menos ajudar à Ashby?

Ela não teve tempo para contemplar a resposta enquanto Braith continuava a rondar em direção a Ashby.

Melinda! Ela mal conhecia a irmã mais nova de Braith, mas sentia um laço com a mulher bonita e orgulhosa. Se Ashby fosse destruído, Melinda também seria. Além disso, ela também meio que se apegou ao vampiro arrogante que estava no canto do corredor.

Aria se jogou na frente de Braith, abrindo os braços enquanto se esforçava para colocar ar em seu peito, que de repente se encontrava em pânico. — Eu estou bem! — Ela ofegou. — Olhe para mim, Braith. Olhe para mim! — Pareceu uma eternidade antes que aqueles olhos vermelhos se voltassem para ela. Não houve suavização neles, nem nenhum reconhecimento de suas palavras. Sem pensar, ela rasgou as bandagens de suas mãos para revelar os cortes rasos que tinham sangrado apenas levemente. Seus olhos brilharam ainda mais quando se agarraram nas gotas de sangue que brilhavam em sua pele. Ele

estava com fome? Esse era o problema? Não, isso era algo mais. Ele foi pego em alguma coisa, e pela primeira vez ela não tinha certeza se ela seria o suficiente para ele.

— Braith. — Era um pedido baixo, um sussurro desesperado. Ele agarrou seus braços quando ela estendeu-os para ele. Seu corpo estava rígido, seus músculos travados, mas seu aperto era surpreendentemente suave. Ela esperou por um momento que ele tivesse recuperado os sentidos, mas então, ele a estava tirando do caminho.

— Braith, espere.

Aria se contorceu em seu domínio tentar tirá-lo do que o tinha enredado. Seus dedos empurraram as mangas de sua camisa, ela precisava sentir sua pele e esperava que o contato o trouxesse de volta para ela, mas isso não parecia estar ajudando.

— Aqui. — Ela sussurrou com fervor. Agarrando sua mão, pressionou contra o seu peito, sobre o local onde o coração dela batia. Ela não tinha ideia do que estava fazendo. — Aqui, Braith. Sinta, eu estou bem.

O reconhecimento pareceu brilhar através dele e houve um

vacilar, um abrandamento que despertou alguma esperança dentro dela. Seus dedos se esticaram contra ela e se contraíram levemente para depois se enrolarem em sua camisa, em sua carne. Puxando-a contra ele, sua testa caiu na dela. Alívio fluindo através deles, quando ela apertou a mão dele enquanto o ar voltava para os pulmões.

— Viva. — Ele sussurrou.

— Sim, claro. —Ela afirmou suavemente.

Então, antes que ela soubesse o que ele estava fazendo, Braith envolveu a mão em volta do seu pescoço e puxou-a para perto. Sua boca estava no vão de seu pescoço, seus lábios pressionados contra as marcas dele em sua pele. Aria ficou completamente imóvel, ela lhe daria tudo o que ele precisava, mas sentia mais por trás disso. Ela sentiu algo sombrio e desesperado, quando seus lábios se afastaram. Um arrepio passou por ela enquanto suas presas roçavam sua carne, pressionando contra ela. O braço dele segurou a cintura dela, arrastando-a contra ele, pressionando o corpo dela contra o dele.

Seu coração saltou loucamente enquanto Aria esperava por sua mordida. Ansiava por isso, talvez até mais do que ele. Seus dedos se curvaram em suas costas e ela esqueceu sobre os outros que estavam no corredor observando, ela não se importava mais com eles. Estava

muito envolvida nele e na picada provocante de suas presas.

E então, justamente quando ela pensou que poderia gritar o que sentia e que estava sufocado dentro dela, ele finalmente a mordeu profundamente. Um suspiro profundo escapou dela, mais de prazer do que de dor. Seus dedos se curvaram em seu cabelo, enquanto o segurava mais apertado junto a ela, quando sentiu a atração tentadora de seu sangue em ondas profundas e lentas. Sua cabeça caiu contra ele e ela se viu muito além da preocupação por sua segurança; era o prazer que seu sangue lhe dava e enlaçava os dois.

Aria tinha acabado de começar a se perder quando ele cortou o vínculo entre eles. Ela sentiu a perda agudamente quando ele a embalou. — Você me apavora. — Ele sussurrou.

Ela conseguiu dar uma risadinha. — O sentimento é mútuo.

Ela percebeu que tinha dito a coisa errada quando ele endureceu contra ela. — Eu nunca prejudicaria você, Aria. — Ele disse irritado.

Ela não ficou surpresa ao descobrir que eles estavam sozinhos no corredor; Ashby tinha sido inteligente para usar a distração de Braith como uma chance de escapar... assim como os outros. — Eu sei disso. — Ela correu os dedos suavemente pelo seu rosto e puxou os

óculos jogando-os no chão. — Eu sei que você nunca iria me machucar. — Ela o assegurou. — Mas e Ashby? O que foi isso? O que você estava pensando? Você ia matá-lo.

Ele abriu a boca e ela pensou talvez que fosse para protestar sua declaração. Em vez disso, fechou-a novamente e, carinhosamente, colocou os dedos sobre as marcas frescas que deixou no pescoço dela. — Eu teria, sim. — Ele admitiu.

Ela não ficou surpresa com a admissão. — Por quê?

Ele balançou sua cabeça e suas sobrancelhas se franziram quando um breve olhar de confusão cruzou seu rosto. — Eu não sei. — Ela sabia que o matou admitir isso, mas não havia como negar. — Eu vi você, naquele telhado, sangrando. Eu pensei que você fosse morrer. Eu te deixei com ele, para te proteger, e... — Sua voz se interrompeu. Aria o acariciou, procurando acalmá-lo quando seus olhos distraídos encontraram os dela. Havia tanta angústia e confusão em seu olhar que lhe roubou o fôlego. — Eu acabei enlouquecido.

Ele odiava reconhecer qualquer fraqueza, e isso era exatamente o que ela era, uma fraqueza que ele não podia manter completamente protegida, não importava o quanto tentasse. E não importa o quão forte ou quão rápido ou quão capaz ela fosse, ela também era uma

mortal que tinha um relógio de vida e que de repente ouvia tique-taque muito alto dentro de seu peito.

— Há muito risco para você aqui. Eu não deveria ter te deixado, mas confiei em Ashby para cuidar de você.

— Não foi culpa dele, Braith, ele me protegeu.

— Você estava no telhado, Arianna.

Ela forçou um sorriso, esperando aliviá-lo de alguma forma. — Não é tão diferente de uma árvore, pouco mais do que um campo, menos galhos, mas ainda de madeira.

Ele não estava achando nada divertido suas afirmações. — Você poderia ter quebrado o seu pescoço.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele. — Dificilmente. — Ela bufou.

— Aquela madeira tem mais de cem anos!

— Eu sei onde colocar meus pés. — Ela interrompeu bruscamente diante do olhar irritado que ele atirou nela. — Você tem que parar de me tratar como se eu fosse incapaz. Posso não ser tão forte quanto você, posso não ser imortal, mas sou muito mais capaz

do que a maioria de cuidar de mim mesma. Acabei de derrotar um vampiro numa luta a mão livre. Ninguém faz isso, Braith, ninguém. E você não deveria falar nada. Você me deixou na ignorância sobre suas suspeitas lá fora! Você se colocou em risco também.

Sua mandíbula trabalhava enquanto seus dentes rangiam. Ela estava preparada para uma briga, mas não estava preparada para o roçar dos lábios dele contra os dela, ou para a onda de calor que se acumulou em sua barriga, fazendo com que um pequeno suspiro escapasse. — Eu preciso de Ashby, Jack e Gideon, e sim, confio em Gideon o suficiente para ajudar a protegê-la. Se eles falharem...

— Ashby não falhou. Nós fomos emboscados, Braith. Não havia maneira de alguém saber que eles iriam se esgueirar atrás de nós assim. Ele me salvou.

— Eu diria que você o salvou. — Ele replicou.

Aria sorriu e o cutucou em seu estômago rígido. — Quem poderia imaginar que eu, dentre todas as pessoas, teria o hábito de salvar vampiros? —Ela ironizou com um sorriso.

Ela foi finalmente capaz de persuadir um sorriso nele, um que derreteu seu coração e fez seu próprio sorriso se expandir. Era tão

raro ele sorrir. Aquecia seus olhos defeituosos e amenizava os ângulos duros de seu rosto. Se o sorriso fosse grande o suficiente, de vez em quando uma covinha apareceria. Ela era a única que chegou a vê-lo assim, relaxado, quase vulnerável e, oh, maravilhosamente tranquilo, como se não houvesse tantos problemas para resolver.

— Certamente não eu. —Respondeu Braith sorrindo. — Mas algo poderia ter acontecido...

Aria ficou triste quando seu sorriso desapareceu e seu rosto ficou tenso novamente. Um dia, ela prometeu, um dia ele iria sorrir mais vezes. Ela se certificaria disso. E ele riria, pelo menos uma vez por dia, de preferência mais. — Sempre vai ser assim, Braith? Ashby disse que você era volátil, eu disse a ele que não, mas ele estava certo, não estava?

— Eu acho que ele estava.

Ela o olhou, esperando que ele dissesse mais, mas Braith permaneceu em silêncio. — É por minha causa?

— Não. — Ele franziu a testa, balançando a cabeça. — Bem, sim, mas não é como você pensa, Arianna. — Ele segurou as mãos dela, pressionando-as contra o peito. — Aqui, meu coração pode não bater,

mas está lá e eu estou ciente disso agora por sua causa. Não suporto a ideia de te perder, é só... — Ele parou enquanto seu olhar se dirigiu para a janela no final do corredor. — Eu morreria por você e não pensaria duas vezes sobre isso. Não vou e nem posso arriscar perder você. Eu preciso que você fique comigo.

Ela ficou impressionada com as palavras dele. — Claro que eu vou.

— Viva, Arianna. Eu preciso de você viva e parece que existem muitas coisas contra você permanecer assim.

—Se eu me tornasse uma vampira...

Ele endureceu tão repentinamente que ela parou de falar no meio da frase. — Não!

— Mas...

— Eu disse não. É muito arriscado, não vou arriscar.

Ele ia se afastar, mas ela segurou o braço dele. — Braith, eu vou morrer, não importa como ou quando...

Ele se encolheu quando a dor cintilou em seus olhos. — A maioria dos seres humanos não sobrevive à transformação.

— Mas alguns sobrevivem. — Ela retrucou.

Ele passou a mão pelo cabelo angustiado. — Sim, claro, alguns sobrevivem.

— O que os torna diferentes?

Ele deu de ombros e segurou a mão dela. Seu polegar correu devagar por trás de suas juntas, fazendo com que arrepios de prazer subissem sua espinha. Ela não achava que ele estava ciente do efeito que tinha nela. — Eu não sei. Ninguém realmente sabe. Talvez seja apenas pura força ou destino.

— Força? — Ela cutucou quando ele não continuou.

Braith balançou a cabeça e seus olhos finalmente pareciam se focar nela novamente. — É extremamente doloroso para um humano. Eu só vi isso acontecer uma vez e o homem não sobreviveu. Eu não vou te colocar nisso.

— A quem você viu acontecer?

Ele acenou com a mão distraidamente. — Algum jovem camponês com quem um vampiro estava brincando. Foram anos atrás, antes mesmo de termos tomado o controle.

Aria engoliu em seco. — Mas se há uma chance...

— Não.

— Eu sou forte, Braith. Mais forte que a maioria. Eu posso lidar com a dor...

— Isso é mais do que apenas dor, isso é a morte.

— ... melhor do que a maioria das pessoas. — Ela continuou como se ele não tivesse falado.

— Suas entranhas se transformam em algo diferente, seu coração deixa de bater; seu corpo entra em rigor mortis...

— Sou mais forte que a maioria das pessoas! Acabei de derrotar um vampiro num combate corpo a corpo. Eu posso sobreviver a isso.

— Você não terá a chance de descobrir.

Aria balbuciou quando indignação a encheu. Sua teimosia estava realmente começando a irritar seus nervos. — Se Saul pode sobreviver...

— Saul? — Ele perguntou surpreso.

Ela cruzou os braços sobre o peito e começou a bater o pé. — Sim,

Saul. Eu suponho que ele já foi humano, ele é velho.

Os lábios carnudos de Braith se curvaram em um pequeno sorriso. — Saul nunca foi humano.

—Eu não entendo. Ele tem cabelos grisalhos e rugas. Vocês finalmente envelhecem?

Seu polegar parou de acariciar sua pele e sua mão girou na dela enquanto a segurava. Seu olhar focou em sua mão por um momento. Ele a estava estudando como se nunca tivesse visto ela antes. Aria se inclinou para frente para olhá-lo, surpresa pelo olhar distante em seu rosto. Ele moveu os dedos dela, lentamente traçando os ossos de cada um.

— Braith. — Ela sussurrou, lutando contra a reação que seu corpo tinha ao seu toque delicado.

— Não, nós não envelhecemos. — Ele finalmente afirmou. — Em algum momento, aos vinte anos, alcançamos a maturidade e paramos de envelhecer. Eu tinha vinte e dois quando aconteceu. Por alguma razão, Saul não parou de envelhecer até quase cinquenta anos. Já aconteceu antes, é raro, mas já ocorreu.

A boca de Aria se abriu em um pequeno suspiro com a estranha

e fascinante informação. Ela nunca teria suspeitado que tal coisa pudesse ocorrer. — Já houve um que nunca parou de envelhecer e morreu?

Braith deu de ombros e suas mãos moveram-se lentamente pelos braços dela enquanto ele a puxava um passo mais perto. — É uma possibilidade, havia alguns antes de mim. — Disse ele com um sorriso provocante que derreteu seu coração. — Suponho que poderia ter acontecido então, mas desde que estou vivo nunca ouvi falar disso. Sei de um vampiro que envelheceu até quase setenta anos antes de parar, mas esse é o mais antigo que conheço.

— Como isso é possível?

— Você conhece a lenda da raça dos vampiros? — Ela balançou a cabeça negativamente. — Você já ouviu falar de Deus?

Ela franziu a testa, confusa com a pergunta. — Eu já ouvi falar dele, dela? Algumas das pessoas na floresta falavam de Deus, até tinham cerimônias, mas a maioria não entendia realmente o que era.

— Isso é uma coisa que não mudou em cem anos. — Humor seco que parecia estranhamente fora do lugar tingiu sua voz.

— E isso é por causa dele?

— Não.

— Então, o que esse Deus tem a ver com qualquer coisa?

— Dizem que Deus criou o primeiro homem, os humanos, à sua imagem. Deus também criou anjos para servi-lo, e para proteger e guiar a raça humana, mas entre os dois, o homem era o favorito de Deus. Um desses anjos, Lúcifer, foi expulso do céu porque não aceitou ser a segunda opção. Diz-se que, a caminho do Inferno, para punir Deus e infligir dor e medo entre a raça humana, Lúcifer também criou algo à sua imagem para andar na Terra. Um demônio que se parecia com o homem, mas tinha o vasto poder do anjo e se alimentava do homem. Ele criou o primeiro vampiro.

— Sua velocidade e força. — Ela murmurou.

— Sim, nossa imortalidade, nossa sede de sangue é tudo o que está ligado ao demônio que Lúcifer se tornou. As peculiaridades que às vezes afetam nossa raça são supostamente porque também há homem dentro de nós.

A cabeça de Aria estava girando. — Você acredita nisso?

Ele deu de ombros distraidamente. — Foi o que foi dito ao longo dos anos, mas eu não sei ao certo, ninguém sabe.

— E se você me transformar, você acredita que eu vou me tornar um demônio ou que o demônio é o que vai me matar?

— Você já é um pequeno demônio. — Ele riu do olhar severo que ela atirou nele. — Mas não, eu não acredito nisso. Acredito que a perda do seu sangue e o súbito influxo do meu, é o que vai te matar. Eu acredito que o trauma em seu corpo, a mudança do seu sistema para o nosso é o que vai te matar, mas não acredito que você vai se tornar um demônio, ou ser infectado por um. A maioria de nós é mais frio e mais insensível do que os humanos, sentimos as coisas mais agudamente, nossas necessidades são mais intensas, mas controlamos nossas ações e não somos governados por algum demônio dentro de nós. É por isso que Ashby ama Melinda, porque minha mãe morreu por Melinda, porque Gideon estabeleceu um sistema de igualdade. É por isso que te amo. Se fôssemos governados por um demônio, nada disso seria possível. Alguns de nós parecem se relacionar mais com o seu lado anjo ou humano, e alguns com o demônio.

— Agora posso entender. — E embora estivesse fascinada com o que ele estava dizendo a ela, mal estava prestando atenção à conversa quando as mãos dele apertaram o rosto dela e ele a beijou levemente.

Capítulo Nove



Braith permaneceu em silêncio, com os braços cruzados sobre o peito, enquanto observava Aria se mover pela sala com uma graça sutil. Ela não sabia que ele estava lá enquanto estudava as ligações de sangue nos livros com ávido interesse. Suas mãos estavam dobradas atrás das costas e ela se recostou em seus calcanhares antes de se inclinar para frente novamente. Havia um sorriso melancólico em seu rosto que o encantou.

Ele não achava que jamais iria superar o efeito poderoso que ela tinha sobre ele. A influência que ela tinha sobre o seu coração embrutecido. Ela recostou-se nos calcanhares novamente. — Você vai ficar aí o dia todo? — Ela perguntou.

— Eu não sabia que você percebeu minha chegada.

A luz do sol iluminou seus traços quando ela inclinou a cabeça para estudá-lo. — Eu sentiria a sua presença em qualquer lugar. — Por um momento ele foi roubado de todo o sentido da razão. Seus

dedos doíam com a necessidade de tocá-la, abraçá-la. Ficando na ponta dos pés, ela tirou um livro da prateleira. — Você gostaria de ler comigo?

Ele não gostaria de nada mais além de se aconchegar e ler com ela, mas não foi por esse motivo que ele veio para cá. Ela pareceu sentir isso quando seu sorriso se apagou e ela enfiou o livro debaixo do braço. — O que foi?

— Eles vão votar se estão ou não dispostos a se juntar a nós. Eu pensei que você gostaria de estar lá.

— Eu gostaria. — Ela concordou. Sua mão deslizou na sua estendida. Ele a segurou por um momento, simplesmente saboreando-a enquanto ela o observava. — O que você acha que eles vão votar?

Braith sacudiu a cabeça. — Eu não sei. Cuidei dessas criaturas e apesar de provavelmente haver mais delas, não são agora uma grande ameaça. Eu acho que passei no teste deles. Acho que provei que, apesar de estar cego, ainda sou mortal o suficiente para liderar.

— Você acha que eles suspeitam que você pode ver quando eu estou perto?

Ele encolheu os ombros. — Eu não acredito, embora Xavier tenha visto muito mais do nosso relacionamento do que eu pretendia que ele visse, mas ainda assim não acho que ele vai dizer nada. Por enquanto ele vai preferir assistir, ouvir e aprender.

— O que ele quer aprender?

— Tudo e qualquer coisa. A linhagem de Xavier sempre foi a do Guardião dos Registros. Ele conhece mais da nossa história do que ninguém. Sua partida foi um grande golpe para o meu pai. Xavier vê muito mais do que a maioria e processa as coisas de maneira diferente. Ele manterá o que viu para si mesmo até poder descobrir o que fazer a respeito.

— Você acha que ele vai fazer algo ruim com isso?

— Não se ele quiser viver. Xavier, embora sua lealdade original fosse com meu pai, é um homem de pensamento e aprendizado, não de ação e violência. Ele é lógico e justo. Ele virá para mim quando estiver pronto para me confrontar sobre você, antes que ele vá até eles. Ele procurará respostas primeiro.

— Eu acho que você está certo, ele parece muito curioso sobre nós. — Ela balançou de volta em seus calcanhares novamente. — Eles

vão concordar em nos ajudar.

— E o que te faz tão certa disso?

— Porque é impossível não seguir você.

Ele riu e pôs o braço dela no dele. — Estou feliz que você acredite assim.

Ela o puxou por um momento, fazendo-o parar na porta da biblioteca. Sua mão apertou ao redor de seu braço, seus olhos estavam cheios de determinação. — Eu não acredito nisso, Braith. Eu sei que sim. Eles seguirão você porque eles reconhecem a força quando veem, porque eles acreditarão em você, e você ganhará. — Ele estava maravilhado e humilhado pela quantidade de fé que ela tinha nele. Ela sorriu, um sorriso que iluminou seu rosto e fez seus olhos brilharem enquanto ela divertidamente batia em seu quadril. — Só não deixe isso subir à sua cabeça quando você se tornar rei.

Ele não conseguiu encontrar as palavras para lembrá-la de que não tinha intenção de se tornar rei; estava muito atordoado. Ela se afastou olhando para a sala de jantar em que todos estavam reunidos. Ela apertou sua mão antes de relutantemente soltar e nervosamente enfiar o livro debaixo do braço. — Você pode fazer isso, Braith. — Ela

sussurrou.

Ele tinha certeza de que poderia fazer qualquer coisa se ela estivesse ao seu lado. Ele queria alcançá-la novamente e puxá-la de volta contra ele, caminhando orgulhosamente para aquela sala com ela, mas sabia que já tinha permitido muito ao escorregar na frente de Xavier.

Aria entrou na sala primeiro e caminhou até o lado do irmão. William a estudou antes de acenar para Braith. Os outros já haviam se reunido ao redor da mesa, a cadeira na cabeceira estava vazia enquanto esperava ansiosamente por ele. Braith descansou os dedos no topo da mesa, e enfrentou as pessoas poderosas cuja ajuda ele precisava desesperadamente, isso se quisessem ter qualquer chance de vencer essa guerra.

— Vocês discutiram e têm as suas decisões? — Ele perguntou.

— Nós temos. — Xavier confirmou e seus olhos escuros piscaram brevemente para Aria. Frustração encheu Braith; sua perda momentânea de controle no corredor antes, colocou Aria em um perigo ainda maior. Ela encontrou o olhar inquisitivo de Xavier com um elevar de suas sobrancelhas que de alguma forma conseguiu fazê-la parecer ainda mais inocente e ingênua. Mas Braith podia ver que

Xavier não comprou essa faceta nem por um instante.

— Eu vou lutar com você. — Confirmou Xavier. — Você provou que é capaz o suficiente para conquistar minha lealdade, e eu nunca concordei com as políticas de seu pai. Eu acredito que as suas serão mais justas. — Seus olhos piscaram brevemente para Aria novamente.

Braith teve que se forçar a não olhar para ela. — Elas serão. — Assegurou ele.

— Eu também vou lutar com você. — Barnaby confirmou. Braith sentiu uma apreensão momentânea, pois ainda não sabia como se sentir em relação a Barnaby, mas pelo menos desta vez estava tomando uma posição em vez de covardemente esperar até o fim. Talvez os últimos cem anos tivessem realmente mudado ele. Ashby fez uma careta, mas permaneceu em silêncio. — Eu tenho esperado por este momento por muito tempo.

— Eu gostaria de conversar com meu povo, mas acredito que eles concordarão em ajudar. — Saul cruzou as mãos nas mangas do manto, a cabeça inclinada. Ele sempre foi tranquilo, reservado, com um ar de dignidade que foi reforçado por seus aparentemente vastos anos, embora ele fosse quase duzentos anos mais jovem que Braith. — Construímos uma vida boa aqui, mas estamos bem conscientes do

fato de que é ela é frágil e apenas uma tentativa na melhor das hipóteses. O rei ainda envia aleatoriamente grupos de busca atrás de nós, e não há garantia de que não seremos descobertos e expulsos em algum momento. A guerra não oferece promessas, nem paz nem estabilidade, mas a esperança de um futuro cheio de segurança provavelmente os influenciará, assim como a chance de deixar os Vales e voltar para uma casa que a maioria de nós ainda sente falta.

— Eu também preciso conversar com meu povo antes de irmos atrás dessas criaturas. — Disse Calista. — Mas quero minha pátria de volta. Nós estabelecemos um bom sistema aqui, mas estou farto de poeira, calor e areia. Assumo que aqueles de nós que se juntarem a você também serão recompensados .

— Sua riqueza será devolvida para você. O Conselho será estabelecido como o corpo governante novamente, assim como os assentos nele e você terá a mesma palavra dentro dele, priorizando a maioria como governante. — Assegurou Braith.

— Mesmo os humanos? — Frank perguntou.

Braith assentiu. — O que você estabeleceu aqui será o modelo no qual a nova regra será baseada. Os humanos governarão conosco e os vampiros e humanos que não seguirem as regras serão punidos de

acordo.

— E quanto aos escravos de sangue? — Frank pressionou.

Apesar de tudo, Braith sentiu o olhar cintilar em Aria enquanto ela se mexia desconfortavelmente. Embora poucas pessoas nesta sala soubessem que ela já tinha sido sua escrava de sangue, ainda era um assunto delicado. — Se formos bem-sucedidos, nenhum ser humano será forçado a ser um escravo de sangue novamente.

Foi apenas o ligeiro tremor do queixo de Aria que insinuou qualquer sinal de angústia dela. Ele não podia fazer com que aqueles dias sumissem, e mesmo se pudesse, não faria. Se ela nunca tivesse sido capturada e sido levada para o palácio como uma escrava, ele nunca a teria conhecido. Ele não estaria aqui agora e nem ela. Aria estava em perigo agora, mas sua vida até aquele momento não passara de perigos. Ele odiava, mas pela primeira vez via as coisas pela perspectiva dela e pela primeira vez entendia sua total falta de medo em relação a qualquer coisa.

Aria não temia nada porque vivia com a constante ameaça de morte todos os dias de sua vida, o que continuava a mesma coisa agora, mas finalmente havia esperança para ela. Finalmente, havia uma luz no fim de um túnel que antes só estava escuro. Ela faria

qualquer coisa por essa luz, qualquer coisa e tentou dizer isso a ele, tentando fazê-lo entender que se tratava de uma batalha que ela abraçou de todo o coração, com entusiasmo e com uma determinação que poderia até mesmo ultrapassar a dele, mas ele era teimoso demais para escutar. Braith precisava dar-lhe mais liberdade ou esmagaria o belo espírito pelo qual se apaixonou em primeiro lugar.

O pensamento de perdê-la era quase o suficiente para deixá-lo de joelhos, mas ele percebeu que preferia vê-la morta do que destruída por sua incapacidade de deixá-la ser quem ela era.

Ele quase pegou a mão dela, mas felizmente caiu em si antes de fazer algo precipitado. Sua vida poderia não ser mais precária agora do que antes, mas se ele revelasse seus sentimentos por ela, seria muito pior.

Ele se afastou enquanto se concentrava em Frank mais uma vez. — Você e David terão uma palavra sobre como as coisas vão acontecer depois. Vocês dois terão assentos no Conselho para representar seu povo. Se houver outros líderes humanos entre os rebeldes, tenho certeza de que David os trará à minha atenção.

— Não há outros. — Informou William.

— Os humanos terão a mesma palavra que os vampiros? — Frank persistiu.

— Sim, os humanos terão uma palavra igual. — Assegurou Braith.

— E um líder também precisará ser nomeado. — Os olhos cor de avelã de Gideon estavam turbulentos quando encontraram os dele.

— Não é realmente necessário um líder. — Braith olhou para Gideon, em silêncio, advertindo-o para recuar.

— Sempre há necessidade de um líder. Um líder terá que realizar os resultados de qualquer voto e terá que esmagar qualquer disputa interna. Um líder será necessário para garantir que justiça, a verdadeira, seja realizada. E todos os humanos e vampiros, precisarão de alguém para seguir. Há uma necessidade de um líder, um líder forte que possa governar e analisar cada ponto do que será um período difícil de transição para todos os envolvidos, já que estes serão obrigados a colocar um fim abrupto às insurreições; e para se certificar de que todas as pessoas traidoras serão caçadas e tratadas de forma adequada.

— Há mais necessidade de um líder do que se imagina. E o que

todos imaginamos é que deva ser um muito bem capacitado. Vamos precisar do mais forte entre nós para realizar essa missão. Alguém que é justo e não simplesmente busca o poder, alguém que sabe como o governo e a política funcionam, alguém que é reconhecível por todos, pois há muitos de nós que não são mais conhecidos entre os humanos.

Braith ficou em silêncio, surpreso com o fervor do discurso de Gideon, assustado com a influência que sentia naquelas palavras. Aria olhou para Gideon por um longo momento antes de se virar lentamente para Braith. Era orgulho que brilhava nas profundezas de seus belos olhos e que fizeram seu intestino apertar. Ele sabia o que ela esperava dele, mas se ele subisse ao poder, ela nunca seria aceita, nem nunca seria bem-vinda ao seu lado.

Ele desistiria de qualquer coisa por essa causa, exceto dela.

Ao lado dela, William parecia tão impressionado quanto ela. Seu olhar moveu-se lentamente de Gideon para Braith e, finalmente, para sua irmã. Um olhar quase doloroso cruzou seu rosto antes de se virar.

— Devemos selecionar um novo líder, um novo rei, por assim dizer, aqui e agora, entre os líderes que nosso povo escolher para falar por eles.

— Nem todos eles estão aqui. — Braith lembrou, incapaz de evitar a irritação em sua voz quando Gideon tentou falar mais alto que ele.

— Ou eu, ou William, podemos votar em nome de nosso pai, por enquanto. — Aria emendou rapidamente. — Tenho certeza de que ele confiaria em nosso julgamento, e se não o fizer, ele poderá dar a sua opinião quando nos reunirmos.

Braith queria dizer a ela que não haveria votação agora, mas os outros já estavam concordando. Um frio percorreu sua espinha. Ele não era um covarde, nunca se esquivou de suas responsabilidades, mas não queria isso. Talvez estivesse se adiantando; eles ainda não o tinham elegido e Gideon tinha acabado de fazer um discurso empolgante influenciando a todos na sala. Depois de Braith, ele era o vampiro mais velho dentro desta sala. Todos eles conheciam Gideon muito bem e trabalharam com ele nos últimos cem anos. Tudo o que Braith tinha era sua idade mais avançada, seu poder e sua herança.

— Eu acho justo. — Disse Xavier. — Eles vieram como representantes de seu pai para isso. — Seu olhar fixo em Braith. — Tenho certeza que ele respeitaria o voto deles.

— Ele irá. — Confirmou William.

— Jericho também é uma opção como líder. — Lembrou Braith. — Meu irmão viveu entre a facção rebelde de David nos últimos seis anos. Ele é parte da linhagem real, o povo de David confia nele.

Saul riu, balançou a cabeça e abriu as mãos diante dele. — Tenho certeza que Jericho amadureceu muito ao longo dos anos, mas eu não acredito que ele esteja pronto para essa responsabilidade. E também ele nunca foi preparado ter esse tipo de reponsabilidade. Nós representamos nossas famílias agora porque a maioria dos membros da nossa família está morta. A prima mais nova de Barnaby, e minha irmã, são as únicas outras que sobreviveram à guerra, ao abate subsequente e ao exílio. Nenhuma delas está preparada para liderar, e nem Jericho.

— Essa é outra coisa que podemos discutir quando estivermos todos unidos. — Disse Xavier. — Tenho certeza de que Jericho não é o menino de quem nos lembramos, e se deve haver verdadeira igualdade entre nós devemos considerá-lo. Se ele desejar ser considerado.

— Então estamos de acordo, na maior parte. — Afirmou Gideon. — Nós votaremos agora. Ashby?

Ashby estava pensativo e seus olhos piscaram brevemente entre Aria e Braith antes que seus ombros caíssem um pouco. — Braith começou isso, ele nos trouxe até aqui, nos uniu e derrotou a maioria de seus inimigos. Ele nos verá até o fim e vai derrubar o pai dele. Meu voto é para ele.

Braith permaneceu em silêncio, imóvel, seu corpo ficando cada vez mais frio enquanto Gideon atravessava a sala. Ele de alguma forma conseguiu permanecer impassível e inflexível a cada vez que seu nome foi dito. William e Aria foram os penúltimos. Eles falaram brevemente um com o outro, antes que Aria dissesse seu nome em voz baixa. Foi como uma estaca em seu coração, ela não sabia o que acabou de fazer.

— Parece que tivemos nosso primeiro voto unânime. — Não havia satisfação no tom de Gideon. Na verdade, ele parecia resignado, entristecido e robusto ao encontrar o olhar de Braith. — Você aceitará a decisão de executar a forma de governo que gostaria de ver realizada no futuro?

A mandíbula de Braith enrijeceu e seus dentes rangeram enquanto ele assentia lentamente. — Eu gostaria e eu irei realizar.

Ele deixou de fora as palavras "por enquanto" quando deu a sua

resposta, mas elas estavam lá e Gideon e Ashby estavam bem conscientes disso. Braith os levaria a esta guerra, ajudaria a vê-los estabelecidos, e então desapareceria com Aria deixando Jack ou mesmo Gideon em seu lugar. Eles podem não ter certeza de seu irmão mais novo; até certo ponto ele também não, mas Jack seria no mínimo um rei justo.

— Você tem dois dias para reunir seu povo. Vamos sair no terceiro para nos juntarmos a David.

— Como vamos encontrá-lo? — Barnaby perguntou.

Aria sorriu. — Oh, nós vamos encontrá-lo.

A sensação de desânimo de Braith não tinha nada a ver com sua recente eleição, e tudo a ver com o ar indisciplinado que a envolvia subitamente. Ele nunca perguntou como Aria e William encontrariam seu pai novamente; simplesmente supunha que eles tinham um método de se mudar depois de todos os anos de movimentos, fugas e separações com tanta frequência. Ele estava começando a perceber que não ia gostar da resposta.

Capítulo Dez



Sua floresta.

Aria sentiu muitas saudades; do aroma doce que enchia suas narinas, da sombra fresca que escondia o calor do sol. Os sons dos animais eram familiares e calmantes. A tensão em seu corpo diminuiu e seu batimento cardíaco pareceu desacelerar para combinar com o ritmo melodioso do mundo ao seu redor. Um ritmo que a envolvia em seu abraço reconfortante e a embalava enquanto ela percorria os obstáculos naturais com a facilidade de uma especialista.

Uma facilidade que muitos de seus grupos não possuíam. Embora sua natureza predatória de vampiros os fizesse mais furtivos do que a maioria, eles não estavam acostumados com os galhos, folhas e detritos caídos que cobriam o chão da floresta. E eram óbvios sobre isso. Aria estremecia a cada estalo de galho ou folha. Eles faziam muito barulho.

Braith finalmente parou e sua impaciência era aparente ao virar

para enfrentar as enormes tropas reunidas atrás deles. Embora a maioria das mulheres tivesse permanecido nos Vales com as crianças ou os idosos, havia algumas centenas delas misturadas entre os homens e parecendo igualmente ferozes e irritadas com o ambiente.

Ela liderava um exército de vampiros mortais e humanos armados em direção ao coração de seu mundo. Aria engoliu o nó de trepidação que se alojou em sua garganta. O que eles estavam fazendo ia contra tudo que ela já conheceu e que alguma vez lutou contra.

Eles estavam do seu lado, ela lembrou a si mesma severamente, mas ainda não conseguia afastar suas preocupações persistentes. Ela tinha absoluta confiança e fé em Braith e em sua capacidade de ter sucesso. Ela acreditava mais em Ashby e tinha forjado uma pequena quantidade de confiança em Gideon, mas havia algo sobre Xavier que a intrigava. Mesmo assim, ela realmente não conhecia esses vampiros aristocratas e com certeza não conhecia os milhares que seguiam atrás deles.

Existiam muitos deles e ela sabia disso. Eles não podiam continuar assim sem serem pegos. Seu povo conhecia esses bosques, se moviam através dele com facilidade, mas essa multidão nunca

passaria despercebida se eles continuassem a pisar na floresta como uma manada de elefantes.

Braith pareceu sentir isso quando se virou para ela. — Quanto tempo você acha até podermos encontrar seu pai?

— Fique aqui.

Braith cambaleou em sua direção, mas Aria já estava subindo a árvore mais próxima. Era a única maneira certa dele não ser capaz de impedi-la. Ela imaginou que seria divertido vê-lo tentar persegui-la através das árvores, mas duvidava que tivesse chance e não ficou nada surpresa ao vê-lo seguindo-a pela floresta enquanto ela saltava, pulava, corria e balançava facilmente de galho em galho.

Cada vez mais alto, ela subiu rapidamente uma pequena colina onde parou para ir até o topo de uma grande árvore de bordo[4]. Esperava estar perto de uma das áreas que costumava se comunicar com o pai quando estavam separados, ou quando ele havia

[4] Os bordos, em sua maioria, são árvores que atingem de 12 a 15 metros de altura e são caducifólias.

Notórias pelas folhas palmiformes (espalmadas), comumente com três pínulas, embora existam espécies com cinco, sete ou ainda nove.

As suas flores são verdes, amarelas, cor de laranja ou vermelhas. Devido à sua floração ocorrer logo no início da primavera, alguns bordos se tornam uma importante fonte de pólen e néctar para as abelhas nesse período. Embora cada flor sua seja pequena, o efeito de uma árvore inteira florida pode ser espantoso em algumas espécies.

se mudado para essa região. Havia uma chance que ela teria de ir algumas milhas a oeste antes de encontrar outro lugar que a ajudasse. Poderia levar dias antes de localizar um de seus marcadores; apenas esperava ter sorte agora.

— Arianna! — Mesmo que o rosnado tivesse sido baixo, ele se aproximou dela.

Ela não olhou para baixo, não precisava. Conhecia bem o seu desagrado e aborrecimento. Os galhos mais finos se curvaram sob seu peso, mas ela fazia isso desde que era criança, então sabia exatamente até onde podia ir antes que a árvore não suportasse seu peso. Pausando, abriu as pernas, apoiando os pés contra dois galhos que se inclinavam para o lado. Entre os dois, ela foi capaz de distribuir seu peso sem quebrá-los quando colocou a cabeça sobre o topo das folhas.

Aria se moveu ligeiramente, ajustando-se para poder ver a floresta de diferentes ângulos. Ela estendia-se diante dela numa fileira interminável de folhas cintilantes, coníferas verdes profundas e um salpico de bosques de bordos vermelhos que adicionavam uma cor esporádica à paisagem. Por um breve momento, permitiu-se ficar admirando a vista.

Então ela o viu, um pequeno lampejo a meio caminho de uma árvore a cerca de três quilômetros de distância. Seu pai não subia tão alto quanto ela, mas ele também podia navegar bem entre as árvores. Sorrindo com satisfação e alívio, estava prestes a voltar para a árvore quando algo à direita chamou a sua atenção. Virando sua cabeça, ela estreitou os olhos e suas mãos caíram para agarrar os dois ramos que sustentavam seu peso. Ela os aproximou rapidamente, levantando-se mais alto e ganhando um assobio irritado de Braith.

Aria não se importou com isso, e continuou a subir mais ao alto. Apenas a cerca de um quilômetro de distância havia um movimento na mata que não era feito por nenhum animal, mas ela não podia ter certeza se era humano, ou algo mais, até que por uma brecha entre as árvores revelou o grupo de homens. Embora estivessem muito longe para discernir muito sobre eles, todos usavam as cores reais do rei.

O coração de Aria pulou em sua garganta e o pânico flamejou através de seu corpo quando dois dos homens se viraram para examinar o horizonte. Ela não se mexeu, nem sequer respirou. Eles se viraram em um círculo completo, aparentemente inconscientes da borda da cabeça sobre a árvore enquanto se inclinavam para conferir novamente.

Eles tinham mais soldados do lado deles agora, mas se as coisas dessem errado e um dos homens do rei fugisse de volta para o palácio, tudo pelo que eles haviam trabalhado estaria arruinado. Eles precisavam ficar escondidos até Braith decidir que era hora de deixar que sua presença fosse reconhecida. Mas isso seria impossível com o *rebanho* seguindo-os.

Com a atenção distraída, Aria mergulhou rapidamente para fora da árvore, caindo de galho em galho até soltar o galho final e cair em direção ao chão. Ela teria ficado bem se tivesse caído na mata, mas não se importou quando os braços de Braith se envolveram ao redor dela. Ele segurou-a por um breve momento, embalando-a dentro de seu abraço. Ela se permitiu relaxar e sentir a força do corpo dele embaixo do dela e suas mãos a segurando, antes que ele a colocasse suavemente em pé.

Ashby estava de boca aberta observando-a e seus olhos verdes brilhavam espantados enquanto alternava seu olhar dela para o topo da árvore. Atrás dele, Gideon e William observavam-na ansiosamente. — Papai? — Perguntou William.

— Nessa direção, cerca de duas milhas há um marcador. — Respirando fundo, ela virou-se lentamente e apontou para outra

direção. — Mas pelo Oeste, a cerca de um quilômetro e meio, estão os homens do rei.

A mão de Braith se imobilizou na curvatura de suas costas e a testa dele se franziu com força sobre a ponte do nariz quando as narinas se abriram.

— Você tem certeza? — Gideon perguntou.

— Eles estão vestindo suas cores.

— O que diabos vamos fazer? — Ashby exigiu.

— Há cavernas. — William inalou agudamente em suas palavras e seus olhos dispararam incertos para ela. Ela olhou fixamente para seu irmão, entendendo sua apreensão e hesitação, mas era tarde demais para isso; eles trouxeram esses vampiros para o mundo deles e não havia como voltar atrás agora. William pareceu hesitante por mais um momento antes de concordar devagar. — A um quilômetro daqui. Elas são grandes o suficiente para esconder todos, mas com tantas pessoas, o espaço ficará limitado.

— Eles não vão gostar de serem forçados a entrar nessas cavernas. — Aria ficou surpresa quando Xavier se separou das sombras das árvores. Ela não o viu parado ali, mas Braith parecia

saber, pois não reagiu à aparição repentina de Xavier. Ela ficou ainda mais surpresa quando Braith não tirou a mão de suas costas, nem se separou dela. Um tremor de apreensão desceu por sua espinha quando Xavier a imobilizou com seus olhos escuros e sábios.

— Eles sabiam que isso não seria uma tarefa fácil. — Afirmou Gideon. — Que haveria sacrifícios quando saíssemos. Este será um desses sacrifícios. É dolorosamente óbvio que não podemos movê-los por aqui, este não tem sido o ambiente deles em cem anos e alguns nunca o experimentaram.

— Essas cavernas são seguras? — Perguntou Braith.

Aria se forçou a não estremecer com o pensamento da escuridão, do espaço confinado e do frio que vinha com os buracos subterrâneos que ela aprendeu a odiar depois de quase estar presa em um sistema separado com William e Max.

— Todos os sistemas de cavernas têm portões de ferro, algum tipo de alarme e armadilhas. — Explicou William. — Embora não haja maneira de saber se elas foram descobertas desde que saímos.

— Eu não acho que tenhamos uma escolha. — Disse Ashby.

Braith ficou em silêncio enquanto ponderava a situação. — Nem

eu. Gideon e William, voltem para contorná-los, tentem fazê-los ficarem um pouco mais quietos, se for possível. Não se envolva com as tropas do meu pai, mas se for necessário, certifique-se de que não haja sobreviventes. Xavier, Ashby, Aria e eu vamos para as cavernas e nos certificaremos de que estejam seguras.

Aria permaneceu em silêncio, ela não queria ir para as cavernas, não queria pisar nelas, mas não tinha escolha. — Vá! — Braith ordenou. Gideon assentiu e deslizou silenciosamente para a floresta com William. — Leve-nos rapidamente, Aria.

Ela engoliu em seco e assentiu com firmeza. — Sigam-me.



Braith seguiu silenciosamente atrás de Aria enquanto ela os conduzia com uma facilidade que era fascinante. Ela estava quieta, muito mais que Xavier enquanto se movia como uma aparição através das árvores e cobriu a distância até as cavernas em menos de dez minutos. De pé na beira da floresta, ele estudou a face do penhasco a seis metros de distância que parecia inteiramente impenetrável para ele.

— São estas. — Afirmou ela.

— Onde? — Xavier perguntou em descrença.

Sua mandíbula estava rígida e havia um escurecimento de seus olhos que só ele teria reconhecido como medo. A última vez que ela esteve nas cavernas, ele a tirou delas. Exatamente quando ele pensou que ela ia se recusar a dizer exatamente onde estavam as cavernas, ela escorregou silenciosamente da floresta.

Eles a seguiram, amontoando-se ao redor enquanto ela se ajoelhava diante da parede de pedra. Com a cabeça inclinada, Aria examinou um corte de arbustos contra a parede de pedra com uma intensidade que era um pouco enervante, dado o fato de que era simplesmente um grupo de samambaias e plantas selvagens. Então suas pequenas mãos deslizaram para frente e separaram a moita para revelar uma lasca na parede de pedra que era quase indiscernível, mesmo sem o mato cobrindo-a.

— Ninguém esteve aqui em meses.

— Como você sabe? — Xavier perguntou a ela.

Seu sorriso foi fugaz. — Eu sei.

Ashby parecia pronto para protestar, mas Xavier simplesmente assentiu. — Lidere o caminho, então.

— *Eu* vou liderar o caminho. — Braith disse a ela. Xavier arqueou uma sobrancelha para ele com a cabeça inclinada para o lado.

— Eu conheço o sistema, Braith. Tudo bem, tenho certeza de que ninguém esteve aqui em meses, pelo menos não através desta entrada, e a única outra fica a mais de três quilômetros daqui.

— Mas ainda pode haver alguém lá. — Ele afirmou, pressionando-se mais perto dela.

Aria balançou a cabeça enquanto seus olhos corriam para a abertura e depois de volta para ele. — É improvável. A outra abertura é em um prado no topo de uma colina. E mesmo que seja visível, parecerá mais com uma trincheira do que uma entrada para qualquer coisa significativa no subsolo. Não há ninguém lá, Braith.

— Exceto os morcegos. — Murmurou Ashby, sem parecer satisfeito com a ideia.

— Ainda assim irei primeiro que você. — Ela abriu a boca para protestar, mas ele a cortou rapidamente. — Você pode me guiar através do local, Aria. Diga-me qual caminho seguir.

— Ok — Ela concordou e sua voz um pouco mais grave que o normal.

Seus dedos roçaram os dele, antes de envolverem seu dedo indicador por um breve momento. Seu coração se encheu de amor. Para o inferno com Xavier, já era tarde demais. Ele a puxou para dentro de seus braços, embalando-a enquanto seus dedos se estendiam por trás de seu pescoço, saboreando a sensação sedosa de seu cabelo e a maleabilidade de seu corpo. Curvando-se, ele pressionou os lábios no ouvido dela. — Você vai ficar bem lá dentro?

Ela balançou a cabeça voltada para a dele, sua boca escovando sedutoramente contra a dele enquanto falava. — Sim.

— Nós podemos encontrar... — Ele começou antes que ela o interrompesse.

— Eu vou ficar bem.

A mão dela pressionou contra a dele e um pequeno suspiro escapou quando ela fechou os olhos e se aproximou. O tempo pareceu diminuir quando Aria levantou o rosto para ele, e seus lábios se abriram sob os dele. Ele não se importava com quem estava ali e esqueceu a razão de tê-los levado até ali e se perdeu com a pressão

suave de seus lábios, o doce sabor de sua boca e a aceleração de seu batimento cardíaco.

Por um longo momento a única coisa que existia era ela, e então a realidade retornou. Precisou de toda a força de vontade que ele tinha para se afastar. Braith pressionou seus lábios em sua testa enquanto a segurava por um longo momento. — Eu vou liderar o caminho. — Sussurrou.

Ela cedeu com um aceno antes de relutantemente soltá-lo. Ela não encontrou o olhar de Xavier, mas Braith sim. Os olhos do vampiro estavam cobertos por um brilho que Braith não conseguiu distinguir. As rodas na mente de Xavier estavam girando, mas era impossível decifrar o que o vampiro poderoso estava pensando enquanto examinava os dois. Isso só causaria atrito entre as facções, mas Braith mataria Xavier se ele fizesse um movimento em direção a Aria.

Segurando a mão dela, ele se virou de lado a fim de passar pela fenda pequena na parede de pedra. Por um momento não estava certo de que se encaixaria enquanto se empurrava mais para dentro.

— É apertado nos primeiros trinta metros, mas se abre mais um pouco depois. — Aria parecia ter lido sua mente.

Ashby grunhiu em resposta e Xavier permaneceu em silêncio atrás deles. A mão de Aria tremia na sua e a palma da sua mão estava mais suada que o normal, mas ela continuou firme atrás dele. Foi um alívio quando as paredes se abriram dando lugar a um espaço maior. Mesmo com a sua visão noturna melhorada, ele teve que se esforçar para ver o caminho à sua frente, já que quase nenhuma luz penetrava nas grossas paredes rochosas.

— Espere. — Aria soltou sua mão de repente. Ele agarrou-a enquanto ela avançava, com a intenção de puxá-la para trás, mas ela voltou para o lado dele quase imediatamente. — Segure isso.

Aria lhe entregou uma tocha e procurou na escuridão por outra coisa. Ele logo avistou o seu objetivo e puxou a caixa de fósforos de um pequeno buraco enfiado em uma fenda da caverna. Eles se amontoaram quando ela se atrapalhou com os fósforos, mas finalmente acendeu uma faísca. Um pequeno lampejo de luz percorreu os contornos de seu rosto antes de pressionar a chama até o fim da tocha.

O fogo brilhou quando ela sorriu para ele. — Continue.

A tocha acendeu as teias de aranha empoeiradas do túnel e o chão sólido de rocha abaixo deles. O ar ficava cada vez mais gelado

quanto se moviam mais para dentro do sistema de cavernas. Um leve gotejar de água podia ser ouvido ao longe, a condensação cobrindo as rochas ao redor deles. O aperto de Aria nele aumentou e ela apontou os portões escondidos secretamente nas paredes; pesados portões de ferro que podiam ser fechados para impedir invasores.

— Não é de admirar que o rei não pudesse esmagar a rebelião. Vocês vivem como ratos sob a terra. — Disse Ashby.

Braith parou quando Aria abruptamente se virou para Ashby. — Fizemos o que era necessário, o que fomos obrigados a fazer. —Ela disse. — E nem sempre vivemos dentro das cavernas; na maior parte do tempo, vivemos dentro da floresta e recorremos apenas às cavernas quando necessário.

Ashby riu baixinho. Ele pegou o ombro dela, mas olhando rapidamente para Braith, pensou melhor e deixou cair a mão para o lado. — Calma tigresa, eu estava apenas fazendo um comentário. Não esqueça que fui forçado a fugir também.

Aria o olhou por um longo momento antes de Braith puxar suavemente seu braço, incitando-a a caminhar para frente, e até mesmo Xavier começou a sorrir com diversão. Braith teve que admitir que, embora Ashby tivesse dito o contrário, ele concordava

completamente com ele. Os recantos escondidos e os sistemas de segurança que os humanos estabeleceram aqui eram incríveis. Embora a maioria dos túneis fosse natural, havia outros feitos pelo homem que passavam pelo sistema de cavernas também. Ela disse que existia apenas uma outra saída e ele acreditou. Aria não colocaria todos em risco mentindo sobre isso, mas havia muito mais nesse sistema de cavernas do que ela estava revelando. Especialmente quando ela fechou algumas das portas de ferro deixando outras abertas.

— Você conhece todos os sistemas de cavernas? — Xavier perguntou em sua voz profunda.

— Nem todas, há muitas agora, mas com certeza uma boa quantidade delas eu conheço. Estamos quase no centro da caverna agora.

Braith pode sentir uma abertura à frente antes mesmo de entrar na enorme caverna.

— Morcegos. — Ashby grunhiu com um estremecimento e os olhos de Braith pousaram nos roedores que revestiam o teto. Ele sentiu o cheiro deles na entrada, mas o odor era pior dentro da grande caverna. Ele não se incomodou em olhar para baixo; ele sabia que o

chão estava coberto de guano[5]. O pensamento de ficar aqui o repugnava, mas o fato de que ela havia crescido entre essas cavernas o perturbou imensamente.

Não admirava que ela preferisse as árvores.

[5] Guano é o nome dado às fezes de aves e morcegos quando estas se acumulam.

Capítulo Onze



— Sabe, para um vampiro imortal você é um pouco covarde. — Aria informou a Ashby.

Ele mostrou seu sorriso radiante enquanto falava. — Eu nunca disse que não era.

O mais silenciosamente possível, para não acordar as criaturas adormecidas, Aria fechou três dos cinco portões. — Eles vão sair hoje à noite. — Ela apontou para o quarto portão. — Será por aqui que eles irão se alimentar então depois que eles saírem, nós trancaremos e eles não poderão voltar.

— Não vamos ficar aqui, vamos? — Perguntou Ashby, preocupado.

Aria sacudiu a cabeça. — Não, nós não somos selvagens; não gostamos mais do cheiro de guano do que você.

Braith apertou seu ombro suavemente. — Ninguém está dizendo isso. — Ele assegurou.

Aria respirou fundo, tentando manter o controle. Não era apenas o escrutínio e a repulsa flagrante que a fazia ficar tão ferida, mas também os muros que a rodeavam. — Eu sei. Nós sempre deixamos uma das maiores cavernas bloqueadas para que os morcegos não possam entrar. Por aqui.

Seu nariz enrugou-se de desgosto pelo aroma pungente dos excrementos de morcego enquanto ela se aproximava, movendo-se firmemente em direção ao quarto portão. Já estava fechado.

— Eu vou. — Braith estava se movendo em sua direção, mas ela levantou a mão e balançou a cabeça.

— Não, Braith, dessa vez eu tenho que ir. Está cheio de armadilhas e eu sei onde estão os gatilhos que as acionam. — Um resmungo baixo de desagrado escapou quando ele se moveu para interceptá-la. Ela já havia se preparado para este argumento. — Eu ajudei Daniel a projetar uma boa parte deles, acredite em mim, é muito mais seguro para mim lá do que para você.

— Aria...

— Pare de ser tão teimoso. — Ela interrompeu. — Além disso, neste momento, sua vida é muito mais valiosa do que a minha.

Ela percebeu imediatamente que tinha sido a coisa completamente errada a dizer. Braith agarrou-a, levantando-a e colou o rosto no dela. O homem gentil se fora, ante ela estava o príncipe vampiro acostumado a ser obedecido e esperando isso de todos, exceto talvez ela. — Nunca mais diga isso de novo! — Ele retrucou tão alto que o olhar de Ashby disparou nervosamente até o topo da caverna. — Sua vida é tão importante quanto a minha, se não mais...

— Braith. — Ela sussurrou. — Você deve diminuir sua voz.

— Você acha que eu me importo com um monte de roedores voando?

— Se eles saírem do poleiro, sairão dessa caverna e irão atrair atenção, Braith. Você deve se acalmar. — Ela tocou o braço dele levemente, procurando acalmá-lo. — Eu conheço essas cavernas Braith, vou ficar bem.

Sua mandíbula se enrijeceu e a cabeça se curvou enquanto pressionava sua testa contra a dela. — Sua vida é muito importante. Sem você, eu não sou nada.

Seu olhar correu nervosamente em direção a Xavier; Braith acabara de revelar demais, ela sabia disso. Uma onda de proteção

atravessou-a e suas mãos apertaram os braços de Braith enquanto ela encarava ferozmente o vampiro sombrio, desafiando-o a dizer algo, a fazer qualquer coisa que machucasse Braith. Ela seria quase inútil contra o poderoso vampiro mais velho, mas faria tudo o que pudesse para manter Braith a salvo.

— Tudo bem. — Ele sussurrou contra seu ouvido. — É tarde demais de qualquer maneira.

Aria estremeceu, era tarde demais. Seu segredo havia sido revelado a Xavier, e se continuassem, não demoraria muito para que fosse óbvio para todos. O terror enrolou-se em sua barriga, espalhou-se por seus membros, deixando um rastro de frio através de sua pele e dentro de seu coração.

Aria se aproximou dele enquanto suas mãos agarravam sua pele. Ela precisava do contato físico com ele, assim como alguém de afogando precisava de ar. Um suspiro baixo de alívio escapou quando seus dedos rodearam os músculos de seus braços. Sob os pelos dos seus antebraços, sua pele era lisa ao toque. Isso aliviou a tensão dentro dela.

Ela se forçou a soltá-lo quando deu um pequeno passo para longe. — Eu posso fazer isso, conheço bem as armadilhas. Eu vou

ficar bem.

Com os olhos fechados, ela sentiu sua luta interior e se preparou para mais uma batalha, mas então seus ombros caíram e ela soube que tinha vencido. — Eu vou estar ao seu lado.

Quando ela foi se virar, ele a puxou de volta. Carinhosamente apertando o rosto dela, embalou-a com uma facilidade que desmentia o poder que irradiava dele. Ele poderia esmagá-la em um instante, mas a abraçava com a gentileza de alguém que acabou de receber a flor mais frágil do mundo. Seus lábios eram uma leve carícia contra os dela, tão fraca que mal sentiu o roçar deles.

— Você é muito importante, e nunca se esqueça disso, nunca diga algo assim novamente.

Aria engoliu em seco e conseguiu um pequeno aceno de cabeça. — Eu não direi. — Prometeu a ele que continuou a segurá-la, aparentemente rasgado e sem vontade de deixá-la ir. Finalmente Braith recuou e soltou-a. Ela sentiu uma sensação de perda da qual não conseguia se livrar. Sem olhar para Xavier quando se afastou lentamente de Braith, se dirigiu para o quarto portão fechado.

— Como você conseguirá abrir? — A voz de Ashby foi

silenciada. Ela se virou para ele, surpresa pela palidez de sua pele que não achava que fosse inteiramente devida aos morcegos. Seus lábios estavam comprimidos e seus olhos sombreados e assombrados enquanto seu olhar se movia nervosamente para longe dela.

— Eu tenho meus segredos e talentos. — Ela respondeu com um pequeno aceno de seus dedos, na esperança de persuadir seu sorriso arrogante de volta. Ele permaneceu estranhamente solene.

— Isso eu sei com certeza.

Ela franziu a testa para Xavier enquanto ela o estudava. Aria pensou que ele tinha falado essas palavras, mas não podia ter certeza. Pegando a tocha de Braith, passou os dedos pela parede. Encontrou o pequeno interruptor entravado na parede, e pressionou-o.

A grossa porta de metal se abriu com um silvo de ar mofado. Cheirava ainda mais úmido e misto, mas não a impediu de apertar a mão contra a sólida porta de ferro e terminar de abri-la.

— Engenhoso. — Ashby murmurou.

Aria engoliu em seco quando entrou no túnel escuro. Eram dez passos até a primeira armadilha, um conjunto de quatro pedras

colocadas no chão que, quando pisadas, dispariam em uma rápida liberação de estacas das paredes da caverna. — Devemos fechar isso? — Xavier perguntou.

— Sim. William sabe como abri-la e todos nós sabemos que Ashby não vai gostar se um morcego entrar.

— Você acertou.

— Há quatro pedras aqui. — Ela chamou a atenção deles. — Não pisem nelas.

— O que acontece se o fizermos? — Xavier perguntou.

— Nada de bom. Eu já volto. — Ela tinha que disparar as armadilhas, sabia disso. William estava bem ciente de sua localização, mas não havia como todas aquelas tropas não atingirem pelo menos uma delas. — Fiquem aqui.

Aria podia sentir a apreensão irradiando de Braith. — Essas armadilhas são antigas.

— Não tão antigas e Daniel é um gênio, acredite em mim, elas ainda estão seguras para serem usadas.

Aria poderia dizer que ele não queria que ela fosse, mas Braith

cerrou as mãos ao lado do corpo, travou a mandíbula e deu um breve aceno para ela continuar. Aria colocou a tocha em um suporte na parede, uma vez que não precisaria disso do outro lado, e atravessou o túnel, evitando as pedras com facilidade. Alcançando a segurança da rocha sólida, se ajoelhou enquanto seus dedos procuravam o pequeno interruptor esculpido no fundo da caverna. Precisaria que eles se afastassem cerca de quinze centímetros atrás.

— Voltem um passo. — Ela disse a eles.

Braith hesitou por um momento antes de empurrar Xavier e Ashby para trás. Quando estava certa de que eles estavam bem fora do caminho, ela ligou o interruptor. Estacas explodiram da parede em uma nuvem de poeira e ar que tornou impossível ver os três do outro lado. Ashby e Xavier amaldiçoaram em voz alta.

— Aria! — Braith gritou.

— Estou bem. — Ela assegurou. Ele estava lentamente ficando visível quando a poeira começou a se estabilizar. Embora a maior parte das estacas estivessem espalhadas pelo chão, algumas haviam se encaixado nas fendas da parede rochosa. Ashby estava espantado enquanto vasculhava as estacas espalhadas, e até o exterior normalmente calmo de Xavier parecia arrepiado. — O local está

seguro agora.

Embora Xavier e Ashby hesitassem, Braith se adiantou rapidamente. Seu descontentamento era evidente, sua tensão estava alta quando o braço dele envolveu sua cintura.

— Quantas mais dessas armadilhas estão lá? — Xavier perguntou enquanto ele e Ashby percorriam cuidadosamente as estacas.

— Total de dez.

— Merda. — Ashby murmurou.

— Eu posso desativar todas elas, não se preocupe.

Os olhos escuros de Xavier eram intensos enquanto ele a estudava. — Você ajudou o homem que projetou estas?

— Eu dei uma mão em algumas delas, mas na maioria das vezes ele as criou.

— Daniel é alguém da sua família?

Aria não ficou surpresa com a visão aguda de Xavier, mas ela ainda não gostou. — Sim, meu irmão.

Ele assentiu por um breve momento e seus olhos dispararam pelas paredes da caverna. — Esse talento será útil.

— Será. — Concordou Braith. — Quão longe é a próxima?

— Nove metros.

— Lidere o caminho.

Aria suspirou de alívio quando ele permaneceu resignado para deixá-la fazer o que era necessário.

Capítulo Doze



Demorou quase duas horas meticulosas, mas eventualmente Aria foi capaz de desativar todas as armadilhas. Ela estava exausta e no limite quando finalmente entraram em outra grande caverna que estava totalmente livre de morcegos; um fato que Ashby comentou alegremente. A luz da tocha tocava nos recessos escuros enquanto Aria se aproximava, recolhendo outras tochas de seus castiçais na parede.

— Este túnel levará de volta à saída principal. — Ela segurou a mão de Braith, passando-a pela parede até encontrar o interruptor. — Isso abrirá o portão quando pressionado.

Xavier e Ashby se aproximaram e murmuraram entre si enquanto Ashby segurava a tocha para inspecionar a área que ela acabara de mostrar a Braith. Aria deixou os três para se maravilhar com as complexidades dentro das cavernas.

Sua garganta estava seca e suas roupas grudavam nela enquanto

se dirigia para a sala de suprimentos no final de outro túnel. Havia outro portão aqui, mas a chave ficava pendurada ao lado da porta. Não havia necessidade de impedir que os humanos tomassem o que poderiam precisar. Agarrando a chave, ela levantou a tocha e franziu a testa ao perceber que o portão estava destrancado. Eles nunca deixavam as salas de suprimentos abertas apenas no caso de um animal conseguir chegar tão longe.

Aria agarrou as barras de ferro e abriu o portão enquanto levantava a tocha. Um conjunto de olhos azuis pálidos selvagens e enlouquecidos brilhou para ela. Um suspiro assustado escapou quando ela deu um passo rápido para trás. Era um homem, disso ela tinha certeza, mas não sabia exatamente que tipo era. Sua pele estava anormalmente pálida e ele parecia desacostumado à luz quando piscou rapidamente contra a chama da tocha.

A repulsa encheu-a enquanto seus lábios deslizavam para revelar uma boca crivada de falhas e dentes podres. A tocha escorregou de seus dedos de repente entorpecidos e o homem saltou dos sacos de grãos armazenados. Ele parecia mais animal que humano enquanto corria para ela. Atordoada, Aria levou um momento para perceber que estava em perigo, que essa pessoa, essa coisa, tinha toda a intenção de atacá-la.

Um grito assustado escapou e ela agarrou o portão levantando-o com toda a força que possuía. Já era tarde demais. O homem bateu no portão, arrancando-o de seu aperto e o empurrou de volta. Aria balançou o punho para cima, conectando-o com força ao maxilar e virando a cabeça para o lado, mas ainda assim ele se lançou para ela. Mãos deslizavam pelo seu corpo, agarrando e puxando enquanto ele tentava segurá-la.

Ela percebeu seu erro tarde demais. Então, em sintonia com ter que defender sua garganta, seu sangue e sua vida, Aria não estava preparada para um outro tipo diferente de fome. Não percebeu até o homem frenético abrir sua camisa que estava em uma situação diferente de qualquer outra que já tinha estado antes.

Surpreendida pela ferocidade do ataque e suas intenções, Aria ficou momentaneamente incapaz de se defender. Mas então suas mãos estavam sobre ela, empurrando e puxando a pele exposta por sua camisa rasgada. A razão retornou quando a adrenalina encobriu seu terror. Ela empurrou o homem, virando o rosto para longe do cheiro pútrido de sua respiração. Um grito cresceu em seu peito, subiu por sua garganta e explodiu em um guincho que foi interrompido quando o homem conseguiu pressionar sua boca contra a dela.

A bile subiu por sua garganta e ela quase vomitou quando sua língua grossa empurrou contra seus lábios comprimidos. Com uma nova onda de força, ela atacou bem no meio de suas pernas com o joelho. O homem gritou e seu aperto nela momentaneamente relaxou o suficiente para que ela fosse capaz de se jogar para o lado, quase conseguindo se libertar de seu alcance. Foi o forte gancho de direita que ela disparou em seu rosto que finalmente fez com que ele a soltasse. Cambaleando para trás, tentou manter o equilíbrio enquanto girava e começava a correr.

Ela estava quase no final do túnel quando dois braços envolveram sua cintura. O ar saiu de seus pulmões quando eles caíram com tudo no chão, esfolando seus joelhos e cotovelos. O homem continuava arranhando as suas costas, mas o ar havia voltado para os seus pulmões. Sacudindo-se abaixo dele, ela deu-lhe um muro que chegou a quebrar o nariz dele.

O homem caiu de lado gritando, enquanto sangue jorrava de seu nariz. Aria arrastou-se para trás, tentando recuperar seu equilíbrio, enquanto o homem voltava seu olhar para ela; um olhar que agora não era apenas de luxúria, mas também um olhar assassino. De repente, um rugido de fúria reverberou por toda a enorme caverna.

A cabeça do homem se levantou e seus olhos se arregalaram. Aria não tinha certeza se o homem estava com sanidade mental, mas aparentemente seu instinto de sobrevivência ainda estava intacto enquanto ele cambaleava para trás. Ela estava bem ciente de quão terrível Braith poderia ser, o quão mortal e desumano, e tudo isso estava sendo dirigido para o homem diante dela. O homem saltou e um grito selvagem escapou dele, quando o mesmo começou a correr pelo túnel.

Aria se afastou, agarrando-se à camisa rasgada enquanto tentava se cobrir inutilmente. Braith passou correndo por ela, quase como um borrão quando um barulho alto de metal ecoou pela caverna. O homem conseguiu recuar para o depósito e trancar o portão rapidamente.

— Você está bem? — Ashby perguntou preocupado chegando ao seu lado.

Ela não tinha medo de Ashby, mas quando ele se aproximou, ela instintivamente recuou.

— Eu não faria isso. — Advertiu Xavier. Ashby pareceu confuso e horrorizado enquanto seus olhos deslizaram sobre ela.

— Tudo bem. — Ela conseguiu responder enquanto se agarrava a sua camisa. — Estou bem, realmente.

A atenção de Aria foi distraída de Ashby quando um som alto e violento ecoou pela caverna. Xavier adiantou-se quando Braith arrancou o portão das paredes da caverna. O portão era de aço sólido, sem barras para impedir que roedores entrassem na sala de armazenamento. O único buraco dentro dele era uma fenda perto do topo para permitir que algum ar fluísse pela local. Aria não sabia como Braith tinha conseguido arrancar a pesada porta que saiu voando pelo túnel, fazendo com que Xavier se desviasse do caminho saltando rapidamente e se encostando nas paredes de pedra, quase derrubando-o no processo.

A boca de Xavier caiu e seu olhar disparou para a portão agora caído na abertura do túnel. Aria sabia que aquilo pesava uns bons quinhentos quilos e foram necessários sete homens para colocá-lo no lugar. Xavier olhou para Aria por um momento antes de se virar para Ashby.

— Eu lhe disse que ele poderia derrotar o rei. — Ashby murmurou tão levemente que Aria nem tinha certeza de que o tinha ouvido direito.

O olhar de Xavier voltou lentamente para ela, enquanto Aria tentava se levantar. Gritos inumanos ecoaram do depósito enquanto Braith desaparecia lá dentro. — Espere, não! — Gritou ela, recuando contra a parede do túnel enquanto uma onda de tontura a sacudia.

Ashby segurou seus ombros para firmá-la, quando um profundo silêncio encobriu o túnel. Horror tomou conta de Aria e sua mão caiu contra a parede, ajudando a mantê-la equilibrada. Quando Braith emergiu da sala de armazenamento, ela sabia que o súbito silêncio não tinha sido porque ele estava ferido, mas sim por outro motivo. O homem estava morto. Ela não precisava perguntar, só sabia que Braith não o deixaria vivo. Ela pensou que deveria estar mais chateada, mas não estava. O que havia naquele túnel não era mais um homem, e nem poderia mais ser salvo.

Braith estava diante dela de repente. Ela não se afastou dele nem de seu toque frenético, porém terno. — Você está bem? — Ele exigiu saber, sua voz rouca e rude.

— Sim.

Suas mãos se moveram firmemente para baixo, parando nos restos esfarrapados de sua camisa. — Saiam daqui! — Ele rosnou para Ashby e Xavier.

Eles rapidamente saíram do túnel. Aria tinha suas mãos tremendo quando ele a segurou. Braith ficou imóvel na sua frente, mal se movendo enquanto a olhava. No palácio ela foi forçada a usar algumas roupas de baixo mais tolas e desconfortáveis que vira em sua vida, mas uma vez livre de lá, ela retomou seu hábito de usar apenas uma camiseta, às vezes até sem um sutiã.

Mas no momento, até o sutiã que ela usava também estava rasgado, mas ao contrário da camisa totalmente arruinada, ele ainda estava intacto o suficiente para cobrir seus seios. Ele era quase transparente, mas mostrava o suficiente mesmo sob a luz fraca do túnel, e especialmente para a visão aguçada de um vampiro, mas Aria não se sentia envergonhada. Sua respiração estava congelada e seu coração acelerado, enquanto ele permanecia imóvel como pedra diante dela.

— Você está sangrando. —Afirmou Braith.

As palavras foram chiadas entredentes. E então, antes que ela soubesse o que estava acontecendo, ele abaixou a cabeça para as marcas de arranhões em seu peito. Sua boca morna fez seu coração trepidar e sua língua contra sua pele fez seu corpo inteiro ferver com intenso prazer. Seus dedos se enrolaram em seu cabelo, segurando-o

perto enquanto ele lambia os cortes em seu peito.

Braith se afastou lentamente, abraçando-a enquanto beijava seu pescoço, sua orelha e finalmente seus lábios. O roçar de seus lábios contra os dela fez com que Aria esquecesse o ataque hediondo do homem deplorável. O toque de seus lábios fez tudo o que era árduo e errado em suas vidas valer a pena.

— Elas vão se curar mais rápido agora. — Ele sussurrou contra sua boca.

— O que? — Ela perguntou, ainda atordoada e à deriva nos sentimentos que ele despertou nela.

Seus dedos eram sutis, uma mera carícia suave contra sua pele nua. — Suas feridas.

Aria estremeceu ao lembrar. Braith podia fazê-la esquecer quase qualquer coisa, mas agora que ela não estava sobrecarregada pelo toque dele, os acontecimentos dos últimos cinco minutos caíram sobre sua mente. Seus dedos envolveram a parte de trás de sua cabeça e ele a puxou. — Você tem certeza de que está bem? — Ele perguntou preocupado. Ela assentiu com a cabeça, incapaz de formar palavras enquanto seus dedos cravavam em suas costas.

— Estou bem, Braith, eu juro. Um pouco abalada, mas bem.

Braith balançou-a suavemente e descansou seu rosto contra a cabeça dela, enquanto a balançava para frente e para trás.

— Braith. — Um grunhido baixo de desagrado escapou de Braith quando Ashby apareceu no fim do túnel. Ashby não se intimidou com isso. — Eles estão aqui, Braith.

Um som de conformismo escapou dele. — Está bem.

— Eu trouxe uma camisa. — Ashby não entrou no túnel; em vez disso, jogou para Braith antes de se virar.

Braith segurou sua camisa arruinada e seus dedos estremeceram quando ele a deslizou de seus ombros. Ele jogou-a de lado e ajudou-a a vestir a nova. Fechando os botões, suas mãos hesitaram sobre o último quando ele levantou a cabeça para encontrar o olhar dela.

— Você é linda. — Sussurrou ele.

Não era verdade, mas ele a fazia sentir que cada pedaço seu era tão bonito quanto ele pensava ser. Ela conseguiu um sorriso pálido enquanto seus dedos rodeavam os dele. — Eu te amo! — Ela respondeu inesperadamente.

Agora era a vez de ele sorrir, iluminando seu rosto como um farol que fazia seu coração derreter. Seu sorriso era magnífico, deslumbrante. — Eu também te amo!

E mesmo que tropas invadissem a caverna naquele momento, nada faria com que deixasse de dar a ela um último beijo apaixonado e demorado.



— Você já imaginou, em um milhão de anos, que estaríamos sentados em um dos nossos sistemas de cavernas cercados por vampiros?

Aria inclinou a cabeça e se virou para olhar para o irmão. A luz do fogo brincava sobre seus traços, mais severos e mais masculinos que os dela, mas semelhantes do mesmo jeito. — Não. — Ela admitiu com uma risada baixa.

— Você acha que eles nos comerão?

— É uma possibilidade. — Brincou ela.

William riu, mas ela sentiu a tensão sob as risadas. Ele ainda não

estava inteiramente certo sobre esta situação, ou sobre os vampiros e humanos que os cercavam. — Já percorremos um longo caminho.

— Nós percorremos. — Ela concordou. A mão de William estava de repente segurando a dela. Aria o olhou surpresa. Eles eram mais próximos do que a maioria dos irmãos, sempre foram, mas fazia anos que eles não davam as mãos. Parecia que ele estava tão perturbado quanto ela. Ela apertou a mão dele e relaxou contra o seu ombro.

Estavam na beira do círculo que se formou ao redor do fogo dentro do centro da caverna. Ainda estava no verão, mas aqui embaixo era frio e úmido.

Ela observou Braith de cabeça baixa conversando com os outros líderes da facção. A luz do fogo brincava com seu cabelo, destacando suas feições bonitas e ombros largos. Ele estava assentindo enquanto Gideon falava em rápidos sussurros que eram acentuados pela vibração constante de suas mãos. Os braços de Braith dobraram-se sobre o peito e ele se inclinou rapidamente sobre os calcanhares e, embora ela não pudesse vê-lo, sentiu quando seus olhos pousaram sobre ela.

Sua mão apertou a de William. — Tenho medo. — Foi a primeira vez que ela disse as palavras em voz alta, a primeira vez que admitiu

isso, até para si mesma.

— Eu sei. Eu também tenho.

Lágrimas floresceram em seus olhos quando ela se virou para seu irmão gêmeo. Ela nunca esperou tal admissão dele. — Não de morrer. — Ela sussurrou.

— Não brinca! — Retrucou ele.

Ela não pôde deixar de rir quando suas mãos começaram a balançar para frente e para trás como fossem crianças. — Você também não.

— Nunca tive.

— Então, do que estamos com tanto medo? — Ela perguntava por que não sabia. Sabia que estava com medo de perder Braith, de perder essa guerra, de perder qualquer membro de sua família, mas essas eram preocupações que sempre teve, ou com as quais aprendera a lidar desde que conhecera Braith. Isso que sentia agora era algo diferente, era na boca do estômago e estava enterrado no fundo de sua mente em todos os momentos, inflamado como uma lesão infectada.

William ficou pensativo antes de responder. — Do desconhecido...

A hesitação em suas palavras deixou claro que ele não estava inteiramente certo sobre sua resposta, mas no minuto em que ela ouviu, Aria soube que ele estava certo. Eles lutaram com a morte e a perda; fome e sede; sujeira e falta de moradia por toda a sua vida, mas sempre tiveram algum senso de conhecimento. Eles tinham seu pai, Daniel, os outros rebeldes, as cavernas, a floresta e o conhecimento de que os vampiros eram os inimigos a serem combatidos e destruídos. Agora eles estavam sozinhos, cercados pelo que outrora fora o inimigo, em um sistema de cavernas que Aria tinha começado a odiar, e cheios com nada além de incerteza.

— Sim, — ela concordou. — Do desconhecido.

— Não é o mesmo agora.

— E nunca mais será.

— Você quer que seja? — Ele perguntou.

— Às vezes.

— E nas outras vezes?

— Eu não mudaria nada. — Admitiu ela. — Nenhuma única coisa.

— Por causa dele?

— Sim, mas também por causa da esperança que o desconhecido nos traz agora, por causa da promessa de algo melhor para todos. Não importa o quanto soubéssemos antes, o resultado era sempre o mesmo. Se tivéssemos sorte, ficaríamos mais velhos, se não tivéssemos, morreríamos jovens.

— Ou nos tornaríamos escravos de sangue.

—Sim. — Ela não se afastou mais. — Você ainda não está bravo com ele por causa disso, está?

William hesitou por um momento antes de sacudir a cabeça. — Não. Se não tivesse acontecido, não estaríamos aqui.

— Receoso?

Seu sorriso era pequeno e fugaz. — Com medo e cheio de esperança. — Ele respondeu com um brilho nos olhos azuis.

O olhar de Aria se fixou em Braith e ela se lembrou do encontro deles no corredor daquela casa em ruínas. Ela tinha mais uma coisa a

temer: o que aconteceria a eles? A ela?

Ela sabia que Braith planejava sair quando isso acabasse, e que os vampiros não a aceitariam se ela ficasse. Mas ele não podia sair. Eles votaram nele por uma razão, e mesmo que ele não visse, ou se recusasse a ver, era óbvio para todos que ele era um líder nato. Braith tinha feito algumas coisas das quais não se orgulhava, machucou inocentes e foi um monstro por um breve tempo, mas no fundo ele era bom, e faria o certo tanto pelas pessoas e vampiros quanto pudesse.

Ele poderia não ter a intenção de ser o líder, mas já era, mesmo que não visse isso. Ela via e todos os outros nesta sala também.

Suas mãos pararam de balançar quando Braith a chamou para frente. William apertou a mão dela antes de soltá-la.

— Quanto tempo você acha que vai demorar antes de encontrarmos seu pai? — Braith perguntou.

— Aria geralmente pode rastreá-lo dentro de alguns dias. — Respondeu William.

— Eu não sei o quão longe na floresta ele foi, e se existem muitos de nós...

— Não haverá mais. — Braith inseriu rapidamente.

Ela estava começando a perceber que havia mais em seus tons cortados do que tentar parecer distante dela. Algo o irritara. — Isso tornará as coisas mais fáceis. Mesmo que ele tenha ido a regiões que nunca exploramos, posso encontrá-lo em uma semana.

— Você tem certeza disso? — Ele perguntou.

— Duas, no máximo.

— Quanto tempo? — Barnaby perguntou rapidamente.

O olhar de Aria correu nervosamente para ele.

— Acho que ela já respondeu a essa pergunta. — Ashby disse a ele. — O maior tempo que levará é de duas semanas.

— Então isso significa que pode ser quase um mês antes de você voltar. E se houver um grande grupo deles, ainda mais tempo. — Respondeu Calista friamente.

— Nós fomos criados nesses bosques e os conhecemos bem. Um grupo de nós é muito mais fácil de se mover do que você pensa. Não levará um mês. — Disse Aria com firmeza.

— E mesmo que leve um mês, Calista, você vai sobreviver. Não é a situação mais ideal, mas sabíamos que não seria fácil. — Informou Braith.

Calista se mexeu, seus olhos escuros se estreitaram por um breve momento antes de dar um rápido aceno de cabeça. — Nós podemos sobreviver e os humanos conhecem as cavernas. — A cabeça de Aria se virou e um pequeno suspiro escapou dela. Havia apenas dois humanos aqui que conheciam esta caverna, e ela não queria que nenhum deles ficasse aqui. Braith se mexeu levemente e ela de repente entendeu a tensão nele, a clareza de suas palavras. William não sabia como rastrear seu pai tão bem quanto ela, ele não era um grande fã das árvores e não seria tão rápido quanto ela. William a olhou ansiosamente e ela segurou a mão dele novamente. — Ele virá a calhar para nos tirar daqui se for necessário.

Aria estava achando difícil respirar. Ela podia sentir o olhar de Braith perfurando-a, implorando a ela para entender, para fazer isso, para não brigar mais por estar separada de seu irmão, novamente. Ela tentou ser forte, mas estava com medo de deixar William com um monte de vampiros.

Tudo em seu corpo gritava contra isso. Os outros humanos

estavam acostumados com os vampiros que os cercavam, ela e William não. A rigidez de seu irmão deixava claro que ele também não estava muito satisfeito com a ideia, embora ela não soubesse se era porque ele ficaria aqui ou porque ela estava indo.

Aria engoliu o nó pesado na garganta. — Quem vai comigo? — Ela perguntou com muito mais força do que sentia.

— Ashby, Gideon e eu. — A voz de Braith ainda estava fria, mas um pouco da tensão diminuiu.

— Eu pretendo ir também. — Informou Xavier.

Braith não demonstrou surpresa com sua afirmação, mas Aria sentiu um lampejo profundo em sua barriga. — Tudo bem. — Braith se irritou. — William ficará com os outros para ajudar a manter a ordem e ajudar a encontrar comida, se necessário. Se eles forem forçados a abandonar essas cavernas, vocês poderão se encontrar novamente?

— Sim. — Respondeu Aria.

— Então nós partimos ao cair da noite.

Aria sabia que ele não pretendia ser duro, mas esse

conhecimento pouco fez para aliviar o nó de tristeza em seu peito. Ela ansiava por seu conforto mais do que qualquer coisa, mas relutantemente aceitou que ele não poderia dar isso a ela agora, talvez nunca.

— Você está bem com isso? — Ela perguntou a William quando os outros se afastaram deles, fechando o círculo novamente.

— Eu ficaria melhor se fosse com você, mas não parece que temos uma escolha.

— Não, não temos.

Capítulo Treze



Depois de oito dias, Aria estava exausta, dolorida e sentindo-se um pouco desanimada. Também precisava desesperadamente de um bom banho ou, no mínimo, de um mergulho. Seu cabelo estava uma bagunça emaranhada e ela não tinha certeza de que seria capaz de desembaraçá-lo, e tinha mais picadas de mosquito do que cabelos na cabeça.

Ela amava seus bosques, mas desprezava essa área do inferno em que haviam entrado. Nunca tinha se aventurado nos pântanos antes e não podia acreditar que seu pai havia escolhido essa parte da floresta para se refugiar. Tudo o que ela gostaria era encontrá-lo e fugir o mais rápido possível desta terra de lama e sujeira. Seus pés estavam empolados e seus sapatos não ficavam secos em três dias. No entanto, ainda avançavam interminavelmente através de acres de água suja.

Ashby tinha desistido de reclamar, mas Gideon resmungava sobre como ele desejava matar humanos. Xavier permaneceu

abençoadamente em silêncio, embora fizesse caretas com frequência. Ela podia lidar com a lama e a sujeira, essa situação não duraria para sempre, e ela esteve imunda muitas vezes em sua vida, mas o cheiro... O cheiro era suficiente para fazê-la querer vomitar, e definitivamente induziu mais que seu quinhão de engasgos. Ela não conseguia afastar este odor que torcia o seu estômago de uma forma que nunca imaginou ser possível. Mas, novamente, isso também poderia ser a fome incessante que estava rasgando-a.

Ela planejou apenas sete dias de suprimentos, mas percebeu há três dias que provavelmente deveria começar a racionar sua comida. Estava ficando cada vez mais faminta e começando a concordar com o desejo de Gideon de matar alguma coisa.

Braith estava ficando cada vez mais agitado. Então, novamente, eles estavam todos se tornando impacientes e frustrados. Ele a carregou mais do que algumas vezes, mas ela não queria parecer fraca na frente dos outros três, então insistiu em andar a maior parte do tempo.

A sucção da lama grossa fez com que seus pés fizessem um som alto quando ela pisou no chão sólido. Um pinheiro quase morto levantava seus galhos até a luz fraca e ela inclinou a cabeça para trás

para perscrutá-lo. A luz refratou-se de algo dentro dos ramos. Soltando uma respiração cansada, os ombros de Aria caíram cansados.

Braith agarrou o braço dela enquanto segurava o membro inferior arranhado. — Você está bem para fazer isso? — Ele exigiu rispidamente. Ela conseguiu um pequeno aceno de cabeça e um sorriso. — Eu irei no seu lugar.

— Aquilo lá não vai aguentar seu peso e você não sabe o que procurar quando estiver lá.

— Algo brilhante.

— Sim, algo brilhante. — Ela concordou, cansada. — Algo que nenhum de nós verá se a árvore desmoronar sob o seu peso.

Felizmente, apesar de seu mau humor, a razão prevaleceu e ele soltou seu braço. Ela estava mais lenta ao subir a árvore, as bolhas em seus pés junto com suas roupas pesadas e seus sapatos dificultavam a movimentação que normalmente era tão livre. Sua mão se enrolou ao redor do pedaço de lata pendurado em uma linha fina. Ela subiu mais, se apoiando enquanto olhava para as copas das árvores. O alívio a atravessou quando viu o próximo marcador a apenas um

quilômetro de distância.

Soltando o pedaço de lata, desceu lentamente da árvore. — Mais um quilômetro.

— Por quanto tempo isso vai continuar? — Perguntou Gideon.

Aria deu de ombros enquanto limpava o cabelo emaranhado de sua testa. — Não sei. Espero que cheguemos lá em breve.

Sua cabeça estava começando a latejar e seu estômago roncou. Braith amaldiçoou quando tirou sua mochila das costas e abriu-a. Vasculhando o interior, tirou sua escassa variedade de suprimentos. Ele empurrou um pouco de carne seca, uma lata de água e um saco de nozes em suas mãos.

— Coma.

Saliva correu em sua boca e o estrondo em seu estômago aumentou. Suas mãos tremiam. — Tenho que racionar os suprimentos, não posso comer...

— Vou encontrar mais comida para você.

O pântano era vasto e imponente, mas até agora eles não encontraram muita vida selvagem, e havia poucas plantas que ela

tinha certeza de poder comer, pois não conhecia essa área. Já havia visto o que poderia acontecer a uma pessoa quando comia algo que não devia, e embora tivesse sobrevivido, ela ficara doente por uma semana. Além disso, ela não era a única com fome agora.

— Braith...

Suas mãos envolveram as dela, segurando-a com força. — Coma. — Ela se esforçou para seguir o que sabia que era certo, mas no final, a fome venceu. Tremendo um pouco, Aria rasgou um pedaço de carne e levou-o à boca. Os ombros de Braith caíram em alívio. — Vamos acampar aqui durante a noite.

Aria observou enquanto os quatro se moviam, estabelecendo um pequeno acampamento. Ela limpou o sal dos dedos e tomou um gole de água morna. Eles conferiam um com o outro, mas Aria não estava prestando muita atenção enquanto mastigava lentamente as nozes, saboreando cada mordida enquanto tentava fazê-las durar.

— Eu voltarei.

Aria piscou para Braith, surpresa. — Voltar de onde?

— Vou procurar por comida. Ashby e Gideon ficarão com você. Você estará segura.

— Eu sei.

Beijando-a com ternura, seus dedos demoraram-se brevemente em sua bochecha antes que ele relutantemente a soltasse. Ela mastigou o resto de suas nozes enquanto observava Xavier e Braith voltando para o pântano. Não havia tantos lugares aqui para se esconder e encontrar abrigo, mas eles logo desapareceram de vista por trás de uma grama alta e de árvores podres.

Terminando suas nozes, Aria limpou as mãos em suas calças imundas e voltou sua atenção para a mochila que Braith tinha deixado para trás. Ela não falou com Ashby ou Gideon quando tirou um par de calças leves que estavam sujas, mas nem de longe tão sujas quanto as que ela usava agora.

— Já volto.

Eles não tentaram detê-la enquanto ela saía em busca de um lugar que lhe oferecesse pelo menos um pouco de privacidade. Aria encontrou um ponto atrás de um salgueiro caído com os galhos balançando na água do pântano e limpou a sujeira de suas calças sujas antes de deslizar suas outras calças de volta. Permanecendo abençoadamente descalça, retornou ao acampamento para ferver a água.

Gideon e Ashby estavam sentados ao lado do pinheiro; Gideon estava inclinando-se cansado contra ele enquanto a observava sob os olhos semicerrados. Ashby parecia abatido, mesmo quando ele tinha sido exilado para uma vida de solidão e privação, nunca teve que suportar esse tipo de dificuldade. Ele não estava preparado para isso e era mais do que aparente de que não gostava. Fazendo um pequeno fogo, ela aqueceu a água e recuou para o salgueiro para lavar seu corpo o melhor que pôde antes de retornar.

Aria se acomodou no cobertor. Ela não achava que já tivesse estado tão cansada e exausta. Pretendia ficar acordada até que Braith retornasse, mas quando se deitou no cobertor, a exaustão venceu.

Estava escuro quando acordou novamente. Os braços de Braith se esticaram ao redor dela enquanto ela tentava se sentar.

Um suspiro de alívio escapou quando ela rolou de costas. Aria não sabia quando ele voltou, mas ele agora estava aninhado contra ela, o peito largo pressionado contra o lado dela, os braços em sua volta. As numerosas estrelas brilhavam no vasto céu noturno. Ela nunca tinha visto nada assim antes. Na floresta, as árvores bloqueavam as estrelas, a luz as refletia no palácio e ela não se incomodou em tirar tempo para olhar enquanto estava no deserto.

Agora ela olhava para elas, maravilhada e fascinada pelo céu aparentemente interminável. — Você não deveria estar dormindo?

— É lindo. — Ela sussurrou.

Ele permaneceu imóvel por um longo momento antes de virar de costas também. Seus dedos encontraram os dela, entrelaçando-se firmemente quando ele a puxou para perto. — É sim.

Aria descansou a cabeça no peito dele, incapaz de tirar os olhos do céu enquanto a lua descia no horizonte. Estava quase cheia e da cor do sangue. Aria estremeceu; parecia um mau presságio para ela. Braith correu sua mão agilmente para cima e para baixo em sua espinha, fazendo arrepios aparecerem em sua pele, empurrando a barra de sua camisa para cima, seus dedos encontrando a pele nua.

Seus olhos se fecharam quando o prazer a inundou. Ela empurrou a sua camisa, ansiosa para sentir sua própria pele nua sob seu toque enquanto se fundia contra ele. A mão dela se esticou contra seu estômago firme, e de repente ela foi consumida pela necessidade de sentir mais enquanto acariciava a carne sólida de seu peito.

Sua boca era macia, tenra contra sua bochecha, depois em sua orelha e finalmente em seus lábios. O calor se espalhou e ela não podia

ouvir nada sob a onda de sangue em seus ouvidos. Ele a empurrou para trás, nivelando-se lentamente sobre ela enquanto a pressionava no chão esponjoso. Braith apertou seu rosto enquanto a beijava com uma reverência que a deixou sem fôlego.

Aria não conseguia pensar direito. Ele englobou todos os seus sentidos enquanto sua mão envolvia seu seio. Um suspiro escapou e algo dentro dela pareceu estalar quando seus dedos cavaram em suas costas firmes e ela pressionou mais perto dele. Estava perdida em um mar de necessidade. Ele era tão forte e poderoso e ainda assim a tocava com uma ternura que a humilhava e sacudia até seu âmago.

O braço dele envolveu sua cintura e ele a ergueu puxando-a contra ele, se nivelando mais firmemente entre as pernas dela. Os botões de sua camisa tinham se desfeito. Ele se inclinou para pressionar beijos macios contra o peito dela. Seus cabelos escuros se misturavam com a noite que os rodeava, mas a luz da lua destacava os planos de seu rosto. Ela não conseguia o suficiente para observá-lo enquanto ele se movia sobre seu corpo. Aria vagamente pensou que talvez ela devesse parar, eles nunca foram tão longe, mas então ela percebeu que não queria. Ela queria isso; ela o queria, mais do que jamais desejou alguma coisa em sua vida.

Braith estava de volta sobre ela, a boca reivindicando a sua enquanto ela tremia e se agarrava a ele quando o prazer a inundava. Calor a inundou; ela não estava familiarizada com as sensações que corriam através de seu corpo enquanto se agarrava aos seus sólidos bíceps e tentava evitar completamente desmoronar. Tudo estava certo em seus braços. Agora, neste momento, não havia medo, apenas o amor que eles compartilhavam.

E então Gideon lançou um bufo. Braith congelou acima dela e sua boca se acalmou enquanto sua cabeça lentamente subia. Seus brilhantes olhos cinzentos se prenderam aos dela, ardendo de excitação e frustração. Ela estava dividida entre o desejo de continuar e a realidade de que eles não estavam sozinhos.

No final, foi Braith quem tomou a decisão. Suas mãos tremiam quando ele abotoou as calças dela e pôs a camisa de volta ao lugar. Uma sensação de perda a encheu quando ele lentamente se afastou dela. Um músculo pulou em sua bochecha e ele a puxou contra o seu lado, pressionando um beijo suave em sua têmpora, deitando-se próximo.

— Perdi a cabeça, eu não deveria ter deixado isso ir tão longe. Eu tenho a tendência de me perder em você.

Ela emocionou-se com a admissão. — Eu gostaria que tivesse ido mais longe. — Confessou ela.

Ele riu enquanto acariciava o cabelo dela. — Você conhece as constelações? — Ela balançou a cabeça e voltou a sua atenção para o céu brilhante acima deles. Aria lutou para ignorar o anseio que ainda pulsava em seu corpo, mas uma dor profunda permaneceu. — Aquela, com as três estrelas no final e as quatro agrupadas como uma taça é a Ursa Maior.

Aria aninhou-se contra ele, consolada pelo timbre profundo de sua voz enquanto Braith apontava as diferentes constelações.



— Papai! — Aria gritou de alegria e correu pela clareira até o homem parado no meio dela. O rosto de David ficou vivo de prazer e um sorriso iluminou suas feições enquanto se preparava para o impacto de seu corpo. Ele agarrou sua filha, rindo alegremente enquanto a envolvia em um grande abraço e a girava ao redor.

Braith olhou atentamente para as pessoas que os cercavam enquanto seguia em frente. Ele queria pegar Aria de seu pai, puxá-la

de volta, aninhá-la a seu lado, onde era o lugar dela, mas ele lutou contra o desejo quando seu pai a colocou no chão e acariciou seu rosto com a palma de suas mãos. Os humanos o estudaram, mudando desconfortavelmente de posição enquanto sussurravam entre si. Estes não eram os humanos dos Vales. Esses humanos foram abusados e aterrorizados por vampiros e conheciam apenas o medo em relação à sua espécie.

— Você está bem? — O pai de Aria perguntou.

— Estou bem. — Ela respondeu com um sorriso tão brilhante que aliviou o nó no peito de Braith. Ele a queria de volta, mas sua felicidade era muito mais importante no momento.

— Onde está William? — David perguntou preocupado quando percebeu que seu filho mais novo não estava presente.

— Era complicado demais mover todo mundo pela floresta, imortais ou não, e eles são incrivelmente barulhentos. — Ela o informou com um sorriso travesso. — William ficou nas cavernas com eles. — As mãos de David ficaram tensas no rosto. — Ele vai ficar bem pai, eu juro. Nós estivemos com eles por algum tempo, podemos confiar.

O olhar de seu pai se dirigiu para ele; Braith sabia que David desaprovava o relacionamento deles, mas ele não se importava. O homem não iria separá-los. — Entendo.

— Diabinha!

Ela libertou-se de seu pai enquanto seu irmão Daniel saía da multidão. — Daniel!

Ela estava rindo enquanto se jogava em seus braços. Braith se arrepiou, seus dedos se contraíram quando sua mandíbula enrijeceu. Era o irmão dela, ele se lembrou ferozmente. Mesmo assim, precisou se esforçar para não a afastar do homem esbelto que a abraçava. Ao contrário de seus irmãos, o cabelo de Daniel era de cor de trigo, mas mesmo que não compartilhasse sua coloração, ele tinha os mesmos olhos azuis brilhantes que William e Aria possuíam.

— Caramba minha irmã, você fede! — Daniel falou.

Aria riu alto e deu um passo para longe dele. — Andamos perambulando pelo pântano nos últimos três dias.

— Bom, isso explica tudo. — Daniel concordou.

— Tenho certeza de que você está ansiosa para se limpar. — E

embora seu pai dissesse as palavras para ela, seu olhar estava voltado para Braith.

— Muito mesmo. — Concordou Ashby.

Houve um deslocamento entre os humanos e, em seguida, Max se adiantou. Raiva subiu através de Braith. A esperança se espalhou pelo rosto de Aria e iluminou seus olhos quando ela deu um pequeno passo em direção a ele. Max segurou seu olhar por um momento antes de se virar e desaparecer na multidão.

Os ombros de Aria caíram quando a tristeza se instalou sobre ela. Não importava o quanto ele não a queria perto de Max, mesmo assim ele odiava vê-la chateada e gostaria muito de sacudir e colocar algum sentido no bastardo egoísta, queria matar Max por fazer Aria sofrer e vê-la com aquele olhar abatido em seu rosto. Daniel observou-o cautelosamente quando Braith se adiantou, seu braço roçando o dela enquanto oferecia todo o conforto que poderia lhe oferecer no momento. Aria se virou para ele; lágrimas brotaram suavemente em seus olhos antes de piscar para contê-las e forçar um sorriso.

— Talvez possamos ir a algum lugar um pouco mais privado. — Sugeriu Braith.

— Sim, claro. — Disse Daniel. — Esta é uma das poucas áreas nos pântanos que não são apenas água e lama. Não é muito hospitaleiro, mas há algumas casas aqui e construímos abrigos temporários.

A multidão se separou quando o pai de Aria os conduziu pela rua da pequena cidade em que haviam morado. David os levou aos restos de uma casa pequena em ruínas. Braith observava Aria com cuidado, enquanto se aproximava de algumas tábuas quebradas. Ele estava preparado para agarrá-la, se acontecesse de tropeçar e cair. David parou no meio do caminho para falar com alguns homens mais jovens antes de levá-los para o que restava da sala de estar.

— Há um lago por aqui? — Perguntou Aria.

— Sim, mas eu os instruí para aquecerem a água, quem sabe um banho não seria bem-vindo? — O rosto de Aria se iluminou e alegria se espalhou sobre ela, enquanto olhava toda feliz em direção à Braith. — Um banho para todos vocês. — Braith sentia-se quase tão excitado quanto Aria. — Achei que vocês iriam preferir conversar depois de estarem limpos.

— Claro que sim. — Ashby concordou imediatamente, quando Jack entrou na sala.

O nariz de Jack se enrugou. — Eu diria que um gato atacou vocês e arrastou através do esgoto, só pelo *cheiro* e *aparência* de vocês cinco.

— Na verdade eu me sinto exatamente assim. —Respondeu Braith.

Jack sorriu abertamente e agarrou a mão de seu irmão com firmeza, enquanto lhe dava uma tapinha no braço. — Bom te ver, irmão.

— Também fico feliz em te ver, irmão.

Jack o soltou, e seu sorriso se expandiu, quando seu olhar varreu em direção a forma miserável e imunda de Gideon. — Bem, agora isso é um deleite agradável de se ver.

— Gostaria de poder dizer o mesmo. — Retrucou Gideon mal-humorado.

Jack riu alto e apertou a mão de Gideon e depois a de Xavier. — Há quanto tempo.

Xavier simplesmente inclinou a cabeça brevemente em resposta. Braith permaneceu rígido, quase imóvel, enquanto observava três jovens carregando cinco cubas de madeira

separadas. Demorou quase meia hora antes que fosse trazida água suficiente para enchê-los. Aria permanecia com seu irmão e seu pai, e enquanto conversavam, um lindo e brilhante sorriso nunca deixou seu rosto.

— Vão se limpar. Depois conversamos. — David insistiu quando a última água foi trazida.

Braith estava ciente do fato de que quatro das banheiras haviam sido levadas para um cômodo, enquanto a outra foi mantida separada. Aria o olhou quando ele deu um passo em direção a ela.

— Espere. — Disse David bruscamente.

As mãos de Braith se fecharam ao seu lado. Ele podia controlar sua necessidade de afastá-la deles, mas não iria deixá-la sozinha e vulnerável enquanto ela se banhava. Ele não confiava na maioria dessas pessoas e com certeza não confiava em Max. O garoto estava espreitando por aqui e quase a matara uma vez.

— Não deixarei ela sozinha. — Braith rosnou.

David parecia como se o topo de sua cabeça fosse explodir. Braith se aproximou de Aria, pressionando-se contra o braço dela. — Tudo bem, pai. — Aria assegurou-lhe. — Não é o que

você pensa. Ele nem vai estar no quarto.

— Ela não vai para lá sozinha. —Voltou a rosnar Braith.

— Aria é perfeitamente capaz de cuidar de si mesma! — Respondeu David irritado.

— Eu sei que é, e ela também é perfeitamente capaz de se meter em problemas. — Voltou a argumentar Braith.

Neste momento, Aria lançou um olhar sombrio a Daniel, quando este começou a gargalhar alto.

— Eu não confio nessas pessoas. Eu não confio no Max. Quer você goste ou não, ela não vai entrar lá sem que eu fique de guarda.

— Braith! — Aria sibilou quando os olhos de seu pai se estreitaram de raiva.

— Quem diabos você pensa que é? — David disse quase gritando.

— Eu sou dela! — A resposta simples e surpreendente arrancou parte da raiva de David. O queixo de Daniel caiu, enquanto Ashby sacudia a cabeça. Xavier observava atentamente, e Gideon simplesmente saiu da sala em direção às outras banheiras. Jack

abaixou a cabeça entre as mãos e começou a massagear as têmporas.

— E ela é minha. — Ele segurou o braço de Aria gentilmente, empurrando-a para o quarto dos fundos. Ela hesitou, aparentemente dividida, enquanto olhava dele para o pai e vice-versa.

David não protestou mais, porém, sua mandíbula estava cerrada e seu semblante espelhava desgosto, enquanto lançava um olhar furioso que ia em direção às costas de Braith.

O quarto em que tinham trazido a banheira era pequeno, com uma única janela na parte de trás. Braith fechou as venezianas, prendendo-as no lugar antes de voltar-se para ela. O vapor subia da banheira e uma pequena lasca de sabão havia sido colocada no chão em cima de algumas toalhas e roupas limpas.

— Com diplomacia podemos conseguir muitas coisas. — Ela murmurou.

— Eles têm que entender...

— Ele é meu pai, Braith. Eu sei que você não entende o que isso significa, não da mesma forma que eu, mas ele me ama. Eu sou sua garotinha. Isso é difícil para ele, é difícil para Daniel e William, mas é especialmente muito mais difícil para meu pai... — Ela estava certa,

ele não entendia isso. — Você precisa ser mais gentil e mais paciente. — Ela inclinou a cabeça, olhando para ele e sorrindo levemente. — Você acha que pode fazer isso?

Ele agarrou a gola da sua blusa e puxou-a para mais perto. — Eu posso tentar, por você.

— Só por mim?

Ele sorriu. — Claro. Eu não faria isso por mais ninguém.

Ela riu e ele começou a desabotoar os botões de sua blusa, tirando-a dos ombros e puxando-a pelos seus braços. Ele tocou em seus ombros suavemente, e se virou rapidamente lhe dando privacidade. Braith escutou quando o resto de suas roupas caiu no chão, antes que ela entrasse na banheira soltando um longo suspiro de prazer. Tudo isso, era para ele uma tortura excruciante. Seus dentes rangeram assim que ele foi para a porta, encostando-se nela, enquanto lutava contra seu desejo de se virar e voltar para dentro.

Seu corpo estava tão tensionado e concentrado em não olhar, que ele não percebeu que ela havia se aproximado dele. Braith sentiu os dedos dela deslizarem entre os seus; ele se perdeu na sensação suave de sua pele contra a dele, fazendo com que a puxasse e abraçasse-a

contra seu peito.

Capítulo Quatorze



Aria dormia em seu colo com a mão enrolada contra o peito dele, a cabeça apoiada no seu ombro, respirando lentamente. Enquanto ela dormia, a tensão do dia desapareceu de suas feições fazendo-a parecer ainda mais jovem e mais vulnerável, o que só o fez se preocupar mais ainda por ela. Max não tinha aparecido novamente desde que se viram mais cedo e Braith esperava que ele nunca aparecesse.

Daniel estava falando baixinho, apontando para alguns dos desenhos que criou. — Estes são todos os seus sistemas de cavernas? — Perguntou Gideon.

— Nem todos eles. — Respondeu David. — Esses são os mais próximos do palácio. Nós tivemos outros, mas alguns foram perdidos para desmoronamentos e outros estão muito longe do palácio para serem úteis.

— Há muitas pessoas dentro delas? — Perguntou Ashby,

olhando nervosamente para Braith.

— O que você quer dizer? —Perguntou David.

— No sistema de cavernas onde as tropas estão escondidas, tinha um homem dentro dele.

— Isso não é incomum, muitos sabem sobre as cavernas e sobre o suprimento de comida que há nelas. — David disse a ele.

— Mas este homem parecia estar lá por muito tempo. —Voltou a questionar Ashby.

— Suponho que alguns possam ficar escondidos por muito mais tempo, por medo e evitar as tropas do rei. É por isso que nós nos retiramos para o pântano. Os ataques do rei tornaram-se mais frequentes e agressivos desde que você deixou o palácio. — Braith sustentou o olhar firme de David. — O homem na caverna, o que ele fez?

— Ele atacou Aria. — Rosnou Braith.

Os olhos de David se arregalaram e ele se inclinou para frente na mesa. Braith abaixou a cabeça e inalou o aroma doce dela. O sabonete que ela recebeu cheirava a mel. Por baixo do aroma, ele podia sentir

o leve toque de seu sangue correndo por suas veias. Ela era a coisa mais sedutora que já cheirou, e ele precisava de seu efeito calmante agora mesmo.

— Por que ele faria isso? — Perguntou David.

Ashby olhou nervosamente para Braith, mas pareceu satisfeito por vê-lo manter a calma enquanto segurava Aria. — Aparentemente ele não tinha visto uma mulher por um tempo.

— Ele a machucou? — Perguntou preocupado Daniel.

— Ele tentou, mas ela está bem.

— E quanto ao homem? — Perguntou David.

— Morto. — Disse Braith sem remorso. — Qualquer um que a machuque terá o mesmo destino.

David recostou-se enquanto os estudava. — O que exatamente você pretende com a minha filha? O que você acha que pode dar a ela?

— Tudo o que ela desejar. —Afirmou com convicção Braith.

Gideon e Ashby se mexeram nervosamente, bem conscientes de

que essa conversa estava se arrastando em águas traiçoeiras. Xavier se inclinou para frente, e seus olhos escuros ansiosos enquanto absorvia a discussão.

— Eu posso ver que ela te ama e, embora seja desconcertante e surpreendente para mim, acho que você também a ama. Mas não vejo como isso pode funcionar. Seu povo vai aceitá-la? Você tem planos de fazer dela uma *vampira*? — David quase se engasgou com a palavra vampiro, mas de alguma forma conseguiu dizê-la. Era evidente que o homem achava o pensamento abominável.

— A maioria não sobrevive à mudança; eu não tenho intenção de infligir isso a ela.

Gideon, Jack e Ashby estremeceram e Xavier levantou uma sobrancelha enquanto olhava para Aria.

A frustração de David era quase palpável. — Então o que você pretende? Vê-la envelhecer e morrer? Fazê-la ser uma pária entre o seu povo? Diga-me Braith, o que você vai fazer quando ela morrer?

— Vou encontrar um jeito de morrer também. — Ele disse simplesmente.

Gideon gemeu e balançou a cabeça, deixando-a cair em suas

mãos. Ashby fechou os olhos quando Jack cruzou os braços sobre o peito e se recostou na cadeira. Xavier permaneceu imóvel, ele sabia que havia um vínculo entre eles, mas não sabia a extensão desse vínculo até agora.

— Mas você foi eleito o líder; seu povo vai te seguir...

— Ou a Jack. — Ele interrompeu bruscamente. Apesar de todas as suas intenções de não o fazer, ele se viu inclinado para a frente ao encontrar o olhar incrédulo de David, e de um Jack completamente espantado. — Vou levá-los à batalha. Vou levar todos vocês para a batalha, mas nunca escondi o fato de que não pretendo liderar depois. Não, a menos que Aria esteja ao meu lado. Eu vou ficar tempo suficiente para qualquer líder que você decidir se instalar, e então ela e eu iremos embora. Não vou expô-la a uma vida de infelicidade.

— Eu não quero isso. — Jack soltou.

— Nem eu. — Rugiu Braith em frustração. — Eu nunca quis, mas aceitei e fiz isso. Cumpri meu dever nos últimos novecentos anos, fiz tudo o que esperavam de mim e continuarei a fazê-lo até que isso termine, mas outra pessoa pode assumir depois de mim.

— Vai ser difícil para ela envelhecer enquanto você não

envelhece. — David disse a ele.

— Eu sei disso.

— Você poderia deixá-la ir. — Braith endureceu quando a fúria rasgou através dele. Os dedos de Aria deslizaram sob os botões de sua camisa para pressionar contra sua carne em uma tentativa de acalmá-lo. Eles a acordaram. — Seria melhor para vocês dois, para todos os envolvidos, se você a deixasse livre.

— É tarde demais para isso. — Ele conseguiu recuperar o suficiente controle para responder sem quebrar a mesa diante dele.

— Eu não entendo o porquê. Eu sei que vai ser difícil, a última coisa que quero é ver minha filha infeliz, mas ela vai se machucar, não importa o motivo. Não há como parar isso agora.

Sua pulsação cardíaca aumentara; o cheiro do medo dela o assaltou. — Ashby pode explicar para você. — Ele disse sem rodeios. Aria engasgou quando ele se levantou rapidamente da cadeira. Ficar aqui só iria irritá-lo ainda mais e ele prometera a ela que tentaria ser mais gentil. — Em qual quarto ficaremos?

O queixo de David caiu. Os cílios de Aria cintilaram em seu pescoço quando ela abriu os olhos e ele podia sentir o calor de sua

pele contra seu pescoço. Braith respondeu de volta com um gemido. Ele não entendia esses costumes humanos, ou talvez eles fossem simplesmente costumes familiares, mas estava ficando cada vez mais frustrado com eles.

— Vou dormir no chão. — Ele disse, esperando que isso ajudasse a aliviar um pouco da tensão que enchia a sala. Ele jurou que uma vez que toda essa bagunça terminasse, construiria uma casa para a qual ninguém mais seria convidado.

— A terceira porta à direita; há um pequeno catre ali. — David respondeu com a voz embargada.

— Vou pegar alguns cobertores para você. — Daniel se ofereceu.

— Você pode me colocar no chão.

Ele a segurou por mais um momento antes de baixar os pés no chão. Aria correu para o pai, deu-lhe um beijo no rosto e um abraço. Braith ficou fascinado pelo olhar de amor no rosto de David enquanto falava com ela. Com certeza nunca tinha visto isso no rosto do próprio pai. David acariciou seu braço tranquilizadoramente quando ela o beijou novamente antes de ir para junto de Braith.

— Eu também gostaria de me retirar. — Xavier se levantou, seus

dedos descansaram brevemente sobre a mesa enquanto inspecionava a sala. — Estou ciente do desconcertante vínculo vampírico referido como *Bloodlink* ou ligação de sangue. Presumo que seja disso que Ashby falará, pois estou bem ciente de seu relacionamento com a irmã de Braith, e não com aquela com quem ele se casou.

Apreensão brilhou brevemente pelo rosto de Aria, mas ela permaneceu imóvel ao lado de Braith. Ela não confiava em Xavier, ainda não. Braith não tinha certeza se confiava nele completamente também.

— Como você sabe disso? — Ashby questionou, seu comportamento despreocupado desaparecendo com a menção de Melinda.

Xavier se afastou da mesa. — Meu trabalho no palácio era prestar atenção, registrar as histórias, tomar nota e ver as coisas que ninguém mais via. Eu não sou cego, Ashby. Vocês dois tentaram esconder isso e até conseguiram isso com a maioria das pessoas. — Seu olhar estava direcionado para Braith. — Mas não de mim.

Ashby parecia cauteloso. Seus olhos estavam semicerrados enquanto estudava Xavier com aborrecimento e desconfiança. — Acalme-se, Ashby, nunca contei a ninguém que você estava tendo um

caso com a filha mais nova enquanto ainda era casado com a mais velha.

— Cuidado com o que você diz, Xavier. — O tom de Ashby era baixo, mortal.

Xavier não parecia nem um pouco ameaçado por Ashby. Braith puxou Aria de volta quando Xavier parou ao lado dela. — Mas um humano... — Ele balançou a cabeça e algo cintilou em seus olhos enquanto ele a estudava. — Isso é inédito. — Os olhos de Aria se estreitaram e seu queixo se elevou desafiadoramente. Xavier sorriu para ela em diversão. — Um enigma.

— Eu não sou Ashby. Com guerra ou sem guerra, com seguidores ou não, eu vou te matar se você a tocar. Lembre-se sempre Xavier, eu sou uma ameaça real para você.

— Estou bem ciente desse fato, Braith. Não tenho más intenções em relação a ela.

Braith não ficou apaziguado pelas palavras. Ele puxou Aria mais para trás quando Xavier se aproximou dela. — Não. — Ele rosnou se metendo entre eles.

Xavier levantou as mãos e deu um passo para trás. — Calma,

Braith, eu disse que não iria machucá-la, e realmente quis dizer isso. Eu vi o que você é capaz quando se trata dela, e tenho a sensação de que a caverna foi apenas a ponta do iceberg. Nós precisamos dela se quisermos vencer esta guerra.

— E depois?

— Depois vai depender de você e dela. Agora, onde estão esses cobertores? Estou exausto.

Aria se aproximou do lado de Braith, ele ficou parado por um momento, tremendo de raiva reprimida e incerteza. Xavier sempre foi um pouco estranho, ou pelo menos ele sempre pareceu assim enquanto permanecia nas sombras calmamente assistindo tudo. Ele suspeitava que Xavier sabia mais do que estava falando enquanto olhava com curiosidade para Aria, mas exatamente quais eram seus segredos, Braith não podia nem começar a adivinhar.

— Uh, por aqui. — Daniel desajeitadamente interrompeu.

Ele recuou quando Xavier passou por ele até a escada. — Essas coisas vão me aguentar? — Xavier ponderou enquanto olhava as escadas.

— Sim.

Daniel os levou para o andar de cima, entregou cobertores e abraçou sua irmã desejando-lhe boa noite. Braith não ficou satisfeito ao ver que o quarto realmente só tinha um pequeno catre empurrado contra a parede. Ele nem tinha certeza de que Aria se encaixaria nele enquanto estendia o cobertor.

— Xavier é estranho.

Braith sentou-se na beira da cama e puxou-a para seu colo. Ela colocou os braços ao redor da cintura dele enquanto descansava a cabeça contra o seu peito. — Ele é. — Concordou Braith, esfregando levemente suas costas.

— Ele é desconcertante, mas não acho que me faria mal. Acho que ele está tão confuso comigo quanto eu com ele.

Ele estava feliz que ela pensasse assim, mas Braith não estava convencido de que Xavier não faria algo. Xavier nunca possuiu fome de poder antes, mas não havia como saber o que estava acontecendo dentro de sua cabeça, ou qualquer um dos outros com quem eles estavam alinhados.

— Estou feliz que você não tenha medo dele.

Ele sentiu o sorriso dela em seu pescoço. — Eu não tenho medo de ninguém. — Disse ela rindo.

Ele também teria rido se não fosse verdade. Para alguém tão assustadoramente mortal, ela estranhamente não tinha medo de ninguém ou de qualquer coisa. E isso deixava-o aterrorizado. — Eu sei.

— Não fique todo nervoso. — Ela procurou acalmá-lo enquanto o acariciava. — Você deve estar faminto.

— Estou bem.

— Você é teimoso.

— Assim como você.

Ela estava sorrindo ao inclinar a cabeça para trás para olhá-lo. — Sim, mas já faz algum tempo, eu vou ficar bem, Braith.

Ele baixou a cabeça para a dela. — Eu sei, eu só...

Seus dedos estavam contra os lábios dele, e então sua boca substituiu seus dedos. — Não se preocupe, não agora. Eu anseio pela conexão com você tanto quanto você deseja meu sangue. Eu quero sentir você dentro de mim. — Ele estremeceu com a escolha de

palavras dela, seus braços contraídos ao seu redor. Um gemido baixo escapou dele. Braith nunca superaria o quão rapidamente e facilmente ela poderia desmontar sua compostura. — Eu adoraria satisfazê-lo em todos os sentidos, mas com todos nesta casa, especialmente meu pai...

— Eu entendo. — Ele rangeu com os dentes cerrados. — Não aqui, não nesta cama, e não com sua família nos cercando. Não assim, Arianna. Eu quero o melhor para você, será *o melhor.*

Quando Braith abriu os olhos para olhá-la, ficou surpreso ao encontrá-la olhando para ele com um olhar de amor absoluto que quase o destruiu. Ela tirou os braços da cintura dele e lentamente retirou o cabelo do pescoço. Marcas de sua outra alimentação ainda eram visíveis em sua pele de porcelana. Ele puxou sua blusa lentamente para revelar as marcas quase invisíveis da primeira vez que se alimentou dela. Seus dedos roçaram quando ela pressionou contra ele, seus seios firmes contra o peito dele.

— Você se lembra disso? — Sua voz estava tensa.

— Como eu poderia esquecer?

— Eu quase te matei naquela noite.

— Braith.

— Ainda assim você continua a se entregar para mim.

— Eu te amo.

— É tão simples assim?

— Sim. Esta não é uma vida fácil.

Não era, mas ele não desejava voltar àquele palácio hediondo com sua vasta provisão de sangue e todo luxo imaginável. Ele iria percorrer mil pântanos antes de deixá-la ir novamente. — E ainda assim eu não mudaria nada. — Ele sussurrou contra seu rosto.

— Por quê?

— Porque eu amo você.

— É tão simples assim?

Ele sorriu de volta para ela. — Sim.

— Bom.

Ela silenciosamente guiou sua cabeça até o pescoço dela. Seus dedos deslizaram pelas costas de sua blusa para pressioná-la contra a fina curva de suas costas. Um fraco gemido escapou dela e arrepios

surgiram em toda a sua pele. Ele contornou as marcas em seu pescoço para descansar os lábios suavemente contra a primeira mordida que havia colocado sobre ela; a primeira vez que a marcou como *dele.*

Aria gemeu quando ele mordeu, reabrindo as feridas que os ligaram irrevogavelmente um ao outro. Ela caiu contra ele enquanto o resto do mundo desaparecia.

Capítulo Quinze



Aria levantou os olhos da camisa que costurava quando Jack entrou no quarto. Ela odiava costurar, já havia se espetado várias vezes, mas precisava da camisa. Xingando novamente, enfiou o dedo ferido na boca.

Jack arqueou uma sobrancelha para ela. — Você não é muito boa nisso.

— Eu sei. — Ela murmurou. Ele balançou devagar em seus calcanhares e cruzou as mãos nas costas. Ela franziu a testa enquanto baixava a camisa. — O que há de errado?

— Eu preciso falar com você.

— Está bem.

— Aqui não. Vamos dar um passeio?

Ela não sabia por que ele iria querer dar uma volta, não havia ninguém por perto. — Uh, sim, claro.

Colocando a camisa em cima da mesa, ela se levantou e o seguiu enquanto ele liderava o caminho para fora da casa. Braith tinha ido com Gideon, Xavier, seu pai e Daniel se encontrar com os rebeldes que seu pai reuniu para lutar, examinar os suprimentos acumulados e caçar. Aria optou por ficar para trás, ela estava cansada e pensou que talvez fosse uma chance para Braith se relacionar com sua família. Ele não gostou no começo, mas Jack e Ashby concordaram em ficar para protegê-la.

Ashby estava em pé na floresta quando saíram da casa. Remorso irradiava de seus olhos quando ele deu um passo ao lado deles. Ela olhou entre os dois, de repente se sentindo muito pequena e vulnerável. Por que não pegou o arco? Ela sacudiu o pensamento maluco. Estes eram Jack e Ashby, eles não a machucariam.

— O que está acontecendo? — Nenhum deles respondeu. Aria ficou ciente da batida de sua pulsação em seus ouvidos. — Jack? — Ela estava com vergonha do tremor em sua voz.

— Estamos apenas indo para uma caminhada Aria, temos que conversar.

— Sobre o quê? — Ele não respondeu. Ela parou abruptamente, recusando-se a dar mais um passo até receber algumas respostas. —

Sobre o quê? — Ela exigiu saber.

— O lago está à frente, certo?

Aria se arrepiou com seu tom e quase recusou a ir mais longe, se virando e indo embora. Ela estava certa de que não queria ouvir o que eles tinham a dizer, mas sabia que não poderia fugir. — Tudo bem. — Ela cedeu.

Aria recuou quando Jack liderou o caminho para um lago intocado. Ela ficou parada por um momento, observando a cena diante dela que se espalhava numa matriz brilhante de luz do sol e azul. Algo dentro de seu peito aliviou, ela respirou fundo e inalou o cheiro da água fresca. Esquecendo tudo sobre Jack e Ashby, deu um passo mais perto da água. Ansiava para mergulhar, nadar o máximo que pudesse e simplesmente relaxar.

A limpeza da garganta de Jack a alertou para o fato de que isso não ia acontecer. Suspirando impacientemente, Aria se virou para ele. — Sobre o que você quer falar comigo?

Jack e Ashby trocaram um olhar, mas foi Jack quem falou. — Braith.

Aria cruzou os braços sobre o peito enquanto estudava os

dois. Ashby mal conseguia encontrar o olhar dela; seus olhos corriam continuamente para longe como se ele estivesse envergonhado. Havia um buraco oco no estômago dela; parecia que uma rocha havia se instalado lá. Ela mal podia respirar. Não, ela definitivamente não ia gostar disso. — Talvez você devesse falar com ele então.

— Eu tentei, assim como Ashby e Gideon. Mas ele é teimoso.

Seu coração martelava, a frieza estava se infiltrando em seus ossos, roubando sua alma. — Ele é. — Ela concordou.

Jack se mexeu nervosamente. — Você sabe que eu te amo Aria, eu penso em você como uma irmã.

— Basta dizer isso, Jack.

— Você tem que deixá-lo ir. — Ela sentiu as palavras atingindo-as como um soco no estômago. Ela se preparou e até suspeitou do teor da conversa, mas elas ainda lhe tiraram o ar. Aria foi incapaz de ficar de pé enquanto descansava a mão em uma árvore e se inclinava contra ela.

— Aria...

Ela levantou a mão para pará-lo. Precisava de um momento,

apenas um momento para reunir seus pensamentos e conter as lágrimas. Ela suspeitava o tempo todo, não, sabia que esta era uma possibilidade distinta. Que no final, ela teria que desistir dele, que teria que deixá-lo novamente, mas simplesmente não estava pronta para ouvir isso confirmado por outra pessoa.

Ashby, tentou acalmá-la segurando o seu ombro. Ela afastou a mão dele, incapaz de aceitar sua pena no momento. — Braith sente que quando isso acabar, ele poderá simplesmente ir embora. Que ele pode te levar, desaparecer e nunca olhar para trás. Ele acha que poderá deixar Gideon, Ashby ou até eu no comando. Sabemos que ele não pode, e acho que você também sabe disso.

Aria levantou a cabeça. Ela teve que piscar, pois as lágrimas queimavam ao se concentrar nele. — Nossa linhagem familiar é a mais forte, sempre foi. Nossa linhagem foi rastreada até o primeiro vampiro, é a única que pode reivindicar tal façanha, e realmente provar que é verdade. Não era frequente que nosso sangue não governasse, e como você testemunhou, mesmo os vampiros mais poderosos do nosso lado seguiram para Braith como seu líder.

Ela olhou em silêncio para o lago sentindo a casca áspera da árvore sob sua mão. Precisava sentir essas coisas para conectá-la, para

ligá-la com a terra. Ela se sentia completamente desconectada agora, desarticulada e quebrada.

— Desde o momento em que nasceu, esperava-se que Braith subisse ao poder se nosso pai morresse. Ele foi preparado para tal empreendimento, treinado para isso; ele é aquele que pode controlar o caos que seguirá o destronamento de nosso pai. Mesmo aqueles dentro do palácio, os não-aristocratas, o seguirão porque era isso que esperavam fazer nos últimos novecentos anos. Novecentos anos, Aria, isso é quanto tempo foi aceito que Braith eventualmente governaria. Eles não me seguirão da mesma maneira e, para ser sincero, não posso controlá-los da maneira que Braith pode. Não está em mim, nunca esteve. Eles procurarão me destruir de uma maneira que nunca procurariam destruir Braith. Nem eles seguirão Ashby. Ele não faz parte da nossa linhagem e mesmo que se case com Melinda, eles não vão aceitá-lo, e Melinda não é forte o suficiente para governar. Gideon é a outra opção de Braith. Mas Gideon já se foi há cem anos, e ele não tem ligação com a nossa linhagem. Ele nem faz parte da segunda família mais poderosa, ele é simplesmente o mais velho que o resto de nós, apenas uns cinquenta anos mais novo que Braith.

Eles falavam de cinquenta anos como se não fosse nada;

sendo para ela como se fosse uma vida inteira. — Xavier? Saul? — Ela conseguiu falar sufocado. — Calista ou Barnaby?

— Xavier é um detentor de registros; ele prefere ficar parado nas sombras. A maioria vê Saul como fraco devido ao seu defeito, e os outros são meros filhos. O mais velho é Barnaby e ele tem apenas quase trezentos anos. Eles não podem assumir o controle.

— O segundo mais poderoso...

— A linhagem da minha mãe. — Disse Jack categoricamente. — Meu pai destruiu todos para garantir que eles não seriam mais uma ameaça. Ele também dizimou o terceiro, quarto e sexto na fila. Ele erradicou qualquer um que considerasse uma possível ameaça.

— O quinto?

— Gideon. — O nó em sua garganta estava ameaçando sufocá-la. — Ashby fazia parte do sétimo, assim como seu primo que permaneceu no palácio. Ele entrou no que deveria ter sido o papel de Ashby, assumindo o poder como o segundo no comando de meu pai.

Ashby franziu o cenho, mostrando alguma emoção além de pena pela primeira vez. — Covarde. — Ele murmurou.

— Tenho certeza que Braith entende isso. — Ela sussurrou.

— Ele entende. — Jack confirmou. — Mas para ele, você é a única coisa que importa. Ele é teimoso Aria, ele acha que as linhas de vampiros vão aceitar um de nós no lugar dele, assim como as pessoas, mas ele está errado.

Ela não percebeu que estava chorando até que uma gota pousou em sua mão. Ela enxugou as lágrimas apressadamente, odiando a si mesma por chorar na frente deles.

— Não podemos convencê-lo a deixar você ir, e não podemos convencê-lo a tentar transformar você. Nosso povo poderia aceitar você então, pois é um feito raro um humano sobreviver à mudança. Eles podem não te receber de braços abertos, mas não vão te negar também, e os que fariam seriam poucos. Ele não está disposto a perceber esses fatos, mas você precisa.

Um soluço escapou dela. Aria enfiou o punho na boca, tentando abafar seus gritos quando alguma coisa dentro dela começou a se romper.

— É para o bem maior, Aria. Pense nas pessoas, em seu povo que será libertado. As gerações futuras que nunca conhecerão o medo e a

opressão que você conheceu. Pense no fato de que eles não conhecerão a fome, a imundície e a escravidão que você conheceu; assim como Max conheceu.

Max, oh Max. Seu tempo como escravo de sangue o destruiu. Levou um homem orgulhoso e vibrante e transformou-o em alguém cheio de ódio e amargura. A escravidão o quebrou, e já havia quebrado tantos outros antes de serem misericordiosamente destruídos. Sem contar aqueles que nunca chegaram ao status de escravo de sangue. Ela recordou o rapaz com quem foi capturada, tão jovem e vulnerável. Ele tinha sido selecionado para a morte.

— Oh. — Suas pernas desistiram e ela deslizou suavemente até o chão da floresta. — Oh.

— Ele acredita que poderá fazer tudo certo no final, mas não será possível, Aria. — O tom de Jack tornara-se mais suave, ela podia ouvir a dor irregular, mas não era nada comparado com a angústia de sua alma. — Precisamos que você concorde em deixá-lo quando esta guerra acabar.

Ela sabia que era a coisa certa a fazer, sabia que era a melhor coisa para todos os envolvidos, mesmo que isso a destruísse, e a Braith. Mas, mesmo assim, a esperança se intensificou através dela

quando percebeu algo. — Mas isso não é possível! — Ela desabafou. — Ele pode me rastrear em qualquer lugar, seu sangue está em mim; estamos ligados dessa maneira. Ashby disse que eu sou sua bloodlink, que não podemos viver sem o outro.

— Você começou o vínculo, mas não o completou ainda, não é?

— Não, mas...

— Desde que você não permita que seja completamente forjado, existe uma chance de que a ligação de sangue não destrua nenhum de vocês. Quanto ao sangue dele no seu corpo, esperamos que, se você não o aceitar novamente, o sangue dilua e acabe saindo de você.

— Eu saí do palácio por mais de um mês e ele ainda me encontrou.

Jack e Ashby trocaram um olhar. — Achamos que, se o sangue de outro vampiro for adicionado ao seu corpo, provavelmente o meu, ele poderá diluir o suficiente para que ele não seja capaz de rastreá-la por muito tempo, se for o caso.

Ela recuou e a repulsa encheu-a, náusea subiu por sua garganta ao simples pensamento. Ela estava balançando a cabeça quando Jack se abaixou e agarrou seus ombros. — Aria...

— Ele vai morrer sem mim. — Ela gemeu e não acrescentou que morreria sem ele, como estava morrendo agora, e embora continuasse a viver através de seus dias, sabia que nunca mais voltaria a viver de verdade, não sem ele.

— Talvez não, se o vínculo não for completamente forjado.

O barulho que escapou dela era gutural. — Ele ficou furioso quando o deixei da última vez.

— Esperamos que ter tantas vidas em suas mãos ajude a mantê-lo no controle. Ele não tinha essa responsabilidade antes. Não importa o quanto ele esteja chateado e furioso, esperamos que o bem nele seja vencido por causa disso.

— Isso é ter muita esperança.

— É tudo o que temos, e um dia você vai morrer, Aria. Sua morte pode cortar qualquer vínculo que permaneça entre vocês no momento, libertando-o.

Libertando-a também, ela percebeu quando se inclinou, envolvendo os braços ao redor de seu estômago. — Ele ficará cego novamente.

—Sim, vai. Mas ele foi cego por cem anos antes de você e isso nunca o atrasou. O mundo sempre esteve escuro para ele, mas não era uma fraqueza. Ashby, Melinda, Gideon e muitos outros estarão lá para protegê-lo.

Ela quase riu da menção de Ashby, aquele que o cegara para começar, mas não havia humor nela. Era horrível demais até ser remotamente engraçado.

— Eu sei que isso é muito para pedir a você, Aria. Sei que você é jovem e apaixonada, mas...

— Pare. — Ela sussurrou.

Ashby segurou suas mãos enquanto se ajoelhava diante dela. Ela quase se afastou, mas as lágrimas em seus brilhantes olhos verdes a imobilizaram. Ele estava chorando, não por si mesmo, mas por ela. — Jack não entende o que você está passando; eu sei disso, você sabe disso, mas eu entendo. Eu não pude fazer isso. Não conseguiria deixar Melinda ir se alguém me pedisse. Ela é tudo para mim. Não importaria o que fizessem comigo, não importaria, desde que ela estivesse segura e viva. Eu estou incrivelmente triste, eu não posso... — Suas palavras se interromperam quando lágrimas deslizavam por seu rosto. — Não consigo imaginar e não quero imaginar sua dor ou

a dele. Não é justo, eu sei.

Suas lágrimas foram a sua ruína. Ela chorou e caiu contra ele, não encontrando consolo em seus braços. Nunca haveria qualquer conforto novamente. Ela foi incapaz de recuperar o controle quando Ashby a embalou, suas lágrimas se misturando com as dela. Jack se afastou deles com os ombros firmes e a mandíbula rígida enquanto olhava para a densa floresta.

Lentamente, seus soluços começaram a diminuir simplesmente porque não havia mais água dentro dela para derramar. Ashby continuou a abraçá-la, mas não fingiu que qualquer coisa que ele oferecesse lhe confortaria. O senso de retidão de Braith prevaleceria, ela tinha certeza disso. Ele poderia se tornar irracional e explosivo quando ela fosse embora, mas acreditava que o bem nele venceria no final.

— Há mais, Aria. — Ela mal conseguia levantar a cabeça para olhar para Jack, não importava ouvir mais do que ele tinha a dizer. — Ele não pode saber disso. Você tem que agir normalmente em torno dele.

O horror a encheu. — Você quer dizer que não poderei sair agora?

— Não. Ele vai destruir esses bosques procurando por você em vez de lutar. Você não pode sair até que a guerra termine e ele tenha sido estabelecido como o líder. Ele tem que perceber que tem o dever de milhares e milhares de pessoas, em vez de apenas você.

— Minha família? — Ela sussurrou.

— Seu pai será informado de nossas intenções quando for a hora certa, ele não poderá sair também. — Então ela nunca mais o veria também. Ela pensou que não tinha mais lágrimas, mas estava errada quando a agonia apertou seu coração. — Daniel também terá que ficar para trás como o segundo no comando de seu pai e provavelmente o sucessor, mas acho que William poderá ir com você.

Ela assentiu devagar. Sim, William viria com ela, mesmo que ela dissesse a ele para ficar e aproveitar a nova vida, mas ele não faria isso e iria com ela. — E acho que você deveria saber que eu também irei com você.

Aria piscou para ele surpresa. — Você não pode deixá-lo, Jack.

— Eu não posso deixar você também, não desprotegida.

— William estará comigo.

— Você precisará mais do que apenas William. Braith vai procurar você e teremos que nos afastar dele o mais rápido que pudermos. Eu estou pedindo isso a você, e vou seguir contigo.

— E voltar depois que eu morrer?

Jack sacudiu a cabeça. — Não, nunca voltarei. Mesmo que o tempo e a distância aliviem seu sofrimento e raiva, ele ainda me matará se eu voltar.

Aria mordeu o lábio e abaixou a cabeça, sentindo-se como se estivesse sendo esmagada. Ela não conseguia encontrar as palavras certas, não mais. Ashby acariciou seu o cabelo numa tentativa desajeitada de acalmá-la. .

— Eu sei que vai ser difícil, Aria, mas você tem que agir normalmente em torno dele. — Ela olhou para Jack; seus cílios estavam grudados devido às lágrimas que os cobriam e secavam. — Se ele suspeitar de alguma coisa, ele vai te levar e nunca olhará para trás.

— Eu não sei como vou fazer isso. —Sussurrou Aria.

— Eu sei que isso é pedir muito de você, e sei que não consigo entender pelo que você está passando ou o que terá que suportar, mas

você é uma das pessoas mais fortes que conheço, humana ou vampira, e eu sei que você pode fazer isso. Eu tenho fé absoluta em você.

Ela estava feliz que alguém tenha, porque ela com certeza não estava certa sobre isso. Como diabos ela iria agir normalmente em torno de Braith? Como diabos esconderia sua miséria e fingiria que estava tudo bem, quando seu coração estava se despedaçando e seu corpo já doía com esta perda? Como ela iria olhá-lo nos olhos, sabendo que partiria seu coração deixando-o de novo?

Ele nunca iria perdoá-la. Mesmo que fosse o melhor, mesmo que fosse para o bem de tantos, ele nunca mais esqueceria seu abandono. Ele a odiaria. Essa percepção foi ainda pior do que seu tempo juntos terminando.

— Ele nunca vai me perdoar também. — Ela sussurrou, dando voz aos seus pensamentos. — E se você estiver errado? E se ele perder a razão completamente?

— Então, lidaremos com as consequências disso quando acontecer. Seja ela te trazer de volta ou não.

— As pessoas poderiam ser mortas antes disso.

— Eu não acho que ele seguirá esse caminho novamente,

Aria. Da última vez ele ficou confuso. Ele não sabia o que estava acontecendo dentro de si e seu orgulho não o deixava ir atrás de você. Desta vez ele saberá, e assim que se acalmar, ele entenderá que isso é o melhor. Você vai deixar uma carta para ele.

— Uma carta. — Ela riu sem graça, como se isso fosse o suficiente. Como se um simples pedaço de papel fosse o suficiente para transmitir seu arrependimento por deixá-lo. Como ela poderia colocar sua tristeza em palavras? Como poderia escrever quanta fé ela tinha nele, ou como tinha certeza de que ele será o melhor líder para todos aqueles que dependiam dele? Ela não achava que eles teriam papel suficiente para isso. Ainda pior, Jack teria que escrever para ela.

— E ele vai perceber que, embora não seja justo, é o melhor. Para todos.

— Talvez eles me aceitassem. — Ela sussurrou.

— Eu sinto muito, Aria. — Ashby apertou seus ombros, puxando-a contra ele. — Mas isso nunca vai acontecer. Saul e Barnaby já perguntaram sobre o seu relacionamento. Braith acredita que ele pode manter a verdadeira natureza do seu relacionamento, mas eles eventualmente descobrirão. Eles estão do nosso lado por enquanto, mas linhagens humanas e de vampiros não devem ser misturadas, as

crianças são evitadas se forem humanas, e atormentadas se não forem...

— Crianças?

— Isso nunca acaba bem para elas, Aria. — Jack disse.

— Houve crianças antes? — Ela escutou atordoada esta revelação.

— Sim, mas se for uma escrava de sangue carregando a criança, ela geralmente é morta antes que possa dar à luz. — O horror estremeceu por seu corpo, sua mão instintivamente descansou em seu estômago. — As crianças vampiras que forem nascidas são relegadas a uma vida quase tão ruim quanto os servos humanos dentro do palácio. Eu não ficaria surpreso se houver um bom número de crianças vampiras mestiças entre as tropas naquela caverna. Muitas delas foram embora logo depois que meu pai assumiu.

— Crianças. — Aria sussurrou impressionada com a possibilidade. Ela nunca pensou muito em crianças, achava que provavelmente não viveria o suficiente para tê-las, e certamente não as queria expostas às dificuldades de sua vida. Ela não achava que uma criança com Braith fosse sequer uma possibilidade, mas agora...

Jack se ajoelhou diante dela. — Você não pode permitir que seu relacionamento progrida, Aria.

Tudo dentro dela encolheu como uma planta sem água. Lágrimas frescas caíram. Antes tudo estava bem ali na frente dela: felicidade, segurança, uma família. E agora tinha ido embora, tudo acabou. Ela se sentiu vazia.

Jack segurou as bochechas dela, embalando-as. — Eu sinto muito. Eu sei que isso é pedir muito de você, e isso não é justo, você merece um final feliz, vocês dois o merecem, mas...

Aria agarrou as mãos dele, apertando-as com firmeza enquanto se inclinava para ele. — Mas envolve muitos outros. Eu sei. Eu entendo. — Ela sussurrou.

Os olhos cinza aço de Jack eram intensos. — Isso não é o que eu ia dizer. Você sabe muito bem que o mundo não é justo, que coisas ruins acontecem a pessoas boas, mas você é a única que pode fazer isso.

Ela soltou as mãos dele e desviou o olhar. O lago brilhava à luz do sol, era lindo, mas ela não sentiu alegria. Aria não achava que encontraria alegria em algo por um longo tempo, se algum dia

encontrasse. Ela não sabia como faria isso, mas tinha que fazer. Jack estava certo, Braith tinha que liderar. Ele era forte, era poderoso e foi criado para liderar. Todos o seguiriam.

Jack recostou-se enquanto a estudava. — Aria?

Ela virou-se lentamente para Jack. — Eu sempre fiz o que foi preciso ser feito, assim como Braith. Eu acho que não conseguirei agir friamente, isso me deixaria ficar confusa. Não sei como farei, nem como vou fingir que está tudo bem, mas irei descobrir como fazer.

Jack fez uma careta e fechou os olhos. Pela primeira vez, Aria percebeu que uma parte dele esperava que ela não aceitasse, que ela absolutamente se recusaria a concordar com isso. Que ela voltaria para Braith e não se importaria com as consequências de suas ações. Jack não queria ser o único a infligir essa dor a seu irmão ou a ela, mas agora que ela fez sua escolha, sua estrada foi mapeada para ele também.

Pela primeira vez desde que ele a trouxe aqui, ela não o viu como seu inimigo, como a pessoa que arruinou sua vida, mas sim um aliado em seu desespero.

— Sinto muito. — Ashby se desculpou.

Aria não tinha ideia de como enganaria Braith de tal maneira, mas esperançosamente suas vidas continuariam tão agitadas quanto antes e ele não perceberia se ela estivesse um pouco distante.

— Devemos voltar. — Disse Jack.

Ela odiava a ideia de voltar, mas não podia se esconder aqui para sempre. E Braith ainda poderia rastreá-la em qualquer lugar. Era possível que ele sempre fosse capaz de fazer isso. Jack esperava que houvesse uma maneira de diluir o sangue de Braith, mas ela não estava tão certa. Aria sabia muito bem que o sangue de Braith era uma parte dela agora. Talvez o sangue de outra pessoa pudesse alterar isso, mas ela não via como.

Aria queria compartilhar seus pensamentos com Jack, mas se conteve. Ela sabia que tinha que se distanciar de Braith, mas poderia ser impossível realmente se separar dele. Não havia nada que Jack pudesse fazer sobre isso, ou pelo menos nada que ele quisesse. Jack estava disposto a seguir o caminho com ela e desistir de sua antiga vida para sempre, mas, se fosse necessário, ele não faria a única coisa que poderia ser necessária para realmente separar ela e Braith.

Ele era como um irmão para ela e ele era quase tão teimoso quanto Braith. Se ela contasse a Jack o que estava pensando, ele só

insistiria que o sangue de outra pessoa seria suficiente para diluir o de Braith de dentro dela, o suficiente para separá-los, mesmo que ela tinha certeza que não seria.

Jack não consideraria o fato de que poderia haver apenas uma maneira de realmente separar sua ligação de Braith. Mas ela conhecia alguém que iria.

Capítulo Dezesseis



O ruído reconfortante da flecha atingindo sua marca era como música para seu espírito selvagem. Ela disparou outra flecha. Geralmente a prática de alvo a acalmava, mas nada poderia acalmá-la agora.

— Mau humor?

Aria estancou, surpresa. Ela estava tão envolta em sua melancolia que não ouvira ninguém se aproximando. E ficou ainda mais surpresa ao descobrir que era Max. Seu braço abaixou, seus lábios se separaram enquanto seu coração pulava em antecipação. Ela esperava que ele tivesse vindo falar com ela, para tentar salvar sua amizade abalada. Ela não poderia lidar se ele apenas viesse reforçar sua intensa desaprovação quanto as suas decisões.

— Max. — Embora tentasse soar tão distante quanto ele estava agora, ela ouviu o lamento em sua voz. Ele também ouviu isso e ofereceu um pequeno sorriso passando a mão nervosamente pelo

cabelo loiro desgrenhado. — Eu não vi você por perto.

Ele deu de ombros antes de enfiar as mãos nos bolsos. Seus olhos se moveram nervosamente para o alvo e balançou em seus calcanhares. — Estive ocupado. Há uma guerra chegando, você sabe.

— Então eu ouvi.

— Fico feliz em ver que você ainda é mortal com essa coisa. — Disse ele olhando para seu arco.

Ela não sabia o que dizer, nem o que esperava dele. O que antes era simples e fácil, estava terrivelmente estranho e desconfortável agora. —Sim.

— Como você tem estado?

— Eu estou melhor. — Ela admitiu incapaz de mentir para ele. — Você?

— Colocando uma possível morte iminente e destruição à parte, na verdade eu tenho me saído melhor.

Esperança surgiu através dela. — Mesmo?

Seu sorriso se alargou. — Sim, realmente. Não estou ansioso

para voltar àquele palácio, mas estou ansioso para me vingar.

— Você não vai fazer nenhuma loucura, não é? — Ela perguntou preocupada.

— Eu? Não, eu não estou bravo o suficiente por algo assim, mas vai ser bom libertar alguns outros.

— Isso com certeza será. — Aria concordou. Ela queria perguntar se ele nunca deixaria de ficar tão bravo com ela, mas as palavras congelaram em sua garganta. Ela não conseguia pronunciar as palavras, principalmente porque estava com medo da resposta. — Estou feliz que você esteja melhor. Eu sei que tudo foi horrível para você.

Seu sorriso se apagou e ele olhou para o alvo novamente. — Tem sido uma época horrível para todos nós recentemente. Espero que isso mude em breve.

— Sim. — Ela sussurrou, sabendo que para ela não iria mudar.

— Você está feliz, Aria?

Se ele lhe fizesse essa pergunta há quatro horas, ela teria lhe dado um retumbante *sim*, que apesar de tudo o que estava acontecendo, ela

estava feliz. Ela estava com medo do futuro e da possibilidade de perder um ente querido, mas feliz. — Sim. — Foi a primeira mentira dessa grande teia que seria tecida.

— Isso é bom. — Ele balançou de volta em seus calcanhares novamente. A tensão estranha foi suficiente para fazê-la querer gritar. — Sinto muito pelo que aconteceu da última vez que nos vimos. Eu perdi a paciência, nunca quis que isso acontecesse.

— Está tudo bem!

Ele balançou a cabeça e a testa franziu quando seus olhos azuis claros ficaram turbulentos. — Não está bem. Eu ainda sinto que esta é uma situação na qual você não deveria estar. Ele é muito velho para você, diferente demais, não é natural.

— Max. — Ela sussurrou. Seu coração doeu e seu corpo parecia estar sendo rasgado em mil pedaços. Aria sabia que todos eram pontos válidos, mas para ela nenhum deles nunca havia importado antes. E certamente não importavam mais depois da conversa que acabou de ter com Jack e Ashby. Ela não podia ficar aqui e ouvir mais razões pelas quais ela não deveria estar com Braith e os porquês pelo quais não poderia estar com ele.

Max pareceu sentir isso quando balançou a cabeça lentamente. — Mesmo assim, o que eu fiz nunca deveria ter acontecido. Eu poderia ter te matado. Eu me sinto péssimo, realmente me fez repensar tudo, fez com que olhasse para o que eu estava me tornando, e não gostei da pessoa que vi.

— Você é uma boa pessoa, Max. Infelizmente você passou por coisas terríveis e qualquer pessoa no seu lugar ficaria diferente depois.

— Eu suponho que sim.

— É minha culpa. Você estava lá por minha causa.

— Não. Eu poderia ter escapado, mas escolhi ir lá com você. Eu escolhi me deixar ser capturado. Isso não é sua culpa.

— Mas nada aconteceu do jeito que você esperava.

Ele finalmente a olhou, encontrando seu olhar de frente; e pareceu vê-la pela primeira vez depois de muito tempo. — Aconteceu alguma coisa?

Ela ponderou por um momento. — Não.

— Eu pensei que seria o único a te resgatar, mas então nenhum

de nós sabia o que Jack era, e eu sinceramente não sabia o quão horrível seria lá, quão esgotado eu ficaria. — Ele se esquivou do seu toque quando ela segurou seu braço. Sentindo-se como se tivesse sido esbofeteada, Aria afastou-se, mas ele segurou a mão dela. — Não é você; já faz algum tempo desde que alguém me tocou. Eu não gosto muito de ser tocado desde que estive lá.

Pela primeira vez desde que falou com Jack, sentiu algo mais se desenredando dentro dela, algo forte e determinado. Ela percebeu então que não importava quão devastada ela ficaria, nem o quanto iria machucar Braith, esse era o caminho certo a tomar. Ninguém deveria ter que passar pelo que Max e inúmeros outros foram forçados a passar.

— O que aconteceu com você lá, isso nunca acontecerá novamente a ninguém; nós venceremos.

Max deu um sorriso trêmulo. — Essa é a única coisa que me mantém seguindo em frente.

— Max...

— Está tudo bem, Aria. — Seus olhos se tornaram distantes novamente. Seus dedos apertaram brevemente os dela antes dele

soltar lentamente a mão dela. — Eu vim para aceitar isto. Posso ver que você o ama e que ele te ama. Vou seguir em frente, ou talvez não, mas há coisas que nunca pensei que conseguiria e já estou começando a entrar em acordo com elas. Eu vou superar isso também.

— Você vai. — Ela assegurou. — Eu nunca quis te machucar.

— Eu sei. Você tentou me dizer como se sentia e eu só não quis ouvir isso. É minha culpa também. — Ele acenou em direção ao alvo. — Que tal esquecermos um pouco disso tudo, e eu acabar com você nesse treino de tiro?

— Como se você pudesse. — Ela bufou, rindo enquanto entregava seu arco para ele. Pela primeira vez, um semblante de normalidade se instalou sobre eles quando Max pegou uma flecha dela e pisou na linha que Aria havia criado na terra.



Braith seguiu seu riso em volta do prédio. O som disso fez seus lábios se contraírem involuntariamente para cima. Pisando na esquina da casa, ele congelou ao ver Aria parada na frente de Max, sorrindo presunçosamente enquanto entregava o arco para ele. Por um

momento, Braith ficou aturdido demais para se mexer, e então a raiva rasgou-o. Ao lado dele, Jack gemeu.

— Eu pensei que você estivesse cuidando dela! — Braith rosnou.

— Braith.

Seu irmão ia agarrar seu braço, mas ele já estava atravessando o campo em direção a eles. Aria se virou para ele e o sorriso em sua boca congelou no lugar, apreensão passando por suas feições, mas ela permaneceu imóvel. Max deixou cair o arco a seu lado, mas Braith estava bem ciente de que não havia nada mais que o garoto gostaria, do que lançar uma daquelas flechas em seu coração.

A paralisia de Aria quebrou. Ela agarrou o arco quando se aproximou de Max.

— O que está acontecendo? — Ele exigiu saber, nunca quebrando o contato visual com Max. Mesmo sem o arco, ele era uma ameaça.

— Estamos apenas praticando tiro ao alvo. — Ela respondeu.

— Você não deveria estar com ele.

— Ele é meu amigo, Braith.

— Ele quase te matou da última vez que você o viu.

— Foi um acidente. Um erro, nós conversamos sobre isso.

— E isso faz com que fique melhor! — Ele gritou.

Suas mãos se torceram no arco. Ele tomou conhecimento do fato de que ela também gostaria de dar um tiro nele. — Sim. — Ela disse irritada com os dentes cerrados. — Sim, faz.

Max se mexeu nervosamente atrás dela. — Eu provavelmente deveria ir.

— Sim. — Informou Braith ao mesmo tempo em que Aria retrucou: — Não.

A frustração tomou conta dele. Quando esticou a mão até ela, Aria bateu nela. — Aria...

— Ele é meu amigo, Braith, e isso não vai mudar, não importa o quanto você desaprove. — Ele não teve a chance de discutir mais quando ela bateu o arco em seu peito e saiu. Jack saiu rapidamente do caminho enquanto ela passava por ele, lançando lhe um olhar sombrio enquanto saía.

Max ficou de pé, inseguro, parecendo dividido entre querer fugir

e rir em voz alta. Braith olhou para ele. — Se você a machucar novamente, será a última vez.

Max assentiu com a cabeça, um sorriso irritante nos cantos de sua boca. Braith lutou contra o desejo de socá-lo, mas o menino não tinha feito nada de errado, pelo menos não ainda. Ele não confiava nele, nem por um minuto. Na verdade, achava que a melhor coisa seria Max ir e nunca mais voltar, mas a menos que Max fizesse essa escolha, ou que fizesse alguma coisa para Aria novamente, parecia que isso não aconteceria tão cedo. Max era importante na causa e, por algum motivo insondável, Aria se importava com ele.

Braith se afastou dele e foi rapidamente para a casa. Aria estava no quarto que tinham compartilhado na noite passada. Ela parecia exausta e desgastada, muito mais do que o encontro exterior deveria tê-la feito ficar. Ele estava perplexo com o olhar angustiado em seu rosto, as olheiras que marcavam seus lindos olhos azuis.

— Ele fez ou disse algo para incomodar você?

— Não. — Ela respondeu cansada. — Ele pediu desculpas e depois tentou ajudar a consertar nossa amizade. Eu sinto falta dele, Braith. Sei o que aconteceu antes, mas já fomos bons amigos. Eu não teria sobrevivido depois que saísse do palácio, se não fosse por

Max. Eu estava com o coração partido e ele ajudou a aliviar um pouco disso.

Braith não gostava de pensar naquela época, não tinha sido fácil para nenhum deles. — Ele é apaixonado por você.

Lágrimas brilhavam nos olhos dela. — Talvez sim, mas ele aceitou que eu não sinto o mesmo por ele, e está tentando seguir em frente. Ele pode não aprovar, mas sabe que eu te amo.

— Eu não aprovo ele também.

— Eu gostaria que vocês aprendessem a se dar bem. Max era uma parte importante da minha vida e eu gostaria de tê-lo de volta. Eu não sou tola o suficiente para acreditar que tudo pode voltar a ser o que era, mas gostaria de pelo menos ver vocês dois se entendendo um com outro.

— E se ele te machucar de novo?

— Ele não vai.

— Mas se ele fizer?

Uma única lágrima se soltou. — Eu vou ficar longe dele então.

— Ele quase te matou da última vez.

— Pare, Braith! Foi um acidente, um erro. Eu nunca saberei o que aconteceu com ele naquele palácio. Eu tive sorte por você ter se adiantado para me tirar daquele outro vampiro. — Braith cerrou os punhos, os músculos travados quando se lembrou do bastardo que quase a possuíra. — Só posso adivinhar o que foi feito com Max. Você deveria saber que não pode ter sido fácil ou agradável.

— Isso não é justo.

— Nada é justo! — Ela praticamente gritou as palavras para ele. Braith ficou surpreso com a ferocidade de sua reação, a devastação que irradiava dela; as lágrimas que de repente se soltaram e escorreram pelo rosto. Ele tinha visto Aria chorar antes, mas nunca viu esse nível de emoção sobre algo que ele nem percebeu que estava incomodando tanto. Ela estava quase irracional, algo que ela nunca foi.

— Eu não sabia que isso estava te incomodando tanto. — Ele disse enquanto ela abaixava a cabeça em suas mãos. Seus ombros tremeram quando ela soluçou baixinho. Seus gritos só aumentaram quando ele envolveu seus braços ao redor dela, puxando-a contra ele. O desespero irradiava dela enquanto seus dedos cavavam em

suas costas. — Arianna...

— Sinto muito. — Ela soluçou. — Eu sinto muito.

Braith estava incrivelmente confuso. Ele tinha estado perto de mulheres irracionais antes, não por muito tempo, porque geralmente as abandonaria se acontecesse, mas esta era Aria. Sua inacreditavelmente orgulhosa e feroz Aria estava soluçando incontrolavelmente por algum motivo que ele não podia sequer começar a entender. O esgotamento deve estar chegando a ela, um fato que era evidente em seu rosto pálido e olhos sombrios.

— Por quê? — Ele quis saber, assustado e incerto de qual seria sua resposta.

Aria balançou a cabeça, aparentemente incapaz de falar através de suas lágrimas. Ele agarrou suas bochechas, puxando seu rosto de seu peito. — Pelo quê você sente?

— Eu só... — Ela parou, engolindo em seco enquanto tentava reprimir suas lágrimas. — Eu só sei o quanto você não confia nele e sei que te irritei hoje. Eu não pretendia.

Era verdade, mas não justificava a sua atitude. — Não chore Arianna, está tudo bem.

Absurdamente, ela começou a chorar mais. Ele a puxou de volta contra ele, balançando-a enquanto ela enterrava o rosto em seu peito novamente. Um grande soluço escapou dela; mordendo o lábio com força suficiente para tirar sangue, que ele sentiu no ar quase que imediatamente.

— Braith? — A voz de Jack interrompeu.

Fechando os olhos, ele reprimiu um gemido quando a virou, certificando-se que ela estava escondida da porta e de Jack. — Vá embora.

— Braith, é hora de refazer o voto.

— Não podemos esperar? — Ele perguntou irritado.

— Tudo bem. — Aria se afastou dele e enxugando os olhos, deu um passo para trás. Ela não encontrou o olhar dele ou de Jack e se concentrou na parede oposta.

— Aria.

— Estou bem, Braith. Estou apenas exausta. Foi uma estrada cansativa para chegar aqui e o cansaço está me alcançando agora. Ficarei bem depois de uma boa noite de sono. — Ele estava

dividido. Ele não queria deixá-la, não enquanto ela parecia tão dominada pela emoção. — Vá. Apenas me dê um minuto para me lavar e eu vou descer.

— Você tem certeza que está bem?

Ela sorriu tremulamente. — Sim.

Relutantemente, ele a deixou e se juntou ao seu irmão na porta. A mandíbula de Jack estava rígida, seu olhar preocupado quando olhou para Aria. Ela não olhou para nenhum deles quando se virou para o jarro na velha mesa de cabeceira e derramou um pouco de água em uma tigela.



Aria escorregou uma das capas cinzentas em volta dos ombros puxando o capuz para cima antes de se esgueirar silenciosamente para fora da casa. Ela sabia que não iria muito longe antes que Braith percebesse que não estava lá, mas felizmente Gideon havia se instalado a apenas duas portas de distância. Ela tremia de medo enquanto se movia rapidamente pelas sombras.

Este era o caminho que ela sempre pensou que tomaria, o

caminho que a levaria a uma morte prematura. Na verdade, ela não havia escolhido esse caminho, mas o caminho a escolheu. Ela esperava que Jack estivesse certo e que eles poderiam de alguma forma diluir o sangue de Braith em seu corpo. A vida não seria feliz sem ele, mas mesmo tão miserável quanto se sentia, também estava animada para ver como tudo iria acabar. Ansiava em ver o que Braith faria como líder e todas as mudanças das quais seria capaz. Ela sabia que seriam boas mudanças e um bom mundo para aqueles sob sua liderança.

Tudo o que ela precisava fazer era se concentrar nas pessoas cujas vidas seriam salvas como resultado de suas escolhas. Vidas que seriam muito melhores do que qualquer coisa que ela tivesse experimentado. Braith seria bom, gentil e justo. Ela estava disposta a fazer tudo o que podia para ver esta situação terrível acabar, incluindo ver Gideon agora, esperando que Braith acabasse encontrando uma maneira de perdoá-la e seguir em frente. A possibilidade de ele nunca ser capaz disso quase a quebrou.

Se Jack estivesse errado sobre a capacidade de diluir o sangue de Braith com o de outro vampiro, então haveria apenas uma solução, e ela estava certa de que Jack nunca estaria disposto a realizá-la. Jack não permitiria que ela fosse prejudicada, e ele certamente não seria o

único a pensar assim.

Gideon entenderia e embora não fosse um homem mau, ela sentia que ele não teria escrúpulos em ser o único a acabar com sua vida, a fim de garantir a paz. Engolindo pesadamente e reunindo sua coragem minguante, Aria respirou fundo, torceu a maçaneta e deslizou silenciosamente para a casa temporária de Gideon. Ele estava no escritório, as sombras e os planos de seu rosto destacados pela vela diante dele.

Ele a olhou quando Aria entrou e não pareceu surpreso ao vê-la quando ela deslizou o capuz de sua capa para trás. — Falei com Jack e Ashby.

Gideon congelou por um momento, sua mão apertou a caneta que ele estava segurando. — Entendo.

Ela ficou em silêncio enquanto reunia coragem para falar. Uma vez que ela pronunciasse essas palavras, não haveria retorno. — Eu entendo o que precisa ser feito.

Gideon pousou a caneta. — Você irá fazer?

Por um breve momento, as lágrimas brilharam em seus olhos antes de ela contê-las, elevar o queixo e assentir com firmeza. — Eu

farei.

— Ele não pode saber sobre isso.

— Ele não vai.

Gideon pareceu perdido em pensamentos por um momento. — O vínculo não pode ser concluído. Seu relacionamento não pode progredir.

Ela se encolheu. Será que todos conheciam sua vida íntima? Por um momento, ela pensou que sua compostura iria desmoronar. — Não vai. — Ela sussurrou.

Aria permaneceu em silêncio, atenta em como a chama cintilava sobre as feições de Gideon. O que ela estava fazendo aqui? Será que esta era mesmo a coisa certa ou o que ela tentava convencer a si mesma? Seria isto o certo? Ela estava traindo Braith; planejando pelas costas dele e planejando algo que iria devastá-lo. Isso estava certo em muitos níveis, mas errado em tantos outros. Culpa explodiu em seu coração, talvez se ela fosse para Braith...

Aria afastou o pensamento. Ele nunca concordaria em deixá-la ir. Ele nunca ouviria a razão. Jack estava certo, se ela fosse para Braith e contasse tudo, ele fugiria com ela hoje à noite. Havia muitas coisas

que ela amava sobre ele; sua determinação, teimosia e o amor por ela estavam entre as maiores. Mas infelizmente, essas três coisas funcionavam totalmente contra a situação agora. Isso estava errado, ela se odiaria para sempre por causa disso, mas poderia viver com isso enquanto tudo desse certo e Braith fosse capaz de estabelecer o mundo que ela sabia que ele era capaz.

Aria se afastou de Gideon, mas seu passo não estava tão firme ou tão silencioso ao caminhar até a porta. — Você sabe o que isso pode significar para você?

Ela parou na porta, a cabeça voltada para ele enquanto o estudava por cima do ombro. — Se não conseguirmos diluir o sangue dele em mim, minha morte pode ser a única solução para nos separar para sempre.

— E você aceita isso?

— Foi por isso que vim até você. —Ela sussurrou com medo de ele dizer não; meio temerosa de ele se recusar a ser o único a fazê-lo. Ela assumiu um risco vindo aqui por isso; mas tudo poderia se voltar contra ela.

— Ninguém mais pode saber sobre isso. — Lá estava então, o

acordo tinha sido acertado. Se o sangue e a distância de outro vampiro não quebrassem a capacidade de Braith de rastreá-la, ambos entenderiam o que deveria ser feito.

Ela morreria e Gideon seria o único capaz de fazê-lo.

— Eles não vão. — Ela jurou.

Capítulo Dezessete



— Você gostaria de dar um passeio?

Aria se afastou da janela que estava olhando. Ela estava fazendo tudo que podia para manter uma aparência corajosa, continuar sorrindo e agindo normalmente. Mas era tão difícil, mais difícil do que qualquer coisa que ela já tinha feito em sua vida. Eles sairiam amanhã; e ela estava realmente ansiosa para mergulhar de novo naqueles pântanos hediondos. Pelo menos ajudaria a manter sua mente longe de tudo, sem contar que significava que a guerra estaria mais próxima, uma guerra que ela queria desesperadamente.

Braith estava de pé na porta, encostado no batente. Seu cabelo escuro estava desgrenhado e havia realmente um brilho divertido em seus olhos enquanto ele a examinava preguiçosamente. Calor inundou seu corpo, os dedos dos pés se curvaram e aquele olhar parecia queimar suas roupas indo diretamente para a sua carne. Precisou se esforçar para focar sua atenção em suas palavras novamente.

Ela franziu a testa em confusão para o livro apertado descuidadamente em seus dedos elegantes. Mas então se lembrou de que foi ela quem o tirou da casa de Gideon. Ela tinha esquecido que ainda o tinha, mas ele deve ter encontrado em sua bolsa.

Era Ivanhoé; ela sabia disso sem ter que ver o título. Foi o primeiro livro que leram juntos, o que ele a havia ensinado a ler. Ela jurou que não choraria mais, havia escolhido seu caminho, mesmo assim lutou contra as lágrimas que ameaçavam se libertar ao ver aquele livro e as lembranças que ele provocava.

— Jack me disse que há um lago por perto.

— Há. — Ela confirmou.

Ele sorriu. — Então vamos explorá-lo.

Eles tinham tão pouco tempo de sobra; ela não iria gastá-lo deprimida. Ela apreciaria cada momento, não choraria ou estragaria tudo a partir de agora. — Eu adoraria.

Suas pernas tremeram e ela ficou de pé. Estava sentada por algum tempo, mas se recuperou rapidamente e sorriu para ele enquanto pegava a sua mão. — Eu nunca soube que você era uma ladra.

Ela riu quando ele acenou para o livro furtado na frente de seu rosto. — Eu esqueci que eu o tinha. — Ela admitiu.

— Tenho certeza que sim.

Eles não falaram enquanto se moviam pela floresta, não precisavam. Aria inalou os aromas da floresta, saboreando-os. Sob as folhas, a sujeira e os animais bolorentos, ela também captava a dica de água doce e peixe. Era maravilhoso.

O lago emergiu da floresta, cintilando ao sol da manhã. Ela não queria nada mais do que pular, nadar até o meio e flutuar ali por horas. Desejava e precisava sentir a alegria por algo tão simples. Alegria que tinha medo de perder quando tudo isso acabasse.

Braith sentou-se de costas contra uma árvore e os óculos escuros permaneceram abençoadamente removidos de seu magnífico rosto. Seu sorriso era uma das coisas mais maravilhosas que ela já tinha visto. Era indolente no momento e se concentrava apenas nela enquanto ele estendia a mão. Ele puxou-a suavemente em seu colo, fixando-a firmemente contra ele enquanto descansava o queixo sobre a cabeça dela, passando os braços frouxamente ao redor de sua cintura.

— Pensei que você poderia precisar de uma pausa.

— Eu poderia. — Ela admitiu. — Mas você também.

— Sim. — Ele concordou.

Aria descansou a cabeça contra o peito dele, fechando os olhos e se deleitando com a sensação sólida e reconfortante do corpo dele. Braith era lindo. Todo esse momento era lindo. Ela queria fingir que esse era apenas um de muitos e que existiriam intermináveis dias para eles se sentarem juntos, lerem juntos e simplesmente desfrutarem da companhia um do outro. Para fingir que não havia um relógio correndo contra o tempo e os momentos restantes.

Ela manteve os olhos fechados enquanto seus dedos se enrolavam contra ele. Braith abriu o livro e começou a ler. Aria adorava o som da sua voz, o timbre profundo, os tons ricos e as nuances sutis que ele introduzia na narrativa. Ela conhecia essa história quase de cor, mas ainda amava ouvi-lo lendo. Ouvir sua voz tornou-se seu passatempo favorito enquanto estava no palácio.

Sua voz ficou cansada depois de um tempo e ela abriu os olhos, sentando-se para pegar o livro e continuar a ler. Ela estava na metade do livro quando percebeu que ele havia trabalhado uma trança em

seu cabelo. Sua atenção estava fixada nela enquanto a espalhava por seus ombros e brincava com as extremidades.

Sua garganta ficou seca quando ela ergueu o olhar. O livro em seu colo foi esquecido enquanto ela se concentrava naqueles belos olhos cinzentos com a faixa azul brilhante circundando a pupila. Embora tivessem mais de cem anos, as leves cicatrizes brancas ao redor dos olhos ainda eram visíveis.

Seus dedos tremeram quando ela traçou as bordas irregulares das marcas que o deixaram cego até que ela aparecesse.

Braith pegou sua mão e apertou um beijo carinhoso contra as pontas dos dedos dela. Seu corpo formigava de excitação. De repente, ela ficou sem fôlego, dolorida e vulnerável, e sua boca se movia firmemente para baixo, através de sua palma para pressionar suavemente contra seu pulso. Ela não conseguia se mexer. Foi pega pelo amor que ele agitou e observou fascinada enquanto ele empurrava as mangas para trás e subia por seu braço.

Seus olhos nunca deixaram os dela enquanto seus lábios se aninhavam na curva de seu cotovelo. Embora ela soubesse que deveria dizer a ele para parar, não podia romper o contato visual, nem a intimidade do momento. Essa era uma das coisas que ela não

deveria deixar acontecer, mas mesmo quando pensava isso, seu corpo gritava por mais. Ambos mereciam esse tempo sozinhos, e ela iria aproveitar por mais alguns minutos.

Braith levantou a cabeça do cotovelo dela e sua mão envolveu a parte de trás do seu pescoço enquanto ele a puxava para mais perto. Ele a segurou contra ele, seus lábios mal tocando os dela. Aria estava com medo que seu coração pudesse explodir em seu peito enquanto acelerava em antecipação. E então, justamente quando pensou que não aguentaria mais, quando achou que gritaria de frustração, ele a beijou.

Alívio a varreu, e com os dedos entrelaçados no cabelo dele, ela o pressionou mais para perto diminuindo o sofrimento dentro dela. Todas suas terminações nervosas que possuía acenderam-se como brasa, e Aria foi consumida pelas chamas que ele acendeu. Ele moveu-a, mudando-a em seu colo para que ela estivesse sentada sobre ele, suas pernas envolvendo sua cintura. Sua mão se movia de forma constante por suas costas, manobrando sob sua camisa para pressionar contra sua pele. Ela gemeu com a maravilha gloriosa que ele transmitia para ela.

Aria não tinha percebido o quanto precisava disso, o quanto

sentia falta do toque dele, nem quão faminto o corpo dela tinha estado até agora. E agora ele estava alimentando sua alma faminta enquanto sua língua se tornava mais exigente. Aria se perdeu em sua urgência. Ela reconheceu a necessidade fervorosa, quase desesperada dentro dele. Ela o desejava, mas percebeu agora que seu próprio desejo não chegava nem perto de ser tão intenso ou agudo como o dele. Ele a devoraria completamente e no momento ela não se importava se ele o fizesse.

E então ele a levantou, empurrando-a para trás quando ela caiu nas folhas macias. Sua camisa escorregou, sob o movimento perito de suas mãos. Ela amava a sensação dele sobre ela, o peso de seu corpo contra o dela, os músculos que flexionavam e agrupavam sob seu toque. Sua mão era firme contra a fina combinação que era tudo o que a mantinha coberta. Ela se aproximou dele, e ele se moveu brevemente, se elevando dela.

Então a mão dele encontrou o botão da sua calça. Aria congelou, sua respiração presa em antecipação quando seus olhos se abriram. Ele estava olhando para ela, seus olhos escuros e nebulosos de paixão. Ele a beijou novamente, sua boca firme contra a dela, sua língua quente e pesada enquanto abria o botão de suas calças.

O pânico atravessou-a quando a realidade se assentou. Ela estava quase seminua, já arrebatada por ele e mais do que disposta a entregar-se. Ela ansiava por aliviar a frustração e a necessidade que emanava dele. A única coisa que ele realmente ansiava era ela, e era a única coisa que ela não podia se dar. Se ela não parasse com isso agora, ela nunca cumpriria com seu acordo.

— Espere! — Ela se engasgou.

Braith congelou contra ela, sua mão pressionada contra a barriga enquanto ele levantava a cabeça para olhá-la. — Arianna? — A palavra era um gemido baixo e angustiado.

— Eu... eu... — Ela não conseguia pronunciar as palavras.

— Você quer que eu pare?

Não, ela não queria que ele parasse. Seu corpo gritava! Ela precisava disso quase tanto quanto precisava de ar. Ela sofria com cada fibra de seu ser, queria isso mais do que já quis alguma coisa, mas não poderia tê-lo. Por um momento ela quase quebrou e contou tudo a ele. Estava pronta para derramar seu coração e alma para ele, mas de alguma forma conseguiu conter as palavras.

Ela sabia que Braith faria tudo o que pudesse pelas pessoas que

lideraria, mas ele não as colocaria na frente dela. Acreditava em dever e honra, mas sempre deixou bem claro para ela e para as pessoas mais próximas que ela era sua prioridade. Ela o amava por isso, mas esse pensamento não ajudava as pessoas cuja esperança era colocada em sua capacidade de liderar.

— Eu só... eu não sei. — Sua mão deslizou para longe dela e ela imediatamente sentiu uma profunda sensação de perda. Suas mãos apertaram o pescoço dele, sem vontade de romper completamente a conexão.

— Você não está pronta. — Ela estava pronta, estava inacreditavelmente pronta. Estava apaixonada por um homem que morreria por ela. Não havia nada que ela quisesse mais do que experimentar esse momento com ele. — Está tudo bem. — Ele beijou seu nariz, sua bochecha, em seguida, seus lábios muito gentilmente. — Eu estarei aqui esperando quando você estiver pronta.

Lágrimas queimaram seus olhos. Ela nunca se odiara mais do que nesse momento. — Eu te amo. Eu vou te amar para sempre.

Seus dedos acariciaram seu rosto. — Eu espero que sim, porque você está presa comigo. — Não, agora ela se odiava mais,

especialmente quando forçou um sorriso em seus lábios. Ela não perguntou por que ele levou isso tão bem, nem porque ele não ficou impaciente. Ela já sabia a resposta para isso: ele a amava. — Que tal um mergulho? Eu preciso de um mergulho em algo bem frio.

Seu sorriso debochado derreteu seu coração. Ela queria terminar o que haviam começado. Ela queria dizer para o inferno com Jack, Gideon e todos os outros. Ela queria ser egoísta, queria isso para eles, e finalmente aliviar as necessidades de seu corpo e as dele, possuí-lo de todas as formas possíveis. Finalmente saber as coisas que somente ele poderia ensinar a ela. Mas então pensou em Max e sabia que ela nunca faria, ou saberia, qualquer uma dessas coisas. Havia outras pessoas que precisavam de ajuda, outras que não tinham ninguém para resgatá-las como ela e Max foram.

Ela enfiou os dedos nos dele e pressionou-os contra o peito, sobre o coração que sempre pertenceria a ele. — Isso soa bem. — Ela murmurou.

Braith ficou de pé e ela hesitou por um momento, envergonhada de si mesma, mas determinada a seguir adiante. — Aria?

Ela se levantou rapidamente e se inclinou para enrolar as pernas da calça acima dos joelhos. Seus olhos se arregalaram e sua boca se

encheu de água quando a camisa de Braith caiu sobre a dela. Ela levantou a cabeça lentamente, maravilhada com a ampla extensão de seus ombros, e os rígidos músculos gravados em seu peito e abdômen. Ela ofegou, o calor queimando em suas bochechas, não por vergonha, mas pela intensa necessidade por este homem parado tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe.

Ela sempre o desejou, nunca houve dúvida disso, mas nunca havia sido de maneira tão implacável. Ela quase disse um "foda-se" para o mundo e se lançou para ele, mas conseguiu se conter. Ela nunca esteve tão completamente agitada e totalmente desfeita quanto estava neste momento.

Confusão cintilou sobre suas feições e Aria estava bem ciente de que seus pensamentos estavam escritos em todo seu rosto. Ela se afastou, correndo com força, bombeando seus braços e pernas o mais rápido que pôde para escapar dele. Ela tinha que colocar alguma distância entre eles antes que desmoronasse completamente. Ela não hesitou quando pegou o galho mais baixo de um grande carvalho, colocou a perna nele e se levantou. Ela saltou para o próximo galho, depois para o próximo, enquanto corria até o fim e se lançava descuidadamente para fora, sem se importar com a profundidade da água em que ela mergulhava.

Nadando com força sob a superfície, empurrou-se para cada vez mais fundo no lago. Ela nadou para as profundezas mais frias enquanto o mundo sob a água se tornava mais escuro e mais distante da luz do sol. Seus pulmões começaram a queimar, seus olhos estavam machucados por se esforçarem para enxergar, mas ela continuou em frente, sem se importar com a dor começando a se apoderar de seu corpo.

Mãos fortes agarraram-na, arrastando-a das profundezas da água, puxando-a de volta para um mundo que ela não queria enfrentar. Rompendo a superfície, ofegou profundamente enquanto seus pulmões aspiravam ansiosamente o ar precioso.

— O que você está fazendo? — Braith perguntou, sacudindo-a um pouco. Ela empurrou a massa de cabelo molhado e emaranhado de seus olhos, forçando um sorriso quando encontrou seu olhar irritado. — Só vendo se eu poderia tocar no fundo.

Sua carranca se aprofundou. — Você nem sabia se era profundo o suficiente quando pulou do galho!

— Eu pulei em mais de alguns lagos na minha vida.

Ele a olhou por um longo momento. — Sempre tão imprudente.

— Ele murmurou.

Suas mãos sobre ela foram o suficiente para fazer seus dedos ondularem e o calor se espalhar por seu corpo, apesar do frio da água. Ela apertou seus braços nus, saboreando a carne firme e cabelos finos que se arrepiaram antes que ela relutantemente o soltasse. Ela se moveu de costas, flutuando preguiçosamente pela água enquanto os dedos de Braith deslizavam nos dela.



Frustração ferveu através dele, seus dedos se contraíram enquanto sua irritação aumentava. Ele não podia aguentar assistir enquanto Aria trabalhava através do pântano com seu irmão e o resto dos humanos. Não era como se fosse fácil para ele e para os outros vampiros, mas seu maior poder e força dificultavam a movimentação pela água e lama que se agarrava a eles como areia movediça a cada passo. Ela parecia exausta, mas continuava em frente, com a cabeça inclinada e o rosto enrugado de irritação enquanto trabalhava para puxar um pé de cada vez.

Ele congelou e a fúria explodiu quando Max agarrou seu braço, ajudando a mantê-la em pé enquanto ela tropeçava. Era isso.

— Braith! — Jack assobiou quando ele agarrou seu braço.

— Tire sua mão de mim!

— Eles não podem saber.

— Eles já sabem, Jack.

Braith empurrou o braço de seu irmão para longe, ignorando Gideon, Ashby e Xavier enquanto atravessava a lama. Max a soltou instantaneamente, tentando se mover rapidamente para o lado, mas o pântano atrapalhou seus movimentos. — Braith, espere. — Ele não a ouviu quando a ergueu da lama com um ruído alto de sucção. Seus pés chutaram por um momento antes de a deslizar sobre suas costas. Ela vacilou, e então seus joelhos se apertaram contra seus lados e seus braços envolveram seu pescoço.

— Você não deveria ter feito isso. — Ela sussurrou em seu ouvido.

— Eles são humanos Aria, não vão nos machucar. — Seu descontentamento era evidente na rigidez de seu corpo. Ela não se inclinou contra ele, não relaxou como em sua primeira viagem através dos pântanos, mas ele seria amaldiçoado se permitisse que ela lutasse, e duplamente amaldiçoado antes que permitisse que Max fosse o

único a ajudá-la. — Vai ficar tudo bem. — Ele murmurou e continuou andando.

Sua cabeça caiu contra suas costas e a testa descansou contra seu pescoço por um breve momento antes de se afastar. Ele ignorou os olhares interrogativos dirigidos a eles e Aria manteve a cabeça baixa enquanto ele se juntava a Jack, Gideon, Ashby e Xavier.

As cabeças de Jack e Gideon pareciam que iam explodir, Xavier se virou silenciosamente. Foi Ashby que manteve sua atenção embora tivesse empalidecido consideravelmente e seus lábios quase sem sangue enquanto os estudava.

No meio da tarde, a maioria dos humanos estava começando a desistir, o calor do dia e o esforço para continuar adiante os desgastava. Aria conseguiu escapar dos seus braços há uma hora, mas ele a manteve ao seu lado, ajudando a levantá-la quando ela ficava atolada na lama. Seus cabelos suados grudavam em sua pele, seu rosto estava corado do esforço, mas eram seus olhos que mais o incomodavam.

Braith se tornou consciente do fato de que havia uma distância entre eles que não estivera lá apenas alguns dias atrás. Havia uma resignação, cautela e uma sensação de perda neles que ele não

entendia. Aria sorriu para ele, segurou sua mão, mas ele sentia uma parede que nunca existiu antes. Ele sabia que não deveria acreditar que era devido a sua apreensão sobre a guerra que se aproximava. Ela poderia estar com medo, mas nunca permitiu que isso a governasse antes.

Ele também estava ciente de uma diferença em seu irmão. Não era tão pronunciado quanto a de Aria, mas Jack estava mais frio e um pouco mais distante. Embora fossem irmãos, Braith sabia que a principal lealdade de Jack estava com a rebelião, fato que ele já havia provado ao tirar Aria dele uma vez.

Um buraco começou a se formar em seu estômago. Não, não poderia ser possível. Quando Jack a tinha levado antes, ele não tinha percebido o fato de que Braith já havia compartilhado seu sangue com ela, que ele havia estabelecido a conexão que lhe permitia encontrar Aria onde quer que ela fosse. Jack estava bem ciente desse fato agora, ele não seria tão tolo a ponto de pensar que poderia tentar levá-la novamente e sair impune.

Mas algo estava acontecendo, ele estava certo disso.

Aria parou tão abruptamente que ele quase a agarrou, apertando seu braço e arrastando-a para frente em sua irritação. Um deles ia

falar o que estava acontecendo e seria ela se ele tivesse alguma coisa a dizer sobre isso.

Mas ela estava analisando o mundo ao seu redor com olhos turbulentos e um rosto mais pálido do que estava momentos antes. Ele começou a falar, mas ela levantou um dedo, enquanto usava a outra mão para acenar atrás dela para os humanos que marchavam. Ele ficou impressionado e um pouco surpreso quando, como uma unidade, todos pararam.

Com a testa franzida e a cabeça inclinada para trás, ela observava o céu, depois as copas das árvores ao longe. — Algo está errado. — Ela murmurou.

Braith seguiu a direção que seus olhos haviam tomado, mas não viu nada para sinalizar que algo estava errado. — Como você sabe?

— Eu só sei. Alguma coisa está errada. Eu sinto.

— Confie nela nisso, Braith.

— Eu confio. — Ele cortou Jack rapidamente, lutando contra o desejo de esmagar seu punho no rosto de seu irmão. Ele não tinha nenhuma razão tangível para acertar seu irmão, mas Jack merecia, por algum motivo, mesmo que Braith ainda não tivesse certeza do qual.

Aria se aproximou dele com o rosto frustrado, e irritação encheu-a enquanto olhava para o pântano. Ela olhou impotente para Braith e depois para as pessoas atrás deles. Seus olhos se voltaram para a linha das árvores quando um pássaro voou cerca de duzentos metros de distância.

— Braith.

Ele levantou-a, puxando-a para longe da lama que a envolvia. Ela estremeceu com o pequeno som de sucção, mas este foi muito mais sutil do que qualquer som que ela pudesse ter feito. Ele a segurou na frente dele por um breve momento, antes de deslizá-la ao redor para permitir que ela o segurasse em estilo de carona. Seu coração batia alto contra suas costas enquanto ele avançava o mais silenciosamente que podia.

Aria deslizou livre de suas costas quando ele pisou no chão sólido. Xavier, Gideon, Ashby e Jack se aproximaram dele enquanto ela segurava o galho frágil de um pinheiro. Ele quase a puxou para trás, desconfiado da árvore decrépita, mas ela já estava subindo com graça e agilidade.

A árvore mal se moveu quando Aria escorregou de um galho para outro. Perto do topo, ela hesitou e suas mãos descansaram contra

dois galhos finos que balançaram quase imperceptivelmente. Ele quase podia senti-la prendendo a respiração enquanto esperava que os galhos se estabilizassem antes de levantar-se acima deles. Ela os soltou de repente e, embora Braith tenha pensado que Aria fosse mergulhar descuidadamente para fora da árvore, ela subiu o suficiente para pular com segurança para baixo. Ele manteve os pés firmemente plantados enquanto a segurava.

— O que foi? — Ele perguntou.

— Há sete homens que eu posso ver, através das árvores nessa direção. — Ela apontou para a floresta. — Eles podem ser humanos, mas não penso assim, e eles estão usando as cores do seu pai.

— Eles não são humanos, então. — Disse Jack.

A mente de Braith se agitou enquanto deslizava Aria silenciosamente para o chão. Eles ainda estavam no pântano e encurralados, se houvesse mais tropas na floresta. O pântano era impossível de manobrar nessas circunstâncias, não silenciosamente, e não com velocidade suficiente.

— Eles estão vindo por este caminho, Braith. — Disse Aria, parecendo ler sua linha de pensamento.

Seus dentes se apertaram. — Eu preciso que você fique aqui.

Seus olhos se aqueceram brevemente, se estreitando ligeiramente, mas sua atenção voltou-se para o pântano. Seu irmão e pai conseguiram se aproximar, mas ainda não estavam livres da lama. Ela parecia querer discutir, mas a resignação se instalou sobre suas feições. Deslizando o arco de suas costas, segurou-o em suas mãos. Ela não deixaria sua família desprotegida.

— Tenha cuidado. — Ela sussurrou e fechou os olhos. Estendeu as mãos para agarrá-lo, mas deixou-as cair de novo para o lado.

— Fique aqui. — Seu tom já não era tão bruto.

— Eu vou. — Ela deslizou uma flecha no arco.

Braith apontou para os outros e deslizou silenciosamente para a floresta. Estavam cerca de trinta metros quando ele começou a cheirá-los. Os outros se espalharam ao redor, filtrando-se através das árvores como fantasmas em direção aos homens de seu pai. Ele os ouviu antes que os visse; alguém comentou sobre uma mulher, os outros riram quando o guarda os regalou com uma história. Embora estivesse aliviado pelos guardas não terem percebido sua aproximação, ou mesmo por sentirem alguma ameaça na floresta, outra parte dele, a

parte aperfeiçoada para governar um dia, estava irritada. Eles deveriam estar em guarda, não importando o que acontecesse, mesmo que se sentissem seguros e longe do palácio, deveriam estar preparados para qualquer ameaça em todos os momentos. Sua falta de consciência estava prestes a matá-los.

Jack apareceu na floresta, a cabeça levantada por trás de uma grande árvore caída. Braith acenou para a direita, Gideon e Ashby estavam em algum lugar ali, enquanto Xavier estava do outro lado de Jack. Os guardas apareceram. Nenhum deles estava prestando atenção ao ambiente enquanto continuavam a trocar histórias. Eles poderiam estar em desvantagem de sete a cinco, mas os guardas não tinham chance de saírem disso com vida.

Braith esperou, observando por um tempo para se certificar de que não havia outros por aí. Não podiam deixar que qualquer um deles escapasse e retornasse ao palácio, se não fosse pelo pântano, ele não os envolveria. Quando teve certeza de que eram apenas esses sete homens, Braith acenou para Jack indicando com a mão o último lugar em que viu Gideon e Ashby.

Eles simultaneamente saíram dos seus esconderijos na floresta. Braith agarrou o primeiro guarda e levou-o para baixo antes

que ele pudesse emitir um som, tendo apenas um breve vislumbre de olhos arregalados e aterrorizados antes de quebrar o punho no peito do guarda. O osso cedeu sob o tremendo golpe, amassando-se tão facilmente quanto papel sob a força de seu punho. Sua mão envolveu o coração e ele o libertou.

Braith se levantou e avistou Gideon e Jack cercando o último de dois guardas, mas o outro se virou e correu para a floresta. Ele correu atrás, derramando na velocidade enquanto o guarda corria em direção à área onde ele havia deixado Aria. O vampiro correu mais rápido quando sentiu sua morte iminente. A preocupação por Aria levou Braith a níveis de velocidades que ele nunca havia alcançado antes.

Eles deram a volta no bosque; Braith se aproximando do guarda enquanto um caminho se abria diante deles. Aria estava parada ali, com o arco levantado. O guarda ficou atordoado e hesitou por um breve momento. Aria não. Ela soltou a flecha com precisão mortal. Foi apenas o pequeno desvio do guarda no último minuto que o salvou de um golpe mortal no coração. A flecha atingiu seu ombro, fazendo-o dar um passo para trás.

O guarda balançou para frente com as mãos curvadas e

mergulhou para ela. Braith se adiantou e segurou a parte de trás de sua camisa. Ele puxou o guarda de volta e todo senso de razão desapareceu quando enfiou suas presas no pescoço dele. O homem resistiu e um som gorgolejante de surpresa escapou enquanto arranhava Braith por trás de sua cabeça. Nojo encheu-o conforme a vida do homem bombeava para ele.

Não era assim que ele gostava de matar. Este não era o jeito que qualquer um deles gostava de matar, poucos permitiam que outro vampiro se alimentasse deles. Isso era caminhar em uma linha tênue entre permanecer completamente no controle e se tornar algo indescritível. Mas sua necessidade desesperada de protegê-la o levou a isso.

Braith se afastou do vampiro, agarrou a cabeça e estalou o pescoço com um movimento brusco. O guarda caiu diante dele, enfraquecido pela perda de sangue e pelo ferimento grave, mas ainda vivo. Braith agarrou a flecha, arrancou-a do ombro e enfiou-a fundo no coração. Ele permaneceu ajoelhado por um momento, lutando contra o influxo de sangue de vampiro em seu sistema e o que acabara de fazer. Suas ações haviam sido ruins o suficiente, mas ele fez tudo na frente dela.

Lentamente, cautelosamente, ele levantou a cabeça para olhar para Aria. Ele sabia o que era e do que era capaz, especialmente quando se tratava dela. Tentou manter o seu lado mais cruel escondido dela, mas já era tarde demais. Agora, ela podia ver tudo, tinha visto tudo.

Aria o olhou com o arco pendurado ao seu lado. Ele esperava censura e desgosto em seus olhos, em vez disso, havia simplesmente choque. Parecendo sentir sua necessidade de que ela o aceitasse, mesmo assim, em sua forma mais maligna, sua expressão mudou lentamente e o arco deslizou de seus dedos.

Caindo de joelhos diante dele, ela tentou remover seus pecados limpando o sangue de sua boca. — Está tudo bem. — Suas mãos apertaram suas bochechas e sua testa pressionou contra a dele enquanto ela o confortava. — Está tudo bem.

Então, para sua surpresa, ela beijou-o, suave, ternamente e com um amor que o humilhou. Ela tinha visto o pior dele, viu fazer algo atroz e ainda o amava. Um gemido escapou dele quando a puxou para mais perto. Ele enterrou o rosto no ombro dela enquanto seu amor por ela aumentava e crescia. Ele a embalou quando o cheiro maravilhosamente doce de seu sangue tomou conta dele e acalmou

sua mente e seu corpo de uma maneira que só ela poderia fazer.

Suas mãos estavam em seu cabelo e ela manobrava sua boca contra seu pescoço. Ele não sabia como, mas ela sabia que ele precisava de algo mais, que precisava de garantia dela que ele não era um monstro. Seus lábios deslizaram para trás e suas presas se alongaram e vibraram bastante com antecipação. Ela estremeceu um pouco quando os dentes dele penetraram sua pele macia, mas depois relaxou e se fundiu contra ele. Seu sangue o encheu, substituindo o mau gosto do sangue do guarda em sua língua.

O gosto de Aria foi o suficiente para ajudar a lavar sua transgressão. Ele soltou sua mordida e lambeu as gotas restantes de sangue de seu pescoço. — Arianna. — Ele gemeu. Ela apertou sua bochecha contra a dele, seus lábios mal roçando sua pele. — Tão doce...

Os sons de pés se aproximando silenciaram suas seguintes palavras. Ele beijou sua bochecha muito brevemente antes de se levantar rapidamente, levantando-a suavemente com ele. Seus olhos questionavam, mas ela jogou para trás os ombros e esticou o queixo enquanto pegava seu arco e se virava para encarar os vampiros que se aproximavam. Se as coisas fossem diferentes, ela teria sido uma

rainha magnífica, uma maravilhosa líder e defensora de seu povo. Ele estava orgulhoso de tê-la ao seu lado e sempre estaria.

Jack apareceu primeiro, parando quando viu os dois. Então seu olhar se fixou no corpo arruinado do guarda, seus olhos se arregalaram, seu queixo caiu. — O que você fez, Braith?

— O que precisava ser feito.

Jack ficou de boca aberta e virou-se lentamente para Aria, que o olhava fixamente, dando um passo para mais perto de Braith. Ela não entendia completamente o que acabou de acontecer, a verdadeira natureza da transgressão que ele acabou de cometer, mas parecia prestes a atirar uma flecha diretamente no coração do irmão, se fosse necessário. Seus dedos se contraíram em seu arco quando Gideon, Ashby e Xavier apareceram.

— Ajude-me a tirar isso do caminho. — Sua voz se destacou e Braith sentiu um pequeno recuo de Aria quando se referiu ao guarda morto como um "isso", mas ele precisava manter-se desconectado dessa bagunça.

Jack o olhou da cabeça aos pés e depois de novo. As sobrancelhas de Gideon estavam em seu cabelo enquanto olhava para frente e para

trás entre Braith e o guarda morto. Curiosamente, Xavier estava observando Aria. Seus olhos estavam presos nas marcas frescas de mordida em seu pescoço e na única gota de sangue que tremia em sua pele. Braith afastou-o, lutando contra uma onda crescente de raiva enquanto olhava para Xavier em advertência. Xavier não recuou de Braith enquanto continuava a avaliá-la de alto a baixo.

Um dia desses, de preferência hoje, Braith descobriria exatamente o que Xavier estava tentando descobrir sobre ela, ou o que achava que já sabia.

— Dê-me uma mão, Jack. — Ele ordenou bruscamente.

Jack pareceu desconfortável quando segurou os braços do guarda, mas não ofereceu nenhum protesto enquanto ajudava Braith a levá-lo para a floresta. — Você está bem? — Jack perguntou.

— Tudo bem. — Ele respondeu bruscamente.

— Braith, isso não é bom. Não é assim que as coisas são feitas. Você sabe disso, é um sinal de perda de controle.

Braith deixou cair os pés. — Eu estou bem, Jack.

O olhar de Jack disparou em direção ao caminho que haviam

deixado. — Aria...

—Você vai deixá-la fora disso.

Jack engoliu em seco. — O que ela viu?

— Tudo.

Braith não esperou para ouvir o que mais seu irmão tinha a dizer, ele se virou e voltou para os outros. Aria estava com os ombros para trás enquanto observava cautelosamente Xavier, Ashby e Gideon. Braith se colocou entre eles. Ela o olhou, mas pareceu não se concentrar nele por um momento antes que um pequeno sorriso curvasse seus lábios cheios.

— Deixe seu pai saber que é seguro.

Ela assentiu antes de descer pelo caminho com o arco saltando contra suas costas enquanto corria.

Capítulo Dezoito



Aria estava nas sombras com um nó na garganta, enquanto se afundava mais profundamente nas cavidades da caverna. Braith falou com um tom autoritário e confiante para o grupo que logo se tornaria um exército. A caverna estava silenciosamente enervante, considerando a quantidade de corpos que agora abrigava enquanto todos o ouviam extasiados. Ele expôs seus planos, falando de seu novo governo com tanta paixão que trouxe lágrimas aos seus olhos.

Gideon havia dito que o rei tinha um jeito de fazer as pessoas acreditarem nele, e Braith parecia ter herdado essa habilidade carismática também. Ele despertava a multidão, recebendo aplausos deles, assim como um devotado acordo pela causa. Ele encorajava e excitava seu exército em preparação para a próxima guerra.

Aria se recusou a olhar para Jack. Ela podia sentir os olhos dele do outro lado da caverna enquanto deslizava mais para dentro do túnel atrás dela. Estava orgulhosa de Braith, tão orgulhosa, na verdade, que mal conseguia respirar através da emoção que ondulava

através dela. Esse mesmo orgulho estava em guerra com a sensação claustrofóbica que ela constantemente sentia agora.

Ela se virou, precisando de algum tempo para si mesma, e se moveu lentamente pela caverna escura, caminhando pelas curvas com facilidade. Correndo cada vez mais rápido, acelerava pelos túneis escuros enquanto se consumia com a necessidade de se ver livre.

Seus pulmões estavam queimando e suas pernas cansadas, mas ela continuou correndo em direção à promessa de ar fresco. Ela se soltou, quase caindo no chão enquanto inspirava goles de ar. Chegando a uma árvore, colidiu contra o tronco e deslizou silenciosamente para o chão.

Aria puxou os joelhos contra o peito e os abraçou. Sombras dos galhos das árvores se espalharam pelo chão, os grilos cricrilaram e os sapos chamaram um ao outro. O que geralmente eram sons suaves reconfortantes, agora não lhe ofereciam nada.

Ela viu as figuras emergindo da caverna antes de ficarem sob a luz do luar. Depois de passar toda a sua vida com eles, ela conheceria o andar seguro de Daniel e a ligeira arrogância de William em qualquer lugar. Também reconheceu a tristeza que circulava ambos

os ombros da mesma maneira. Eles se sentaram em cada lado dela e se inclinaram contra a árvore.

— Eles realmente o admiram. — Disse Daniel após um período de silêncio.

— Sim, eles admiram. — Ela concordou.

— Jack falou com a gente. — Disse William.

— Eu imaginei que ele faria isso.

A mão de William envolveu a dela, apertando brevemente antes de liberá-la. — Eu entendo a preocupação de Jack. A raça dos vampiros, mesmo que finalmente estejamos todos unidos, é muito diferente da nossa, mas você é uma pessoa forte, Aria, eles podem aceitar você.

— Você realmente acredita nisso?

Ele começou a responder e então balançou a cabeça. Ela sabia que ele queria fazê-la se sentir melhor, queria dar-lhe promessas floridas, talvez até quisesse acreditar nelas, mas não mentiria para ela. — Não.

— Achei que não.

— Eu até concordava com isso. Pensei que seria melhor se você estivesse separada dele de qualquer maneira. — Daniel apertou seu ombro enquanto ela o olhava. — Você tem dezessete anos de idade, Aria, você nunca foi criança, mas é jovem e ele é... Bem, ele é muito mais avançado que você e é um vampiro, e seus mundos são tão completamente diferentes que eu só vejo tristeza no seu futuro. Pensei que seria melhor se você voltasse a uma vida mais normal, com pessoas da sua idade e da sua própria espécie. Eu pensei que seria melhor para vocês dois.

— O que mudou agora? — Perguntou William antes que Aria pudesse fazer a mesma pergunta.

— E agora não acho que haja alguma chance do que Jack propõe funcionar. Mesmo que ele seja incapaz de rastreá-la através do seu sangue, Braith não vai deixar você ir, a não ser que você peça, e mesmo assim eu não acho que será uma boa situação. Já foi ruim o suficiente quando você escapou do palácio pela primeira vez. Ele ficou perdido e com o coração partido, mas agora vocês dois estão mais próximos, seu vínculo cresceu e se fortaleceu. Eu nunca vi nada assim. Se Jack estiver certo, então você sabe a escolha que tem que fazer, aquela que você já fez. Mas se Jack estiver errado, vai ser ruim, Aria, muito ruim, e você sabe disso.

— O que você faria? — Ela sussurrou, abalada por suas palavras.

Ele balançou a cabeça e sua mão deslizou dentro de sua camisa enquanto ele soltava algo. — Eu não sei. Essa é a questão, eu não sei. Mas te conheço e sei que no final você fará a escolha certa. Só você será capaz de fazer isso. Vou sentir sua falta se você optar por ir, e ficarei ao seu lado se optar por ficar.

— Obrigada.

Ele sorriu para ela, mostrando um sorriso que era tão carinhosamente parecido com o que ela lembrava da mãe deles. — Por dizer em voz alta as mesmas coisas que você já sabia?

Ela riu secamente enquanto descansava a cabeça contra o tronco da árvore. — Por ficar ao meu lado, não importando o motivo. Como tudo isso aconteceu?

— Você se deixou ser pega e arrastada para o palácio. — Informou William.

— Sim, foi exatamente isso que eu deixei acontecer. — Ela replicou.

Eles se sentaram juntos por um longo tempo, em silêncio

enquanto ouviam os sons familiares da floresta. — Não importa o que aconteça, Aria, algo de bom virá disso.

— Acredito que sim. Ele está vindo.

— Como você...? — William interrompeu a pergunta. — Deixa para lá.

— Isto é para você. — Ela se surpreendeu quando Daniel deslizou algo em sua mão. Sua boca se abriu enquanto ela olhava maravilhada para o belo desenho diante dela. Lágrimas entupiram sua garganta. Ela sempre soube que Daniel era um artista talentoso, uma característica para qual ele nunca teve tempo suficiente para aperfeiçoar, mas isso estava muito além de qualquer coisa que ela poderia ter imaginado. O desenho mostrava ela enrolada no colo de Braith, com a cabeça no peito dele enquanto ele descansava o queixo na cabeça dela, para olhar o livro em sua mão. Os olhares de amor em seus rostos quase a fizeram soluçar em voz alta.

— Eu encontrei vocês por acidente. Acabei vendo-os por um momento. — Acrescentou Daniel rapidamente quando o rosto dela coloriu fracamente. — Foi então que percebi que o que existe entre vocês não é algo facilmente quebrado, não é uma fantasia passageira, não é um momento de rebeldia, nem é apenas amor. É algo mais; é

isso. — Ele apontou para seus rostos no desenho. — E isso me surpreendeu, Aria. Só posso esperar que eu encontre algo assim um dia.

— Daniel. — Ela sussurrou, as lágrimas lentamente rolando pelo rosto. — É lindo.

— Não importa o que decida, eu acho que você deveria ter isso.

Ela assentiu enquanto ele acariciava seu cabelo carinhosamente. William estava olhando para o desenho por cima do ombro quando Braith emergiu da caverna. — Você quer que eu guarde?

— Sim.

William pegou o desenho dela e colocou em sua camisa. — Eu vou mantê-lo seguro.

— Eu sei que vai.

Eles permaneceram sentados; suas cabeças inclinadas para trás quando Braith parou diante deles. — Não é seguro ficar aqui em cima.

— Estamos bem. Conhecemos melhor esses bosques do que a maioria dos animais. — Ele não pareceu absolutamente satisfeito com

a confiança dela e olhou com atenção para cada um dos seus irmãos, obviamente, querendo que eles fossem embora, enquanto ela queria que eles ficassem onde estavam. — Como foi?

Ele entrelaçou as mãos atrás das costas. — Vamos executar algumas missões de reconhecimento no palácio e voltar. Eu gostaria que você fosse para uma Daniel, para que você possa ter uma ideia da cidade e de suas dimensões, a fim de formular um projeto.

— Claro. — Murmurou Daniel em assentimento.

— Quando você acha que estaremos prontos para fazer um ataque ao palácio? — William perguntou.

— Espero que dentro de duas semanas. Eu preferiria me mover até o final desta semana, mas percebo que estou pedindo muito. Jack, Saul e Barnaby estão indo para as cidades exteriores para reunir os vampiros que Jack recrutou. Vamos precisar deles antes de podermos fazer planos mais sólidos.

— Eu gostaria de ir em uma das missões de reconhecimento. — Aria informou a ele.

Braith franziu a testa para ela, seus dedos curvados e desenrolados ao lado do corpo. — Aria...

— Eu fui muitas vezes com Daniel e William antes. — Um músculo pulou em sua bochecha quando sua mandíbula se apertou. — Eu vou ficar bem, e estou cansada de me sentir inútil e confinada. Tenho que fazer algo útil.

— Nós vamos mantê-la segura, mesmo de si mesma. — William a cutucou de brincadeira.

Aria revirou os olhos para ele e balançou a cabeça. Ele não estava ajudando. — Ninguém vai me reconhecer. Eu preciso fazer isso, Braith.

A última coisa que ela queria era lutar com ele, mas simplesmente não podia ficar sentada aqui pelas próximas duas semanas, sendo dilacerada por sua decisão e sentindo-se inútil. Ela tinha que encontrar algo para fazer ou ficaria louca.

— Tudo bem. — Ele cedeu, seus ombros caídos.

Ela não se sentia nem um pouco feliz com o fato de ter conseguido o que queria; simplesmente só sentia o abismo entre eles crescendo. Esforçou-se para não chorar quando baixou a cabeça. Ela não podia mais olhar para ele, era muito difícil.

Capítulo Dezenove



A cabeça de Aria estava baixa, seu arco discretamente escondido nas costas e coberto pelo manto cinza que ondulava em torno de seus tornozelos, soprando para trás para permitir que a chuva molhasse a barra de suas calças. Por mais que odiasse os mantos, ficou agradecida pela capa que a protegia da chuva surpreendentemente fria. Ela estava no topo da colina, olhando para a cidade que se mostrava por detrás dos montes.

Era um local lindo, mortal e muito perto do palácio para seu gosto. Um palácio que ela podia ver seu topo reluzente levantando-se de trás de outra colina. Braith se aproximou dela, mas agora que estavam entre o seu povo novamente, ele tentava tentar manter distância. Saul e Calista se adiantaram para falar com Braith antes de retornar ao pequeno grupo reunido dentro da linha das árvores.

William e Daniel estavam ao lado dela, os capuzes de seus mantos puxados para cima. Max também usava o manto, mas o capuz estava jogado para trás. A chuva escorria pelo seu rosto e tinha

esticado o cabelo loiro para baixo. Ele ainda era bonito, mas ela se lembrou do fato de que o menino com quem ela tinha crescido se foi. Ele parecia mais velho e mais sábio que seus jovens anos. Ele era apenas dois anos mais velho que ela, mas havia linhas ao redor dos olhos e nos cantos da boca comprimida. Parecendo sentir sua atenção, ele se virou para ela e ofereceu um pequeno sorriso.

Braith deu um passo à frente dela, afastando sua atenção de Max. Por um momento, suas mãos se fecharam em impotência enquanto lutava contra sua vontade de protestar contra sua decisão. Seu pai não estava feliz com isso também, mas pelo menos ele estava acostumado à eles em tais missões, e mais acostumados ainda a ver seus entes queridos indo embora.

— Certifique-se de que seu cabelo permaneça coberto. — Sua frustração era óbvia quando sua mão se contraiu em direção a ela. O cabelo dela já estava enfiado debaixo do capuz, mas ela o ajustou novamente para tentar aliviar a tensão que sentia correndo alto nele. Não adiantou nada. — Se alguma coisa der errado...

— Eu vou ficar bem. Eu sou rápida, você sabe disso.

— Você não é mais rápida que um vampiro e tem o hábito de se jogar na frente para proteger os outros. Você precisa fugir se algo der

errado, e eu falo sério.

Ela se irritou com seu tom de comando, mas Braith estava assustado, e discutir com ele sobre isso não a levaria a lugar nenhum. Ele a forçaria a ficar com ele se ela o pressionasse; ainda estava um pouco surpresa por ele ter cedido para começar. Então, não parecendo se importar com os outros, ele puxou o capuz mais apertado, suas mãos hesitando nas bordas enquanto a segurava por um momento.

— Não faça nada estúpido.

A frustração a encheu; ela doía por tocá-lo, para assegurar-lhe que estaria bem e que não estava fazendo isso para ser imprudente. Ela não faria nada para prejudicar sua causa, mas seria útil lá embaixo. É por isso que estava indo. Ela não era a mesma garota que não tinha mais nada pela qual viver. Mesmo que tivesse que desistir dele, ainda havia muito o que viver, e mesmo depois de lidar com Gideon, ela ainda esperava estar por perto para ver tudo.

Seus dedos se apertaram enquanto se continha de segurar as mãos dele. — Eu prometo que não vou.

Ele puxou o capuz novamente e foi embora. Aria o observou por

um longo momento, antes de se virar para os irmãos e Max.

— Vamos. — Disse Daniel.

Ela por acaso olhou por cima do ombro para Braith. Ele estava observando-a atentamente, com os braços cruzados sobre o peito enquanto Jack se aproximava dele. Ela não olhou para trás quando começaram a descer o morro, movendo-se em diagonal para a cidade abaixo. Aria lutou para manter o equilíbrio quando as folhas molhadas escorregaram e deslizaram por baixo dos sapatos surrados. Ela ficou aliviada quando eles chegaram à estrada, embora se sentisse exposta e vulnerável.

Eles receberam alguns olhares questionadores enquanto passavam, mas as capas cinzentas que usavam eram comuns por aqui, assim como pessoas aleatórias que se deslocavam em busca de comida ou emprego dentro do palácio.

Nem todas as pessoas aqui trabalhavam dentro do palácio e serviam a família real, mas ainda eram traidores para ela. Eles não lutaram ou foram contra a corrente. Eles simplesmente viviam nessa existência oca e faziam o que quer que lhes fosse dito ou o que se esperava deles.

Eles passaram por um bar que estava com suas portas abertas para deixar entrar o ar fresco. Uma risada indecente saiu de dentro. Aria ficou surpresa ao perceber que já havia pessoas dentro, bebendo e rindo alto. A vida nas cidades era muito diferente da vida na floresta. Ela não conseguia se lembrar de um dia que havia sido desperdiçado em tais coisas.

— Continue se movendo. — Ela não percebeu que tinha parado até que William sussurrou as palavras.

Aria se afastou do bar quando o riso de uma mulher se juntou ao dos homens. Ela balançou a cabeça, incerta sobre este lugar. Max agarrou o braço dela gentilmente, instigando-a junto quando ela ficou para trás. — É tão diferente aqui. — Ela murmurou.

— Sim. Não pare.

Aria recuou para o lado dele enquanto atravessavam a cidade, recolhendo tantos detalhes quanto pudessem. Ela esteve na cidade uma vez quando criança, mas não prestou muita atenção a isso. Agora notava detalhes que a deixaram doente. As casas não eram tão opulentas ou extravagantes como as que estavam dentro das paredes do palácio, mas brilhavam com a chuva batendo nas paredes. Sua pintura estava fresca e suas varandas estavam decoradas com mais

móveis do que ela possuiu em toda a sua vida. Flores, como as que viu no palácio, corriam pelas passarelas de pedestres, suas pétalas brilhando das gotas de chuva.

Embora a chuva houvesse mantido a maior parte da população no interior de suas moradias, os poucos que enfrentavam o tempo usavam os mantos azuis profundos que os marcavam não como criados, mas como pessoas livres que ocupavam posições mais altas dentro do palácio. Era uma posição cobiçada, conquistada pela derradeira traição contra seus semelhantes. Seus dedos coçaram para colocar uma flecha nos corações de cada um deles.

Ela odiava essas capas azuis mais do que qualquer coisa. E a julgar pela rigidez nos ombros de Max, ele estava lutando contra o mesmo desejo que ela. Essas pessoas eram os traidores finais, eles não tinham aliados aqui, e, no que dizia respeito a Aria, todos eles poderiam ser mortos nos próximos dias, e ela não perderia o sono por causa disso.

Ela manteve a cabeça baixa para que ninguém visse sua repulsa. Ela deveria estar admirada com as pessoas que usavam as capas azuis, não planejando sua morte enquanto se arrastava pela estrada de terra que lentamente se transformava em lama. Chegaram

ao fim da estrada principal e começaram a se mover pelas estradas laterais mais estreitas. As casas eram menores aqui, mas muito bem mantidas.

— Por que não vimos soldados? — Aria se perguntou.

— É tão perto do palácio que eles não temem nada. Tenho certeza de que há alguns postados aqui, mas o tempo provavelmente os levou para dentro. — Respondeu Max.

O coração de Aria começou a martelar e ela se encolheu ainda mais em seu manto quando se aproximaram ainda mais do palácio que quase a destruíra e a Max. Ele estava situado em uma montanha, escondido atrás das colinas e vales que se espalhavam por esta área. Ela sabia que eles não chegariam muito perto, mas não conseguia parar o mau pressentimento que pulsava através dela.

Para sua surpresa, Max segurou a sua mão. Embora eles estivessem tentando consertar sua amizade quebrada, as coisas ainda eram desconfortavelmente estranhas entre eles mais frequentemente do que gostariam. Mas agora sua mão envolvia a dela, apertando com força quando eles pararam para olhar para o lugar onde tinham sido presos.

Os portões dourados reluziam, mesmo sob a luz fraca do dia sombrio, brilhavam pelas horas gastas polindo-os. Embora as altas torres do palácio fossem visíveis acima das casas e colinas, a maior parte do imenso edifício estava pouco clara. Mas ela conhecia bem, nunca esqueceria isso ou estaria de volta dentro de suas paredes maciças novamente, se tudo corresse bem. Nesse meio tempo, precisaria subjugar sua aversão pelo lugar se quisesse ser de alguma utilidade.

A mão de Max estava suada na dela e pequenos tremores balançaram através dele. Ela queria dizer a ele que estava tudo bem, mas não estava e ela não mentiria para ele. Demoraria muito, se alguma vez fosse possível, antes que ele superasse o que lhe foi feito.

Enquanto observavam, os guardas apareceram. Eles marcharam pela frente dos portões antes de desaparecer de vista mais uma vez. Arrepios surgiram em seus braços e não teve nada a ver com o frio no ar. Depois de um minuto, os guardas voltaram para a frente dos portões. — Devemos nos mexer. — Disse Daniel.

Aria foi para o lado de seus irmãos novamente enquanto se moviam ainda mais pela cidade. Ela podia praticamente ver as engrenagens girando na cabeça de Daniel enquanto ele mapeava as

estradas e traçava as melhores maneiras de se mover pelos prédios e ruas com todas as suas tropas. Eles estavam aqui para absorver o máximo de detalhes possíveis, mas Daniel seria aquele que mais se lembraria, o que veria coisas que o resto deles não viam ou lembrava tão vividamente.

Eles chegaram ao limite da cidade e a estrada continuava em frente, subindo outra colina antes de mergulhar de vista e reaparecer novamente perto dos portões do palácio. Aria tinha tido o suficiente. Ela não queria mais ver aquele lugar. — Vamos voltar.

A estrada estava ficando mais enlameada enquanto eles voltavam pela cidade. A chuva chegava a um fluxo mais constante, ultrapassando a proteção da capa e molhando suas roupas de baixo e gelando suas peles. Seu cabelo se agarrava na nuca, fazendo cócegas em sua pele. Ela queria sair dali rapidamente e pela primeira vez, queria voltar para as cavernas e para longe deste lugar opressivo que praticamente podia sentir drenando a vida dentro dela.

Eles passaram por mais pessoas enquanto corriam pela cidade, mas ninguém lhes dava muita atenção. Ela ouviu os risos que vinham do bar antes de vê-lo novamente. Manteve a cabeça abaixada quando eles se aproximaram do lugar barulhento.

As pessoas emergiram de dentro. Dois deles correram na direção oposta, gritando alegremente enquanto o riso seguia pela rua. Não olhe, ela disse a si mesma. Inclinando a cabeça para baixo, manteve sua atenção concentrada em seus pés. Estava tão decidida a se livrar dessa cidade que não esperou alguém agarrar seu braço, parando-a abruptamente e puxando-a bruscamente ao redor.

— É você! — Uma voz acusou.

Aria teve apenas um momento para se orientar antes que alguém pegasse seu capuz e o tirasse de sua cabeça. Um suspiro agudo escapou, ela se esforçou para puxá-lo de volta, sentindo-se exposta e atordoada pelo súbito assalto. E então ela viu seu agressor. A garota ainda estava segurando seu braço, segurando-a com uma intensidade contundente enquanto olhava furiosamente para Aria. O ódio que saltava dos olhos azuis da menina teria parecido fora de lugar se Aria não tivesse descoberto quem ela era.

— Lauren. — Aria sussurrou horrorizada e cambaleou com a visão da criada que tinha tido um prazer tão cruel em abusar dela durante a sua estadia no palácio. Lauren estava muito diferente do que Aria recordava; seus cabelos loiros sempre haviam sido penteados, com todos os fios no lugar. Ela sempre esteve refinada e

elegante, de uma maneira que só os criados do palácio poderiam estar. Ela não estava tão equilibrada agora. O vestido estava sujo, as unhas quebradas, e havia um odor estranho vindo dela. Risadas explodiram do bar atrás de Lauren. Aria de repente entendeu de onde a garota tinha vindo, qual era o cheiro e o que Lauren vinha fazendo desde que Braith a expulsara do palácio.

— Eu sabia que era você. — Lauren zombou, seu rosto bonito torcendo com nojo enquanto sua mão apertava ainda mais o braço de Aria. Seu coração batia forte, a surpresa a deixou tão congelada que não pôde reagir, nem mesmo quando Lauren enpurrou o rosto no de Aria, tão perto que seus narizes quase se tocaram. — Eu conheço alguém procurando por você, vadia.

— Que diabos? — Max, parecendo ter notado que a aparição de Lauren estava voltada para eles. Os olhos de Lauren se voltaram para ele e diversão encheu-os quando o reconhecimento surgiu.

— Vocês dois. — Ela sussurrou animadamente.

— Quem diabos é você? — William exigiu saber.

A surpresa de Aria estava diminuindo. Ela tentou livrar seu braço do aperto de Lauren, mas a garota se agarrou nela com força.

Lauren estava tentando arrastá-la em direção ao bar, puxando-a bruscamente pelo seu braço. — Me solte! — Aria retrucou, enquanto a raiva substituía completamente qualquer choque que sentia.

— Tire as mãos dela! — William estava ao seu lado e Max tinha circulado atrás de Lauren, bloqueando seu caminho para a taverna. Daniel parecia confuso, como se a situação ainda não tivesse penetrado em sua névoa artística, indicando que algo não estava certo.

Lauren foi pouco educada até que bateu em Max, seus dedos torcidos dolorosamente no braço de Aria enquanto beliscava sua pele. O pânico brilhou brevemente no lindo rosto de Lauren quando as mãos de Max caíram sobre seus ombros. Parecendo perceber que ela estava encurralada, começou a gritar. — Guardas! Guardas!

O terror encheu Aria e reagindo por puro instinto, fechou a mão e enfiou o punho direto no nariz de Lauren. Era algo que ela desejava fazer desde que foi prisioneira, mas não sentiu satisfação quando o sangue jorrou e a garota gemeu de dor. Ela finalmente soltou Aria enquanto suas mãos voavam para seu nariz brutalizado, cambaleando para trás.

— Fujam! — Aria gritou quando Lauren começou a chorar alto

gritando pelos guardas.

Ela correu pela estrada, tirando o manto desajeitado enquanto fugia. Gritos ecoaram atrás deles, mas ela não se atreveu a olhar para trás quando dobraram uma curva na estrada. Seus olhos percorreram o topo das casas, os telhados inclinados, íngremes e escorregadios da chuva. Ela pensou que poderia ser capaz de navegar em alguns deles, mas nenhum deles em sucessão, e havia uma boa possibilidade de que ela caísse dos topos escorregadios. Se ela não se matasse, ao menos quebraria alguma coisa.

Era uma bagunça, era tudo uma bagunça. A estrada lamacenta impedia seu progresso. Isso os cansou rapidamente e dificultou a aceleração da fuga. Ainda havia muito para percorrer e eles nunca alcançariam a segurança da floresta se não fizessem algo. Ela prometeu a Braith que não faria nada estúpido, mas nunca esperou que eles fossem descobertos.

Aria se separou dos outros, correndo em direção à varanda de uma pequena casa que seria fácil de escalar. — Aria! — Daniel latiu.

— Continue! — Ela gritou para ele.

Ela o ignorou quando saltou no corrimão e agarrou o telhado da

varanda. Seus dedos correram e escorregaram nas telhas escorregadias, mas ela conseguiu segurar o suficiente para se erguer no telhado. Sem o fardo adicional de seu manto, foi capaz de puxar seu arco e flechas rapidamente de suas costas. Os guardas estavam mais perto do que ela havia percebido e havia mais deles do que esperava. Desânimo se abateu nela.

Levantando o arco, ela não teve tempo de mirar enquanto começava a atirar flechas rapidamente no grupo apressado. Algumas das flechas atingiram suas marcas, outras erraram completamente e ainda mais foram esquivadas. Alguns dos guardas caíram de seus ferimentos, mas a maioria continuava vindo.

Aria pegou seu arco e jogou de volta nas costas enquanto se levantava e corria. Ela não tentou pular para o telhado da varanda ao lado, nunca faria isso. Em vez disso, saltou do telhado. Suas pernas balançaram no ar antes de seus pés se conectarem com terra sólida novamente. Ela saltou de volta e saiu pela estrada. Virou uma esquina para descobrir que William e Daniel tinham assumido posturas de atiradores em ambos os lados da estrada. Max estava mais abaixo, seu arco levantado enquanto se preparava para os guardas.

Ela ouviu o som das cordas de seu irmão segundos antes de Max

começar a atirar. — Corra, Aria! — Ele gritou e ela passou correndo por ele, avançando mais quinze metros pela estrada antes de se posicionar atrás de um barril de água que transbordava pela água da chuva. Agarrando seu arco e flecha, firmou-se enquanto montava para mirar nas criaturas que os caçavam. Se eles pudessem continuar com isso, se as flechas deles resistissem, poderiam escapar dessa cidade intactos.

Daniel e William apareceram atrás de uma fileira de casas. Aria ignorou o sangue escorrendo da cabeça de William, ela não podia pensar nisso agora. Não se planejasse sobreviver. Estava prestes a soltar sua primeira flecha quando um braço envolveu sua cintura e ela foi levantada contra um peito duro e largo. Por um momento desconcertante, ela pensou que fosse Braith se apoderando dela, as dimensões eram quase do mesmo tamanho, mas havia algo frio, estranho e errado sobre o homem que a segurava agora. Uma mão envolveu sua garganta e apertou sua boca.

Ela começou a lutar seriamente, chutando e gritando contra a mão que a abafava. Uma certeza fria penetrou através dela enquanto os lábios pressionavam contra sua bochecha. — Bem, bem, olhe o que eu tenho aqui.

Seu corpo se transformou em um bloco de gelo ante as palavras de Caleb. Ela não tinha passado muito tempo com ele, pois Braith tinha se esforçado para mantê-la longe de seu irmão, mas ela reconheceria sua voz e a crueldade que atava suas palavras em qualquer lugar. Isso era muito pior do que ela pensava inicialmente.

Todo pesadelo horrível que ela já teve parecia estar gritando na realidade enquanto o braço dele apertava cruelmente ao redor de sua cintura. — Vamos nos divertir tanto... Você e eu.

Um grito ardia em sua garganta, empurrava implacavelmente contra a mão que agora estava se contorcendo cada vez mais em seu rosto. — Muita diversão. Vou ver o que meu irmão viu em você.

Aria lutou para se livrar, mas não conseguia respirar e ofegava por falta de oxigênio. Ela encontrou os olhares de seu irmão, horrorizada pelas lágrimas de tormento que queimaram seus olhos. Eles tinham que saber que precisavam se libertar; eles tinham que fugir agora. Aria empurrou para o lado, jogando a cabeça para trás e chutando freneticamente enquanto tentava soltar o aperto de Caleb. Ela não tinha esperança de se libertar, sabia disso, mas precisava apenas de um breve momento de alívio de seu firme aperto.

Sua mão deslizou sobre ela quando Aria conseguiu atacar com

seu cotovelo em suas costelas. — Cadela! — Ele rosnou a mão enredada em seu cabelo.

— Corra! — O grito, nascido do terror, arrancou-se violentamente e duramente de sua garganta momentos antes de Caleb dirigir suas presas em seu pescoço. A agonia explodiu através dela, lágrimas se formaram em seus olhos e congelaram ali, enquanto todo o seu corpo se tornava rígido. Mesmo quando ele se privou, mesmo quando estava prestes a perder todo o controle, Braith nunca a machucou assim. Caleb a atacou brutalmente. Ele puxou o sangue dela em ondas profundas que fizeram seu coração falhar e seus músculos travarem.

Seus dedos se curvaram em garras, mas ela não podia se mover, não podia sentir nada além da tortura consumindo cada célula dentro dela. Ele queria prolongar o sofrimento dela, estava certa disso, mas ela estava com medo de que em sua fúria sobre suas ações, ele fosse matá-la. Caleb se afastou antes de morder novamente em outro local, e depois outro e outro. Sua pele estava crua, o sangue escorria sobre ela enquanto a escuridão aumentava, ameaçando afogá-la nas profundidades escuras da inconsciência. Ela lutou contra isso, certa de que, se sucumbisse, nunca mais acordaria.

Seus dedos estavam dormentes e seu corpo ficando cada vez mais frio enquanto sentiu sua vida se esvaindo dela. Teve apenas um vislumbre de William quando ele se lançou para eles. Daniel agarrou seu braço, tentando puxar seu gêmeo para trás enquanto ele lutava para se libertar. Max virou a esquina, horror espalhado por seu rosto quando parou na estrada lamacenta.

A última coisa que viu foi a flecha que William atirou em Caleb antes que a escuridão finalmente a reivindicasse.



Estava escuro quando ela acordou. E frio. Levou um longo momento para perceber que ela não estava nas cavernas. Estava em algum lugar muito pior. Memórias a envolveram em uma onda rápida e brutal. Seu peito se contraiu e ela mal conseguia respirar através do pânico tentando consumi-la. Ela estava nas masmorras do palácio, tinha certeza disso, e agora estava à mercê de Caleb e do rei.

Um calafrio percorreu sua espinha; ela não conseguia pensar nas implicações disso enquanto avaliava mentalmente os danos ao seu corpo. Estava dolorida, cansada e fraca, mas ela estava viva e inteira. Por enquanto, pelo menos.

Lentamente, acima do terror de sua situação atual e sua dor, ela percebeu outra coisa. Agora ela saberia o que Braith faria e como reagiria sem ela lá; se ele manteria o controle de si mesmo, se colocaria o bem maior à sua frente ou se permitiria o lado sanguinário, cruel e malévolo dele mesmo assumir o controle novamente. Ele viria por ela, ela sabia disso. Tinha certeza.

Mas qual seria o vampiro que viria? O amoroso ou o monstro que ele poderia se tornar?

Outro arrepio deslizou por sua espinha e este não tinha nada a ver com medo por si mesma, e tudo a ver com o fato de que o inferno sagrado pode ter sido liberado sobre sua família, seus amigos e seus bosques.

E esse inferno pode muito bem ser chamado de Braith.

Fim...

Esperamos que tenha gostado desta aventura sobrenatural!

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores favoritos, se estiver dentro de suas possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não poderíamos desfrutar de todas essas histórias maravilhosas.

Não distribua nossas traduções abertamente na internet, respeite nosso trabalho voluntário.